

RENATA RASTRELO E SILVA

**MEMÓRIAS, IMAGENS E EXPERIÊNCIAS
O município de Uberlândia a partir de seus
distritos, MG (1980 – 2012)**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de
Pós-graduação em História da Universidade
Federal de Uberlândia como exigência parcial
para obtenção do título de doutora em História.

Área de concentração: História Social
Orientadora: Profa. Dra. Heloisa Helena Pacheco
Cardoso

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S586m 2014	Silva, Renata Rastrelo e. 1982- Memórias, imagens e experiências o município de Uberlândia a partir de seus distritos, MG (1980-2012) / Renata Rastrelo e Silva. - 2014. 196 f. : il.
	Orientadora: Heloísa Helena Pacheco Cardoso. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós- Graduação em História. Inclui bibliografia. 1. História - Teses. 2. Relações humanas - Teses. 3. Uberlândia (MG) - História - Teses. 4. Evolução social - Uberlândia (MG) - Teses. I. Cardoso, Heloísa Helena Pacheco, 1950-. II. Universidade Federal de Uberlândia, Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU: 930

RENATA RASTRELO E SILVA

MEMÓRIAS, IMAGENS E EXPERIÊNCIAS
O MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA A PARTIR DE SEUS DISTRITOS, MG
(1980–2012)

Tese de doutorado apresentada ao Programa de
Pós-graduação em História da Universidade
Federal de Uberlândia como exigência parcial para
obtenção do título de doutora em História.

Área de concentração: História Social

Banca examinadora

Profa. Dra. Heloisa Helena Pacheco Cardoso — orientadora

Profa. Dra. Rosângela Maria Silva Petuba
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof. Dr. Renato Jales Silva Júnior
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Antônio de Pádua Bosi
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profa. Dra. Dilma Andrade de Paula
Universidade Federal de Uberlândia

Agradecimentos

Confesso que, para mim, chegar ao momento de escrever estes agradecimentos foi um grande alívio, pois significou estar próxima da conclusão de uma etapa importante da minha vida, que só foi possível graças à presença e ajuda de muitas pessoas, por mais que dizer isso possa parecer mera formalidade. Desde o começo da elaboração desta tese, estive acompanhada de pessoas que foram parceiras, amigas e fiéis colaboradoras da empreitada.

Nessa caminhada de mais de quatro anos, a presença de uma pessoa em especial tornou um momento difícil por natureza em algo leve, delicado e doce. Nos primeiros meses em que eu cursava os créditos disciplinares, soube que eu seria mãe; e a companhia da minha pequena Alice me fez mais forte, mais feliz, mais realizada. Mudou minha vida. Ainda na barriga, acompanhou-me nas aulas das professoras Rosangela Patriota e Maria Clara Tomaz Machado e do professor Sergio Paulo Morais, aos quais agradeço os ensinamentos e a paciência com uma estudante grávida que, por vezes, tumultuava um pouco a normalidade da sala.

Essa pequena menina trouxe, ao momento do meu doutoramento, uma mistura de sentimentos, emoções, conflitos e inseguranças... As incontáveis noites em claro acalentando seu choro me fizeram experimentar o desejo de desistir da tese, pois era difícil continuar. E aqui digo que me faltam palavras para agradecer à professora Heloisa Helena Pacheco Cardoso, orientadora do trabalho materializado nesta tese, a quem devo muito e a quem serei eternamente grata. Sua coerência, seu profissionalismo, seu conhecimento e sua generosidade me permitiram seguir em frente apesar do cansaço, das dúvidas e das inseguranças. Agradeço e reafirmo minha profunda admiração não só pela profissional, mas também pela pessoa que sabe ensinar e guiar, respeitando os limites pessoais e intelectuais.

À minha Alice, agradeço sua existência, seus sorrisos, suas brincadeiras e a doçura que alegram minha vida. Foi muito bom poder viver esses anos de doutorado convivendo com dezenas de papéis espalhados pela casa, os quais você dizia ser a *sua* tese, pois na sua ingenuidade você dividiu comigo a escrita deste trabalho e fez desses mais de quatro anos os mais felizes da minha vida.

Aos professores Antônio de Pádua Bosi e Dilma Andrade de Paula, agradeço as contribuições importantes no exame de qualificação e a disponibilidade em ler e colaborar com este trabalho. Também agradeço o aceite do convite para participar da banca de defesa. À professora Dilma, agradeço seus ensinamentos em todos esses anos; pude ser sua aluna desde a graduação e contar com sua orientação, seja na pesquisa para a monografia, seja na pesquisa de mestrado. Agradeço tudo que me ensinou, pois devo muito de minha trajetória acadêmica a você. Obrigada!

Aos professores Renato Jales da Silva Júnior e Rosângela Maria Silva Petuba, agradeço a disponibilidade para ler este trabalho na banca de defesa e, com certeza, contribuir para a reflexão sobre nosso ofício de historiadores.

Aos meus pais, Acrisio e Rosangela, agradeço a ajuda direta para a concretização deste trabalho: a procurar entrevistados e a cuidar da Alice enquanto eu precisava pesquisar. Agradeço, em especial, tudo que me ensinaram na simplicidade de duas pessoas que não tiveram a oportunidade de frequentar uma universidade, mas me transmitiram valores de vida que nortearam e continuarão a nortear minha existência. Para vocês, um doutorado pode ser algo um tanto abstrato, mas mesmo sem compreender muito o significado disso, não tenho dúvida de que sempre me apoiaram e me incentivaram a continuar.

Ao meu marido, Paulo Roberto, agradeço por formamos uma família que, com todo orgulho e plena certeza, afirmo ser uma família feliz. Agradeço até seu distanciamento da produção desta tese — que, agora, espero que você leia. Distanciamento que, por vezes, me enfureceu, sobretudo nos momentos de desânimo e vontade de desistir. Sua postura ética o manteve à parte da escrita da tese, embora tenha me acompanhado em algumas entrevistas e ouvido algumas de minhas ideias. Hoje te agradeço por manter essa postura e te admiro mais ainda por isso. Obrigada por dividir comigo os cuidados com nossa filha, por dividir as tarefas de casa e por ser uma presença amável na minha vida.

Agradeço à minha amiga Geovanna, que não só me ajudou com entrevistados, mas também esteve em minha vida ao longo desses anos, sempre com carinho e apoio. À amiga Antoniette, agradeço a ajuda fundamental com a pesquisa nas atas da Câmara Municipal e a transcrição das entrevistas. Às minhas amigas Giselly e Sônia, agradeço o incentivo, as palavras de ânimo e o ouvido para minhas lamentações — que não foram poucas. As paredes da diretoria de administração e controle acadêmico/DIRAC da Universidade Federal de Uberlândia são testemunhas do apoio e da amizade de vocês no cotidiano do nosso trabalho na UFU. A todos os demais amigos da DIRAC, em especial Maria José, Juliana, Amanda, Anelisa, Livia, Henrique, Lizete, Luis, Alexandre, Bete e Márcia, agradeço o incentivo. Agradeço ainda meu diretor, Paulo Resende, meu coordenador Vanderlan e a minha colega de sala Ana Maria, que de forma mais direta me possibilitaram gozar de licença-capacitação nos últimos meses de escrita desta tese, importantes para concluir o trabalho que aqui se apresenta.

Enfim, agradeço aos moradores dos distritos uberlândenses que prontamente se dispuseram a conversar comigo sobre seus viveres. Sem sua contribuição não seria possível realizar este estudo nem a reflexão histórica sobre suas experiências.

Para minha pequena Alice: razão da minha vida!

*Porque, hoje, a gente leva vida quase de cidade grande [...].
É como uma cidade grande. É uma cidade grande, apesar de
ser pequena! A vida continuando é como na cidade, apesar
de não ser cidade. Mas é. Apesar de ser distrito.*

— Moradora de Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG

Resumo

RASTRELO E SILVA, Renata. **Memórias, imagens e experiências.** O município de Uberlândia a partir de seus distritos, MG (1980–2012). 196p. 2014. Tese (Doutorado em História) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia.

No município de Uberlândia (MG), há uma memória latente que tende identificar e associar seus distritos com o passado e a apresentá-los como espaços bucólicos e idílicos. Com base no pressuposto de que as relações vivenciadas pelos moradores desses lugares são contraditórias, tensas e conflituosas — e não dadas de antemão por definições abstratas do que sejam campo e cidade, rural e urbano —, este estudo problematiza o viver nesses distritos com base na experiência de seus moradores; isto é, tendo em vista os modos de viver e trabalhar de quem *mora* nos distritos. O estudo objetivou refletir como as pessoas disputam melhorias nas condições de vida e como lutam por pertencimento, assim como enfrentar e problematizar as visões que permeiam tal memória latente, pois se projetam na sociedade local. A pesquisa se valeu de fontes como a produção historiográfica e de áreas afins sobre a temática dos distritos aqui trabalhada; obras de memorialistas; textos de *websites*; jornais impressos; programas de TV; legislação; dados estatísticos de perfil populacional; relatos orais transcritos e notas de conversas não gravadas em áudio. Nesse caminho de investigação, o eixo de construção da tese é o processo histórico de transformação mais amplo por que passa Uberlândia desde as últimas décadas do século XX. A vida nos distritos é marcada por tensões e conflitos que escapam a conceitos estáticos. São espaços de disputas sociais, políticas, econômicas e culturais de uma sociedade que não reside no passado, mas que vive e enfrenta problemas como inserção na economia de mercado e no circuito do consumo, ou seja, em relações mais amplas que a idealização de uma população arraigada ao passado e num lugar romantizado.

Palavras-chave: Distritos; Cidade; Moradores; Memórias

Abstract

RASTRELO E SILVA, Renata. **Memories, images e experiences. The municipality of Uberlândia, MG, and its counties (1980–2012).** 196pp. 2014. Thesis (Doctorate in History) — History Institute, Universidade Federal de Uberlândia.

In the municipality of Uberlândia, state of Minas Gerais, there is a latent memory which tends to identify and associate its counties with the past and presenting them as bucolic and idyllic places. This study troubles the way people live in there by taking into account its inhabitants' experiences. Researching the living in this municipality required to consider the ways of life and work of people who really live in the counties. The starting point is the assumption that relationships experienced by them are contradictory, tense and conflicting; instead of being given in advance by abstract definitions of what are the countryside and the city, the rural and the urban. This study aimed at reflecting how they dispute improvements in their life and fight for their sense of belonging; as well putting into question certain constructed images that permeate those memories since they stand out in the local society. Research sources included historical studies and other type of studies who deal with the counties as subject matter, books of memories, City Hall website's articles, newspapers stories, TV programs episodes, legislation, demographic statistic data, oral accounts and notes of non-recorded conversations. The thesis was build upon a wider historical process of transformations and changes which has been affecting the municipality of Uberlândia over the last thirty years; a process in which life in the counties is marked by tensions and conflicts that static concepts can't embrace properly. They're a space of social, political, economic and cultural disputes regarding a society that doesn't live in past, which means it faces contemporary problems like its embracing by the marketplace economy and the consumption circuit. That said, in these counties its inhabitants establish relationships whose scope goes far beyond that idealization of a population rooted to the past and of a place of idyllic and bucolic features.

Keywords: Counties; City; Inhabitants; Memories

Lista de figuras

FIGURA 1	Localização do município de Uberlândia.	19
FIGURA 2	Localização do município de Uberlândia.	20
FIGURA 3	Município de Uberlândia: distritos.	21
FIGURA 4	O jornal <i>Primeira Hora</i> destacou a presença do vice-prefeito do município de Uberlândia em meio a moradores dos distritos sob sua administração para ouvi-los e levar suas reivindicações para seu plano de ações da administração municipal.	42
FIGURA 5	O jornal <i>Primeira Hora</i> noticiou os desdobramentos da administração dos distritos do município de Uberlândia, enumerando obras de infraestrutura (pontes, abastecimento de água, poços artesianos), de preservação patrimonial (restauração de capela), de serviços públicos (telefonia, saúde), de participação da comunidade (horta e salão comunitários), dentre outros pontos.	43
FIGURA 6	Impresso da campanha de Paulo Ferolla a deputado estadual em 2006.	51
FIGURA 7	Impresso da campanha de Paulo Ferolla a deputado estadual em 2006.	52
FIGURA 8	Reprodução do programa da Festa de São João Batista de Martinésia em 2012, que não lista o nome dos novenários, mas sim o de um grupo de pessoas.	111
FIGURA 9	Destaque da reprodução do programa da Festa de São João Batista de Martinésia em 2012.	112
FIGURA 10	Reprodução de cartão-postal da Igreja Nossa Senhora do Rosário.	119
FIGURA 11	Dados relativos à finalidade do uso de transporte coletivo na linha terminal Umuarama–Tapuirama conforme a opinião de usuários residentes em Tapuirama, distrito de Uberlândia, MG — 2009 (fig. recortada para fins estéticos e de ajuste à diagramação da tese).	136
FIGURA 12	Dados referentes a horários de mais movimento de passageiros na linha de ônibus D282 no sentido Tapuirama–Uberlândia conforme a opinião de usuários residentes em Tapuirama, distrito de Uberlândia, MG — 2009 (fig. recortada para fins estéticos e de ajuste à diagramação da tese).	136
FIGURA 13	Dados relativos aos horários de mais movimento de passageiros na linha de ônibus D282 no sentido Uberlândia–Tapuirama de acordo com a opinião de usuários que residem em Tapuirama, distrito de Uberlândia, MG — 2009 (fig. recortada para fins estéticos e de ajuste à diagramação da tese).	137

FIGURA 14	Dados relativos aos incômodos durante a viagem da linha de ônibus terminal Umuarama–Tapuirama segundo a opinião de usuários residentes em Tapuirama, distrito de Uberlândia, MG (fig. recortada para fins estéticos e de ajuste à diagramação da tese).....	137
FIGURA 15	Reprodução da página eletrônica de abertura referente à seção da superintendência de operação dos distritos no <i>website</i> da prefeitura de Uberlândia.....	152
FIGURA 16	Placa localizada na frente da Igreja Nossa Senhora do Rosário, em Miraporanga, como marco comemorativo do processo de restauração da igreja.....	153
FIGURA 17	Placa localizada na frente da Igreja Nossa Senhora do Rosário, em Miraporanga, como marco comemorativo do processo de restauro por que passou a capela.....	154

Lista de tabelas

TABELA 1	Município de Uberlândia: população dos distritos (1950–2010)	82
TABELA 2	Município de Uberlândia: população total (urbana e rural) residente nos distritos (1991–2010)	83

Sumário

Considerações iniciais.....	13
1 Distritos de Uberlândia: muitas memórias, muitas imagens.....	33
2 Os distritos na fala de seus moradores.....	78
3 Distritos como espaço de lutas.....	123
Considerações finais.....	171
Referências e fontes.....	176
Anexo A – Prefeitos eleitos em Uberlândia, MG — 2014.....	191
Anexo B – Dados do Censo 2010 para os distritos de Uberlândia, MG.....	192
Anexo C – Históricos oficiais dos distritos de Uberlândia, MG.....	193

Considerações iniciais

O caminho de pesquisa do historiador está impregnado por sua experiência de vida. Há uma “[...] profunda relação entre História e vida e a figura do historiador como homem do seu tempo”.¹ As questões que ele apresenta partem de seu viver como sujeito de um lugar; e seu trabalho busca discutir questões que o incomodam e o impelem a refletir sobre suas experiências nesta sociedade. Como historiadora, em minha trajetória de pesquisa universitária — graduação e mestrado —, os distritos do município de Uberlândia — em particular o de Martinésia — foram uma constante. Meu interesse surgiu de minha convivência nesses espaços durante a infância e adolescência, em festas religiosas, campeonatos rurais de futebol e fazendas. Isso porque minha mãe nasceu num sítio desse distrito, e a família dela manteve a propriedade, aonde tenho ido desde sempre e com frequência.

Durante a pesquisa de mestrado, deparei-me com discussões e reportagens de jornal que, aos poucos, direcionaram meu interesse a uma discussão mais ampla sobre o viver no município de Uberlândia com base na experiência dos moradores de seus distritos — Cruzeiro dos Peixotos, Martinésia, Miraporanga e Tapuirama. Uma motivação-chave da pesquisa aqui apresentada foi a reportagem do jornal *Correio*, publicada em 1994, sobre o trajeto entre a

¹ FENELON, Déa R.; CRUZ, Heloísa Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Introdução - Muitas memórias, outras histórias. In: FENELON, Déa R. et. al. (Org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004, p. 6.

cidade de Uberlândia e os distritos de Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos. No texto noticioso se lê que

Viajar para os *antigos e aconchegantes distritos de Uberlândia* [...] pode ser um ótimo passeio pelos recantos ainda “abençoados” pela mata nativa de cerrado, através de uma estradinha asfaltada repleta de curvas e paisagens exuberantes, como um horizonte de montanhas azuis que contorna a região plana da cidade e seus edifícios. Velhos conhecidos se encontram, trajando, na grande maioria das vezes, roupas simples. Conversas de compadres sobre terras boas para pastagens e plantações, cabeças de gado vistosas pastando indiferentes ao barulho de um motor de ônibus velho, muito acostumados aos *caminhos que levam ao passado*. E fazer essa viagem de pouco mais de uma hora é assim... *voltar ao tempo* dos casarões erguidos em 1930, rever as pessoas na calma do interior, fazendo sabão de bola no quintal, à sombra de generosas árvores e crianças brincando na praça, ouvindo suas gargalhadas ecoar devagar pelo vento que passa calmo. [...] Enquanto isso vai passando rápido a paisagem de terra vermelha tombada, pequenas plantas que despontam no terreno plantado, velhas árvores que se mantiveram no percurso cortado pelo asfalto preto, pintado com uma longa faixa amarela. E passam bicicletas com conhecidos fazendeiros acenando para os companheiros que aderiram a modernidade. São botinas e botas, chapéus, canivetes, chinelos de dedo com meias furadas e velhas mochilas. É gente tranqüila que desconhece a pressa da cidade grande e optou pela *conservação de um pedaço da história*.² (Grifos meus.)

Essa passagem dá uma dimensão da evocação que se faz desses distritos como lugares do passado, bucólicos e idílicos. São exaltados pela tranquilidade de vida, ou seja, como lugares onde seria possível experimentar uma volta ao passado. O texto constrói uma imagem dos distritos estruturada pela paisagem, supostamente encontrável só nesses lugares: “mata nativa de cerrado”, “paisagens exuberantes”, “cabeças de gado vistosas pastando”, “fazendo sabão de bola no quintal”, “crianças brincando na praça”, “botinas e botas, chapéus e canivetes”. As imagens apresentadas pelo autor do texto compõem o que ele entende como a realidade dos distritos que permitiria ao visitante voltar ao passado. O autor parece entender que a vida ali segue em descompasso com a vida na cidade.

Essa reportagem — e outras —, além das discussões que outros pesquisadores e eu fizemos sobre os distritos, instigou-me a propor uma reflexão sobre essas imagens construídas dos distritos que os projetam como lugares bucólicos. A construção de uma proposta de pesquisa me levou a perceber o quanto minhas análises desses espaços feitas na dissertação de mestrado reafirmaram dualismos como distrito–cidade, campo–cidade

² ÔNIBUS faz diariamente uma viagem no tempo. **Correio do Triângulo**, Uberlândia, MG, 6 de novembro de 1994, ano 56, n. 16703, “Cidades”, p. 7.

e rural-urbano; minha interpretação da fala de Maria Juliana³ evidencia essa dicotomização. A maneira que adotei para interpretar a fala — partindo da ideia de “interação” — mostra como os conceitos estáticos de campo e cidade guiaram minha análise; não me atentei à experiência vivida pela entrevistada nas relações estabelecidas em seu cotidiano:

Apesar de viver no campo, ela mantém com este uma relação diferente, pois quando lhe perguntei se ela vivia no campo porque lá era a casa dos pais ou se o fato dessa casa ser no campo a incentivava ainda mais a permanecer no lugar, respondeu: “*Não, é por ser minha família. [...] tanto que nem lá fora eu vou, entendeu? Eu sou urbana, meu pai fala que eu sou urbana, mas eu venho pra cá por causa deles*”. A fala da jovem Maria Juliana coloca em evidência como o fato de morar no campo não implica necessariamente uma relação com plantações, animais, ou seja, demonstra mais uma vez como analisar a interação campo e cidade é complexa e tem-se tornado cada vez mais uma questão complicada, na medida em que, como a jovem mesma afirma [...] “*as coisas na fazenda, na zona rural estão precárias*” [...], o que faz com que os jovens cada vez mais busquem a cidade como opção de vida.⁴

Como se lê, mesmo a fim de desconstruir leituras esquemáticas da realidade dos distritos, acabei por reforçar a análise dicotômica do espaço; e foi justamente isso o que me motivou a problematizar meu entendimento e as (minhas) leituras desses espaços nas discussões acadêmicas recentes. A releitura dessa entrevista em 2009 — momento de elaboração do projeto de pesquisa de doutorado — estimulou a problematização da experiência de viver nos distritos überlandenses, os quais não estão separados do centro urbano. As pessoas que ali vivem estão construindo expectativas e referenciais de uma realidade social ampliada; logo, as divisões político-administrativas *bairro, cidade, distrito* não conseguem abrigar a miríade de sentidos — complexos — que as relações capitalistas travadas nesses espaços podem criar.

A proposta de pesquisa apresentada como anteprojeto consistia de uma discussão sobre a “[...] relação campo/cidade e o viver em Uberlândia, partindo das experiências dos moradores dos distritos de Martinésia, Miraporanga, Cruzeiro dos Peixotos e Tapuirama

³ PIMENTEL, Maria Juliana de Oliveira. Martinésia, Uberlândia, MG, 1º de outubro de 2006. Fita de áudio (19 minutos). Entrevista concedida a mim. À época, ela tinha 19 anos e havia morado um ano em Uberlândia, mas tinha voltado a viver na propriedade rural de seus pais, no distrito. Ela levantava às 5h, ia para Uberlândia, estudava, trabalhava das 12h às 18h, depois voltava pra casa.

⁴ RASTRELO E SILVA, Renata. **Proprietários rurais do distrito de Martinésia (Uberlândia-MG):** viver e permanecer no campo — 1964–2005. 2007. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, p. 120.

[...].⁵ Como se vê, ainda nesse estágio se pode notar uma dicotomização entre campo e cidade. Com o avançar da reflexão — alimentada por discussões feitas nas disciplinas do doutorado e discussões de orientação de pesquisa —, começou a se delinear um entendimento de que se tratava de um projeto sobre o município de Uberlândia segundo a visão dos moradores de seus distritos. Da forma como foi exposta no anteprojeto, a discussão sobre as relações entre campo e cidade me mantinha presa a uma perspectiva dicotômica na qual eu não queria incorrer.

O meu caminho de análise precisou ser repensado, e o redimensionamento das minhas questões começou a ser feito ainda no processo seletivo para ingressar no curso de Doutorado em História. Durante a entrevista com os professores da linha de pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais, a professora Heloisa Helena Pacheco Cardoso me fez estas indagações: analisar esses distritos como bairros mudaria alguma coisa? A cidade é um distrito? A partir daí, comecei a pensar que as definições conceituais — embora eu procurasse dizer que não no projeto de pesquisa — subjaziam à minha intenção de pesquisa. Então, passei a perceber que as fontes têm apontado que os moradores desses distritos disputam a cidade; logo, não estão isolados dela. Por outro lado, moradores da cidade buscam os distritos como espaços de lazer, para moradias de fins de semana. Isso evidencia o jogo imbricado de relações entre os espaços que, muitas vezes, aparecem como separados na imprensa, em estudos acadêmicos e em minhas análises.

Para desconstruir minhas certezas analíticas, foram fundamentais muitas leituras que fiz nas disciplinas que cursei. Por exemplo, a leitura dos textos “Os filósofos e a história” e “Intervalo: a lógica histórica”,⁶ de E. P. Thompson, mostrou-me a necessidade de os historiadores dialogarem com outras disciplinas e abordagens, mas seguindo sua perspectiva *no campo da história* — sua disciplina; noutros termos, se esse autor não desqualifica a leitura do outro, alerta quanto ao diálogo: tem de reafirmar a perspectiva histórica. E foi essa perspectiva que orientou meu diálogo com outras áreas do conhecimento — a exemplo da geografia — como procedimento fundamental para entender o processo como um processo histórico à luz de perspectivas que são próprias do meu caminho de abordagem na condição de historiadora.

⁵ Anteprojeto de pesquisa apresentado ao programa de pós-graduação em História da UFU para concorrer a uma vaga no curso de doutorado.

⁶ THOMPSON, E. P. Os filósofos e a história; Intervalo: a lógica histórica. In: _____. **A miséria da teoria ou um planetário de erros** — uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 34–62.

O diálogo com outras áreas é importante neste estudo porque — diria Thompson — não se deve fugir das discussões e abordagens presentes no momento em que estou discutindo. Mas buscou reforçar minhas perspectivas de abordagem — afirmar meus supostos e deixar claros meus repertórios — sem desqualificar o olhar do outro. Os supostos e as indagações com que os historiadores devem lidar são próprios da história; e o *como* as coisas acontecem é o suposto básico do trabalho do historiador. Nesse sentido, discutir como é o viver no município de Uberlândia à luz das experiências dos moradores de seus distritos é a questão fundamental deste trabalho, que problematiza os conceitos estáticos de campo/cidade, rural/urbano e cidade/distritos. Isso porque as pessoas vivem; e suas formas de viver minam o dogmatismo de tais conceitos como constructos fechados e pré-determinados. Portanto, este estudo pretendeu não isolar os “distritos” para não cair na armadilha de interpretá-los à parte da cidade. Cumprir tal pretensão exigiu uma abordagem que discutisse os modos de viver em Uberlândia com base nas experiências dos moradores desses lugares; mas que isso, que não dissociasse Uberlândia de processos sociais mais amplos.

Geográfica e administrativamente, os distritos são assim definidos por George José Pinto em sua investigação sobre o processo de emancipação do município de Córrego Fundo:

[...] o distrito é uma subdivisão do município, que tem como sede a vila, que é um povoado de maior concentração populacional. Ele não tem autonomia administrativa. Funciona como um local de organização da pequena produção e atendimento das primeiras necessidades da população residente em seu entorno, cujo comando fica a cargo da sede do município. O distrito tem a mesma denominação de sua vila e, somente pode ser criado por meio de lei municipal.⁷ [...] o município é a menor unidade territorial brasileira com governo próprio, é formado pelo distrito-sede, onde acha-se localizada a cidade, que é a sede municipal e que leva o mesmo nome do município e, que corresponde à zona urbana municipal e; também, pelo território ao seu entorno, a zona rural municipal, que pode ser dividida em distritos, cuja maior povoação recebe, geralmente, o nome de vila.⁸

Além dessas definições, esse autor faz considerações que ajudaram a nortear minha proposta de pesquisa:

⁷ PINTO, George José. **Do sonho à realidade:** Córrego Fundo-MG — Fragmentação territorial e criação de municípios de pequeno porte. 2003. 248 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, p. 57.

⁸ PINTO, 2003, p. 29.

Nestes distritos o modo de vida é tipicamente urbano pois, mesmo possuindo uma ligação forte com o meio rural, que se expressa na prática de atividades do setor primário (agricultura e pecuária), as pessoas que ali residem utilizam telefones celulares, vestem-se de acordo com os padrões urbanos, assistem a programas de televisão que expressam o modo de viver urbano. As suas reivindicações também são caracteristicamente urbanas: calçamento de ruas, rede de esgotos, iluminação pública, postos de saúde, escolas, dentre outras. O comércio da produção agropecuária tornou a ligação entre esse pseudo-rural e o urbano muito intensa. Desta forma, mesmo estando situado na zona rural do município e, sendo legalmente considerado como parte integrante a zona urbana, o modo de ser e de viver de um distrito encontra-se muito mais sintonizado com o urbano do que com o rural.⁹

O argumento inicial desdobra a definição de distrito administrativa e espacialmente. Embora sejam pontos de vista úteis para referendar minha reflexão, entendo ser necessário ir além dessas dimensões para compreender o viver nesses lugares. Não por acaso, a última citação me instigou a pensar nessas definições do que seja o rural ou o urbano na vida cotidiana das pessoas; a abordar a realidade complexa experimentada e vivida nesses lugares em processo de transformação constante, vinculados que são ao âmbito da sociedade capitalista do presente.

Nesse sentido, a tese aqui construída parte do suposto de que o viver dos moradores dos distritos não pode ser pensado no referencial reducionista dos conceitos de cidade e distrito, tampouco na dicotomia campo e cidade, uma vez que ele está marcado por tensões e conflitos que conceitos predefinidos não conseguem abarcar. Longe de serem espaços bucólicos e idílicos, os distritos são espaços de disputas sociais, políticas, econômicas e culturais de uma sociedade que não reside no passado, e sim que vive o mundo presente. Uma sociedade que tem de enfrentar problemas do hoje; por exemplo, a inserção dos moradores dos distritos numa economia de mercado e no circuito do consumo que leva a relações sociais mais amplas que aquelas dedutíveis de uma idealização da população distrital como gente arraigada ao passado. Portanto, a tese reflete sobre o viver em Uberlândia (vide FIG. 1, 2 e 3) com base nos modos de viver e trabalhar de quem *mora* nos distritos. Seu pressuposto é que as relações vivenciadas pelos moradores são contraditórias, tensas e conflituosas; e não dadas de antemão por definições abstratas do que sejam campo e cidade, rural e urbano. Discuto essas definições pelo olhar de pessoas e suas experiências: analiso como disputam melhorias nas condições de vida e como lutam por pertencimento. Não por acaso, *moradores* é uma categoria central neste estudo: são os que estabeleceram moradia nos distritos, ou seja, que os escolheram como lugar para viver.

⁹ PINTO, 2003, p. 60.

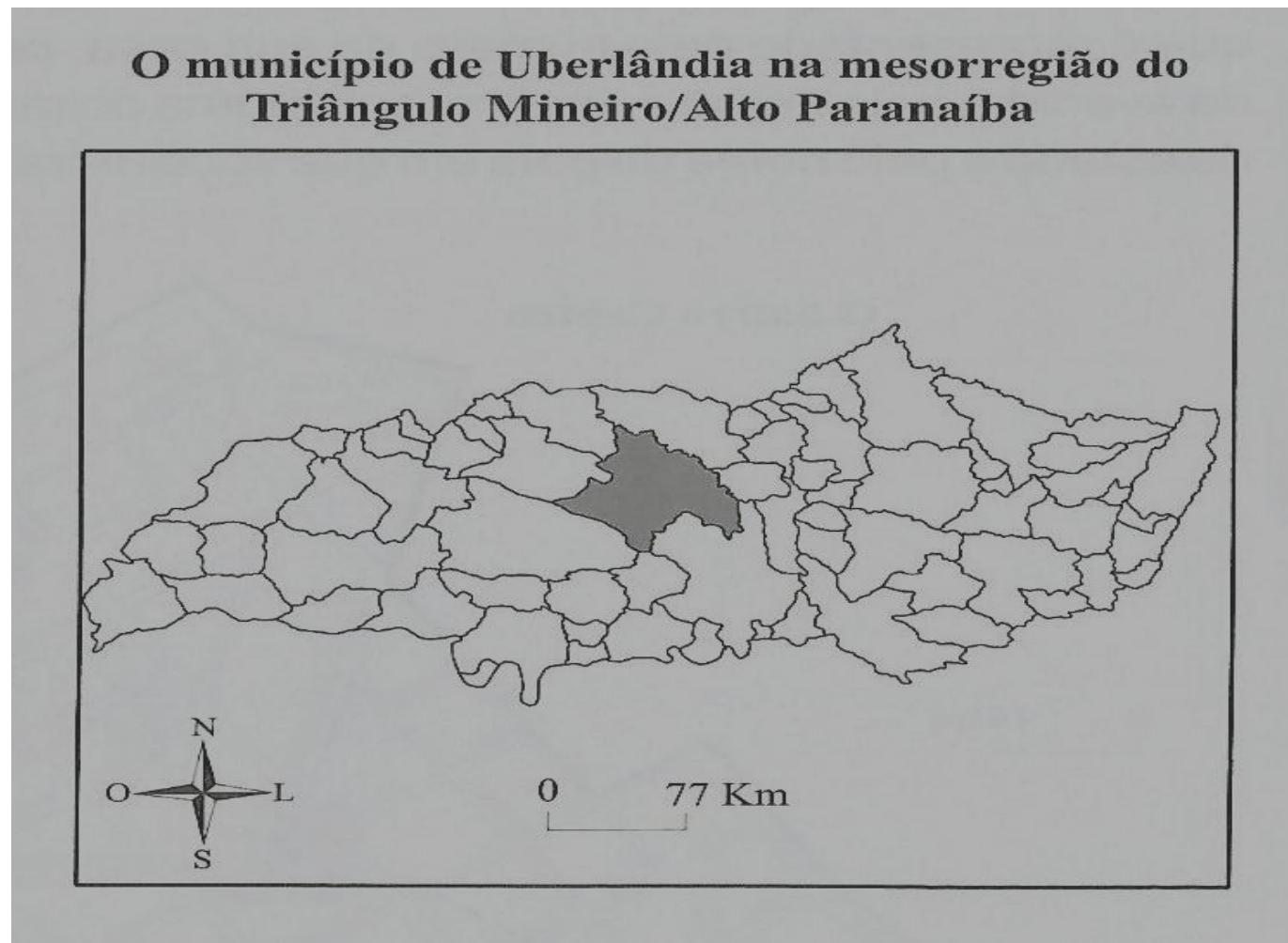


FIGURA 1 – Localização do município de Uberlândia¹⁰

¹⁰ Fonte: BRITO, Jorge Luís Silva; LIMA, Eleusa Fátima de. **Atlas escolar de Uberlândia**. 2. ed. Uberlândia: ed. UFU, 2011, p. 12.



FIGURA 2 – Localização do município de Uberlândia¹¹

¹¹ Fonte: BRITO; LIMA, 2011, p. 14.

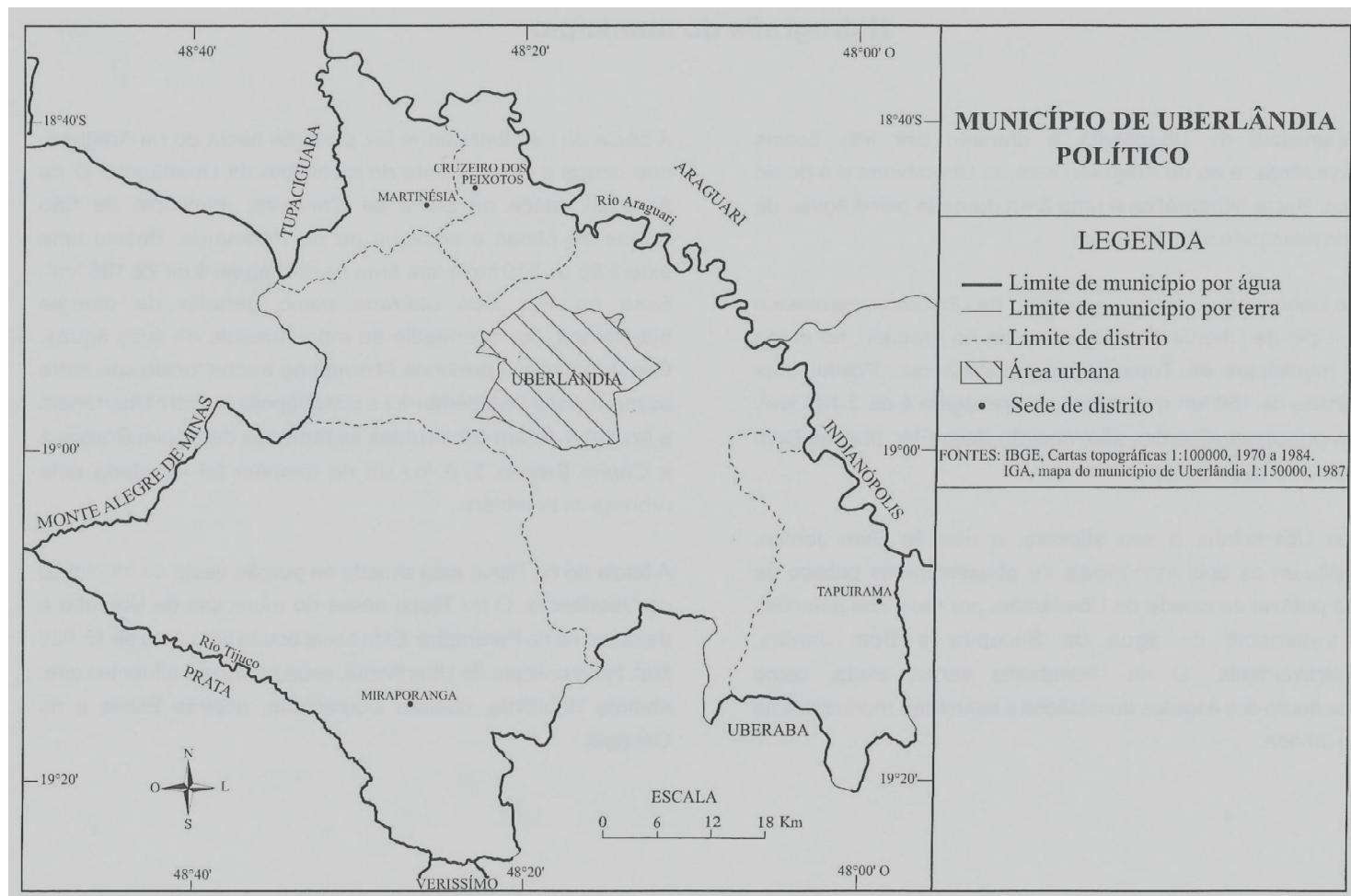


FIGURA 3 – Município de Uberlândia: distritos¹²

¹² Fonte: BRITO; LIMA, 2011, p. 25.

As categorias campo e cidade foram objeto da análise de Raymond Williams no contexto da sociedade inglesa; e ele as tomou não como noções prévias e realidades isoladas, e sim na condição de categorias analisáveis como processo histórico. Assim, “O campo e a cidade são realidades históricas em transformação tanto em si próprias quanto em suas inter-relações”.¹³ Relações que tratam de uma “história ativa e contínua”, pois constituem um “sistema amplo”; no dizer de Williams, “A vida do campo e da cidade é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e um povo; move-se em sentimentos e idéias, através de uma rede de relacionamentos e decisões”.¹⁴

Com efeito, foi o impulso dessa mobilidade da vida no contexto dos distritos überlandenses que inspirou este trabalho; ou seja, foram as mudanças e transformações (também as permanências) nos modos de viver de quem mora nos distritos. Nesses espaços, as pessoas não estão preocupadas com definições conceituais de campo, cidade, distrito. Simplesmente vivenciam esses espaços, compartilham experiências, envolvem-se em conflitos. Isso é patente na fala de uma entrevistada que nasceu e viveu no distrito de Tapuirama até a idade de 18 anos: ela chama o distrito de “cidade”. Quando lhe perguntei sobre as formas de pagar as contas em Tapuirama, ela disse que “[...] antes tinha um dia da semana ou no mês, não sei, que ia pra um lugar lá, num cômodo que tinha do lado da igreja, uma pessoa que ia lá pra recebê, sabe? Aí, juntava, ia a *cidade inteira* lá e pagava [...]”¹⁵ (grifo meu). Talvez por isso Williams preconize a necessidade de investigar o campo e a cidade pelo prisma das transformações — do vivido: elemento essencial na pesquisa sobre os distritos que esta tese materializa. Afinal, o objetivo é pôr em discussão os viveres desses moradores em suas dimensões diversas, discutir essas noções de campo e cidade à luz de seus modos de viver, posto que os conceitos não se explicam por si mesmos: pedem evidências históricas¹⁶.

No capítulo final de *O campo e a cidade*, Williams indaga: “[...] que tipos de experiência essas ideias [de campo e cidade] parecem interpretar, e por que certas formas ocorrem ou recorrem nesse ou naquele momento?”.¹⁷ E mais que “[...] perguntar [...] o que está acontecendo, num dado período, com as idéias do campo e da cidade [...]”, cabe perguntar a que “[...] outras ideias, dentro de uma estrutura mais geral, elas estão associadas”.¹⁸ Esses questionamentos me impelem a fazer reflexões mais amplas para tentar

¹³ WILLIAMS, 1989, p. 387.

¹⁴ WILLIAMS, 1989, p. 19.

¹⁵ LOPES, Jussara (nome fictício). Uberlândia (bairro Brasil), MG, 29 de maio de 2010. Fita de áudio (25 minutos). Entrevista concedida a mim em sua residência no bairro Brasil.

¹⁶ Para uma reflexão sobre as redefinições dos conceitos de urbano e rural no campo das ciências sociais Cf. CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. In: REUNIÃO ANUAL DA SOBER, 35, Natal, RN, 1997. *Anais...*, Natal: 1997, p. 1–12.

¹⁷ WILLIAMS, 1989, p. 388.

¹⁸ WILLIAMS, 1989, p. 388.

perceber elementos que aproximam certas visões nas interpretações dos distritos presentes na imprensa, nos documentos ditos oficiais e nos trabalhos acadêmicos. Busco perceber os significados dessas visões produzidas sobre esses espaços. Acredito que o discurso relativo aos distritos como lugares do passado se articula com uma visão da cidade de Uberlândia como lugar do progresso. Se assim o for, então os primeiros guardariam a “memória”, o passado (do município), enquanto a cidade representaria o futuro, o novo¹⁹.

Enfrentar e problematizar essas visões são um dos objetivos deste estudo, pois elas se projetam na sociedade local. Por exemplo, em projetos de “resgate da memória” do município que preveem visitas dos professores do ensino fundamental do distrito-sede. Discuto essas abordagens de modo a refletir sobre as maneiras como os moradores vivenciam os processos de mudanças, transformações e permanências: será que querem a inserção de seu espaço de moradia nos circuitos do turismo? Ou a realidade vivenciada por elas trazem outras demandas e diálogos? No dizer de Williams, é preciso atentar para essa necessidade de articular ideias e imagens produzidas socialmente com o que as pessoas vivenciam.

[...] é necessário confrontar estas idéias com as realidades históricas, que por vezes as confirmam, outras vezes as negam. Contudo, precisamos também, ao ver o processo como um todo, confrontar as realidades históricas com as idéias, pois há ocasiões em que estas exprimem — não apenas de modo disfarçado e deslocado, porém mediado ou tentando, e às vezes conseguindo, transcender — interesses e objetivos humanos a que não temos como nos referir de outro modo. O problema não é apenas a dificuldade ou impossibilidade de encontrar outros termos e conceitos mais específicos; a questão é que no campo e na cidade, fisicamente presentes e substanciais, a experiência encontra um material que corporifica os pensamentos.²⁰

Sair da discussão de discursos produzidos sobre os distritos e analisar as práticas dos sujeitos sociais que vivenciam esses espaços se torna imprescindível se pretendo romper com leituras fundadas em conceitos sem vínculos fortes com a realidade, leituras que caracterizam e elencam sem se preocuparem tanto com os embates travados, com as lutas cotidianas, com a busca por pertencimento.

Também Yara Aun Khoury, no texto “Do mundo do trabalho ao mundo dos trabalhadores: história e historiografia”, toca na necessidade de ampliar o foco de investigação de nossas propostas de pesquisa: “Nossos olhares se estenderam, também, aos modos de morar, alimentar-se, divertir, organizar-se; a lugares, momentos e processos, numa

¹⁹ Ricardo Vidal Golovaty faz uma análise pertinente sobre uma maneira de a imprensa e o poder público verem os distritos (por meio das festas de Santos Reis) como sobrevivências do passado em contraposição à modernidade urbana. GOLOVATY, Ricardo Vidal. **Cultura popular**: saberes e práticas de intelectuais, imprensa e devotos de Santos Reis, 1945–2002. 2005. 189 f. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia.

²⁰ WILLIAMS, 1989, p. 390.

perspectiva de compreender as lutas reais no feixe imbricado das relações entre os homens e mulheres, nas várias dimensões do social”.²¹ Portanto, a atenção se volta às pessoas em suas relações múltiplas e complexas, uma vez que lidamos com os processos históricos.

Igualmente, Déa Ribeiro Fenelon, em 1999, na coletânea de textos *Cidades*, apontou essa ampliação do foco de análise:

[...] a partir de uma concepção que busca captar e investigar, as relações sociais instituídas na cidade, o entendimento de modos de viver, de morar, de lutar, de trabalhar e de se divertir dos moradores que, com suas ações, estão impregnando e constituindo a cultura urbana. Assim agindo, esses moradores deixam registradas ou vão imprimindo suas marcas no decorrer do tempo histórico, marcas que traduzem a maneira como se relacionaram ou construíram seus modos de vida neste cotidiano urbano.²²

Se há quem fale dos distritos como lugares do passado que mantêm uma tradição, também há quem diga que os moradores desses lugares hoje são diversos, isto é, não são mais os mesmos; logo, esses lugares estão se transformando. Assim, cabe indagar: que tradição é essa que a imprensa e a academia sustentam? Os modos de morar no distrito hoje diferem das maneiras de vinte anos atrás? Os motivos para buscar esses espaços não são mais os mesmos de antes? Acrescente-se que morar no distrito é opção, escolha de vida que diz da relação que as pessoas estabelecem com o município como um todo, por isso cidade/distrito não são realidades separadas. Nesse sentido, cabem outras indagações: quem são os moradores dos distritos? Que expectativas constroem quanto ao viver ali? Como lutam para conquistar seus direitos?

No texto “Em busca de novos caminhos”,²³ Josep Fontana ressalta a desatenção do historiador com essa diversidade e complexidade das relações sociais vividas e como isso pode levá-lo a recorrer a conceitos ou noções abstratas para analisar a realidade. Ele deixa claro que o historiador faz escolhas, logo os conceitos que usa e os caminhos que escolhe informam sobre suas posições teórico-metodológicas e políticas, posto que ele é um homem do seu tempo que deve lidar com o processo histórico vivenciado pelas pessoas.

Desse modo, o enfrentamento maior deste trabalho foi entender que se trata de uma discussão sobre o município, ou seja, da ampliação do foco de análise para além dos distritos. Não estou falando do distrito, mas do horizonte de possibilidades por onde as pessoas transitam e disputam seus viveres. Discuto, portanto, a sociedade em mudança, recompondo

²¹ KHOURY, Yara Aun. Do mundo do trabalho ao mundo dos trabalhadores: história e historiografia. In: VARUSSA, Rinaldo José (Org.). **Mundos dos trabalhadores, lutas e projetos**: temas e perspectivas de investigação na historiografia contemporânea. Cascavel: ed. UNIOESTE, 2009, p. 124.

²² FENELON, Déa Ribeiro. Introdução. In: _____ (Org.). **Cidades**. São Paulo: Olho d’Água, 1999, p. 6.

²³ FONTANA, Josep. Em busca de novos caminhos. In: _____. **A história dos homens**. São Paulo: Edusc, 2004, p. 471-490.

as transformações que vão se operando nas práticas dos moradores distritais, as quais muitas vezes não são rupturas, e sim mudanças sutis. Esse município em transformação se modifica e, com isso, muda sua proposta para esses lugares.

Neste caminho, ficou evidente a necessidade de trabalhar as imagens distintas construídas sobre o lugar que proponho analisar (o município de Uberlândia); imagens presentes em fotografias, em reportagens jornalísticas, impressas e televisivas, em relatos orais e em artigos, dissertações e teses acadêmicas: fontes da pesquisa traduzida neste estudo nas quais procurei perceber como se cruzam para reconhecer visibilidades pela reflexão sobre as diferenças entre elas.

Ainda na fase de produção do projeto de pesquisa, era presente o entendimento de que a imagem evocada naquela reportagem sobre a viagem do ônibus através dos distritos — citada no início desta introdução — era representativa de todo o momento histórico que pretendo analisar (1980–2012). Entretanto, pesquisas e discussões a que tive acesso sugerem que tais imagens são diferentes e dizem muito do momento político vivido local e nacionalmente; porque servem para justificar projetos políticos distintos, no caso das visões oficiais da administração.

Com efeito, na primeira administração municipal de Zaire Rezende (1983–9), sua proposta de Democracia Participativa²⁴ dava o tom das intervenções políticas, mas essa forma de administrar não foi invenção dele: fazia-se presente em âmbito nacional. No início dos anos 80, o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) teve vitória expressiva nas eleições no país todo e, com a retórica da “democracia participativa”, procurava conter os movimentos sociais, institucionalizando suas lutas por meio da participação popular nos canais político-administrativos. Segundo estudiosos do período, isso implicou poucas mudanças efetivas: “O incremento da participação popular pelos governos eleitos democraticamente é pouco significativo, sendo que a estrutura de relações de poder em quase nada se modificou” — diz Pedro Jacob;²⁵ para quem

As propostas de se ampliar o nível de participação têm quase sempre seu percurso interrompido pela ameaça que isto representa aos grupos de interesses dominantes, que temem ver alterados os padrões tradicionais de cidadania regulada. A maioria dos governos, indistintamente do PMDB ou do PDS [Partido Democrático Social], tem proposto uma panacéia participativa cheia de adjetivos e frágil na perspectiva de acenar a qualquer tipo de mudança qualitativa.²⁶

²⁴ Para aprofundar a compreensão do momento político da Democracia Participativa, cf. SADER, Emir (Org.). **Movimentos sociais na transição democrática**. São Paulo: Cortez, 1987; e STEPAN, Alfred (Org.). **Democratizando o Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

²⁵ JACOBI, Pedro R. Movimentos sociais urbanos numa época de transição: limites e potencialidades. In: SADER, 1987, p. 15.

²⁶ JACOBI, 1987, p. 21.

Nos distritos, a atuação desse modelo de gestão levou à criação da Secretaria Municipal de Administração dos Distritos (SEMAD), cuja coordenação ficou a cargo do então vice-prefeito Durval Garcia. Na semana anterior à da posse nesse cargo, Garcia, em entrevista ao jornal *Primeira Hora*, afirmou: “[...] um dos distritos que se encontra em melhores condições de urbanização, é o de Tapuirama, que está recebendo luz da CEMIG [Centrais Elétricas de Minas Gerais]. Nos demais os problemas são, em geral, de urbanização”.²⁷ A fala do administrador, assim como o conjunto de reportagens publicadas nesse jornal, indica um momento em que a administração municipal se juntou aos distritos nas reuniões dos seus conselhos comunitários para discutir com os moradores e efetivar ações que procuravam incorporar esses espaços como parte de Uberlândia num patamar de “igualdade” com o espaço do distrito-sede.²⁸ Tinha-se aí a consonância com a política de institucionalização da participação popular — cara aos governos peemedebistas dos anos 80.

Em 2009, uma lei delegada prescreveu e elencou as atribuições da superintendência de operações dos distritos, ligada à Secretaria de Governo e que passou a exercer a função da extinta SEMAD. Quanto aos distritos, eis o que diz o parágrafo 5º do artigo 3, capítulo III:

A Superintendência de Operação dos Distritos tem por finalidade: I – responsabilizar-se pela manutenção de todas as funções e serviços públicos existentes nos Distritos e pela valorização do homem do campo; II – estabelecer a ligação entre a Administração Central e a zona rural; III – verificar as condições do Patrimônio Público dos distritos e providenciar sua manutenção; IV – verificar a qualidade dos serviços prestados à comunidade, reportando-se às Secretarias específicas por meio da Secretaria Municipal de Governo; V – garantir que os projetos da área social, cultural e esportiva, desenvolvidos no Município, sejam também levados aos moradores dos Distritos; VI – manter uma política permanente de melhoria e urbanização nas sedes distritais e nas comunidades rurais onde houver aglomeração habitacional; VII – estimular e apoiar todas as manifestações culturais e religiosas como folias de reis, festas juninas e outras tradições da zona rural; VIII – criar programa de geração de emprego e renda nos distritos municipais; IX – implantar ações de valorização dos distritos como forma de torná-los pontos de atração histórica e cultural; X – incentivar o turismo rural e ecológico, valorizando o potencial dos sítios históricos, bem como córregos e cachoeiras adequados ao lazer; XI – apoiar e dar assistência aos produtores rurais dos distritos; XII – prestar contas de todas as atividades da Superintendência ao Secretário Municipal de Governo; XIII – exercer outras atividades correlatas à consecução de seus objetivos.²⁹

²⁷ GOVERNO tem plano de ação para os distritos. **Primeira Hora**, Uberlândia, MG, 1º de março de 1983, ano II, n. 419, “Política”, p. 3.

²⁸ O termo *distritos* é empregado neste estudo como forma de identificar “geograficamente” os distritos do município de Uberlândia, isto é, de situar minimamente o lugar a que se faz referência aqui. Mas a intenção — cabe frisar — é sempre não isolá-los.

²⁹ UBERLÂNDIA/MG. Câmara Municipal. **Lei delegada 28**, de 3/6/2009, que versa sobre as atribuições da Superintendência de Operações dos Distritos. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=secretariasOrgaos&s=61&pg=13>>. Acesso em: jun. 2009.

A criação da superintendência e a definição de suas obrigações expressam um momento político diferente de quando surgiu a SEMAD. Mas essa lei parece tratar dos distritos como “área rural”, como espaços de “patrimônio histórico”; logo, talvez expresse o momento atual: de valorização desses espaços histórico-patrimoniais, quando passam a ser vendidos como lazer. O bucólico tem se tornado mercadoria vendida em programas de tevê que exaltam o apreço pelos momentos junto à natureza no chamado turismo rural, nos restaurantes “rurais”, nas moradias de fim de semana em lugares mais tranquilos. Com base na ideia de cansaço da dita modernidade, constrói-se o desejo de calma, enquanto o bucolismo do “campo” passa por um processo de elaboração no âmbito dessa sociedade que, a esta, devolve aquele como um bem de consumo. Eis por que cabe pôr em discussão o processo histórico — as transformações e as permanências da sociedade capitalista — e perceber esse espaço como ambiente de relações sociais mutáveis. Esse é um processo do qual os distritos não podem ser isolados, porque estão inseridos na lógica capitalista da busca contínua por mercados.

Nesse caminho de investigação, o eixo de construção da tese é o processo histórico de transformação mais amplo por que passa Uberlândia — mas não só esse município — desde as últimas décadas do século XX. A partir desse momento, Uberlândia passou a ser alvo de projetos políticos de “modernização” — por exemplo, a consolidação de um distrito industrial e um pólo universitário: traços marcantes na dita Uberlândia progressista. Esses processos históricos na sociedade capitalista modificam o viver no espaço de todo o município; logo, também os moradores dos distritos são sujeitos dessa transformação e veem suas vidas serem transformadas nas formas de convivência e sociabilidade, nos modos de trabalhar e morar, nas festas religiosas e no estudo — numa palavra, nos múltiplos aspectos que compõem o social.

No texto “Trabalhadores e movimentos sociais: debates na produção contemporânea”, Heloisa Helena Pacheco Cardoso, ao falar das reflexões desenvolvidas pelas linhas de pesquisas Trabalho e Movimentos Sociais — componentes da pós-graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná e da Universidade Federal de Uberlândia —, ressalta essa abordagem dos processos de transformação:

Trabalhamos com a noção de cultura como modos de viver abrindo possibilidades para diversos estudos sobre as várias atividades humanas, refletindo sobre as diferentes formas de viver na cidade e no campo, como realidades imbricadas, ao mesmo tempo peculiares, que atravessam processos dinâmicos de transformação.³⁰

³⁰ CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. Trabalhadores e movimentos sociais: debates na produção contemporânea. In: BOSI, Antonio; VARUSSA, Rinaldo (Org.) **Trabalho e trabalhadores na contemporaneidade**: diálogos historiográficos. Cascavel: ed. UNIOESTE, 2011, p. 100.

O que quero salientar é que os moradores dos distritos vivenciam esses “processos dinâmicos de transformação” desta sociedade capitalista; e discuti-los demandou levantar algumas fontes como a produção historiográfica e de áreas afins sobre a temática dos distritos aqui trabalhada.³¹ Tal levantamento poderia subsidiar uma reflexão sobre as leituras e imagens dos distritos construídas pela academia que as problematizasse não só em relação aos distritos, mas também ao município, para que, assim, fossem discutidas imagens distintas. A leitura dessa produção acadêmica me possibilitou refletir sobre as imagens que são construídas, assim como sobre a inserção desses espaços numa economia de mercado que explora seu uso como espaços de lazer e entretenimento. São duas dimensões imbricadas: se essas imagens parecem servir para legitimar a inserção dos distritos nos circuitos do turismo rural, isso é feito em associação com a ideia da tranquilidade em contraposição à agitação da cidade.

Outro conjunto de fontes levantadas aponta a construção de uma memória sobre os distritos que os isola e os folcloriza: são as obras de memorialistas como Neire Jorge Resende, cujo livro *Colcha de retalhos* trata do distrito de Tapuirama; e os *websites* da prefeitura de Uberlândia e do restaurante Ora Pro Nobis.

A prefeitura apresenta seus distritos em históricos curtos (vide ANEXO C) que se referem às origens e propõem uma valorização desses espaços pelo que têm de “história”. Nessa trilha, o trabalho de Corsi (já referido) defende a necessidade de preservar o patrimônio arquitetônico dos distritos de Uberlândia, a ponto de propor — segundo a autora — soluções para melhorar as condições de vida da população. Subjacente a tal proposta parece estar a valorização do “passado” desses lugares. Os históricos da prefeitura e o trabalho de Corsi parecem construir uma ideia de que esses espaços precisam ser valorizados pelo que carregam de “história” do município. Enquanto os primeiros o fazem talvez para escamotear as adversidades vividas pelos moradores distritais hoje, o segundo — conforme a autora —

³¹ PINA, José Hermano Almeida; LIMA, Osmar de Almeida; SILVA, Vicente de Paulo. Município e distrito: um estudo teórico. **Campo e Território: revista de geografia agrária**, v. 3, n. 6, ago. 2008, p. 125–42; MONTES, Silma Rabelo. **Entre o campo e a cidade: as territorialidades do distrito de Tapuirama (Uberlândia-MG) — 1975 a 2005**. 183 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia; INÁCIO, Juliana Lemes. “**A gente tem que ficar onde tem serviço**”: memórias e experiências de trabalhadores no distrito de Tapuirama, Uberlândia/MG. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia; GOLOVATY, 2005; CORSI, Elaine. **Patrimônio cultural arquitetônico e plano diretor em Uberlândia**: uma proposta de revitalização dos distritos de Miraporanga, Cruzeiro dos Peixotos e Martinésia. 2006. 129 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia; ANDRADE, Rodrigo B.; SANTOS, R. J. Levantamento e mapeamento dos recursos naturais e suas potencialidades turísticas nos distritos de Uberlândia-MG. **Horizonte Científico**, Uberlândia, v. 1, n. 3, 2004, p. 7–8. Disponível em: <http://www.propg.ufu.br/revistaelectronica/edicao2004/humanas/levantamento_e_mapeamento.PDF>. Acesso em: 28 dez. 2006.

pretende construir uma alternativa para melhorar as condições de vida dessas populações fundada no turismo.

Também privilegiei na pesquisa os jornais impressos³² e os programas de TV:³³ dois agentes que constroem e disseminam a memória dos distritos mediante reportagens escritas e televisivas. Cruzeiro dos Peixotos, Martinésia, Miraporanga e Tapuirama aparecem na imprensa local como lugares bucólicos e idílicos: são exaltados pela tranquilidade, pela vida mais pacata que proporcionam a seus moradores. As reportagens sobre os distritos se relacionam com esse processo de “valorização” desses espaços como lugares de descanso, sossego. Permeia esse argumento, por exemplo, a valorização da história supostamente contida nos casarões antigos; a qual sugere lugares que pararam no tempo. Logo, reforça a imagem de calma e tranquilidade. Como aqueles que produzem tais reportagens são moradores da cidade — Uberlândia — que disputam os processos sociais vivenciados nela, podemos dizer que fazem parte desse jogo de relações que tenta transformar os distritos em lugares consumíveis por moradores das cidades segundo a lógica da sociedade capitalista.

As fontes legais foram úteis para construir minha análise. Refiro-me em especial à Lei Orgânica Municipal. A intenção foi discutir os conceitos de distrito, cidade e município contidos nessa legislação, de modo a refletir sobre as rupturas e as continuidades nas formas de administrar. O capítulo III da Lei Orgânica prescreve:

Art. 5º – A criação, organização e supressão de distritos obedecerão aos critérios estabelecidos em legislação estadual. Art. 6º – A lei estruturará os distritos definindo-lhes atribuições, descentralizando neles as atividades do Governo Municipal. Parágrafo único – Cada distrito terá um Conselho Comunitário, cuja composição e competência serão definidos em leis.³⁴

Vistas como campo de disputas, as leis abrem espaço a esta indagação: o que significa para os diferentes moradores e o poder público essa descentralização, essa definição de atribuições? Quais são as implicações dos conselhos comunitários? Nesse sentido, a busca de fontes como atas de conselhos comunitários e associações de moradores distritais trouxe contribuições sobre as reivindicações, os conflitos, as aspirações e os embates vividos pelos

³² *Correio de Uberlândia* (1970–2010), *Primeira Hora* (out. 1982–dez. 1988) e *Participação* (maio 1984–jan. 1987).

³³ “Martinésia” e “Cruzeiro dos Peixotos”, episódios do programa *Terra da Gente*, da TV Paranaíba, exibidos em 1988; “Distritos de Uberlândia”, série de reportagens do *Jornal da Vitoriosa* (TV Vitoriosa) exibida em agosto 2010.

³⁴ UBERLÂNDIA/MG. Câmara Municipal. **Lei Orgânica Uberlândia**. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=secretariasOrgaos&s=61&pg=13>>. Acesso em: jun. 2009.

moradores, compondo essas relações múltiplas e imbricadas com a sociedade de mercado, com o poder público e as relações dos moradores entre si.

Por fim, os dados estatísticos de população — renda, número de domicílios e outros — contribuíram para caracterizar e problematizar a realidade vivida nesses espaços.

Entretanto, acredito que as fontes fundamentais para refletir sobre tais questões são as entrevistas, na medida em que trazem para o trabalho as experiências de pessoas diversas, que têm trajetórias e interpretações diferentes sobre as complexas relações vividas pela população na disputa pela cidade. O significado do trabalho com as fontes orais se explicita nas palavras do professor Alessandro Portelli:

[...] o que vemos na História Oral é mais a memória que cada ser humano tem individualmente. Essa memória é um produto social, porque todos nós falamos um idioma, que é um produto social; nossa experiência é uma experiência social, mas não se pode submeter completamente a memória de nenhum indivíduo sob o marco da memória coletiva. Cada pessoa tem uma memória, de alguma forma, diferente de todas as demais. Então, o que vemos, mais que uma memória coletiva, é que há um horizonte de memórias possíveis.³⁵

Portelli aponta um caminho de análise das narrativas orais como fontes que possibilitam analisar a experiência social à luz das memórias dos indivíduos, os quais compartilham viveres e interpretações que, longe de constituírem uma memória coletiva, compõem tal experiência. É nesse sentido que os relatos orais foram fontes primordiais da pesquisa descrita nesta tese; ou seja, permitiram analisar as vivências e experiências dos moradores distritais do município de Uberlândia. Moradores que não só compartilham experiências similares e afins, mas também enfrentam diferentemente problemas distintos. Enfrentamento que supõe relações sociais, de trabalho e de vida igualmente diversas. Diversidade que vai compondo a experiência social desses sujeitos.

As entrevistas me permitiram: investigar as maneiras diversas de experimentar o espaço pesquisado; incorporar à reflexão situada no universo de análise *município de Uberlândia* os valores, os sonhos, as conquistas, as frustrações, as lutas, as tensões etc. Como motivador de inquietações, recorri a entrevistas que fiz com moradores de Martinésia para minha pesquisa de mestrado e entrevistei outros moradores dos quatro distritos. Procurei cobrir faixas etárias variadas: moradores com idade mais avançada e moradores mais novos; a receptividade dos primeiros foi maior que a dos segundos, com quem tive dificuldade para

³⁵ ALMEIDA, Paulo Roberto; KOURY, Yara Aun. História Oral e memórias: entrevista com Alessandro Portelli. **História & Perspectivas**, Uberlândia, n. 25/26, jul./dez. 2001-jan./jul. 2002, p. 31.

conversar. Também tentei abranger naturalidades distintas: nativos e pessoas de outras regiões; as pessoas que se mudaram mais recentemente tiveram certo receio de falar. Dentro de um universo possível, tentei buscar vivências e trajetórias diferenciadas que permitissem compor um horizonte de experiências sociais compartilhadas nos distritos do município de Uberlândia: lócus da investigação subjacente a esta tese. Para isso, foi importante a ajuda de alguns entrevistados, que indicaram pessoas com quem eu poderia falar. A indicação facilitou sobremaneira a aceitação ao meu convite para conceder entrevista; creio que sem a indicação eu teria limitado minhas fontes orais. Pessoas com quem tentei conversar sem indicação se recusaram a conversar; as que aceitaram falar vetaram a gravação em áudio da conversa.

A tese se estrutura em três seções. No primeiro capítulo — “Distritos de Uberlândia: muitas memórias, muitas imagens” —, a ideia foi analisar imagens dos distritos construídas pela imprensa, pela academia e pela administração de modo a discutir as noções de bucolismo aí patentes, pois as relações sociais vividas nesses lugares desmobilizam tais construções idealizadoras. As falas dos moradores, as atas dos conselhos comunitários e os jornais apresentam demandas por melhorias nas condições de vida que evidenciam um cotidiano marcado por tensões entre moradores e administração pública; e entre os moradores. Demandas que só reforçam o argumento de que os distritos são espaços de disputas sociais que desconstroem a imagem de uma gente simples, feliz e parada no tempo. Também no primeiro capítulo problematizo a forma como essas imagens servem a objetivos políticos distintos, visto que são datadas: remontam a argumentos de campanha política, a justificativas de atuação política, a feitos políticos e a projetos políticos de quem tomou o poder administrativo municipal dos anos 80 para cá. A análise e discussão se valem de relatos orais transcritos e fragmentos de relatos não registrados (anotados depois e guardados em minha memória), atas de conselhos e associações, jornais, programas de TV, livros memorialistas, dados do *website* da prefeitura de Uberlândia e estudos acadêmicos.

No segundo capítulo — “Os distritos na fala de seus moradores” —, discuto o viver nos distritos: o que significa viver aí; como os moradores falam do espaço, do trabalho e de outros vários aspectos que compõem seus viveres. O foco incide nas narrativas: parto delas para refletir sobre os movimentos de mudança que acontecem no município. As transformações se associam a projetos políticos de grupos hegemônicos que visavam construir a Uberlândia “moderna” e “progressista” e nos quais se configura uma memória que identifica os distritos com o passado, em contraposição à cidade: símbolo da “modernidade”, lugar do presente e do futuro.

No terceiro capítulo — “Distritos como espaço de lutas” —, verifico como esses moradores estão reivindicando, acomodando-se, disputando, enfim, organizando-se para sobreviver na sociedade capitalista. Reflito sobre as reivindicações diversas dessa população como demandas pertinentes ao município todo, em vez de alheias às necessidades do distrito-sede, por exemplo. O foco incide nas transformações porque passaram os distritos e como são vividas e interpretadas por seus moradores no âmbito do município de Uberlândia. Para tanto utilizei entrevistas, textos jornalísticos e atas, dentre outras fontes.

1

Distritos de Uberlândia: muitas memórias, muitas imagens

As imagens construídas dos distritos de Uberlândia (MG) presentes na imprensa, em livros de memórias, em relatos de moradores, em discursos das administrações municipais e na historiografia, muitas vezes, deixam entrever contradições ao expressarem os lugares sociais de quem as produz. Se o viver nos distritos é marcado pela diferença, então tais imagens também o são. Por exemplo, as imagens que as administrações municipais constroem se alinham aos projetos políticos e econômicos do município para os distritos; imagens construídas por moradores tendem a apresentar o contraditório: às vezes, reelaboram falas “oficiais” sobre o que são os distritos, às vezes as negam.

Os possíveis sentidos políticos dessas contradições aparentes merecem reflexão, que faço neste capítulo. Para isso, problematizo como essas imagens servem a interesses, fins e objetivos políticos diferentes, visto que são datadas; isto é, referem-se à atuação e aos projetos de administrações municipais distintas inseridos nos momentos históricos de que fazem parte. Também aprofundo a discussão sobre memória a fim de refletir sobre a “valorização” desses espaços mediante a arquitetura. A valorização compõe um processo histórico em que se propõe a “recuperação” dos espaços para o “consumo” quando, para os moradores, eles têm outros significados.

Ao falarem das administrações municipais, os moradores dos distritos, na maioria das vezes, ressaltam o primeiro governo de Zaire Rezende (1983–8), que teria sido diferente na maneira de governar e no atendimento às reivindicações da população. É o que afirma o senhor João Dias:

Renata — *O senhor se lembra quando fez a rodovia que dá acesso Martinésia–Uberlândia?*

João Dias — Lembro.

O senhor acha que melhorou a vida de vocês?

Uai, mais é claro! Claro que melhorou! Tinha veiz da gente saí daqui com o caminhão carregado, ficá o dia intero na estrada. Cê lembra, de vê contá, que o Ronan que era leitero daquela época entravava na rua de Martinésia. Teve dia de nós perdê o caminhão todim de leite porque encravô na frente do curral do Valdivino, ali, e não conseguimo saí. Ficamo o dia intero lá, num conseguimo saí. Foi marrano trator... perdeu um caminhão de leite todim. Então, facilitô! Hoje nós num tem encravadô, nós gastava quasi [quase] um meio dia pra saí das estradas ruim pra chegá no ‘Berlândia. Hoje a gente vai em 25, 30 minuto. Então, a gente falá que num melhorô, que é uma coisa que eles fala, os político fala e detesta o doutor Zaire. Nós nunca teve um prefeito pra zona rural, pra olhá justamente pra Martinésia, igual doutor Zaire. Nós nunca arrumô e nós vamo tê saudade toda vida, porque nunca vai arrumá.³⁶

Ao falar da sua experiência como trabalhador, João Dias se refere a dificuldades enfrentadas no transporte da produção — do leite, no caso dele — dadas as condições de tráfego das estradas. Por meio dessa experiência, ele qualifica o que foi a administração Zaire Rezende; demarca os limites de um governo municipal que seria diferente dos prefeitos anteriores e posteriores. Na sua leitura, ainda não houve outro prefeito que tivesse olhado para a região como Zaire Rezende olhou; daí que sua administração aparece como marco de transformação.

Em maio de 1985, o jornal *Primeira Hora*,³⁷ na coluna “Notícias da semana”, publicou uma entrevista com o então vice-prefeito de Uberlândia, Durval Garcia. A manchete que destaca a entrevista — “Durval Garcia marca uma nova fase na vida dos distritos” — anuncia a ideia da mudança; e no texto se lê que

³⁶ DIAS NETO, João. Martinésia, Uberlândia, MG, 28 de outubro de 2005. Fita de áudio (37 minutos). Essa entrevista foi concedida a mim durante minha pesquisa de mestrado e está sendo reutilizada porque mobiliza questões fundamentais ao desdobramento desta tese.

³⁷ O jornal *Primeira Hora* foi porta-voz da administração municipal de Zaire Rezende (1983–8) ao abraçar suas propostas e decisões. Segundo informações do “Inventário de proteção do acervo cultural”, fundo o mandato de Zaire, o jornal parou de circular. Disponível em:

<http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/6214.pdf>. Acessado em: 2 fev. 2013.

Especialmente preparado, desde os tempos da campanha política, o vice-prefeito de Uberlândia, Durval Garcia, assumiu um órgão novo, criado pela Administração municipal. Foi a Administração dos Distritos, organismo a nível de secretaria municipal, que passou a ter a missão de representar todo o Executivo, nos distritos de Uberlândia, bem como na zona rural onde estão localizados. Foi este fato inovador, na vida político-administrativa de Uberlândia, que esta semana conversamos com o professor Durval Garcia. Político experiente, professor universitário, cristão e poeta, o vice-prefeito deixa claro que a grande missão é atender a população dos distritos, naquilo que ela mais precisa, resgatando-a de uma situação que viveu muitos anos, onde somente a sede da cidade parecia ter Prefeitura e representantes políticos. Dentro dessa linha, Durval Garcia declarou que a Administração dos Distritos está em franca atividade com a realização, em etapas, do programa que foi estabelecido no início da administração, para que o órgão viesse a ser, realmente, a extensão da Administração Municipal naqueles locais, que “são locais que até então eram desprotegidos de mais recursos”.³⁸

A necessidade de reforçar a ideia de que a administração Zaire Rezende era diferente se evidencia, no texto, na passagem que expõe a intenção expressada por Durval Garcia: “resgatar” os distritos de uma situação de não participação vivida noutros momentos e que os relegava à condição de “desprotegidos” pelo poder público. Essa impressão de que a administração municipal tinha uma proposta diferente para a população — cabe dizer — não se circunscreveu aos distritos; antes, criou-se em torno dela uma expectativa de que melhoraria as condições de vida da população do município todo.

Com efeito, a pesquisa de Carlos Meneses de Sousa Santos e Heloisa Helena Pacheco Cardoso sugere isso. Ao estudarem a experiência dos moradores do bairro Nossa Senhora das Graças em Uberlândia naquele momento político da Democracia Participativa, evidenciaram como o prefeito e seus partidários foram a “[...] expressão do desejo de mudança nos diversos espaços da cidade, principalmente nos locais habitados por moradores empobrecidos da cidade”.³⁹ Esses pesquisadores discutem essa noção — exposta pelo grupo peemedebista, que disputava as eleições municipais em Uberlândia em 1982 — de que o momento vindouro seria diferente:

[...] os peemedebistas faziam uma referência explícita à associação entre os administradores públicos no município e os militares em sua gestão federal, os quais atuavam em sintonia com o governo local na promoção do desenvolvimento econômico das elites que compunham, na cidade, o campo de interesses defendidos explicitamente pelo Partido Democrático Social (PDS), grupo personificado politicamente, na sua maior expressão, em Virgílio Galassi.⁴⁰

³⁸ COURY, J. B. Durval Garcia marca uma nova fase na vida dos distritos. **Primeira Hora**, Uberlândia, MG, 3 de maio de 1985, ano IV, n. 995, “Notícias da semana”, p. 4.

³⁹ SANTOS, Carlos Meneses de Sousa; CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. Democracia Participativa em Uberlândia — significados das experiências dos moradores do Bairro Nossa Senhora das Graças. **Horizonte Científico**, v.1, p. 1–30, 2007, p. 10.

⁴⁰ SANTOS, 2007, p. 8.

Essa necessidade de se apresentar como o diferente foi além da campanha eleitoral. Durante o mandato, isso foi constantemente reforçado, como se lê em trecho de ata da Câmara de Vereadores: “Não houve preocupação com obras, mas com o homem, e temos certeza de já ter resgatado boa parte da dívida social. A periferia e os distritos são o centro de atuação e nunca se fez tanto por eles”.⁴¹ Essa passagem se refere à fala do partidário situacionista José Antonio Souza em reunião da Câmara de fevereiro de 1984. A tentativa foi demarcar diferenças entre o que havia e o que foi feito pela administração peemedebista.

Antes da administração do PMDB da década de 80, o cenário político foi marcado por uma alternância de poder entre Renato de Freitas (1967–70; 1973–6) e Virgílio Galassi (1971–2; 1977–82 — ver ANEXO A).⁴² Wilma Ferreira de Jesus interpreta tal alternância como mera mudança de nomes: “Embora esses governantes fizessem parte de grupos diferentes, em nada se diferenciavam em termos de concepção administrativa e de projeto”.⁴³ Ela enfatiza como essas administrações gastavam o orçamento municipal com o fortalecimento do capital econômico ao impulsionar o comércio e a indústria, enquanto os gastos com saúde, educação, moradia e demais demandas sociais eram insignificantes.⁴⁴

A pesquisa realizada no jornal *Correio*⁴⁵ possibilitou construir uma reflexão sobre essa questão em específico porque mostrou que a lógica do progresso associado ao comércio e à indústria — à vocação “grandiosa” da cidade de Uberlândia — aparece por diversas vezes

⁴¹ UBERLÂNDIA. Câmara Municipal. Ata da quarta sessão da primeira reunião ordinária de 1984. **Livro 120**. Datiloscrito. 6 p. Arquivo Público de Uberlândia, 20 de fevereiro de 1984, p. 3.

⁴² Virgílio Galassi se elegeu prefeito de Uberlândia por mais dois mandatos: 1989–92, 1997–2000.

⁴³ JESUS, Wilma Ferreira. **Poder público e movimentos sociais** — aproximações e distanciamentos. Uberlândia — 1982–2000. 2002. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, p. 6.

⁴⁴ JESUS, 2002, p. 6–7.

⁴⁵ “O Jornal *Correio* pertence ao grupo ALGAR (um grupo econômico presente no cenário político e econômico da cidade e região), dono de empresas que atuam nos mais variados ramos: segurança, comunicação, lazer, informação, transporte, entre outros. Este jornal representa o Sindicato Rural de Uberlândia, a ACIUB (Associação do Comércio e Indústria de Uberlândia), CDL (Câmara de Dirigentes Lojistas), a Prefeitura Municipal de Uberlândia. Dessa forma, o jornal circulou com o nome de *Correio de Uberlândia* nos anos 1938–1991, com o nome de *Correio do Triângulo* entre 1991–1995, como jornal *Correio* a partir de 1995 e voltou a ser chamado *Correio de Uberlândia* no princípio de 2006.” INÁCIO, 2008, p. 24. Em sua tese de doutorado, Sergio Paulo Moraes faz considerações sobre o jornal e sua conotação política: “Os proprietários também são diversos ao longo do tempo e suas conotações políticas variaram entre UDN (União Democrática Nacional), PDS (Partido Democrático Social), e suas proles: PPB (Partido Progressista Brasileiro, atual Partido Progressista), PFL (Partido da Frente Liberal). [...] As conotações políticas são importantes para entender os modos com que as notícias são tratadas pelos diferentes jornais”. MORAIS, Sergio Paulo. **Empobrecimento e “inclusão social”**: vida urbana e pobreza na cidade de Uberlândia/MG (1980/2004). 2007. 230 f. Tese (Doutorado em História Social) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p. 17.

como concepção política que orientou esses governos. A passagem de um texto noticioso mostra isso:

Uberlândia está sendo manchete em toda a imprensa do país durante esta semana. A indiscutível Metrópole do Triângulo vive horas de intensa movimentação. É centro de atração em todo o Brasil, mercê de sua privilegiada situação e dos acontecimentos que aqui estão de verificando. As mais destacadas figuras do mundo político e administrativo chegando e saindo de Uberlândia. Esta semana tivemos o lançamento da Campanha da Produtividade, com a vinda de ilustres caravanas de ministros, de presidentes de bancos e governadores. A terça-feira foi inteiramente dedicada à Batalha da Produção, com o seu lançamento pioneiro na cidade überlandense. Vivemos horas de expressão política em termos de progresso. [...] Uberlândia está em festas. A cidade grande se dimensiona maior com estas festividades que tanto nos orgulham. É uma cidade em ritmo de Brasil Grande. Podemos adaptar para nós o slogan do presidente Médici: “Ninguém mais segura Uberlândia!”.⁴⁶

Um dos motivos para a festa que a cidade estaria vivendo naquele momento é o lançamento da Batalha da Produção,⁴⁷ projeto criado pelo então presidente general Emílio Garrastazu Médici para incrementar a produção agropecuária. Como Uberlândia era a pioneira no lançamento da campanha em Minas Gerais, os administradores se orgulharam sobremaneira. A tônica — percebe-se — é a grandiosidade de Uberlândia, que pouco depois elegeu o prefeito Virgílio Galassi, que o *Correio de Uberlândia* associou com o progresso nesta manchete: “Virgílio e o Progresso”:

A síntese do que pretende o líder que Uberlândia consagrou nas urnas a 15 de novembro é seu próprio pensamento de progresso. [...] As palavras ditas por Virgílio Galassi resumem um salto de progresso que Uberlândia tem que dar. A industrialização dessa cidade é imperativo de sua própria sobrevivência na atual conjuntura. Virgílio sabe disto. Tenham certeza os überlandenses que o futuro prefeito dirigirá seus esforços, concentrará seu dinamismo e sua inteligência na faixa do desenvolvimento através da reestruturação do Distrito Industrial, muito esquecido nos últimos anos. Para Virgílio Galassi a realidade é que fora da industrialização Uberlândia estagnará, ficando uma simples cidade bonita a mais entre as outras cidades de Minas. Ele não quer isto. Quer uma Uberlândia Grande.⁴⁸

⁴⁶ A CIDADE em festas. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, MG, 27 de agosto de 1970, ano XXXIV, n. 11.908, “Opinião”, p. 3.

⁴⁷ Para detalhamento da política econômica do governo Médici, cf.: MACARINI, José Pedro. A política econômica do governo Médici: 1970–1973. **Nova Economia**, Belo Horizonte, n. 15, v. 3, p. 53–92, set.–dez. 2005. Nesse artigo, o autor aborda “[...] a gestão de um projeto nacional pelo regime, desaguando no projeto Brasil Grande Potência, o qual se apoiou no modelo ‘agrícola-exportador’ como a sua estratégia de desenvolvimento” (p. 52). O autor se atém ainda ao processo de execução prática dessa política ao longo do governo Médici.

⁴⁸ VIRGÍLIO e o progresso. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, MG, 15 de dezembro de 1970, ano XXXIV, n. 11.170, “Opinião”, p. 3.

A fala desses administradores explicita a ideia de progresso, isto é, a orientação das ações e políticas municipais. Mesmo quando as contradições aparecem, elas são muito mais caracterizadas pela noção de algo que macula o progresso da cidade do que efetivamente como problemas reais a serem solucionados para melhorar o cotidiano dos habitantes. Isso é emblemático em dois textos publicados no *Correio de Uberlândia*:

Que Uberlândia cresceu e progrediu muito em todos os sentidos é um fato que não se discute mais. Tornou-se até lugar comum falar no progresso desta cidade. [...] Uberlândia é realmente uma cidade maravilhosa, mas não tem um pronto-socorro. Tem um comércio fabuloso, mas não tem um pronto-socorro. Uma indústria que se desenvolve a cada dia, mas não tem um pronto-socorro. Tem tantos e tão bons colégios, mas não tem um pronto-socorro. Tem uma Universidade, mas não tem um pronto-socorro. Uberlândia tem tudo o que lhe é necessário em vários sentidos, mas não tem um pronto-socorro. Terá brevemente um serviço de água (Sucupira) que será um verdadeiro orgulho para a cidade, mas não tem pronto-socorro. Inaugurou, há poucos dias, a nova estação da Mogiana, que é um verdadeiro monumento arquitetônico, mas não tem um pronto-socorro. Como soa mal esse “mas” que está perturbando, diminuindo o conceito de Uberlândia.⁴⁹

Uberlândia não merece esse tratamento desigual. É terra de gente afeita ao trabalho, é terra de progresso e dinamismo. Essas ruas inteiramente estropiadas, esse calçamento abandonado são, na pior das hipóteses, uma vergonha para nós. Imagine a idéia que faz um visitante ao descer pelas “bacadas” intermináveis da Cesário Alvim. Já não chega a humilhante colocação das famigeradas “tartarugas”, há ainda o calçamento imprestável.⁵⁰

Como se pode ler, os problemas são diferentes: falta de um pronto-socorro; as condições do calçamento das ruas. No entanto, o que se sobressai a quem lê ambos os textos — publicados na página “Opinião”⁵¹ — é essa conotação de que são problemas que mancham a imagem progressista da cidade. Como pode uma cidade com tantos e tais atributos enfrentar esses problemas? Dos quais o sujeito parece mesmo ser a cidade, como se esta fosse desprovida de gente. Cabem aqui as proposições de Décio Ribeiro Fenelon da cidade como espaço de relações travadas por quem nela vive; relações tensas e conflituosas:

⁴⁹ PRONTO-SOCORRO para Uberlândia. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, MG, 24 de abril de 1970, ano XXXIV, n. 11.041, “Opinião”, p. 3.

⁵⁰ UM ABRAÇO, trabalho urgente. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, MG, 4 de novembro de 1970, ano XXXIV, n. 11.146, “Opinião”, p. 3.

⁵¹ A página “Opinião” veicula textos sobre eleições, nomes importantes da política local, obras e enaltecimento de Uberlândia; também sobre os problemas uberlândenses. Mas nesse caso o tom é de engrandecimento da cidade.

[...] a cidade e suas instituições devem ser vistas como espaços de produção de conflituosas relações que historicamente podem exprimir-se em dominação, cooptação ou consenso, mas também em insubordinação e resistência. Neste sentido, a valorização da memória apresenta-se como oportunidade de trazer à tona outras histórias e outros olhares sobre o passado.⁵²

Cabe pensar, então, na força que a proposta política de Zaire Rezende encontrou na população mais empobrecida, ávida por uma administração que olhasse para suas necessidades cotidianas, que estão muito além dessa noção de progresso econômico. Talvez por isso a Democracia Participativa ainda seja tão referida por uma maioria expressiva de moradores de Uberlândia. Entender “[...] como [e por que] a proposta de Democracia Participativa continua sendo referenciada, ou não, pelas pessoas que viveram a década de 1980 [...]”⁵³ é um dos objetivos de Santos e Cardoso, citados acima. Segundo eles, algo que, para a população, diferiu a administração Zaire Rezende das administrações anteriores foi “[...] o intenso relacionamento do poder público com as populações expropriadas [...]”.⁵⁴ A presença da figura do administrador dos distritos überlandenses nas reuniões realizadas nos distritos parece evidenciar isso. A entrevista com Durval Garcia referida antes enfocou a criação desse cargo no âmbito da administração municipal, o que foi objeto de debates na Câmara entre o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) — partido de Zaire Rezende — e o Partido Democrático Social (PDS) — partido de oposição.

Adriano Bailoni — lamentou que possa ser aprovado um projeto cujo título não é legal e macula a tradição da Casa de zelar pela legitimidade dos textos e a não ser raras vezes que projetos que vieram com incorreções e foram sanadas pela compreensão da bancada interessada. Entretanto hoje, funcionando o rolo compressor do PMDB, que não arreda pé mesmo diante da evidência de distorções jurídicas. [...] Geraldo Gomes Rezende saudou os presentes e visitantes do PMDB. Lamentou o comportamento do PDS que obstruía o projeto que beneficia os distritos com uma organização mais dinâmica. [...] Sebastião Eurípedes dos Santos — disse que apoia Geraldo Gomes Rezende e que o povo não está interessado se o projeto é ou não legal, se contraria este ou aquele artigo, quer é ação: Por vinte anos os distritos esperaram e agora Zaire Rezende resgata a dívida com a sociedade especialmente a população dos distritos. Adriano Bailoni protestou contra tal afirmativa. Mas o orador continuou dizendo que rolo compressor vem do PDS que decide tudo entre quatro paredes, tirando o pão do trabalhador, entregou o país ao FMI [Fundo Monetário Internacional], e agora é um novo tempo para reparar os erros.⁵⁵

⁵² FENELON, 1999, p. 7.

⁵³ SANTOS; CARDOSO, 2007, p. 3.

⁵⁴ SANTOS; CARDOSO, 2007, p. 10.

⁵⁵ UBERLÂNDIA. Câmara Municipal. Ata da décima sessão da segunda reunião ordinária de 1983. **Livro 119**. Datiloscrito. 5p. Arquivo Público de Uberlândia, 28 de março de 1983, p. 2–5.

Essas falas dos vereadores permitem perceber o embate político em torno da criação do cargo de administrador dos distritos. O argumento dos vereadores do PDS era a ilegalidade do projeto, qual seja, o prefeito criar tal cargo e lhe estipular salários. Nas reportagens que cobrem essa disputa, o jornal *Primeira Hora* argumenta que esta girou em torno do nome desse administrador e da possibilidade de vincular o cargo ao vice-prefeito.⁵⁶ Ligado ao prefeito — cabe frisar —, o jornal não enfatiza a possível ilegalidade da ação; mas sim a aprovação do projeto pelo PDS mesmo com críticas e manobras.

A fala do vereador do PMDB Sebastião Eurípedes dos Santos sugere que o projeto quitaria a dúvida que a prefeitura teria com os distritos. Nesse jogo político, imagens sobre os distritos vão sendo construídas e reforçadas — ou refutadas — pelas administrações de acordo com suas intenções. A imagem dos distritos que a administração Zaire Rezende construiu é de que, uma vez esquecidos, esses lugares passaram a ser lembrados por ele e por seus partidários. Bucólicos — imagem não refutada —, os distritos passam a ser lugares aonde chegariam “as melhorias” que deveriam chegar.

Nesse contexto, a noção de progresso se associa aos interesses e modos distintos de governar. Mas une Uberlândia e seus distritos em momentos políticos diversos, pois as administrações municipais, estivessem elas mais à direita ou à esquerda, procuraram construir e consolidar uma imagem de que atende a todos os distritos, porque fariam parte do progresso sem perder sua condição de “lugares de memória”: lugares que guardariam o passado desse município.

Progresso é uma noção-chave na defesa dos rumos do capitalismo em sua busca por desenvolvimento incessante, que desqualifica formas alternativas de organização social. Independentemente de partido, todo discurso dos agentes municipais se encaixa nessa premissa: uns mais diretos defendem a industrialização e reformas urbanas como meio; outros põem a população no centro das preocupações para respaldar suas propostas: a convida para participar das mudanças que o município necessitaria. É como se o progresso fosse condição para melhorar as condições de vida de todos e estágio pré-distribuição de seus frutos. A

⁵⁶ APROVADO o cargo de administrador dos distritos. **Primeira Hora**, Uberlândia, MG, 29 de março de 1983, ano II, n. 442, “Capa”; COM o administrador, evoluem os distritos. **Primeira Hora**, Uberlândia, MG, 29 de março de 1983, ano II, n. 442, “Política”, p. 3; PDS VOLTA atrás e aprova administrador dos distritos. **Primeira Hora**, Uberlândia, MG, 30 de março de 1983, ano II, n. 443, “Capa”; MESMO achando ilegal, PDS votou a favor do projeto. **Primeira Hora**, 30 de março de 1983, ano II, n. 443, “Política”, p. 3.

realidade se encarrega de desfazer a aparência do discurso, mas este tem efeitos temporários na proposta de Democracia Participativa.

A ideia de progresso na administração peemedebista se diferencia daquela presente, por exemplo, nas administrações de Virgílio Galassi. Em Zaire, está associada, ao menos retoricamente, com suprir as necessidades da população: saúde, educação e moradia; em Virgílio, com obras monumentais (viadutos e rodovias) e atividade comercial e industrial. A ideia do governo Zaire que se tenta construir é a de um governo para o homem; logo, os distritos antes esquecidos passariam a ser respeitados e ouvidos pela administração municipal. Isso está evidente no balanço da vereadora do PMDB Nilza Alves de Oliveira após sete meses da administração peemedebista:

A preocupação da Administração ZAIRE REZENDE tem sido com o atendimento das necessidades das populações dos bairros e vilas populares, inclusive da periferia dos distritos rurais, carentes em infraestrutura. Depois especificou citando vários exemplos de ação municipal tanto no perímetro urbano como nos distritos. Finalizou dizendo que o modelo político econômico de ZAIRE REZENDE pretende ser um embrião do modelo alternativo que se pretende conquistar para o País. Estabelecer canais de participação popular nas decisões é um compromisso fundamental do PMDB. E este é o comportamento nos sete meses de administração ZAIRE REZENDE.⁵⁷

Essa ideia de atendimento às necessidades das populações menos favorecidas e de participação dessa população se evidencia no discurso do prefeito e de seus partidários. A participação no governo é aclamada como diferencial do PMDB, que tenta se apresentar como governo que está junto com a população. Com efeito, em várias reportagens sobre melhorias nos distritos, ilustra o texto a fotografia do administrador dos distritos: o vice-prefeito Durval Garcia (FIG. 4 e 5). Essa reiteração visual parecer sugerir ao leitor a ideia de que a administração se faz presente sem mediadores e representantes: os líderes políticos estariam junto aos moradores, ouvindo reivindicações e comemorando conquistas.

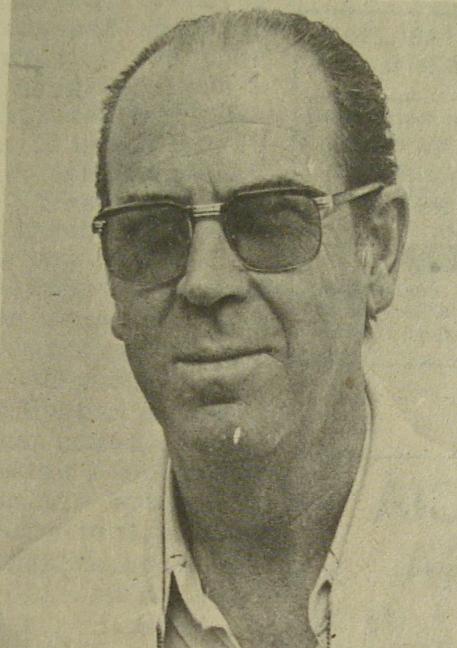
⁵⁷ UBERLÂNDIA. Câmara municipal. Ata da primeira sessão da sexta reunião ordinária de 1983. **Livro 119**. Datiloscrito. 4p. Arquivo Público de Uberlândia, 16 de agosto de 1983, p. 3.

URGÊNCIA . . .
aero econômico . . .

Durval planeja a melhoria dos distritos überlandenses

O vice-prefeito Durval Garcia, nomeado pelo prefeito Zaire Rezende para ocupar o cargo de administrador dos distritos, já está em pleno exercício de suas funções, buscando soluções para os problemas que afligem os moradores dos distritos überlandenses, que sempre se viram isolados das decisões administrativas anteriores.

Durval Garcia, conhecendo os inúmeros problemas dos nossos distritos, já começou a visitar suas sedes, mantendo contato com os moradores, não sómente para ouvir pessoalmente suas reclamações, mas ainda visando uma maior aproxima-



Vice-prefeito Durval Garcia.

ção entre o povo e a administração municipal, dentro da proposta política do prefeito Zaire Rezende, de governar ouvidos, o administrador dos distritos vai trazendo as bases, pois acredita que o povo é a voz de seus anseios.

Depois de catalogar as re-

guns serviços que faltam e melhorando outros que estão funcionando precariamente. Durval Garcia dará audiência nos distritos, pelo menos três vezes por ano.

ABANDONO DE EMPREGO

EXACTA ADM. E SERVIÇOS LTDA, comunica o abandono de emprego de SUEL MAGRINE, portadora da CTPS nº 63.014, série 501, desde o dia 18 de Março de 1983. O não comparecimento da mesma dentro do prazo estabelecido, será caracterizado o abandono de emprego, segundo Artigo 482 letra I da CLT.

FIGURA 4 – O jornal *Primeira Hora* destacou a presença do vice-prefeito do município de Uberlândia em meio a moradores dos distritos sob sua administração para ouvi-los e levar suas reivindicações para seu plano de ações da administração municipal⁵⁸

⁵⁸ PRIMEIRA HORA. Uberlândia, MG, 22 de abril de 1983, ano II, n. 461, “Política”, p. 3.

Administração dos Distritos vem dinamizando atividades

Secretaria quer apoiar a arte nos bairros

A visita aos bairros de Uberlândia para conhecer as manifestações artísticas locais no teatro, na música e no artesanato, entre outras, tem sido uma das suas principais atividades, revelou a secretária municipal de Cultura, Iolanda de Lima Freitas, que pretende desenvolver ao lado de professores da Universidade Federal de Uberlândia projetos de pesquisa nestas áreas, além de promover a apresentação dos grupos artísticos da cidade nas atividades realizadas pelo órgão.

Iolanda de Lima informou que o carnaval, a maior festa popular do Brasil, foi uma das principais preocupações da Secretaria de Cultura no início de março, com a organização dos desfiles de blocos carnavalescos e das escolas de samba, além da posterior apuração dos resultados dos concursos que deram o primeiro lugar ao Bloco das Diretas Já e ao G.R.E.S. Garotos do Samba.

Entretanto, a secretaria enumerou diversas outras atividades desenvolvidas no período pelo órgão, entre elas as palestras com os temas «Mulher» e «Cultura Popular» proferidas pelos professores Abigail Bracarense e Sául Alves Martins, nas dependências do Anfiteatro Rondon Pacheco, e a exposição de fotografias com o tema «A Mulher no Trabalho», realizada na agência da Apetrim/Mutual em comemoração ao Dia Internacional da Mulher.

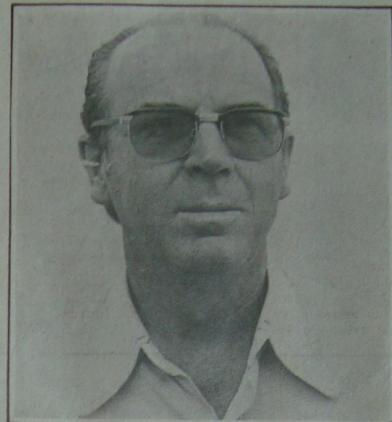
O mês de março, segundo Iolanda de Lima, foi marcado também pela continuação do projeto «Mesa de Boteco», realizado na Lanchonete Bambu, além de dezenas de reuniões com representantes da Universidade Federal de Uberlândia, Associação de Artesões, sindicatos de trabalhadores, Secretaria Municipal do Trabalho e Ação Social, Pronav, Associação de Teatro de Uberlândia, Administração dos Distritos, capitães dos Ternos de Congado na cidade, moradores de Martinésia e da Tenda do Moreno.

Os principais assuntos tratados nestes encontros foram as comemorações do Primeiro de Maio e a realização da Feira do Trabalhador (de 27 de abril a 1º de maio, na Praça Sérgio Pacheco), a Casa da Cultura de Uberlândia, além de projetos já desenvolvidos ou em execução por professores da Ufub: música popular, cultura popular, artesanato, canção infantil e teatro, na periferia da cidade.

Outra atividade destacada por Iolanda de Lima foi o planejamento das atividades comemorativas do Dia Internacional do Livro Infantil, com o apoio da Associação de Teatro de Uberlândia, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Ufu, Aica, 26ª Delegacia Regional de Ensino e Conservatório Estadual de Música. A promoção, realizada no dia 1º de abril, na Praça Sérgio Pacheco, teve a pinturação de muitas crianças e atividades como pinturação de estórias e a apresentação da Banda Municipal, entre outras.

A secretária informou ainda que no período foram elaborados os regimentos internos da Banda Municipal e da utilização do Anfiteatro Rondon Pacheco pela comunidade.

Embratel lançou o cartão de crédito internacional



Durval Garcia, vice-prefeito e administrador dos distritos.

cado, sendo que o Dmae, depois de vários estudos apresentou alternativas para a melhoria no sistema de abastecimento.

Também em Cruzeiro dos Peixotos o Dmae iniciou a perfuração de um poço artesiano, buscando aperfeiçoar o serviço e atender satisfatoriamente à população.

Neste distrito, a Administração dos distritos pretende viabilizar a construção de um salão comunitário, onde funcionará também a sede da sub-prefeitura distrital. Segundo Durval Garcia o local para a construção do salão já está definido e provavelmente será feito através de convênio com a área estadual, pelo Programa de Desenvolvimento Comunitário (Prodecom). As melhorias na estrada que liga Cruzeiros dos Peixotos às proximidades do Distrito Industrial da cidade estão em prosseguimento pela Secretaria Municipal de Obras.

No distrito de Tapuarama, a Administração dos Distritos pretende encaminhar em breve a venda dos lotes na área urbanizada, de propriedade da Empresa Municipal de Construções Populares (Emcop).

A área dos novos lotes será servida de infraestrutura necessária e faz parte do projeto de expansão da área urbana de Tapuarama. Neste local já foram liberadas duas áreas uma para a construção de um centro esportivo pela Futebol (Fundação Uberlândia de Turismo Esporte e Lazer) e outra, onde será implantada uma indústria - Marmoraria Goiás - que possibilitará a geração de vinte empregos imediatos.

A área total possui aproximadamente 30 lotes que serão colocados à disposição para venda as pessoas interessadas, sendo que a aquisição dos mesmos só poderá ser feita mediante as seguintes condições: que o adquirente não tenha propriedade no local e que se construa dentro de um determinado prazo.

Ainda em Tapuarama será construído um salão comunitário, através de convênio com o Estado.

FIGURA 5 – O jornal *Primeira Hora* noticiou os desdobramentos da administração dos distritos do município de Uberlândia, enumerando obras de infraestrutura (pontes, abastecimento de água, poços artesianos), de preservação patrimonial (restauração de capela), de serviços públicos (telefonia, saúde), de participação da comunidade (horta e salão comunitários), dentre outros pontos⁵⁹

⁵⁹ PRIMEIRA HORA. Uberlândia, MG, 13 de abril de 1984, ano III, n. 730, “Regional”, p. 5.

Dito isso, impõe-se uma pergunta: o que a Democracia Participativa do governo Zaire de fato significou na vida dos moradores do município de Uberlândia na década de 80? Mesmo elogiosa ao prefeito, a fala da entrevistada dona Elza aponta falta de consenso quanto aos avanços promovidos por ele:

Gente, o Zaire, ele, todo mundo fala mal dele, fala muito mal, mais até dói um poquinho na gente, porque foi um marco. Quando o Zaire entrô, Martinésia ressuscito. Cê concorda comigo, não concorda? Entendeu? Ela tava, assim, parada; aí ele saiu, o otro quis fazê melhor, cê entendeu? Por isso que foi bom, mais quem deu o primeiro passo foi ele mesmo. [...] Ele trabalha muito com o social [...].⁶⁰

Alguns aspectos se destacam nesse relato. Por exemplo, o lugar social do sujeito que fala ao trabalharmos com História Oral: ela foi presidente do Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural/CCDR do distrito de Martinésia,⁶¹ ou seja, ocupou lugar político-administrativo. A ideia de que “Ele trabalha muito com o social” não só foi disseminada como uma das interpretações do que seria o governo peemedebista naquele momento, mas também se transformou, ao longo do tempo, em algo a ser repetido amplamente por partidos de esquerda e de direita. Falar que trabalha com o social se tornou obrigatório entre os políticos; e dona Elza, ao trazer essa referência para sua fala, evidencia um pouco dessa vivência política no âmbito administrativo, além de reproduzir o que teria sido uma referência (ao menos discursiva) ao governo de Zaire que acabou se tornando lugar-comum na política atual.

Acredito que a alusão de dona Elza aos que falam mal de Zaire Rezende se refira mais ao segundo mandato dele (anos 2001–4), malvisto pelos moradores porque, supostamente, teria acrescido pouco à cidade em relação ao primeiro mandato; e mesmo este é apresentado com reservas por muitos. Dona Marilda, por exemplo, moradora do bairro Nossa Senhora das Graças, em Uberlândia, entende que foi uma proposta vazia, embora tenha havido expectativas em meio à população, que acreditou na possibilidade de resolver boa parte de suas mazelas.

⁶⁰ REZENDE, Elza Borges. Uberlândia, MG, 25 de setembro de 2005. Fita de áudio (49 minutos). Entrevista concedida a mim em sua residência na cidade de Uberlândia, durante minha pesquisa de mestrado.

⁶¹ Os conselhos comunitários de desenvolvimento rural objetivam ser um espaço de discussão de problemas locais para melhorar a vida das pessoas do lugar onde os conselhos atuam. A Lei Orgânica Municipal prevê sua existência nos distritos. A ata de fundação do Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural de Martinésia traz — referindo-se ao estatuto — um pouco do que seria ou deveria ser o trabalho do conselho: “Artigo 2º – O ‘C. C. D. R.’ tem por finalidades: a) participar dos trabalhos comunitários; b) trabalhar pelo desenvolvimento da agropecuária e melhoria do bem estar da população da comunidade; c) Prestigiar, estimular e auxiliar as iniciativas que tragam benefícios à comunidade; e) Reunir recursos materiais, humanos e assistenciais através da união de esforços, colocando-os à disposição da comunidade”. MARTINÉSIA — distrito de Uberlândia, MG. Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural. Ata da reunião de fundação. **Livro de atas 1.** Manuscrito. 1986, p. 2–3.

No entanto, muito do que se prometeu ficou no discurso político. Efetivamente, as mudanças não chegaram com a quantidade e o significado esperados. É o que se pode depreender da fala da entrevistada no artigo de Santos e Cardoso, “Democracia Participativa em Uberlândia — significados das experiências dos moradores do Bairro Nossa Senhora das Graças”, citado antes:

[...] a democracia participativa chegou fantasiosa, ela não queria que a gente aprendesse tudo (pausa). Ela não propôs isso... Vocês vão até (pausa) que era pra continuar obedecendo, não é? Ninguém falou que a gente podia ser dono da nossa história [...] Ninguém queria que a gente fosse dono da nossa história.⁶²

Os autores do artigo comentam a fala de dona Marilda:

Ela acredita e reconhece que um espaço de participação foi aberto pela administração Zaire Rezende. Contudo, afirmou que esse espaço foi limitado à participação [...]. Foi uma fantasia interrompida pela realidade de não ter proporcionado, a vários moradores da cidade, a conquista do conjunto de interesses que aspiravam.⁶³

Também interpretam os limites dessa Democracia Participativa com argumento de que as classes dirigentes, em certos momentos, até concedem benefícios à população, mas se limitam aos interesses dos grupos dominantes da sociedade:

[...] a participação institucional “possível” do liberalismo democrático não se apresenta para resolução dos problemas sociais expressos pela expropriação e pela exploração das condições de vida, mas antes pretende atenuá-los. Tendo como meta sustentar/reproduzir o estado social existente, as classes dirigentes necessitam ser, em momentos históricos específicos, mais ou menos complacentes com as reivindicações dos trabalhadores, na lógica de “mudar para conservar” a ordem. Esses elementos compõem o horizonte da dominação.⁶⁴

Em meu entendimento, os autores apontam como a Democracia Participativa se limitou mais às discussões, e menos a ações concretas do poder público que visassem minimizar as mazelas dos moradores. Mas as falas do senhor João e de dona Elza apontam que o governo peemedebista contribuiu em alguns aspectos com a população do distrito de Martinésia, por exemplo. Quando questionei o senhor João sobre a pavimentação da rodovia que dá acesso ao distrito, ele mencionou como isso mudou o cotidiano das pessoas que ali

⁶² SANTOS; CARDOSO, 2007, p. 17–8.

⁶³ SANTOS; CARDOSO, 2007, p. 18.

⁶⁴ SANTOS; CARDOSO, 2007, p. 16.

viviam. A obra foi alardeada pela administração peemedebista como benefício concedido à população dos distritos; e esse caráter da participação é sempre ressaltado. Reportagem do *Primeira Hora* de 29 de setembro de 1987 apresentou este título: “Rodovia da Participação”. Ao tratar da inauguração dos primeiros sete quilômetros de pavimentação da rodovia municipal 090,⁶⁵ o texto ressalta esse aspecto: “A rodovia está sendo asfaltada pela Administração Municipal com a participação dos próprios moradores da zona rural e do DER, daí o apelido de ‘Rodovia da Participação’”.⁶⁶

Uma reunião conjunta dos conselhos comunitários de Martinésia, Cruzeiro dos Peixotos e Sobradinho, realizada em junho de 1986, com a presença do administrador dos distritos, objetivou discutir a pavimentação da rodovia. Em sua fala aos moradores, Durval Garcia

[...] sugeriu que a prefeitura entrasse com uma parte do dinheiro e o povo entrasse com a outra parte. Os proprietários estão dispostos em cooperar desde que seja feito o levantamento do total do custo do projeto e ver também a parte que o Estado e as grandes firmas ou empresas podem ajudar. [...] o professor Durval disse que o prefeito nestes três primeiros anos de mandato procurou atender as prioridades dos distritos e na segunda etapa de sua administração será feito a urbanização dos Distritos. O professor encerrou a reunião dizendo que cada pessoa participante da reunião será agente de comunicação para o seu vizinho solicitando a sua contribuição.⁶⁷

A maneira como o administrador termina sua intervenção reforça a tônica não só da pavimentação da rodovia, mas de toda administração Zaire Rezende da década de 80; a saber: a participação — ao menos no plano do discurso. As pessoas teriam sido convocadas a problematizar suas demandas e sugerir melhorias. No caso da rodovia, as populações a ser beneficiadas pela obra abraçaram a causa não por questões políticas, mas porque a rodovia de fato melhorou as condições de vida delas, como dizem. A população de Martinésia, Cruzeiro dos Peixotos e da região de Sobradinho (povoado rural), contribuiu efetivamente para a obra, como se lê em reportagens jornalísticas e nas atas dos conselhos comunitários. Em outra reunião conjunta desses moradores, em outubro de 1986, ficou explícita a participação: “O D. E. R. [Departamento de Estradas e Rodagens] vai fazer o trabalho de subleito e leito da

⁶⁵ No ano de 2011 essa rodovia deixou de ser municipal e passou a ser responsabilidade do governo estadual, tornando-se LMG-751.

⁶⁶ RODOVIA da Participação: entregue primeira etapa da obra. **Primeira Hora**, Uberlândia, MG, 29 de setembro de 1987, ano VII, n. 1.581, p. 3.

⁶⁷ MARTINÉSIA — distrito de Uberlândia, MG. Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural. Reunião. **Livro de atas 1**. Manuscrito. 25 de junho de 1986, p. 20.

estrada. A prefeitura vai colocar o asfalto. Os moradores vão doar o cascalho”.⁶⁸ A administração municipal não se esqueceu desse envolvimento dos moradores; antes, foi reforçado.

No entanto, a obra sempre foi apresentada como benfeitoria do governo municipal para os moradores:

[...] a implantação deste projeto tem caráter redistributivo, pois valoriza sobre maneira uma região de pequenos produtores. Os produtores sentir-se-ão estimulados a novos investimentos pelas facilidades criadas, pela melhoria das condições de transporte. Como consequência de novos investimentos e da valorização das propriedades, os fazendeiros buscarão imprimir técnicas mais intensivas em insumos modernos o que contribuirá para a elevação da produtividade. [...] A participação dos integrantes dessas comunidades num verdadeiro mutirão de solidariedade e colaboração haverá de imprimir profundas marcas e promoverá intensa transformação nos valores destas comunidades. São as realizações das promessas de mudanças do PMDB promovendo o renascer da esperança de dias melhores, elevando a credibilidade do governo e reforçando o acerto da confiança dessas comunidades na democracia participativa de Zaire Rezende. [...] A melhoria dos serviços de água, a construção do centro comunitário, a reforma e ampliação das escolas, a implantação dos centros de saúde, as praças e as quadras de esportes e recentemente o terminal rodoviário de Cruzeiro dos Peixotos, não são obras do acaso e, sim, trazem em sua essência a manifestação de uma vontade política de valorização do homem.⁶⁹

No texto onde se encontra essa passagem, publicado em jornal de apoio à administração municipal, Plínio Velloso Vianna trata de questões econômicas, políticas e sociais da pavimentação dessa rodovia e a defende como “[...] obra prioritária para o município de Uberlândia”.⁷⁰ Ele parte dos aspectos econômicos, passa pelos sociais para chegar aos aspectos políticos, que lhe permitem denominá-la de “Rodovia da Gratidão”. Não por acaso, ele enfatiza as influências de políticos para que essa obra se concretizasse e vincula a rodovia às eleições de 1986 para formar a constituinte e eleger governos estaduais, nas quais os representantes peemedebistas foram amplamente apoiados nos dois distritos em questão; logo, a rodovia expressaria a “gratidão” deles a essa população. Como se pode deduzir, a obra aparece como “concessão”; como realização política do grupo peemedebista à frente da prefeitura de Uberlândia. Ainda assim, o autor do texto enfatiza a participação das comunidades envolvidas e comenta como essa participação contribuiu para baratear os custos da obra com a doação do cascalho demandado. Ele usa essa participação para falar da

⁶⁸ MARTINÉSIA — distrito de Uberlândia, MG. Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural. Reunião. **Livro de atas 1.** Manuscrito. 15 de outubro de 1986, p. 21.

⁶⁹ VIANNA, Plínio Velloso. Rodovia da gratidão. **Primeira Hora**, Uberlândia, MG, 20 de janeiro de 1987, ano VI, n. 1.417, p. 2.

⁷⁰ VIANNA, 1987, p. 2.

viabilidade econômica do projeto da rodovia, ou seja, do aspecto social, que aparece para legitimar ganhos econômicos da obra no âmbito dessa sociedade capitalista.

Entretanto, saliento que, afora a retórica da concessão e das benesses, a rodovia contribuiu para mudar relações de trabalho e de vida dos moradores. Daí que veem essa administração de Zaire Rezende como referência para os modos de viver dos moradores do município quando falam sobre o período. A rodovia era *um* dos problemas enfrentados pelos residentes desses dois distritos; outras demandas aparecem nas fontes da pesquisa aqui descrita: melhoria dos sistemas de transporte; reforma das escolas; atendimento médico; instalação de um posto dos Correios e de destacamento policial. Os distritos no geral se fazem presentes nas atas da Câmara Municipal no momento pré-eleição de Zaire, sobretudo na disputa política entre os partidos e na necessidade de reafirmar que algo estaria sendo feito pela população no bojo dessa sociedade que progredia:

Na tribuna o vereador Antonio Carlos de Oliveira. Inicia seu pronunciamento comentando as críticas da representação do MDB contra a administração atual. Louva a atitude do vereador Dr. Jonas Fernandes Reis de fiscalizar, como qualquer outro vereador, a administração da coisa pública [...] Que se algumas falhas existem, o que é normal, estas desaparecem face às grandes realizações da atual administração. Enumera saneamento na cidade e nos distritos, iluminação nos bairros, ampliação da rede de esgoto, [...]. Antonio Carlos de Oliveira em aparte diz que pela primeira vez na história do município os distritos estão recebendo benefícios do governo municipal.⁷¹

Ocupa a tribuna o vereador Amir Cherulli [...] Diz ainda que o Distrito de Cruzeiro dos Peixotos mesmo assim vem progredindo, com novas construções de prédios e até um posto de gasolina e que a sua indústria de laticínios vem trazendo consideráveis subsídios para o Município. Aparteando o orador, o vereador Orestes Claudio Fernandes diz ter grande consideração e amor por aquele Distrito, terra onde nasceu. E vê com tristeza o que lá tem acontecido. Diz ainda que o atual prefeito Municipal não tem nenhuma responsabilidade na deficiência do fornecimento de água do Distrito. E que a construção do poço artesiano foi feita na gestão do prefeito anterior.⁷²

Esses trechos de atas se referem a administrações municipais diferentes. A primeira está circunscrita à administração Virgilio Galassi; a segunda, à de Renato de Freitas. Mas a tônica de ambas é que o progresso nos distritos acompanha o progresso do município. Na primeira, saliento a frase do vereador que enfatiza as “grandes realizações da atual administração [a de Galassi]”, dentre as quais estariam as realizadas nos distritos

⁷¹ UBERLÂNDIA. Câmara Municipal. Ata da décima quarta sessão da quarta reunião ordinária de 1972. **Livro 80**. Manuscrito. 200p. Arquivo Público de Uberlândia, 14 de junho de 1972, p. 85-86.

⁷² UBERLÂNDIA. Câmara Municipal. Ata da décima quarta sessão da quarta reunião ordinária de 1973. **Livro 82**. Manuscrito. 200p. Arquivo Público de Uberlândia, 7 de novembro de 1973, p. 141v.

uberlandenses. Na segunda citação, a fala do vereador Amir Cherulli aborda o problema do abastecimento de água no distrito de Cruzeiro dos Peixotos e atribui a responsabilidade à administração anterior; ao mesmo tempo, enfatiza o “progresso” do distrito.

Na administração Zaire Rezende, essas disputas políticas permanecem, mas a fala dos vereadores aliados ao prefeito busca fornecer respostas que dessem a impressão de que as pessoas estavam sendo colocadas no foco, que os moradores estavam sendo atendidos; respostas convergentes para a valorização do homem — proposta política da democracia de Zaire Rezende, ainda que mais discursiva do que concreta. Talvez isso seja um dos motivos pelos quais a administração peemedebista é vista como marco de mudança em relação ao que estava posto no jogo político e induz a mudanças futuras, como se pode deduzir da fala de dona Elza de que “Martinésia ressuscitô” na administração de Zaire, mas que, quando “[...] ele saiu, o otro [Virgílio Galassi] quis fazê melhor”; mas foi Zaire “[...] quem deu o primeiro passo [...]”. Dona Elza aponta um caminho de transformação cujo eixo — para ela — seria a administração Zaire; identifica elementos de mudança em relação à situação vivida antes e indica que a experiência vivida nesse momento possibilitou, depois, mudar a maneira de olhar e administrar os distritos.

A Democracia Participativa induziu as administrações posteriores à de Zaire Rezende a incorporar demandas da população:

Seu José, ao se referir à sucessão eleitoral após o término do mandato peemedebista de Zaire Rezende — em quinze de novembro de 1988 —, a qual deu a vitória para Virgílio Galassi, ressalta que as pessoas orientam suas vidas por expectativas que não se alteram mecanicamente, nem instantaneamente, por uma decisão eleitoral. E apontou que o “novo prefeito” eleito não se colocou fora de seu tempo histórico, e que apesar de ter interrompido a eleição do candidato peemedebista que sucederia Zaire Rezende (o que, não necessariamente, significava uma rejeição às ideias de justiça e liberdade insufladas por seu governo, mas que era antes uma resposta à não efetivação desses desejos por parte do grupo zairista) teve ele que incorporar, de alguma forma, esses ideais em sua “nova administração”. [...] Após a vivência das expectativas da administração Zaire Rezende, as demandas sociais não deveriam ser agora ignoradas, pelo menos não como antes. Não poderia o *novo prefeito* começar de uma folha em branco a *impressão do progresso*, pois muitas pessoas haviam experimentado a possibilidade de novas relações, estando essas presentes em suas consciências. [...] Essa condição exigia (re)tratamento histórico por parte do político chefe do Poder Executivo, e ele o fez.⁷³

Essa análise — de Santos e Cardoso — aponta o processo que se dá nesse jogo das disputas políticas que considera as transformações das relações históricas travadas na

⁷³ SANTOS; CARDOSO, 2007, p. 19-20.

sociedade. Zaire Rezende e seus partidários trouxeram para os moradores a possibilidade do diálogo. Embora muito do que se disse não tenha sido concretizado de fato — o que pode ser inferido pela derrota desse projeto político nas eleições de 1988; mas permitiu aos moradores do município estabelecer um tipo de relação com a administração pública que não podia ser desconsiderada por quem assumisse o poder.

Com efeito, à frente da prefeitura de Uberlândia, Virgilio Galassi e Paulo Ferolla⁷⁴ souberam captar e trabalhar politicamente essas transformações. Reportagem do *Correio* de julho de 1989 — ainda nos primeiros meses desse governo — induz-nos a refletir sobre o novo tratamento que esse grupo político deu às demandas sociais:

Pela primeira vez a atual administração municipal recebeu em audiência o Conselho de Entidades Comunitárias de Uberlândia [...]. Além de Virgilio Galassi e do Secretário Municipal de Trabalho e Ação Social, Joel Cupertino, estavam presentes 28 representantes de associações de bairros e o presidente do Conselho, Ivan Miguel Costa. O Conselho apresentou um documento onde expõe as necessidades prioritárias de 31 bairros da cidade. “Há quatro anos nós nos reunimos com cada associação, levantando as prioridades de cada bairro e apresentamos para a administração municipal. Sempre fomos atendidos. Esperamos que o atual governo aceite nossa participação no mesmo nível que o governo anterior”, disse Ivan Costa. Segundo ele, pelo menos três pontos se agravaram bastante depois que Virgilio Galassi assumiu — o transporte coletivo, a segurança e a participação comunitária junto ao poder público. “Não podemos aceitar que problemas que estavam pelo menos equacionados surjam novamente ou agravem levando a queda na qualidade de vida alcançada”, diz o documento.⁷⁵

O título da notícia — “Prefeito abre diálogo com entidades comunitárias” — parece responder ao que cobra o Conselho de Entidades Comunitárias.⁷⁶ Noutros termos, a abertura ao diálogo com as associações de moradores e a audiência são uma resposta não só a essa demanda do conselho, mas também às transformações históricas vivenciadas no governo de Zaire, quando a população tinha aberto o seu canal de diálogo com o poder público. O Executivo municipal não pôde desconsiderar essa demanda; antes, ela teve de ser atendida como resposta pública à sociedade que experimentou outras formas de intervenção na administração.

Na experiência de vida que dona Elza relata, ela aponta esse jogo político, que não está isolado nas ações dos governantes, mas que, ao contrário, compõe o cotidiano do

⁷⁴ Paulo Ferolla foi prefeito de Uberlândia entre 1993 e 1996 e faz parte do grupo político de Virgilio Galassi.

⁷⁵ PREFEITO abre diálogo com entidades comunitárias. *Correio*, Uberlândia, MG, 8 de julho de 1989, ano 50, n. 15.162, “Geral”, p. 2.

⁷⁶ O Conselho de Entidades Comunitárias foi criado em 1983, para acompanhar e apoiar o trabalho das associações que agrupa.

município naquilo que ela indica como melhorias no seu espaço de convivência: o distrito de Martinésia, que — para ela — melhorou com Zaire e continuou a mudar nas administrações posteriores à dele. Tanto que, em sua campanha para deputado federal nas eleições de 2006, Paulo Ferolla recorreu ao uso da imagem de seus “feitos” nos distritos de Uberlândia.



FIGURA 6 – Impresso da campanha de Paulo Ferolla a deputado estadual em 2006⁷⁷

⁷⁷ Coligação: PP, PTB, PL, PFL, PAN, PSDB. Meu acervo



FIGURA 7 – Impresso da campanha de Paulo Ferolla a deputado estadual em 2006⁷⁸

À parte a conotação eleitoreira dada a essas melhorias, de fato estas chegaram aos distritos e provocaram mudanças, isto é, melhoraram as condições de vida dos moradores e aparecem nas memórias de quem as viveu, como dona Elza. Nesse material, a ideia do progresso se sobressai e se constrói uma imagem dos distritos como lugares tratados igualmente em relação ao município todo. Noutras palavras, o progresso chega também a esses lugares, onde “revoluciona” a vida dos moradores.

Contudo, entendo que os distritos são tratados segundo a dualidade rural–urbano, quando o que se percebe, dadas as melhorias citadas, é que suas demandas não diferem de demandas urbanas: saneamento básico e pavimentação são fundamentais a qualquer morador. Essa maneira dual de tratá-los serve a objetivos políticos eleitoreiros, porque dão ideia de que se trata de uma administração que atende a *todos* os moradores.

A tese de doutorado de Renato Jales da Silva Júnior trabalha algumas dessas demandas da população überlandense. O foco de seu estudo são os processos de formação e produção dos espaços sociais de Uberlândia conforme o caso do bairro Presidente Roosevelt. Esse pesquisador aborda os programas habitacionais das décadas de 70 e 80 mediante uma

⁷⁸ Coligação: PP, PTB, PL, PFL, PAN, PSDB. Meu acervo

análise das políticas implementadas pelo poder público a fim de construir moradias para os trabalhadores em Uberlândia. Também analisa “[...] as diversas ações dos moradores para melhor viver neste lugar e construir laços de sociabilidade”⁷⁹

Silva Júnior põe em debate as demandas dos trabalhadores dessa cidade, evidenciando a maneira como elas vão se fazendo presentes na Câmara Municipal e na imprensa local:

O mais importante desse registro é ver como a presença dos moradores desses espaços vai saindo do silêncio, dos lugares marginais para as primeiras páginas do *Correio de Uberlândia*. Não só o periódico foi obrigado a pautar a vida dos trabalhadores. Os debates na Câmara também se faziam a partir dos interesses desses sujeitos:

“ADRIANO BAILONI JÚNIOR fez comentários a respeito do seu requerimento dirigido a COHAB de Minas Gerais, solicitando a construção de creches nos conjuntos residenciais; ser uma medida muito válida e a solução de um grande problema social, porque as mães que têm seus filhos e precisam trabalhar, tendo que deixá-los sozinhos, correndo risco de vida, acidentes graves por não ter com quem deixá-los, porque a creche viria trazer à mãe solteira, desquitada ou viúva, uma certa tranquilidade, porque sabem que deixaram seus filhos com pessoas qualificadas [...]”⁸⁰.

Asfalto das vias públicas, creches para que as mães deixassem seus filhos e outros equipamentos públicos saíram dos debates no interior dos bairros e ganharam visibilidade nos meios de comunicação, colocando esses sujeitos no debate público.⁸¹

Nesse trecho, o autor trouxe para a discussão a reivindicação por creches onde mães trabalhadoras pudessem deixar os filhos. Como se lê, ele não vitimiza os moradores, e sim salienta como vão se fazendo na cidade, vão disputando seus espaços, conquistando seus direitos: “Essa presença constante dos moradores, essa luta pelo ‘direito à cidade’ transformou os lugares em espaços de discussão política sobre os rumos de Uberlândia”⁸². Além disso, o autor menciona, dentre outros, as dificuldades para manter filhos na escola e o atendimento de saúde, insatisfatório na maioria das vezes; mas a questão da moradia permeia o trabalho todo. Surge nas primeiras páginas do texto, quando Silva Júnior fala de sua experiência compartilhada no bairro Presidente Roosevelt:

Parte dos meus amigos de infância não mora mais no bairro em função da dinâmica urbana recente que encareceram os poucos terrenos que ainda existem e as casas postas à venda. Alguns destes também frequentaram os

⁷⁹ SILVA JÚNIOR, Renato Jales. **Direito à memória**: modos de viver e morar em Uberlândia entre as décadas de 1960 e 1980. 2013. 504 f. Tese (Doutorado em História) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, p. 37.

⁸⁰ UBERLÂNDIA. Câmara Municipal. Ata da quarta sessão da sétima reunião ordinária de 1982. **Livro 118**. Datiloscrito, 4p. Arquivo Público de Uberlândia, 20 de setembro de 1982, p.III.

⁸¹ SILVA JÚNIOR, 2013, p. 70.

⁸² SILVA JÚNIOR, 2013, p. 71.

bancos das universidades e em função desta experiência mudaram modos de viver, tiveram mais opções de escolha para seu lugar de moradia, outros moram ainda no mesmo terreno que seus pais em “puxadinhos” construídos no fundo e existem aqueles que estão, agora, em bairros mais distantes novamente próximos ao mato.⁸³

Nesse trecho — parece-me —, ao falar de si e de seus companheiros, o autor sintetiza o processo de disputa ocorrido no espaço urbano überlandense nas últimas décadas, pois ele explora a forma como as políticas habitacionais definiram os lugares destinados aos trabalhadores; os quais buscam construir alternativas e melhorar suas condições de vida. (Tanto o é que ele dedica um capítulo de sua tese para tratar de lazer, do comércio, das lembranças, das dificuldades de pagar as prestações da casa, das maneiras de lidar com a inflação, do diálogo com o poder público, dentre outros assuntos.)⁸⁴ Silva Júnior evidencia um movimento de transformação, luta e busca de modos de viver e morar em Uberlândia que expressam as relações classistas aí vividas e que implicam encontrar alternativas como os “puxadinhos”, onde podem viver esse espaço de tensões que é a cidade. Alternativa, aliás, encontrada, também, por moradores dos distritos überlandenses, pois estes não estão isolados da realidade vivida no município todo.

O problema da moradia aparece noutra tese sobre Uberlândia, do historiador Sergio Paulo Moraes. *Empobrecimento e “inclusão social”: vida urbana e pobreza na cidade de Uberlândia/MG (1980–2004)* trabalha com o processo de transformação do viver em Uberlândia nesses anos pesquisados. Nas palavras do autor,

[...] a pesquisa dimensiona modos pelos quais o poder público interveio na despolitização e no desarranjo das lutas implementadas pelos pobres na cidade, consubstanciados na implementação e regulamentação de políticas de distribuição de apoio financeiro.⁸⁵

O autor abordou o “desfavelamento”, processo ocorrido na administração de Zaire Rezende nos anos 80. Continuado nas administrações posteriores, nos anos iniciais da década de 90 deu sinais de esgotamento; mas não a questão da “[...] moradia dos pobres, [que ainda] pesava nas disputas políticas do jogo eleitoral”.⁸⁶

Assim, a busca pelo direito à moradia passou a ser usada pelos candidatos e pelo poder instituído como forma de angariar votos, visto que esse direito é um dos mais almejados pela

⁸³ SILVA JÚNIOR, 2013, p. 15.

⁸⁴ SILVA JÚNIOR, 2013, p. 37.

⁸⁵ MORAIS, 2007, p. 6.

⁸⁶ MORAIS, 2007, p. 128.

população. O trabalho de Morais explora como a questão da moradia se alinhou às demais reivindicações dos moradores da cidade e aponta que a imprensa “[...] assumiu e divulgou uma tradição de pobreza que colocava aos pobres as responsabilidades de suas misérias e, de modo relativo, do próprio empobrecimento urbano”;⁸⁷ noutros termos, os pobres são responsabilizados pela desaceleração econômica da cidade.⁸⁸

Como se percebe, imagens sobre o viver em Uberlândia vão sendo construídas pela imprensa, pelas administrações municipais e até pela academia. No caso específico dos distritos, grande parte da produção acadêmica que os aborda é oriunda da área de geografia, sobretudo da Universidade Federal de Uberlândia. Discutem-se questões como definições conceituais sobre distrito, cidade e município, assim como aspectos do potencial turístico desses lugares.

A dissertação de mestrado *Entre o campo e a cidade: as territorialidades do distrito de Tapuirama (Uberlândia/MG) — 1975 a 2005*, defendida na pós-graduação em Geografia da UFU, parte da ideia de estagnação e retrocesso para analisar os distritos no seu processo de formação histórica. A autora analisa os processos de transformação do município de Uberlândia pensando em como traduzem os projetos políticos de grupos hegemônicos que visavam construir uma Uberlândia “moderna” e “progressista”; projetos que configuram uma memória que identifica os distritos com o passado, em contraposição à cidade, onde estaria a “modernidade”, o presente e o futuro. Ela, em alguns momentos de seu trabalho, acaba reforçando essa imagem e vitimizando os distritos nestes termos:

Ocorreu e ainda ocorre, um processo de incentivo ao desenvolvimento do distrito sede e um descaso com os demais distritos [...] Apesar de historicamente mais antigos que Uberlândia, os distritos de Miraporanga e Tapuirama, perderam importância em relação ao distrito sede devido à ação de elites dominantes da cidade de Uberlândia que promoveram o desenvolvimento da cidade sem se importar com sua decadência.⁸⁹

As transformações vividas pelos moradores não giram em torno das questões “políticas” em sentido partidário, como a autora faz ao abordar o distrito de Miraporanga, por

⁸⁷ MORAIS, 2007, p. 67.

⁸⁸ Sobre o tema da moradia em Uberlândia, o trabalho de Rosângela M. Silva Petuba — *Pelo direito à cidade: experiência e luta dos ocupantes de terra do bairro D. Almir (1990–1999)* — é uma referência importante. Nas palavras do professor Paulo Roberto de Almeida, orientador do trabalho, a pesquisa de Petuba evidencia a luta pela moradia nessa cidade, “Fazendo emergir a cidade da experiência e das expectativas de seus moradores, a luta pela habitação ganha contornos dramáticos à medida que entra em confronto com a legislação urbana, o planejamento e a ‘racionalidade’ atribuídos ao poder público. É nesse contexto que os moradores experimentam e elaboram sua visão de cidade”. ALMEIDA, Paulo Roberto de. Encantos e desencantos da cidade... In: FENELON, Déa R. et. al. (Org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d’Água, 2004, p. 141.

⁸⁹ MONTES, 2006, p. 104.

exemplo. Montes constrói uma análise que caracteriza Miraporanga como distrito mais importante historicamente, e tal importância referenda a “história oficial” da formação territorial da região; portanto, as causas da sua decadência estariam no “passado histórico”⁹⁰ do distrito, cuja importância teria se direcionado para Uberlândia:

No processo de formação histórica do distrito de Miraporanga, percebe-se a forte influência política de grupos dominantes do município de Uberlândia, que no intuito de promover o desenvolvimento do atual distrito sede não se importaram com a decadência de Miraporanga. As ações desses grupos, ao longo dos anos, e o descaso para com o distrito, resultaram no esquecimento da memória histórica do local e em sua decadência econômica e social e tornado esse distrito o mais carente de Uberlândia.⁹¹

A autora qualifica o que seria o viver nesse lugar. Mas sua leitura reforça elementos de compreensão que são — a meu ver — muito mais acadêmicos que referendados no viver dos moradores. Ao conversar com eles, notei que percebem mudanças que são interpretadas como extremamente positivas e não caracterizam o lugar onde vivem como decadentes ou carentes; e sim como espaços transformados que necessitam de outras mudanças. A decadência referida pela autora tem suas bases numa história “oficial” desse lugar que não faz tanto sentido para a maioria da população que vive ali. Ela caracteriza como carência aquilo que vejo como demandas de populações que vivem as mazelas e a desigualdade gerada pelo capitalismo.

De fato, os moradores de Miraporanga falam das transformações em suas vidas, reconhecem as mudanças na cidade e no distrito; mas têm outras referências que não essa ideia de decadência ou carência para interpretar tais mudanças, pois não se veem isolados das demais partes do município – como a própria autora aponta no seu trabalho ao falar das transformações recentes no distrito de Tapuirama e como os moradores dali são parte desse processo. Vide o caso do senhor José, por exemplo. Aposentado de 74 anos e nascido na Paraíba, veio para Miraporanga na década de 60, a fim de trabalhar numa fazenda da região. Ao ser perguntado sobre as mudanças ocorridas no lugar onde vive, ele respondeu assim:

Renata — *O senhor acha que aqui mudou? Nesse tempo todo que o senhor tá aqui, seu José?*

José — Mas é desse jeito, e foi muito, muito; mas miorô muito. Eu achei que miorô muito. Ih [risos], melhorô demais. Aqui, quem que trabalhava aqui dentro? Eu criei meus filho, formei filho foi aqui. Mas é assim, é, era deixano a muié em casa e trabaiano. Num tinha serviço aqui na época, tinha que saí e trabaíá fora, mas morano aqui. Porque aqui era difícil. E agora tem

⁹⁰ MONTES, 2006, p. 85.

⁹¹ MONTES, 2006, p. 86-7.

serviço pra todo mundo aqui, e é uma milhora muito grande, e é pegano na porta, e é levano. Mas milhorô cem por cento! Ou mais. Pode falá duzentos por cento [risos], porque, se tivesse os duzentos por cento, tem que falá. Era por que num tinha quem quisesse trabalhá antigamente e morá aqui. É, era trabalhá arredó nas fazenda, né?! Mas eu trabaiaava arredó nas fazenda, mas num largava Miraporanga, não! E num largo, porque... eu criei meus filho foi aqui.⁹²

Essa fala deixa entrever como as oportunidades de trabalho se transformaram. Se antes o trabalho nas fazendas do entorno era mais difícil, hoje haveria trabalho para todos e as empresas pegariam os funcionários em casa e levariam para o trabalho. José vê essa mudança como positiva em relação à sua experiência de trabalho quando chegou à região; portanto, não avalia o lugar onde vive pelo prisma da decadência ou da carência.

Outra pesquisadora — Elaine Corsi⁹³ — interpretou as transformações por que passam os distritos em sua dissertação de mestrado em Geografia como retrocesso. Os distritos não participariam do “progresso” do município. Mas muitos moradores percebem como as pessoas que ali vivem são parte desse processo de transformação. O que a autora caracteriza como retrocesso seria, talvez, uma mudança na função econômica, política e social dos distritos no município.

Ao caracterizar esses lugares como estagnados e em retrocesso, a autora justifica a importância da implementação do corredor cultural, no qual o turismo seria um “redentor” dessas populações. A autora propõe uma organização da dissertação que leva ao entendimento de que a teoria já constituída sobre o turismo e o patrimônio cultural justifica a importância desse corredor nos distritos, em face à situação que ela caracteriza como estagnação. Ela parte da teoria; e a divisão dos capítulos de sua dissertação indica essa forma de abordagem: o capítulo 1⁹⁴ trata das questões do planejamento urbano e da relevância da preservação do patrimônio cultural (planos urbanos de Uberlândia e planos diretores); o capítulo 2 trata do patrimônio arquitetônico dos distritos e de sua importância para as relações ali estabelecidas;

⁹² SOUZA, José (nome fictício). Miraporanga, Uberlândia, MG, 25 de fevereiro de 2012. Arquivo mp3 (48 minutos). Entrevista concedida a mim, em sua residência.

⁹³ O trabalho de Elaine Corsi, intitulado *Patrimônio cultural arquitetônico e Plano Diretor em Uberlândia: uma proposta de revitalização para os distritos de Miraporanga, Cruzeiro dos Peixotos e Martinésia* aponta a necessidade de preservar o patrimônio cultural arquitetônico dos distritos como um caminho para melhorar as condições de vida da população residente. Em meu entendimento, esse trabalho é bastante significativo para problematizar como a academia abraça esse discurso da preservação e expõe esses lugares como espaços a serem consumidos pela população como uma volta ao passado. Com isso, constrói uma ideia de que estão estagnados e que só a competência da academia pode ajudar a melhorar as condições de vida dos moradores do lugar.

⁹⁴ O primeiro capítulo tem como título “Planejamento urbano: sua relevância na preservação do patrimônio cultural”; o segundo, “O patrimônio cultural arquitetônico dos distritos: sua importância para a revitalização das relações pessoais, culturais e econômicas”; e o terceiro, “Propostas para revitalização dos espaços culturais arquitetônicos nos distritos”.

no capítulo 3, ela faz as propostas de revitalização dos espaços arquitetônicos dos distritos. Essa construção do trabalho deixa entrever que a importância dessa revitalização já está posta pelos dirigentes e pela academia em afirmações como esta: “A população que vive nesses distritos é acometida por uma verdadeira apatia. Ao mesmo tempo em que existem condições para se propor mudanças, não se encontra apoio, das autoridades competentes para colocar em prática tais mudanças. É essa situação que pretendemos contribuir para solucionar”.⁹⁵

Vejo como uma grande contribuição o trabalho da autora, pois coloca em debate os distritos, o turismo e o patrimônio cultural; mas vejo como arriscada a forma de conduzir o trabalho. Para mim, é preciso considerar antes de tudo as aspirações e as vivências da população envolvida. Será que esses espaços eleitos pela autora como aptos a melhorar as condições de vida dos moradores têm algum significado para eles? Esses espaços, que para a autora têm valor arquitetônico como bens a ser expostos, têm outros significados para seus moradores? Será que as questões, os enfrentamentos e os anseios dessas pessoas não permeiam outras demandas, outros temas, outros espaços?

Alguns bens arquitetônicos elencados pela autora como passíveis de tombamento aparecem numa série do jornal *Correio de Uberlândia* veiculada no caderno “Cidade e região” entre março e abril de 2011 com o tema “Casarões antigos”. O primeiro distrito a ser abordado, em 13/3/2011, foi Martinésia. Em texto com o título “Casarões que contam história em Martinésia”, o repórter inicia com as seguintes palavras:

Se a história do distrito de Martinésia, localizado a 22 quilômetros de Uberlândia, fosse contada em um livro, pelo menos quatro casarões antigos e tradicionais mereceriam no mínimo um capítulo cada. Mais do que palavras manuscritas em um rascunho de papel, as obras da arquitetura remeteriam a períodos históricos e contariam ao mesmo tempo as histórias do distrito e delas próprias.⁹⁶

Essa descrição antecede o enfoque em um dos patrimônios desse distrito que Corsi elenca em sua dissertação: a casa de Emerenciano Cândido da Silva, conhecido como senhor Capitãozinho. Segundo os relatos da reportagem e da dissertação citada, ele foi uma pessoa influente nos primórdios de Martinésia e a construção dessa casa demandou altos investimentos.⁹⁷ A reportagem do *Correio de Uberlândia* aborda ainda o imóvel conhecido como “Americana”, que, segundo Corsi, foi importante para o distrito:

⁹⁵ CORSI, 2006, p. 92.

⁹⁶ CALFAT, Marcelo. Casarões que contam história em Martinésia. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, MG, 13 de março de 2011, ano 73, n. 22.250, “Cidade e região”, p. A8.

⁹⁷ CORSI, 2006, p. 51.

Na década de 1920, o Distrito de Martinópolis, hoje Martinésia, viveu um curto período de expansão e assistiu ao aumento do número de estabelecimentos comerciais em seu perímetro urbano. Em 1926, o português Joaquim Marques Póvoa, montou seu primeiro negócio na antiga Uberabinha — atual Uberlândia, vendendo secos e molhados. A prosperidade dos negócios em Uberabinha levou-o a montar uma filial na então Martinópolis, denominada “A Americana — filial Casa Póvoa”, que vendia tecidos e também secos e molhados. A inauguração dessa loja foi fundamental para a eletrificação do Distrito, porém, o baixo consumo e as mudanças políticas ocorridas na época, o levou a estagnação, acarretando o fechamento da loja.⁹⁸

A descrição do imóvel na reportagem de Marcelo Calfat se assemelha ao texto de Elaine Corsi na medida em que salientam as “funções” do prédio e reforçam a ideia de um lugar que entrou em processo de estagnação. A reportagem enfoca ainda dois casarões não abordados por Corsi — as residências das irmãs Luzia Alves Borges e a de Margarida Alves Borges — antes de retomar a casa do senhor Capitãozinho, que parece ter sido instituída como patrimônio arquitetônico de Martinésia: os outros seriam importantes, mas esse teria um lugar especial: o “lugar da história” de Martinésia. Segundo Calfat, essa casa foi doada ao município em 2001 para ser transformada em museu, mas até o momento parece não ter havido ação efetiva do poder público nesse sentido.

Noutro tópico da reportagem — intitulado “Há preocupação dos moradores” —, o repórter cita a fala de dois habitantes para reafirmar essa ideia de que preservar é preocupação comum a todos que ali vivem:

Moradores do Distrito de Martinésia mostram preocupação com o estado de conservação dos antigos casarões do distrito, principalmente com a antiga casa de Emerenciano Cândido da Silva, conhecido como Capitãozinho, localizado no cruzamento da avenida Central com a rua Aniceto Antônio da Silva. Uma das mais tradicionais construções do distrito está em total estado de abandono, com grandes rachaduras nas paredes, árvores que cresceram dentro do imóvel acompanhadas de mato alto e ainda falta de janelas e telhas. “O tempo foi passando e este prédio, que já foi o mais bonito daqui, foi sendo destruído. Hoje não serve nem de esconderijo para ninguém. É uma calamidade. Faz parte da nossa história e foi esquecido pelo poder público”, disse o aposentado Eleutério Martins Pacheco, de 85 anos, que há 63 anos mora em Martinésia. Marcelo Pereira Dias, de 32 anos, proprietário de uma mercearia em frente ao imóvel, também reclama da situação. “É triste ver um patrimônio desse jeito. Quando eu era menino tinha gente que morava, era conservado. Acho que deveriam reformar e não deixar acabar”, afirmou.⁹⁹

⁹⁸ CORSI, 2006, p. 49–50.

⁹⁹ CALFAT, Marcelo. Casarões que contam história em Martinésia. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, MG, 13 de março de 2011, ano 73, n. 22.250, “Cidade e região”, p. A8.

As entrevistas que fiz com os moradores dos distritos põem em xeque essa possível preocupação entre a maioria dos moradores. Ao falarem do lugar onde vivem, elegem outros espaços como aqueles que contam suas histórias e as de suas famílias. Não que a população não se preocupe com a questão do patrimônio: não são demandas excludentes; mas são outras as questões eleitas como mais importantes no cotidiano deles. A preocupação com o patrimônio arquitetônico parece ser mais do poder público e da academia do que de quem, no seu dia a dia, enfrenta problemas de moradia, trabalho, educação, saúde etc. Não que essas preocupações excluam a preocupação com o patrimônio histórico: esta pode ser de fato significativa para alguns moradores; mas entendo que aquelas questões, dentre outras, são centrais no viver dos moradores.

Com efeito, essa tensão aparece no próprio *Correio de Uberlândia*. À série “Casarões antigos” sucederam reportagens sobre o déficit habitacional dos distritos; logo, nesses lugares onde esses casarões dignos de preservação estão presentes as pessoas enfrentam problemas de falta de moradia — problema esse comum às populações urbanas como um todo. A segunda reportagem da série trata do distrito de Miraporanga, tido como lugar das origens de Uberlândia.

Para conhecer os primórdios da história de Uberlândia, basta dar uma volta por seus distritos e se informar sobre seus seculares casarões e sobre as famílias que os habitaram. É o caso, por exemplo, do distrito de Miraporanga, a 40 quilômetros da cidade, antigamente, conhecido como distrito de Santa Maria, que guarda muitas histórias do início da cidade. Ali, apesar de alguns prédios estarem ruindo e preocupando a população, há imóveis históricos bem conservados, incluindo a Capela de Nossa Senhora do Rosário, erguida entre 1850 e 1852 e considerada o patrimônio histórico mais antigo de Uberlândia. Foi em Miraporanga que as primeiras famílias chegaram à região e deram origem ao arraial de São Pedro de Uberabinha, atual Uberlândia. E os casarões que abrigavam os primeiros moradores resistiram ao tempo e até hoje são vistos como referência da arquitetura e da história local.¹⁰⁰

Essa ideia de lugar de origem permeia outras reportagens sobre Miraporanga, como esta veiculada em 26 de novembro de 2006:

Encravado no fundo do vale dos córregos Santa Maria e Estiva, o centenário distrito de Miraporanga (“gente bonita”, na língua indígena caiapó) é passagem obrigatória para quem deseja conhecer um passado überlandense que vai além daquele observado nos bairros Fundinho e Patrimônio. Os registros históricos apontam a localidade, originalmente denominada de Santa Maria, como um dos marcos iniciais da ocupação da região onde hoje

¹⁰⁰ CASARÕES relembram o início de Uberlândia. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, MG, 20 de março de 2011, ano 73, n. 22.257, “Cidade e região”, p. A8.

se encontra o município de Uberlândia por imigrantes europeus, mineiros em êxodo das jazidas a leste das Minas Gerais e bandeirantes paulistas. Toda uma gama de desbravadores do interior brasileiro no início do século 19.¹⁰¹

Como se lê, quando se trata de Miraporanga, o tom é sempre este: lugar que deu origem a Uberlândia, mas que entrou em colapso. Esse tom parece ser recorrente ao se falar de outros distritos como lugares que *foram* importantes para o município; embora continuem a fazer parte desse espaço. Talvez suas funções tenham mudado — caso se possa dizer assim; mas continuam a ser importantes na economia e na vida do município de outra forma. Há produtores de carne e leite — ainda que sua produção seja pequena; sua população ocupa postos de trabalho em todo o município. A vida nesses lugares é ativa.

No entanto, da maneira como essa memória sobre os distritos se constrói, parece haver a propagação da ideia de que não têm mais função para a economia e a política; sua importância residiria na condição de lócus de visitação (turística); logo, consumidos na lógica atual do turismo. Em conversa informal com um senhor que se recusou a gravar entrevista, perguntei sobre a casa do Capitãozinho. Quando indagado, ele olhou na direção da casa e disse que tinha sido ali seu casamento; daí que a importância dada por ele àquele lugar excede o valor “histórico” no sentido oficial, porque contém marcas de sua história de vida pessoal. O tempo rememorado por ele é o tempo dos significados; não o tempo cronológico. É seu casamento que dá sentido àquele lugar; a ponto de ser digno de rememoração no momento de nossa conversa.

Com efeito, no texto ““O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral”, Alessandro Portelli aborda a relação entre o tempo e as narrativas orais, ponderando que:

[...] as versões das pessoas sobre seus passados mudam quando elas próprias mudam. A mudança pessoal tende a ser muito mais imprevisível e de menor alcance do que a mudança coletiva, assim como, muitas vezes, mais consciente e desejada. A demanda de um indivíduo ao contar sua estória, pode, muitas vezes, trazer tanto conformidade quanto mudança, tanto coerência quanto amadurecimento. Os narradores estabelecem, portanto, serem tanto a mesma pessoa de sempre, quanto uma outra pessoa. Assim, as estórias mudam tanto com a quantidade de tempo (a experiência acumulada pelo narrador) quanto com a qualidade do tempo (os aspectos que ele quer enfatizar durante a narrativa). Nenhuma estória será contada duas vezes de forma idêntica. Cada história que ouvimos é única.¹⁰²

¹⁰¹ PASSADO glorioso... Futuro incerto. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, MG, 26 de novembro de 2006, ano 68, n.20.680, “Cidade”, p. B2 (B2-3).

¹⁰² PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa R. et. al. (Org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d’Água, 2004, p. 298.

Portelli enfatiza o papel do momento de encontro com o entrevistado, pois determina os elementos que o sujeito julga ser relevantes. Noutros termos, o tempo, os eventos a ser valorizados e o que se elege digno de memória mudam com o tempo. É o passar do tempo que faz algumas coisas serem valorizadas, e outras não. Para Portelli, é importante saber

[...] como organizam o tempo, onde põem o antes e o depois. Recordo-me da história de um acontecimento em *Terni*, cidade industrial do centro da Itália, quando mataram um trabalhador. As pessoas em *Terni* não se lembram quando ocorreu. Lembro-me que meu pai dizia que “*foi um pouco depois que compramos nosso primeiro carro*” e havia uma senhora que dizia “*foi um pouco antes que minha primeira filha tivesse seu primeiro período*”. [...] A organização narrativa da vida cotidiana nos diz algo sobre onde está o sentido desta vida. Então, creio que temos que fazer histórias de vida através da continuidade de experiências onde há micro traumas cotidianos.¹⁰³

Como se pode deduzir, a imprensa e a academia salientam a importância da casa do senhor Capitãozinho seguindo essa noção de história que abarca nomes importantes e espaços eleitos como relevantes porque se referem ao passado de sujeitos de projeção política e econômica. No entanto, as pessoas trazem outras lembranças sobre esses espaços, que são referendadas na sua trajetória de vida como sujeitos sociais, haja vista o senhor que se lembra de seu casamento, e não do passado grandioso do ilustre morador da casa.

Ao tratar desse patrimônio arquitetônico, eleito como lugares de memória, o trabalho de Elaine Corsi acaba por caracterizar os distritos como lugares decadentes: “[...] os Distritos foram de grande importância durante a construção da cidade de Uberlândia e que por vários anos mantiveram uma vida ativa. Com o crescimento do Distrito Sede, porém, eles foram perdendo sua função”.¹⁰⁴ Embora não use a palavra decadência, dizeres como o de que a “vida ativa” dos distritos está no passado e que estes foram perdendo “sua função” sugerem essa ideia. A importância dos distritos como algo ligado ao passado é atribuição da autora; assim como o veredito de que hoje a vida nos distritos não é mais ativa. Igualmente, ter vida ativa parecer ser uma linha de argumentação para legitimar a importância da proposta: efetivar o corredor cultural nos distritos, incentivando o turismo.

Essas construções argumentativas e imagéticas perdem sua força se associadas com o viver dos moradores desses lugares. Eles mudaram sim, mas não entraram em decadência: exercem outros papéis que geram novas maneiras de viver e de trabalhar, novos problemas e novas demandas. Pelo que foi trabalhado até agora, percebe-se que os distritos são espaços inseridos na dinâmica do capital; por exemplo, são invadidos pelo agronegócio, que imprime

¹⁰³ ALMEIDA; KOURY, 2001/02, p. 35.

¹⁰⁴ CORSI, 2006, p. 2.

outros movimentos às relações de trabalho e de vida. Portanto, entendo que sejam espaços que devam ser caracterizados não como decadentes, mas como espaços transformados e em transformação pela dinâmica capitalista que gera demandas e problemas enfrentados por todos os moradores dos municípios. São espaços que tiveram suas “funções” econômicas e políticas modificadas por essa lógica capitalista; logo, não são lugares decadentes, mas inseridos numa dinâmica que produz desigualdade, presente em todo o espaço social do município, inclusive nas periferias. Destas, porém, não há imagens que romantizam o bucolismo; porque seriam lugares a ser apagados da memória urbana.

O trabalho de Corsi reitera essa ideia da decadência numa passagem textual onde discorre sobre o distrito de Miraporanga. Diz ela:

Em Miraporanga já houve uma vida bastante agitada, com suas festas religiosas, manifestações culturais, romarias mantendo viva sua história e seus relacionamentos interpessoais. Hoje, estas atividades quase já não acontecem e até mesmo a missa não é realizada todo fim de semana como o costume dos católicos. Com isso, a comunidade vai perdendo suas características, seu modo de vida, o que constituiu sua cultura.¹⁰⁵

Como se lê, a linha de argumentação dela procura reforçar a imagem dos distritos como lugares que perderam; mas — tenho procurado enfatizar no trabalho com as fontes pesquisadas — essa noção de perda e decadência ajuda pouco a entender o que é viver nesses lugares. Isso porque o centro de análise de qualquer sociedade tem de ser o processo histórico de transformação por que passa constantemente, o que não é diferente nos distritos. Essa ideia da decadência é recorrente em relação a Miraporanga e tem uma força enorme; provam isso a imprensa, a academia e até alguns moradores antigos, que relembram esse lugar como o mais importante de Uberlândia, mas que, dada as forças políticas, perdeu proeminência.

Se esse fato leva às construções imagéticas de decadência, então é necessário ir além e pensar nas relações travadas pelos moradores desse lugar que não estão fora do município, isto é, que participam de sua dinâmica, logo têm seus modos de vida, suas relações de trabalho e sua convivência transformados. Nessa lógica, acredito que entender essa realidade de vida mais a fundo requer trabalhar com a noção de reelaboração, e não a de perda ou de decadência. As palavras da professora Yara Aun Khoury são úteis aqui, porque elucidam como os processos históricos se forjam na sociedade à luz das experiências dos homens e das mulheres que a compõem:

¹⁰⁵ CORSI, 2006, p. 35.

Lidando com as problemáticas do trabalho e do trabalhador, das cidades e do viver urbano, refletindo sobre a cultura e a memória, vamos refazendo nossa noção de sujeito histórico. Isso requer ter em mente a perspectiva de lidar com homens e mulheres não como indivíduos compartmentados, mas fazendo-se socialmente, compartilhando experiências e memórias, moldando a realidade ao tempo em que são moldados por ela. Requer, também, repensar a noção de ação coletiva, não como a que se constituiu nesse mundo que hoje se desfaz diante de nós, mas aquela que se forja em meio a tendências em disputa, vontades e escolhas possíveis nas relações de poder vividas no social.¹⁰⁶

Politicamente, Miraporanga pode até ter “perdido” para Uberlândia o seu lugar, o problema é que essa imagem de “decadência” é usada como parâmetro para pensar o que é viver nesse lugar hoje. Todavia, o que se percebe é que se trata de um espaço com demandas e problemas decorrentes do desenvolvimento desigual que o capitalismo impõe às relações estabelecidas na sociedade; por isso, é a análise desse jogo social que pode questionar os significados do viver nesse espaço, marcado por “[...] disputas, vontades e escolhas”, as quais Khoury salienta.

Em agosto de 2010, na comemoração dos 122 anos de Uberlândia, o *Jornal da Vitoriosa* — programa de tevê da Rede Vitoriosa, afiliada ao SBT — exibiu uma série sobre os distritos de Uberlândia. No dia 24, o jornal enfocou Miraporanga, com uma abordagem que faz referência a importância do lugar no passado, mas que perdeu essa importância, o que é simbolizado pela fala do repórter Arcênio Correa combinada com a imagem das ruínas da casa de Domingas Camin,¹⁰⁷ considerada patrimônio histórico. Diz o repórter: “[...] em

¹⁰⁶ KHOURY, Yara Aun. O historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de. KHOURY, Yara Aun (Org.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olhos d’Água, 2006, p. 27.

¹⁰⁷ “Domingas Camin Guazelli nasceu em Mococa, Estado de São Paulo, no ano de 1901, filha de Pedro Ângelo Camin e Maria José Pereira dos Santos Camin. Em 1907, mudou-se com as irmãs para a capital, enquanto seus pais viajavam com seu irmão para a Itália, estudando durante nove anos e meio no Colégio Madre Xavier Cabrini. Aos 17 anos, casou-se com o italiano Dino Guazelli, união que teve como fruto três herdeiros: Ricardo José Guazelli, Clemente Guazelli e Pedro Ângelo Guazelli. Logo após o casamento, estabeleceram residência em Ribeirão Preto, mudando posteriormente para Pogos de Caldas, depois para o Rio de Janeiro. Em princípios da década de 1930, então viúva, transferiu-se para Uberlândia, Cruzeiro dos Peixotos, a convite do tio, Sr. José Camim, onde permaneceu por cerca de vinte anos. Nesse período, dedicou-se à fabricação de queijos, em parceria com o tio; e pôs-se a lecionar para crianças na Fazenda Quilombo. Posteriormente, teve como sócio na produção de queijos o Sr. Ângelo Biase, por aproximadamente dez anos. Em 1962, adquiriu terras e imóveis em Miraporanga, onde deu continuidade à produção de queijos, em sociedade com o Sr. Francisco Camin — neto de José Camin; instalando a fábrica na edificação ao lado de sua casa. Sem abandonar seu entusiasmo pelo educar, concedeu um terreno defronte à sua residência para que o então prefeito, Raul Pereira, construísse uma modesta sala onde pudesse ser implementada uma escola. Quando o Bispo Dom Almir decidiu demolir a Igreja de Nossa Senhora das Neves, em 1967, contou com o apoio de D. Domingas, que com o material retirado da demolição, principalmente a madeira, ajudou a edificar a nova Igreja próxima à sua residência. Falecida em 1998, a professora, costureira, parteira, empresária e escrivã deixou registradas sua vivacidade e paixão pelo trabalho e ensino na memória e na história de Miraporanga”. Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/2020.pdf>. Acesso em: 1º mar. 2013.

fevereiro de 2010, uma parte do telhado foi ao chão e, com isso, um pedaço de Miraporanga também. Mesmo assim, Miraporanga conta com o futuro, vindo da própria juventude que mora aqui e que ama o lugar”.¹⁰⁸ Como se lê, ele demarca a importância no passado e projeta o futuro nas novas gerações que vivem ali.

Entretanto, ao longo de toda reportagem, destaca-se o passado, ora pela casa de Domingas Camin, ora pela igreja de Nossa Senhora do Rosário: “A capela do Rosário é um marco histórico da chegada dos tropeiros à região”.¹⁰⁹ Ao falar dessa igreja, o repórter entrevista dona Maria Cremilda, que reside próximo da igreja e cuida da limpeza do lugar. Natural de Recife, vive em Miraporanga há mais de uma década; ao contar brevemente a história dela, o repórter diz que dona Maria não pensa em voltar para sua terra natal, pois em Miraporanga “[...] ela ganhou a tranquilidade e o sossego”.¹¹⁰

Além da ideia de decadência e de lugar do passado, essas construções imagéticas dos distritos passam pela ideia de bucolismo, de idílico, de lugar tranquilo para viver, como o repórter tenta transmitir aos seus telespectadores. Por exemplo, Martinésia foi tema do programa *Terra Gente* em 1988. Algumas frases ditas pela narradora do programa são emblemáticas: “São pessoas cristãs e que possuem grande bondade”,¹¹¹ “lugar tranquilo e sossegado”.¹¹² “Aqui as pessoas falam da importância do local no passado, da sua excelente agropecuária, da paz que prevalece até os dias de hoje.”¹¹³ A fala inicial da narradora é a seguinte:

Neste universo da região do Triângulo Mineiro, além da agropecuária, indústrias, empresas comerciais e outras atividades exigidas pelo mundo atual, existe muita riqueza para ser explorada na sua história. Voltar ao passado para valorizar o presente é uma viagem repleta de emoções. Nossa viagem deste domingo é o acompanhamento de um dos distritos de Uberlândia: Martinésia.¹¹⁴

¹⁰⁸ CORREA, Arcênio. Distritos de Uberlândia — Miraporanga (primeira reportagem da série). **Jornal da Vitoriosa**, Rede Vitoriosa, Uberlândia, MG, 24 de agosto de 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=uZxazPCKMA4>>. Acesso em: 3 jan. 2011.

¹⁰⁹ CORREA, 2010.

¹¹⁰ CORREA, 2010.

¹¹¹ TERRA da Gente. **TV Paranaíba**. Uberlândia, MG, 1988. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=gyMZlSiHjE>> e <<http://www.youtube.com/watch?v=-QTrJe5A1T4>>. Acesso em: 3 jan. 2011.

¹¹² TV PARANAÍBA, 1988.

¹¹³ TV PARANAÍBA, 1988.

¹¹⁴ TV PARANAÍBA, 1988.

A narradora continua a “viagem” mediante uma associação que põe a experiência de vida na cidade grande como mais válida, talvez porque ela reconhecesse como históricos apenas os fatos de expressividade nacional e internacional.

Apesar de relativo isolamento em relação aos maiores centros, muitas pessoas têm história para contar, é o caso do próprio Senhor Zoroastro, que aos 80 anos de idade acompanhou grandes momentos de nossa história, como a primeira guerra mundial e a revolução de 32 na Era Vargas. [...] Hoje a gente vê poucas pessoas nas ruas, as casas são silenciosas, mas mesmo assim transmitem uma sensação de viverem plenamente os dias atuais. Agora, por exemplo, muita gente está no campo, principal fonte de renda dos distritos.¹¹⁵

A fala final do programa faz estas considerações:

Martinésia é um lugar onde encontramos costumes, tradição, pessoas humildes, modestas, com uma simplicidade inexistente nos grandes centros urbanos, aqui a ambição é desconhecida e prevalece o companheirismo, a autenticidade, a consideração, o respeito e o amor ao próximo; a vida tem um sentido mais significativo, os sentimentos são expressos com sinceridade, o otimismo e a fé estão presentes no interior de cada cidadão, e o principal objetivo dessas pessoas de extrema sensibilidade é a procura incessante da verdadeira paz.¹¹⁶

As ideias verbalizadas, as imagens e a música de fundo constroem ou reafirmam imagens sobre os distritos como lugares tranquilos, sossegados, lugar de pessoas virtuosas¹¹⁷ e que, curiosamente, acompanham os acontecimentos importantes do mundo. A fala inicial — a metáfora da viagem — reforça a imagem de que os distritos estão no passado e que “viajar” por eles significa buscar um tempo que já se foi; enquanto a fala final reafirma uma ideia de pureza dos moradores, como se vivessem num mundo diferente do mundo capitalista vivido na cidade. Se assim o for, então parece ser contraditória a afirmação de que as pessoas “[...] transmitem a sensação de viverem plenamente os dias atuais”.

¹¹⁵ TV PARANAÍBA, 1988

¹¹⁶ TV PARANAÍBA, 1988.

¹¹⁷ No exame de qualificação desta tese, o professor Antonio de Pádua Bosi se referiu a essas imagens como não exclusivas do município de Uberlândia, pois a publicidade sobre Minas Gerais coincide com elas porque estariam articuladas — nas palavras dele — “[...] à ideia de uma Minas Gerais residual cuja memória dominante ofusca o passado de desigualdade e violência rotineira”. Ele exemplifica a constituição e reafirmação dessa imagem com a música “Simplicidade”, composta por John Ulhoa, do grupo Pato Fu, que gravou a música em 2005: “Vai diminuindo a cidade/ Vai aumentando a simpatia/ Quanto menor a casinha/ Mais sincero o bom dia/ Mais mole a cama em que durmo/ Mais duro o chão que eu piso/ Tem água limpa na pia/ Tem dente a mais no sorriso/ Busquei felicidade/ Encontrei foi Maria/ Ela, pinga e farinha/ E eu sentindo alegria/ Café tá quente no fogo/ Barriga não tá vazia/ Quanto mais simplicidade/ Melhor o nascer do dia”. ULHOA, John. Simplicidade (quinta música). In: PATO FU. **Toda cura para todo mal**. São Paulo: SONY/BMG, 2005. 1 CD, digital, estéreo. Acompanha livrero.

Em 27 de agosto de 2010, noutra série de programas de tevê sobre os distritos, o tema foi Martinésia, introduzido pelo repórter nestes termos:

A aparência é de um bairro, mas de perto é bem mais do que isso, Martinésia é um distrito. Lugar de pessoas acolhedoras, hospitaleiras, de gente que busca o silêncio, a tranquilidade. Um cenário privilegiado. [...] Aqui tem história nas ruas, nas casas antigas, nas pessoas que viram de perto a evolução do lugar, como dona Luzia. [...] Nestes 84 anos o distrito ainda continua pacato, até a chegada da tradicional festa de folia de Reis, quando reúne seis mil fiéis, tradição que também é mantida na fazenda Mata dos Dias e na festa de são João que acontece na igreja.¹¹⁸

Mais de duas décadas separam os dois programas de tevê; e algumas imagens permanecem: pessoas virtuosas, tranquilidade e sossego — que só seria quebrado por um momento de excepcionalidade como a festa de Santos Reis, que atrai milhares de pessoas. O programa de 2010 traz um elemento novo para o debate: a experiência da família Clarete, isto é, um casal que nasceu no distrito, mudou-se e retornou após a aposentadoria em busca da suposta tranquilidade. A câmera foca na horta que o casal cultiva no terreno da casa; como se quisesse sugerir o distrito como um lugar que proporcionaria aos moradores um modo vida incomum nos grandes centros urbanos. A opção por Martinésia significou, para essa família, “[...] abandonar a loucura de uma cidade grande”, como diz o repórter.

Consideradas em conjunto, essas reportagens deixam entrever uma “valorização” do lugar que é o distrito mediante imagens comuns a dois momentos diferentes: o bucolismo, as pessoas humildes e a tranquilidade. Mais que isso, essa valorização no plano da aparência tenta escamotear outras realidades experimentadas no espaço dos distritos. De fato, há uma paisagem exuberante ali; mas, contemplá-la supõe lidar com problemas como a violência, que poderia macular esse bucolismo. Em conversa com um morador do distrito de Miraporanga, indaguei se achava que Miraporanga havia mudado:

Luis — Bom, tem mudado de, tá crescendo, né?! Por exemplo, com a chegada dessas usina aí, mudou bastante. Mas tem muita coisa aqui também que, num valeu a pena mudá. Porque nós num temos segurança, porque a vista do que era, cresceu bastante! Muito mesmo! Mas nós num temos segurança, porque aqui, final de semana, é uma bebaiada horrível. A gente não tem sossego. [...] eles já reivindicaram várias vezes as autoridades competentes do

¹¹⁸ CORREA, Arcênio. Distritos de Uberlândia — Martinésia (segunda reportagem da série). **Jornal da Vitoriosa**, Rede Vitoriosa, Uberlândia, MG, 27 de agosto de 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=nwfr62M2Ytw>>. Acesso em: 3 jan. 2011.

município pra pôr policial aqui e parece que entra num ouvido e sai no outro. Não tão nem aí.¹¹⁹

Essa fala aponta um movimento de transformação do lugar, que passou a ser mais movimentado, graças — segundo o senhor Luis — à chegada das usinas de cana-de-açúcar à região; isto é, ao aumento do número de pessoas que por ali circulam e ao consumo excessivo de álcool, o que tem inquietado a população.

O problema da insegurança nos distritos considerados como espaços bucólicos remonta à década de 80 — talvez com menos intensidade do que hoje. Cabe citar a ata de uma reunião do CCDR de Martinésia:

O presidente do C. C. D. R. [conselho comunitário] de Martinésia, Sr. Elieutério Martins Pacheco falou inicialmente dos benefícios já recebidos e em seguida expôs as metas futuras que são: a ponte dos carrapatos, *criação de uma ronda policial*, reforma e iluminação do cemitério, melhorias nos campos de futebol, construção de uma quadra poliesportiva, Patrulha Mecanizada para atender os pequenos agricultores com o preparo de curva de nível e pequenas lavouras de arroz irrigado, melhora nos mata-burros e estradas da linha da CALU.¹²⁰ (Grifo meu).

Essa passagem deixa entrever os problemas enfrentados pela população local que a levavam a reivindicar uma ronda policial. No caso desta última, entendo que não seria reivindicada caso os moradores não tivessem percebido a existência de problemas de insegurança. Essa reivindicação parece indicar que ali ocorria algo que justificava a ronda. Não por acaso esse assunto aparece em outras reuniões do conselho. Em conversas com os moradores, citam assaltos a fazendas da região que se tornaram frequentes, gerando uma sensação de insegurança na população. A força dessa demanda pressionou as autoridades: em 2005, foi inaugurado um subdestacamento da Polícia Militar nesse distrito.

Também no distrito de Tapuirama se abordou o assunto segurança, por exemplo, nas discussões da Associação de Moradores. Em novembro de 2001, os moradores se reuniram:

[...] para tratarmos de certos assuntos como: segurança do Distrito; está comprometida, devido a falta de policiais e as condições precárias da viatura, tentar conseguir através da ajuda comunidade para proporcionar uma segurança com qualidade; pois aqui está havendo muitos assaltos e até um sequestro relâmpago [sic], com moradores daqui da comunidade

¹¹⁹ RIBEIRO, Luis (nome fictício). Miraporanga, Uberlândia, MG, 25 de fevereiro de 2012. Arquivo de mp3 (34 minutos). Entrevista concedida a mim em sua residência.

¹²⁰ MARTINÉSIA — distrito de Uberlândia, MG. Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural. Reunião. **Livro de atas 1.** Manuscrito. 25 de maio de 1985, p. 15–6.

de Tapuirama. [...] A reunião é pra ver se a gente consegue uma viatura nova para os policiais poderem se deslocar mais rápido e a nós da comunidade ficar mais tranquilos e esperamos muito breve ser atendidos.¹²¹

Em setembro de 2013, o programa de tevê *Chumbo Grosso*¹²² exibiu uma série de reportagens sobre a segurança nos distritos de Uberlândia. O jornalista que apresentava o programa — e a série — reforça a ideia de tranquilidade dos lugares em questão e defende a ideia de que a presença da polícia tem garantido a segurança neles. No programa sobre o distrito de Martinésia, a câmera focaliza a placa de inauguração do subdestacamento e reforça a imagem com a fala de moradores que afirmam ser ali um lugar seguro. A série termina no distrito de Miraporanga; o repórter começa o programa em frente à obra de construção do posto policial¹²³ e reafirma a noção de que a presença da polícia garante a tranquilidade, embora alguns moradores se refiram a problemas de segurança pública.

Da forma como é dita, a presença da polícia equivale à segurança. Entretanto, visto que a ronda policial chega por reivindicação da população, é provável que os problemas já existissem, a ponto de obrigar a população a reivindicar do poder público a presença da polícia. Uma pesquisa simples em *websites* de busca mostrará eventos indicativos da presença da violência nesses lugares: assaltos a fazendas, assassinatos, agressões, desova de cadáveres e outros indicam a coexistência entre violência, paisagem bucólica e a imagem de certa tranquilidade em relação às cidades.

A (re)valorização dos distritos no anos 2000 — em reportagens de jornais e trabalhos acadêmicos, por exemplo — traduz um elemento diferente, qual seja: a busca de lugares próximos ao campo que proporcionassem a tranquilidade que a correria das grandes cidades anula. A revalorização desses distritos converge para uma economia de mercado que encara os distritos — e o campo — como espaços a ser também consumidos por quem almeja a esse suposto sossego.

Estudioso do tema, José Graziano da Silva analisa as transformações por que passou o campo nas últimas décadas em razão, por exemplo, do aumento na produtividade

¹²¹ TAPUIRAMA — distrito de Uberlândia, MG. Associação de Moradores do Distrito de Tapuirama. **Livro de atas 2**, Manuscrito. 12 de novembro de 2001, p. 23–4.

¹²² *Chumbo Grosso* é um programa jornalístico-policial exibido de segunda-feira a sábado, das 7h às 8h, pela Rede Vitoriosa, afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT).

¹²³ Durante a inauguração de uma agência comunitária dos Correios em Miraporanga, foi anunciado que o distrito receberia também um posto policial, por meio de parceria entre a prefeitura de Uberlândia e a usina sucroalcooleira Vale do Tijucu. Em maio de 2014 essa Base Comunitária da Polícia Militar em Miraporanga foi inaugurada.

agrícola, da transformação das relações de trabalho, da invasão do espaço rural pelas indústrias, do uso do campo para atividades não agrícolas como o turismo, que esse autor assim vê na

[...] nova onda de valorização do espaço rural, [...] questões ecológicas, preservação da cultura “country”, lazer, turismo ou para moradia. Observa-se em todo mundo uma preocupação crescente com a preservação ambiental que estimulou novo filão do turismo: o ecológico. A nova forma de valorização do espaço vem a remodelar as atividades ali existentes, em função da preservação ambiental e do atendimento aos turistas. Na valorização da cultura “country” é simbólico o crescimento das festas de peões pelo interior brasileiro. A atividade de turismo rural também está se expandindo, o que se reflete no número ascendente de fazendas-hóteis e pousadas rurais. O espaço rural também está sendo cada vez mais demandado como espaço para lazer. Na última década, milhares de pesque-pagues proliferaram pelo interior. Nestes, a produção de peixes propriamente dita não é a maior fonte de renda, mas sim os serviços prestados nos pesqueiros, visando populações urbanas de rendas média e baixa. Também observa-se a expansão das construções rurais para segunda moradia das famílias urbanas de rendas média e alta, em chácaras e sítios de lazer no interior do Brasil.¹²⁴

Essa passagem aponta alguns dos muitos aspectos das transformações recentes na sociedade brasileira — mais especificamente no campo — que José Graziano da Silva estuda. Nelas, as relações no “agronegócio” estão se modificando nessas novas dinâmicas que implicam outras formas de viver e trabalhar. Exemplifica essa situação a “invasão” da cana-de-açúcar no distrito de Miraporanga.

Dadas essas transformações e aquelas dedutíveis das reportagens de televisão, percebo um movimento de mudança no significado das áreas rurais no bojo desse apelo pela preservação ambiental, pelo turismo rural ou pela busca desses espaços como moradia fixa — vide o caso da família Clarete, citada na reportagem — ou como moradia de fim de semana.

A academia absorve essas questões. Por exemplo, no trabalho de Elaine Corsi, que é uma proposta de revitalizar os distritos e constituí-los como espaço de turismo, ou seja, como alternativa de renda para seus moradores. Outros trabalhos também abraçam a ideia de fazer dos distritos de Uberlândia áreas de ecoturismo e turismo rural.¹²⁵

Com efeito, o campo e sua paisagem passam a ser oferecidos como bens consumíveis. Exemplo disso é o restaurante Ora pro Nobis no distrito de Cruzeiro dos Peixotos (MG).

¹²⁴ SILVA, José Graziano da; DEL GROSSI, Mauro Eduardo. O novo rural brasileiro. In: IAPAR (Org.). **Ocupações rurais não agrícolas:** anais: oficina de atualização temática. Londrina: IAPAR, 2000, v. I, p. 166. Disponível em: <http://www.iapar.br/arquivos/File/zip_pdf/novo_rural_br.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2012.

¹²⁵ Cf. ANDRADE; SANTOS, 2004.

Havia no *website* desse restaurante um texto significativo — e provocativo — da discussão sobre a “venda” do campo e seus atrativos como espaços de lazer a ser consumidos:

A paisagem possui um encantamento especial. O ambiente é tranqüilo. O barulho dos carros e a movimentação típica da cidade cedem espaço à calmaria do campo. A música que se ouve é a do canto dos pássaros. As refeições são feitas em mesas e bancos rústicos de madeira. A comida, feita e servida, no fogão à lenha. Tudo preparado em panelas de ferro e de pedra. Doces caseiros, queijos mineiros e até um armazém, onde são expostos os trabalhos artesanais dos moradores de Cruzeiro dos Peixotos fazem parte do cenário. Na porteira de entrada, o escrito na madeira: Ora-Pro-Nobis, um lugar onde mais do que servir a deliciosa comida mineira, oferece-se o prazer de estar na “roça”. A idéia partiu da jornalista Dolores Mendes. “Gosto da profissão de jornalista, mas o restaurante é o que me dá prazer, é uma paixão. Sempre senti falta de um lugar onde pudesse almoçar em contato com a natureza e passar uma tarde tranqüila. A gente precisava de um ambiente como este”, comenta Dolores. O encanto especial de Dolores pela comunidade e o fácil acesso ao Distrito foram os principais motivos que a fizeram escolher Cruzeiro dos Peixotos para abrir o restaurante. “Sempre gostei dos Distritos de Uberlândia. Eles representam o começo da cidade e têm patrimônios históricos, ainda incalculáveis. Coincidiu de eu encontrar em Cruzeiro um casarão à venda, onde era um antigo laticínio. Foi quando tive a idéia de fazê-lo sede do restaurante”, conta.¹²⁶

Essa passagem do texto — publicado originalmente na revista *Negócios* — traz elementos para discutir essa exaltação dos distritos como lugares tranqüilos e rurais, como espaços de patrimônio histórico, pois reafirma uma memória construída cujo objetivo é inserir os distritos no circuito do turismo, da economia de mercado, que explora o “bucólico” como valor a ser vendido à população. Não a que vive no distrito; mas a que vem de outros lugares para “consumir” a comida e o espaço. Numa sociedade capitalista, a construção dessa memória — ou sua reprodução nos dias atuais — tem nos valores de mercado sua lógica, que abrange os distritos na medida em que vivenciam mudanças nas relações de trabalho, na convivência e na vida em seus múltiplos aspectos.

Cruzeiro dos Peixotos é palco de um projeto realizado pela Universidade Federal de Uberlândia com o Serviço Social do Comércio (SESC/MG) e a empresa Viola de Nós Produções. Trata-se de um festival nacional de viola que já teve três edições (2011, 2012 e 2013). As chamadas

¹²⁶ COMIDA mineira. **Negócios**, Uberlândia, MG [*on-line*]. Disponível em: <<http://www.revistanegocios.com.br/imprime.asp?tp=0&nt=458&cat=15>>. Acessado em: 20 de maio de 2010. (O primeiro acesso foi feito no *website* do restaurante, www.orapronobis.com.br, onde o texto tinha o título de “Casarão é transformado em restaurante mineiro em Cruzeiro dos Peixotos”. O texto não está mais disponível no *website* do restaurante).

do festival na imprensa justificam sua realização em Cruzeiro dos Peixotos por ser esse distrito o berço de uma dupla sertaneja importante no cenário nacional: Pena Branca e Xavantinho.¹²⁷

O I FESTIVAL NACIONAL DE VIOLA DE CRUZEIRO DOS PEIXOTOS é uma realização da Universidade Federal de Uberlândia em parceria com o SESC/MG-Uberlândia e a produção da Viola de Nós Produções para o município, que pretende expandir e demonstrar para Uberlândia e região a riqueza do universo caipira brasileiro com utilização do genuíno instrumento, a viola caipira. O festival acontecerá nos dias 24, 25 e 26 de fevereiro de 2011 a partir das 18 horas, no DISTRITO DE CRUZEIRO DOS PEIXOTOS – UBERLÂNDIA/MG [...] Localizado no município de Uberlândia/MG, Cruzeiro dos Peixotos, é berço (local de nascimento e criação) da dupla Pena Branca e Xavantinho, que tanto contribuíram para a difusão da Cultura Caipira no país e exterior. O intuito de realização do I FESTIVAL NACIONAL DE VIOLA DE CRUZEIRO DOS PEIXOTOS é homenagear a dupla e o distrito. No local de realização do festival (Rua Belizário Dias, n.5, em frente a igreja matriz) será construído o primeiro Memorial da Viola Caipira Pena Branca e Xavantinho.¹²⁸

¹²⁷ “Pena Branca e Xavantinho faziam parte de uma família composta por 9 pessoas, dentre elas: o pai Francisco da Silva, a mãe Dolores Maria de Jesus, conhecida por Coitinha, e mais 5 irmãos. Pena Branca nasceu em Igarapava, região interiorana de São Paulo, e era o primogênito da família. Com dez dias de seu nascimento, a família decidiu se mudar para Minas Gerais, em Cruzeiro dos Peixotos, distrito de Uberlândia, localidade na qual ‘o pai possuía uma pequena lavoura e criava algumas cabeças de gado em terras arrendadas’ (JANGADA BRASIL, 1999), com a ajuda de Dona Coitinha, que auxiliava o marido no trabalho com a plantação. Nesse ambiente bucólico, nasceram os 6 irmãos de Pena Branca: Osvaldo, Antônio, Osmar, Maria Aparecida, Divina Eterna e também o Xavantinho. [...] Em 1956, Pena Branca [...] formou uma dupla sertaneja com Xavantinho. [...] Em 1961, Pena Branca e Xavantinho começaram a sonhar alto [...] apresentando-se, pela primeira vez, nesse meio de comunicação [o rádio], na rádio Educadora de Uberlândia, com o nome José e Ranulfo. [...] Ainda longe do sucesso, os dois irmãos trabalhavam nos centros urbanos como carregadores de caminhão, conciliando o trabalho braçal e o desejo de, um dia, poderem se dedicar somente à música. Não poderiam abandonar o emprego, já que o dinheiro adquirido por meio dele possibilitava o investimento em instrumentos musicais, como violas e violões. [...] Quatro anos depois, em 1968, [...] Xavantinho foi para São Paulo em busca do sucesso e, um ano depois, trabalhando numa transportadora dessa cidade, escreveu para o irmão Pena Branca, convidando-o a tentar a sorte na grande metrópole junto com ele [...] Mas, em 1969, os irmãos, firmes em seus propósitos, trabalhando de dia e ensaiando de noite, começaram a participar de encontros entre músicos, que tinham o objetivo de manter e divulgar a tradição da música caipira. Nesses encontros, era comum a presença de artistas consagrados no segmento de música sertaneja de raiz, como Tonico e Tinoco. [...] os irmãos não desanimaram e se inscreveram no festival MPB Shell de 1980, justamente com a música Que terreiro é esse, que outrora fora alvo de preconceito. Participar desse evento foi muito importante na carreira de Pena Branca e Xavantinho, não só porque a canção apresentada foi classificada para as finais, mas, acima de tudo, porque foi marcando presença em festivais como esse que vieram a conhecer grandes nomes da música, como Almir Sater e Renato Teixeira, com quem manteriam elos de amizade duradouros. [...] Alguns meses depois, ainda em 1980, conforme relato da revista Jangada Brasil (1999), os irmãos reencontraram Roberto de Oliveira, que é, atualmente, um dos diretores da Rede Globo, e este organizou e lançou o primeiro LP da dupla: Velha Morada, que incluía 12 canções. Todos apostaram na canção Velha morada, a mesma que serviu como sugestão para o nome do disco. No entanto, a música que mais se destacou e despertou a atenção da crítica e das pessoas foi Cio da Terra, composta por Chico Buarque e Milton Nascimento, cantores e compositores consagrados da MPB. A interpretação que Pena Branca e Xavantinho fizeram de Cio da Terra pode ser considerada um divisor de águas na carreira dos irmãos, já que foi por meio dessa canção que a dupla ganhou visibilidade nacional, sendo convidada até mesmo a se apresentar em importantes programas televisivos da época, assim como no programa Som Brasil, levado ao ar em 1981, pela Rede Globo e comandado por Rolando Boldrin [...]”. PAULA, Andréa Cristina de Paula. **A religiosidade na voz de Pena Branca e Xavantinho.** 2012. 158f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, p. 20-27. Xavantinho morreu em 1999 e Pena Branca, em 2010.

¹²⁸ I FESTIVAL Nacional de Viola de Cruzeiro dos Peixotos. **Viola de Nós Produções.** Disponível em: <<http://www.violaviva.org/festival.htm>>. Acesso em: 31/1/2011.

Cruzeiro dos Peixotos é apresentado como um lugar de “tradição” da música caipira, uma vez que nesse distrito nasceu Xavantinho, que fazia dupla com o irmão, Pena Branca; logo, a realização do festival nessa localidade não é mero acaso: ela alia aspectos fundamentais para o sucesso de um evento como esse. A localização do distrito, que geograficamente estaria na área rural do município, comporia um cenário condizente com o tipo de música apresentada: a caipira executada na viola. A edição de 2012 do festival abrangeu um público de oito mil pessoas segundo notícia do Jornal Correio; o que me parece um número expressivo de participantes ante uma população de quase mil habitantes em 2010 (vide TAB. 1, p. 82). Logo, existe um público que participa desses momentos de lazer que inspiram uma volta ao campo, dando ares de sossego e tranquilidade.

Além das imagens sobre o que é viver nos distritos do município, construídas e reafirmadas na fala de moradores, em reportagens de jornal impresso e televisivo e na produção acadêmica, as obras de memorialistas “dizem” o que é viver nesses lugares. O livro *Colcha de retalhos*, de Neire Jorge Resende,¹²⁹ exemplifica essa construção no caso de Tapuirama. Seu relato começa com a tradicional história da fundação do lugar e sua relação com a igreja e os nomes então “importantes”. Nesse trecho inicial, a autora dá o tom saudosista do livro, mediante fotografias da igreja: uma exibe um carro — que diz ser um Ford 1939; na sequência, outra tem em primeiro plano um carro de boi; uma terceira fotografia mostra a igreja após a instalação de um relógio. Essa composição de imagens e textos passa ao leitor a ideia de um lugar ligado ao passado, romantizado pela presença de bens antigos e vinculado ao bucolismo do campo, porém com alguns elementos do progresso. Essa ideia permanece ao longo do livro, numa história contada por meio de nomes importantes, festas, meios de transporte, time de futebol, escola etc. Desse modo, os assuntos abordados por ela vão compondo a “colcha de retalhos” da história do distrito de Tapuirama.

Na obra *Cidade dos sonhos meus*,¹³⁰ de autoria do memorialista Jerônimo Arantes, os distritos aparecem num capítulo específico: “Setor rural — distritos de municípios”. Essa

¹²⁹ O livro *Colcha de retalhos* não tem informações sobre data de sua publicação. Mas pela introdução é possível dizer que foi publicado em 2005 ou depois — “A história é do começo de Tapuirama até o início do ano de 2005!”, diz ela — e que foi moradora de Tapuirama — “Por não caber em meu coração e em meu pensamento todo o conhecimento da história de Tapuirama, quero compartilhar com vocês coisa que vivi e ouvi contar”, diz. RESENDE, Neire Jorge. *Colcha de retalhos*. S. l., s. d. [2005], p. 12.

¹³⁰ *Cidade dos sonhos meus* foi publicado pela editora da Universidade Federal de Uberlândia, em 2003, quando se comemoravam os 25 anos dessa instituição. As autoras que apresentam o livro — professora do Instituto de História da UFU Maria Clara Tomaz Machado e a então coordenadora do Arquivo Público de Uberlândia Valéria Maria Queiroz Cavalcante Lopes — referem-se ao livro como uma homenagem aos muitos memorialistas da cidade, em especial Jerônimo Arantes, que faleceu em 1983. Segundo elas, “Com 67 anos de idade, livre dos afazeres profissionais, pôde se dedicar a escrever e organizar este livro que, talvez para ele, coroasse suas aspirações de memorioso, englobando os vários folhetos e catálogos já publicados, que contavam,

organização da obra obedece ao original deixado pelo autor, posto que a edição do livro, pela editora da Universidade Federal de Uberlândia e pelo Arquivo Público Municipal, procurou — segundo Maria Clara T. Machado e Valéria Maria Q. C. Lopes — respeitar ao máximo uma primeira versão da gráfica revisada pelo autor.¹³¹ Ainda segundo elas, trata-se do texto de um memorialista, e não a de um historiador; logo,

A sua narrativa obedece a um plano cronológico, etapista, cujo sentido da “história” é linear, teleológico, denunciando a evolução e o progresso como fim último de qualquer história. As fontes que compõem o todo se delineiam estanques, em busca de um didatismo que pressupõe uma lógica daquilo que origina e constitui o real. Assim, a região, os fundadores, a primeira igreja, os distritos, o poder político, as efemérides, as escolas, as empresas, a imprensa, os recursos hídricos, o povoamento são itens que permitem visualizar o geral.¹³²

O memorialista escolhe como temas assuntos que culminam no progresso da cidade; e nessa lógica os distritos se tornam lugares diferentes da cidade. Mas, sem o estabelecimento do contraditório entre essa cidade progressista e os distritos rurais, eles comporiam o todo desse município promissor. O autor aborda a criação dos quatro distritos — cada um numa parte específica. Ao final das partes sobre Miraporanga (antiga Santa Maria) e Tapuirama, ele cita poemas assinados por Dalbas Júnior — pseudônimo do autor — que tematizam os distritos. Eis alguns versos dos poemas:

Santa Maria (Dalbas Júnior)

(Povoado)

Santa Maria.../ Recanto sossegado/ das ubérrimas terras de Minas,/ [...] / Santa Maria.../ noites de alegria,/ quando eu bem menino,/ corria atrás dos vagalumes/ a brincar... a saltar... a cantar... vendo o luar/ banhando de luz, a relva macia,/ que crescia à beira dos trilhos/ das ruas do povoado!!!/ Santa Maria!!!/ eu quero tanto/ a sua boa gente,/ onde eu contente,/ tendo essa amizade/ quisera viver a eternidade,/ e nunca morrer/ para não esquecer/ essa vida inocente,/ que a gente/ agora na mocidade/ sente tanta saudade!!!/ [...] / Santa Maria.../ [...] / Eu quero a vida abençoada/ e sossegada, da gente que aí/ mora longe da cidade.../ sem maldade — sem falsidade,/ sem o martírio, no delírio/ da vida afanosa e cruel,/ onde o fel é o balsamo consolador,/ a chaga inclemente,/ que aqui se sente/ na amargura de viver!!!/ Santa Maria!!!/ fique sempre bonitinha./ Não queiras crescer,/ para se envaidecer sendo cidade./ Conserva a tua poesia,/ [...] ¹³³

cada um deles, de forma parcial, as suas múltiplas representações da cidade”. MACHADO, Maria Clara Tomaz; LOPES, Valéria Maria Queiroz Cavalcante. O memorioso e suas representações sobre a cidade. In: ARANTES, Jerônimo. **Cidade dos sonhos meus**: memória histórica de Uberlândia. Uberlândia: ed. UFU, 2003, p. 9-10.

¹³¹ ARANTES, 2003, p. 10.

¹³² ARANTES, 2003, p. 10.

¹³³ ARANTES, 2003, p. 111.

Tapuirama (Dalbas Júnior)

Tapuirama!!/ Como são encantadoras/ as tuas manhãs radioas,/ quando o sol surge despontando/ seus esplendorosos raios de luz/ [...]/ Tapuirama!!/ Que doce musicalidade tem o gorgorio/ dos teus alegres passarinhos/ que cantam na galhada fortalhamente/ [...]/ Tapuirama!!/ Como eu gosto de contemplar/ a pureza do teu céu azulíneo/ numa noite de luar./ [...].¹³⁴

Os elementos que compõem os poemas sugerem ideias de tranquilidade, de um lugar que parou no tempo, de lugares de certa pureza que permitem contato mais estreito com a paisagem rural. Acredito que o autor buscou esses poemas justamente porque expressam sua compreensão desses lugares como locais de sossego, de uma gente sem a maldade da cidade, cercada pela paisagem rural. A maneira como os distritos aparecem no livro dá a entender que esses lugares têm realidades um pouco diferentes do que há na cidade que ele apresenta e que progride. Os distritos guardariam a tranquilidade do campo não mais encontrável nessa cidade que cresce.

Cabe dizer que as obras dos memorialistas fundamentam muitos trabalhos acadêmicos, a ponto de norteá-los em certa medida. Nesse caso, contribuem para reafirmar uma maneira de compreender os distritos que permeia produções acadêmicas e jornalísticas, assim como a própria compreensão que a população do município tem desses lugares.

Com efeito, os elementos de bucolismo, da ruralidade e da pureza são marcantes nas obras *Registro do patrimônio cultural e edificado das áreas diretamente afetadas, de entorno e de influência das usinas hidrelétricas de Capim Branco I e II e Práticas sociais e o reordenamento econômico das atividades de turismo e lazer no entorno das UHEs Amador Aguiar I e II*. A primeira foi organizada por Rossevelt José dos Santos e Kelen Borges Alves; a segunda, por Rossevelt José dos Santos. As sedes distritais de Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos estão na área de influência do empreendimento hidrelétrico em questão — as usinas Amador Aguiar I e II —, e os autores fazem um levantamento dos imóveis dignos de preservação que os detalha do ponto de vista arquitetônico, levanta as potencialidades turísticas desses lugares e descreve as festas religiosas e as comidas. A apresentação da primeira obra contém uma afirmação que direciona o entendimento dos dois livros: “A cultura dos diversos lugares estudados tem a ver com as práticas rurais estabelecidas na região do Triângulo Mineiro, a qual compõe o essencial deste estudo”.¹³⁵

Os dois trabalhos — que têm características de inventário — enfatizam os aspectos rurais desses lugares; e o fazem mediante o uso de fotografias, reproduzidas nos textos que descrevem

¹³⁴ ARANTES, 2003, p. 127.

¹³⁵ SANTOS, Rossevelt José dos; ALVES, Kelen Borges. **Registro do patrimônio cultural e edificado das áreas diretamente afetadas, de entorno e de influência das usinas hidrelétricas de Capim Branco I e II**. Uberlândia: Composer, 2005, p. 9.

essa construção imagética e não focam os conflitos e problemas cotidianos de moradores afetados por tal tipo de empreendimento, pois a instalação de usinas hidrelétricas como essas mudam os modos de vida dos moradores. Dona Sandra, por exemplo, toca nessa questão:

Renata — *A Usina mudou alguma coisa em Martinésia?*

Sandra — Mudou.

Mudou o quê?

É porque aumentou o trânsito, né?! Caminhões, caminhões, carro, aumentou, tanto pra ir pra... — como é que chama? Capim Branco II! — pra aqui também, o trânsito aumentou muito.¹³⁶

Essa fala põe em questão *um* dos muitos aspectos da interferência de empreendimentos hidrelétricos como o de Amador Aguiar II.¹³⁷ Os impactos ambientais e sociais são muitos; por exemplo: a inundação de áreas de cultivo agrícola, a interferência na biodiversidade e os problemas sociais da desapropriação de terras, para ficar em três exemplos. Mas as duas obras apresentam as mudanças de uma maneira tranquila, expressa na forma bucólica como os autores se referem às áreas afetadas e de influência. A apresentação da primeira obra justifica sua realização como possibilidade de registrar a cultura dos lugares atingidos de alguma forma pela construção.

A construção de obras visando a aproveitamentos hidrelétricos sempre implica em deslocamento das pessoas residentes na Área Diretamente Afetada (ADA) e no alagamento de bens edificados, sendo de impacto significativo para a memória coletiva de uma região, ocasionando uma inevitável perda das referências locais, principalmente por aqueles moradores diretamente atingidos. No caso do Patrimônio Cultural os impactos não são passíveis de serem mitigados em sua totalidade, principalmente no que tange ao patrimônio edificado. Desta forma, na perspectiva de minimizar tais impactos, neste livro procurou-se analisar os resultados do projeto de pesquisa, proposto quando da elaboração do EIA-RIMA. O livro justifica-se por possibilitar um registro documental das

¹³⁶ OLIVEIRA, Sandra (nome fictício). Martinésia, Uberlândia, MG, 27 de junho de 2012. Arquivo de mp3 (71 minutos). Entrevista concedida a mim na escola desse distrito.

¹³⁷ “O Consórcio Capim Branco Energia – CCBE, constituído pelas empresas Vale S. A (48,42%), Cemig Capim Branco Energia S. A (21,05%), Epícares Empreendimentos e Participações Ltda. (17,89%) e Votorantim Metais Zinco S. A (12,63%), administra as usinas hidrelétricas Amador Aguiar I e II. A Operação e Manutenção (O&M) é realizada pela Cemig Capim Branco Energia S. A. Com potência instalada total de 450 MW, as usinas foram implantadas no rio Araguari, entre os municípios de Uberlândia, Araguari e uma pequena porção do município de Indianópolis, na mesorregião do Triângulo Mineiro, Minas Gerais.” CONSÓRCIO CAPIM BRANCO ENERGIA/CCBE. **Institucional**. Disponível em: <<http://www.ccbe.com.br/institucional/>>. Acesso em: 30 mar. 2014. “Instalado em Belo Horizonte no ano de 2001, o escritório administrativo do CCBE foi transferido em 2003 primeiramente para Uberlândia e, ainda no mesmo ano, para Araguari. Em agosto de 2009, a sede do CCBE retornou definitivamente para a cidade de Uberlândia, onde permanece até os dias atuais.” CONSÓRCIO CAPIM BRANCO ENERGIA/CCBE. **Dez anos de CCBE em nossa região. Informativo Capim Branco**. Uberlândia, MG, ano IX, n. 9, set./dez. 2003, p. 2. Disponível em: <<http://www.ccbe.com.br/wp-content/uploads/2014/03/inf3pdf.pdf>>. Acessado em 30/03/2014. Em 2007, o nome das usinas foi alterado de Capim Branco I e II para Amador Aguiar I e II.

características culturais e construtivas do local afetado, relacionando-o com as Áreas de Entorno (AE), de Influência (AI) e mesmo com a sociedade mais abrangente, nas suas mais diversificadas manifestações, no momento de conhecimento quase que exclusivo da população residente.¹³⁸

Um livro como esse tem o mérito de registrar a vida, a história e o cotidiano dos lugares que tematiza. Mas é preciso ter cuidado de não transformá-lo numa “compensação” das perdas derivadas desse tipo de empreendimento, cujo bojo sempre traz um discurso de desenvolvimento da região, de geração de energia para abastecer o progresso. Também é preciso cuidar para que não se reforce uma imagem vitimizada das populações atingidas por esse tipo de empreendimento, as quais precisariam do saber e da racionalidade acadêmica para manter viva sua memória, para registrar saberes antes transmitidos oralmente.

Dito isso, percebem-se múltiplos viveres — em transformação — nos distritos de Uberlândia e que deles se constroem imagens pela imprensa, pelos moradores e pela academia. Interpretadas à luz da lógica desses agentes — fontes deste estudo —, tais imagens se prestam, em certa medida, a objetivos políticos e econômicos, a exemplo da efetivação de políticas públicas para os distritos e do uso desses lugares como espaços de lazer, turismo e segunda moradia. Uma vez apresentadas essas imagens construídas de como é viver nos distritos, convém centrar a análise na interpretação dos relatos dos moradores entrevistados a fim de problematizar a maneira como vivem e interpretam modos de viver nos distritos.

¹³⁸ SANTOS; ALVES, 2005, p. 8.

2

Os distritos na fala de seus moradores

Com base em fontes distintas (imprensa, obras de memorialistas e relatos orais de moradores), apresentamos no capítulo 1 certas imagens construídas de Martinésia, Cruzeiro dos Peixotos, Tapuirama e Miraporanga, distritos do município de Uberlândia, MG. Neste capítulo, problematizamos o viver nesses lugares à luz das narrativas orais dos moradores. Mas não se trata de estabelecer o contraditório entre o que seriam os viveres e as imagens, pois também as pessoas constroem imagens, que se aproximam e se distanciam daquelas presentes nos jornais, na historiografia e no discurso político e de órgãos públicos. A fala de um morador do distrito de Martinésia que me recebeu em sua casa, mas se recusou a gravar nossa conversa, oferece elementos úteis para iniciar esta problematização.

Com 87 anos de idade à época de nossa conversa, ele mora há mais de 50 na mesma casa. Ao chegar, apresentei-me e disse que gostaria de conversar sobre Martinésia: sobre como é viver ali. Então indaguei se o distrito tinha mudado. Eis sua resposta: “Que teve transformação, teve!”. Essa fala me impele a pensar em quais são as referências dessas mudanças. Ao adentrar a sala de sua casa, avistei um quadro com uma fotografia dependurado na parede. Perguntei se o lugar fotografado era Martinésia. Ele disse que sim. Então indaguei sobre a data em que foi tirada a fotografia. Ele tentou buscar essa informação na memória e, ao fazê-lo, usou como marco temporal a morte de sua esposa, no início da década de 90.

Logo, a fotografia teria sido tirada ainda nos anos 80. Ao conversarmos sobre a imagem, ele relatou mudanças como o asfaltamento da rodovia e das vias urbanas, assim como a construção do ginásio poliesportivo; também identificou sua casa, ao lado da qual havia uma beneficiadora de arroz.

O que significa, então, para esse morador — e para tantos outros — viver nos distritos überlandenses? Cabe retomar aqui a citação do jornal *Correio* (vide p. 14) onde se lê um relato sobre o caminho do ônibus que, na época, percorria o trajeto Uberlândia–distritos (Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos). Saliente o trecho onde o repórter afirma que aqueles eram “[...] caminhos que levam ao passado”.¹³⁹ Ora, o que o morador citado disse põe em xeque essa ideia, pois seu relato deixa entrever um lugar em transformação, que ainda guarda ares de lugar tranquilo e casarões antigos, mas não estagnado num tempo que já se foi; antes, ele relata as mudanças que foram chegando e alterando a vida de quem ali vivia e vive.

Em entrevista com o padre Francisco de Assis,¹⁴⁰ que à época da conversa atendia aos distritos de Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos já havia quase quatro anos, esse aspecto da transformação dos viveres é salientado quando lhe peço para falar de sua trajetória de vida:

[...] quando a gente veio pra cá, pro distrito, eu notei, assim, que aqui as pessoas, elas vivem duas realidades. É porque muitas, é, foram obrigadas a sair daqui e ir pra cidade, porque a situação econômica é, ficou muito difícil, porque a cidade desenvolveu; e aqui, aqui não acompanhou o desenvolvimento. Então, essas pessoas têm que sair daqui. Umas saíram daqui e foram pra cidade, outras moram aqui e vão pra cidade de ônibus e vai trabalhar e volta. Ou seja, a cidade virou, a cidade hoje, o Distrito virou, assim, uma convivência de final de semana; e também virou, assim, uma coisa em que a pessoa num aproveita mais o lugar onde vive, né?! Então, num tem mais essa, essa afinidade com os vizinhos, num tem mais, assim, porque não tem tempo! Porque amanhã ele tem que levantar, ele tem que pegar o primeiro ônibus de dez pra seis da manhã [às 5h50]. Então é essa coisa toda. E nessa, nesse, nessa corrida econômica, de cada um defendê o seu dia-a-dia, o seu pão, sua família, a sua situação econômica, é, também é, a religiosidade caiu bastante. Porque, as pessoas, elas não têm mais aquele tempo, de se confraternizar [...].¹⁴¹

As duas realidades de que fala o padre eu entendo como dois grupos de pessoas: as que optaram por sair do distrito; as que optaram por permanecer. Ele avalia a saída de muitos residentes como resultado da pressão imposta pelas dificuldades econômicas; isto é,

¹³⁹ ÔNIBUS faz diariamente uma viagem no tempo. **Correio do Triângulo**. Uberlândia, MG, 6 de novembro de 1994, ano 55, nº 16.703, “Cidades”, p. 7.

¹⁴⁰ Padre Francisco de Assis é natural de Divinópolis e sacerdote há 13 anos. À época da entrevista, ele residia nos fundos da Igreja de Santo Antônio, no distrito de Cruzeiro dos Peixotos. Em 2014, a diocese o transferiu para o município de Indianópolis.

¹⁴¹ SANTIAGO, Francisco de Assis Felipe. Martinésia, Uberlândia, MG, 23 de junho de 2012. Arquivo de mp3 (65 Minutos). Entrevista concedida a mim, na Igreja São João Batista.

consequência do que ele caracteriza como “não desenvolvimento” do distrito, que vejo como as poucas perspectivas de trabalho oferecidas por esse lugar em transformação que fizeram os nativos buscarem outras oportunidades na cidade. Quanto ao segundo grupo, ele vê com tristeza a mudança nas relações pessoais de convivência, que foram modificadas pelo que ele entende como falta de tempo para se encontrar, pois o trabalho e a sobrevivência ocupam a maior parte da vida desses moradores. Para o padre, essas alterações implicam queda da religiosidade, que ele define nestes termos: “[...] a religiosidade ficou muito restrita a certos horários, né!? O pessoal vem é [em] certos horários. Eles vêm à missa, por exemplo, na festa de São João Batista [...].”¹⁴²

Padre Francisco se refere a essa mudança no modo de participar dos momentos promovidos na Igreja usando a missa como exemplo. Segundo ele, as pessoas tinham o hábito de se reunirem para rezar o terço antes da missa, que ele vê como “ato de devoção” que foi se perdendo; diga-se, caracterizando o que chama de queda da religiosidade. Ele percebe que a participação nas missas tem se restringido a determinados momentos; e mesmo essa participação está se transformando com o passar dos tempos. Na sequência de sua fala, ele credita as alterações à “[...] situação econômica das pessoas [...]” e à cidade porque “[...] oferece muitas outras coisa, muitos outros atrativos, né!?”¹⁴³ A percepção do padre apresenta uma relação entre a religiosidade e o todo que compõe a vida das pessoas. Ele não entende essa religiosidade como algo à parte do que as pessoas vivem em seu cotidiano ao longo do tempo; pelo contrário, avalia as mudanças nos atos de fé em consonância com as mudanças nos modos de trabalhar, de se relacionar e de viver.

Outros trechos da análise que faz o padre Francisco ajudam a problematizar as questões que ele levanta:

São dois distritos velhos, são velhos, e não desenvolveu. Eu não sei o porquê. [...] por exemplo, tanto aqui como no Cruzeiro [...] Nós num temos uma farmácia. Não! Num tem não. Nós num tem um correio.

Renata — *Aqui também não tem correio?*

Pe. Francisco: Não tem.

Renata: *Agência bancária?*

Não tem. Não tem! Nós não temos um supermercado, nós não temos açougue, então tudo nós temos na cidade. Quem tem carro, às vezes, compra lá no [supermercado] Bretas, enche o carro e trás, e, como diz o outro, [...] Pra suprir a sua dispensa, tal e tal. Mas e quem num tem? É uma questão muito difícil, porque aí a gente tem, tem que, lá no Cruzeiro, nós temos pessoa que vende frango, que vende leite, essas coisas assim, verduras, né?! Pessoas que plantam verduras nas hortas em casa e vende alface, tudo. Mas a

¹⁴² SANTIAGO, 2012.

¹⁴³ SANTIAGO, 2012.

gente pensa, assim, por quê que aqui é, [aqui] num desenvolveu? Porque se aqui fosse desenvolvido, um desses distrito teria autonomia, né?! Autonomia política, que seria, assim, uma coisa muito interessante aqui; mesmo indústria, né?! Ter uma indústria aqui ou lá no Cruzeiro porque já tem muito espaço, ou aqui ou lá no Cruzeiro, né?! [...] Então, assim, aqui, as pessoas, é, diz o pessoal daqui, da Martinésia, que aqui já teve muita coisa, já teve muita coisa aqui, quando tinha muita gente, já teve açougue, já teve armazém, assim sortido, é, já teve uma farmácia, né?! [...] Então aqui já teve muita coisa, mas depois as pessoas foram mudando, foram saindo, foram se migrando, foram, sabe?! E aí a, essas coisas foram é, assim, acabando.¹⁴⁴

Essa narrativa ressalta uma noção de desenvolvimento como sinônimo de progresso, de mudanças graduais que levariam ao crescimento econômico do lugar. Associado à noção de capitalismo, o termo aponta a evolução do sistema, sempre em direção de seu aperfeiçoamento, que, embora seja seletivo e excludente, torna-se opção nas políticas públicas não só municipais. Padre Francisco destaca o que foi perdido, assim como o que é ausência — a falta de indústrias e de um comércio mais variado, por exemplo. Nos distritos de Uberlândia, faltam farmácias e açouques; existem os armazéns — mas a população reclama dos preços. Numa palavra, o comércio é incipiente — é mantido por bares, sobretudo. Nesse caso, a indústria seria um sinônimo de progresso: indicaria uma etapa do capitalismo mais avançada do que aquela vivida nos distritos durante a década passada: novos produtos, outros empregos, maior participação política no município e possível fixação dos moradores.

A fala do padre, ao mesmo tempo morador e observador dos viveres nesses distritos, aponta como a sobrevivência — o trabalho — pressiona¹⁴⁵ os moradores; noutros termos, põe em xeque a ideia expressa na reportagem citada antes que caracteriza os distritos como lugares do passado. Afinal, os moradores enfrentam problemas idênticos aos que os cidadãos da sede do município enfrentam. Na reportagem, o distrito parece ser mera paisagem de casarões antigos, vida pacata e desprovida de gente. Se assim o for, então essa imagem

¹⁴⁴ SANTIAGO, 2012.

¹⁴⁵ Edward P. Thompson e Raymond Williams fazem reflexões centrais sobre as relações entre economia, política, sociedade e cultura. Thompson põe “[...] em questão a ideia de ser possível descrever um modo de produção em termos ‘econômicos’ pondo de lado, como secundárias (menos ‘reais’), as normas, a cultura, os decisivos conceitos sobre os quais se organiza um modo de produção”. THOMPSON, E. P. Folclore, antropologia e história social. In: _____. **A peculiaridade dos ingleses e outros artigos**. Campinas: ed. UNICAMP, 2001, p. 25. Não há como separar as várias “instâncias” do viver das pessoas: *aqui* é trabalho, *aqui* é lazer, *aqui* é religiosidade. Essas instâncias estão absolutamente imbricadas. Assim, poderíamos pensar no que diz Williams: “[...] o econômico impõe limites e exerce pressões”? WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. **Revista USP**, São Paulo, n. 65, mar./maio 2005, p. 210. Ambos os autores pensam no interior do marxismo, logo não desconsideram as questões econômicas; mas não as colocam como determinantes — embora reconheçam sua importância: “[...] há um sem-número de contextos e situações em que homens e mulheres, ao se confrontar com as necessidades de sua existência, formulam seus próprios valores e criam sua cultura própria, intrínsecos ao seu modo de vida” — THOMPSON, 2001, p. 261. Ao fim de seu texto, esse autor salienta que as relações produtivas são vivenciadas na vida social e cultural, repercutem nas ideias e nos valores humanos e são questionadas nas ações, escolhas e crenças humanas.

possibilita problematizar justamente o quanto complexo é viver nesses lugares, porque pouco ou nada se difere de viver numa cidade como Uberlândia, de mais de 500 mil habitantes.

O que diz o padre Francisco indica que esse processo é complexo, porque supõe ir além de uma caracterização do distrito como negação da cidade, ou seja, como o “não desenvolvido”. Construída e reforçada pelos moradores, pela imprensa, pela academia, a ideia do “não desenvolvimento” ajuda a legitimar uma noção dos distritos como lugar da decadência: outrora ativos, agora quase inativos (“decadentes”), por causa de um processo de transformação da realidade social do campo e da cidade em fins do século XX e início do XXI. Entendo que essa noção de “não desenvolvimento” reforçada até pelos moradores é mais uma construção discursiva para explicar as transformações que eles estão vivendo. O lugar que “não se desenvolveu” serve para alimentar uma possível indústria do turismo rural, que busca nos distritos um tempo ido, mas que deixou vestígios e marcas de práticas e tradições que suscitam a curiosidade e poderiam ser ali encontradas. (Essa possibilidade de exploração se vale da ação da imprensa e da academia). Também serve ao poder público como instrumento para angariar votos.

Com base na fala do padre Francisco, discuto questões que ele levanta, a exemplo da modificação da configuração populacional, das relações de trabalho, das transformações nas relações pessoais de convivência e, sobretudo, na saída de muitos moradores dos distritos em busca de alternativas de vida na cidade. As tabelas a seguir oferecem dados estatístico-demográficos que permitem entender mais alguns processos dessa questão.

TABELA 1
Município de Uberlândia: população dos distritos (1950–2010)¹⁴⁶

DISTRITO	POPULAÇÃO TOTAL						
	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Uberlândia distrito-sede	42.810	78.895	111.610	235.554	360.809	492.056	591.361
Cruzeiro dos Peixotos	3.463	3.065	2.054	1.170	997	1.176	976
Martinésia	3.086	2.095	2.089	930	927	871	836
Miraporanga	2.568	2.293	2.297	1.913	2.703	4.985	6.948*
Tapuirama	3.057	1.934	1.634	1.607	1.625	2.126	3.892
Total	54.984	88.282	119.714	241.174	367.061	501.214	604.013

* Esse número inclui moradores dos loteamentos Morada Nova (com exceção do Morada Nova 8) e Uirapuru, que somam uma população de 2.459 habitantes

¹⁴⁶ Cf. MONTES, 2006; UBERLÂNDIA. Prefeitura. Secretaria de Planejamento Urbano. **Banco de Dados Integrados (BDI)**. Apresentação, caracterização do território, aspectos demográficos, aspectos institucionais e administrativos, sistemas fazendários. 2011. Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/1428.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2012.

TABELA 2
Município de Uberlândia: população total (urbana e rural)
residente nos distritos (1991–2010)¹⁴⁷

		NÚMERO DE HABITANTES		
		1991	2000	2010
Cruzeiro dos Peixotos	Total	997	1.176	976
	Urbana	295	390	482
	Rural	702	786	494
Martinésia	Total	927	871	836
	Urbana	290	330	461
	Rural	637	541	375
Miraporanga	Total	2.703	4.985	6.948
	Urbana	788	115	240
	Rural	1.915	4.870	6.708
Tapuirama	Total	1.625	2.126	3.892
	Urbana	1.268	1.596	1.981
	Rural	357	530	1.911

Os dados expressos nessas tabelas evidenciam a proeminência da população urbana em todo o município nas últimas décadas. Pesquisador do assunto, Wenceslau Gonçalves Neto¹⁴⁸ aponta que, na década de 60, mais da metade dos brasileiros vivia no campo e que, nos anos 80, esse porcentual girava em torno de 30%. O município de Uberlândia passou por esse processo de reconfiguração populacional, como indica Vera Lúcia Salazar Pessoa¹⁴⁹ à luz dos censos demográficos: dos 54.984 habitantes do município no decênio de 50, 20.118 (36,6%) viviam no campo e 34.866 (63,4%), na cidade. Na década de 80, a população somou 241.180 habitantes — 231.808 residiam no meio urbano; 9.372, no meio rural. Noutros termos, 96,2% da população überlandense vivia na cidade (ou seja, 3,8% continuaram no campo). Eis por que cabe dizer que houve uma transformação no perfil populacional: passou a ser predominantemente urbano. Enfim, pelos dados da Tabela 1, é possível perceber que entre os anos 60 e 80 os distritos perderam população. Se em Miraporanga e Tapuirama a perda cessou nas décadas de 1990 e 2000; em Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos a população continuou a decrescer, com nuances em certos períodos.

¹⁴⁷ Cf. MONTES, 2006; UBERLÂNDIA, 2011.

¹⁴⁸ GONÇALVES NETO, Wenceslau. **Estado e agricultura no Brasil**: política agrícola e modernização econômica. 1960-1980. São Paulo: Hucitec, 1997, p.23. O pesquisador trabalha o processo de modernização da agricultura, evidenciando as modificações ocasionadas pela ampla intervenção estatal no campo, incentivando a inserção de novas tecnologias, via crédito rural, dentre outras medidas. No entanto, mostra as contradições de tal processo, uma vez que se privilegiou grandes produtores, determinadas culturas e regiões do país. A modernização do campo brasileiro implicou numa significativa reconfiguração populacional devido à elevada saída do homem do campo em função desse complexo processo de transformação do meio rural brasileiro.

¹⁴⁹ PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. **Características da modernização da agricultura e do desenvolvimento rural em Uberlândia**. 1982. 164f. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquista”, Rio Claro, p. 30.

Os dados estatísticos deixam entrever uma questão-chave: a definição do que seja rural e urbano. Em *O rural e o urbano: é possível uma tipologia?*, estudo derivado de sua tese de doutorado em Geografia, defendida na Universidade Estadual Paulista (UNESP), Eduardo Paulon Girardi esclarece que

A definição oficial brasileira de rural e urbano é baseada na *lei* e desconsidera o mensuramento de características como o tamanho populacional, ocupação, renda ou pressão antrópica. A classificação baseia-se nas áreas, sendo a população classificada como rural ou urbana de acordo com a localização de seu domicílio. Para o IBGE são urbanas as sedes municipais (cidades) e as sedes distritais (vilas), cujos perímetros são definidos por *lei municipal*. Também são consideradas urbanas as *áreas urbanas isoladas*, igualmente definidas por lei municipal, porém separadas das cidades ou das vilas por área rural ou outro limite legal. (IBGE, 2000, v. 7). As áreas rurais são aquelas fora dos perímetros definidos como urbanos.¹⁵⁰

Nesse trecho, Girardi expõe brevemente o entendimento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE (a origem dos dados apresentados) do que seja população urbana e rural segundo a localização dos domicílios.¹⁵¹ Esse autor ainda apresenta as vertentes

¹⁵⁰ GIRARDI, Eduardo Paulon. **O rural e o urbano:** é possível uma tipologia? Presidente Prudente, 2008. Disponível em: <http://www.geo.uel.br/didatico/omar/modulo_b/a12.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2014, p. 7.

¹⁵¹ “O IBGE utiliza oito classes de *localização da área* do domicílio nos censos. Para contabilizar a população rural e urbana o instituto agrupa essas classes. Segundo o IBGE a população *urbana* é formada pelos habitantes das seguintes *localizações de área*: 1. *Áreas urbanizadas de cidades ou vilas*: ‘são aquelas legalmente definidas como urbanas, caracterizadas por construções, arruamentos e intensa ocupação humana; as áreas afetadas por transformações decorrentes do desenvolvimento urbano, e aquelas reservadas à expansão urbana.’ (IBGE, 2000. v.7, não pag.). 2. *Áreas não-urbanizadas de cidades ou vilas*: ‘são aquelas legalmente definidas como urbanas, caracterizadas por ocupação predominantemente de caráter rural.’ (IBGE, 2000. v.7, não pag.). 3. *Áreas urbanas isoladas*: ‘áreas definidas por lei municipal, e separadas da sede municipal ou distrital por área rural ou por um outro limite legal.’ (IBGE, 2000. v.7 não pag.). A população *rural* é classificada segundo cinco localizações da área: 1. *Aglomerado de extensão urbana*: são os assentamentos situados em áreas fora do perímetro urbano legal, mas desenvolvidos a partir da expansão de uma cidade ou vila, ou por elas englobados em sua expansão. Por constituírem uma simples extensão da área efetivamente urbanizada, atribui-se, por definição, caráter urbano aos aglomerados rurais deste tipo. Tais assentamentos podem ser constituídos por loteamentos já habitados, conjuntos habitacionais, aglomerados de moradias ditas subnormais ou núcleos desenvolvidos em torno de estabelecimentos industriais, comerciais ou de serviços. (IBGE, 2000, v.7 não pag.). 2. *Povoado*: é o aglomerado rural isolado que corresponde a aglomerados sem caráter privado ou empresarial, ou seja, não vinculados a um único proprietário do solo (empresa agrícola, indústrias, usinas, etc.), cujos moradores exercem atividades econômicas, quer primárias (extrativismo vegetal, animal e mineral; e atividades agropecuárias), terciárias (equipamentos e serviços) ou, mesmo, secundárias (industriais em geral), no próprio aglomerado ou fora dele. O aglomerado rural isolado do tipo povoado é caracterizado pela existência de serviços para atender os moradores do próprio aglomerado ou de áreas rurais próximas. É, assim, considerado como critério definidor deste tipo de aglomerado, a existência de um número mínimo de serviços ou equipamentos. (IBGE, 2000, v.7 não pag.). 3. *Núcleo*: é o aglomerado rural isolado vinculado a um único proprietário do solo (empresa agrícola, indústria, usina, etc.) dispondo ou não dos serviços ou equipamentos definidores dos povoados. É considerado, pois, como característica definidora deste tipo de aglomerado rural isolado, seu caráter privado ou empresarial. (IBGE, 2000, v.7 não pag.). 4. *Outros aglomerados*: são os aglomerados que não dispõem, no todo ou em parte, dos serviços ou equipamentos definidores dos povoados e que não estão vinculados a um único proprietário (empresa agrícola, indústria, usina, etc.). (IBGE, 2000, v.7 não pag.). 5. *Área rural exceto aglomerado*: são as áreas não classificadas como urbanas ou aglomerados rurais.” GIRARDI, 2008. Disponível em: <http://www.geo.uel.br/didatico/omar/modulo_b/a12.pdf>. Acessado em: 28 fev. 2014, p. 22-4.

distintas de entendimento do que seria o rural e o urbano nos estudos geográficos das duas últimas décadas.¹⁵² Isso porque esse assunto tem sido tema recorrente no debate recente sobre a questão.

No caso dos distritos, cabe notar que a população de suas sedes entra na categoria urbana. Assim, embora os distritos überlandenses sejam aclamados pela imprensa, pela academia e pelo poder público muito mais pelo que têm de rural (até os moradores apresentam uma identificação forte com o meio rural em seus modos de vida), estatisticamente os domicílios distritais são definidos como urbanos. A tranquilidade alardeada — os ares de campo — tende, muitas vezes, a escamotear os problemas, as dificuldades encontradas pelos moradores, as quais são expressivamente demandas de atributos urbanos.

Os dados estatístico-demográficos citados antes indicam as transformações por que passou a sociedade, ou seja, dão indícios de que algo está mudando. Apontam uma alteração na feição demográfica do município de Uberlândia. Mas é preciso ter em mente que “Isso [os números] é bom para aqueles que gostam de fofocas quantitativas, mas devemos agora empreender trabalho sério e questionar: qual o significado da forma de comportamento que tentamos calcular?”.¹⁵³ Mais que alertar, essa prescrição de Thompson — feita em seu estudo sobre a *Venda de esposas na Inglaterra do século XIX* que retoma os números dessa prática — inspira a ir além da quantificação estatística, além do aparentemente aclarado pelos números; pois entendo que é o *significado* dos processos sociais quantificados que precisa de investigação. Nesta tese, o uso dos dados estatísticos busca subsidiar inferências de que houve, de fato, uma transformação significativa na configuração da população brasileira, à qual nem o município de Uberlândia nem os moradores de seus distritos ficaram incólumes.

Cabe reiterar a discussão que fiz em minha dissertação de mestrado em História, *Proprietários rurais do distrito de Martinésia (Uberlândia–MG)*, sobre parte desse processo de transformação do campo, em específico no distrito de Martinésia; onde verifiquei a experiência de proprietários rurais que vivenciaram a saída de amigos e familiares do distrito e permaneceram, mas não nas áreas urbanas, e sim nas áreas rurais (fazendas e sítios). Essa permanência implicou o reordenamento das atividades produtivas e significou transformação

¹⁵² Segundo Girardi, “[...] existiriam atualmente duas grandes abordagens sobre as definições de campo e cidade: a dicotômica e o *continuum*”; na primeira, campo e cidade se opõem; na segunda, a industrialização aproxima “[...] o campo da realidade urbana” — GIRARDI, 2008, p. 3. O trabalho desse pesquisador detalha como cada vertente interpreta a temática e quais seriam os autores de cada uma.

¹⁵³ THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre cultura popular. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 314.

nas relações de convivência entre a vizinhança e nas formas de realizar as festas religiosas. As mudanças abarcam processos mais amplos que a produção rural em si. Para muitos proprietários de terras de Martinésia, permanecer aí pressupõe substituir culturas de subsistência por culturas de mercado. Muitos optaram pela pecuária de leite ou corte, com isso os alimentos que eram produzidos na própria propriedade passaram a ser comprados na cidade.

As transformações trouxeram dificuldades, porque implicaram a inserção de novas tecnologias nem sempre acessíveis a pequenos proprietários, dados os custos. Com isso, foi — e é — preciso elaborar estratégias que permitissem permanecer no campo, por causa da vida que este proporciona e de uma relação de afetividade com a terra que vai além do lucro com a produção agrícola. Permanecer significa, então, continuar a viver na e da terra — os mais velhos têm ainda a renda de aposentadorias; porém, a permanência implica reorganizar as propriedades, e isso interfere na organização econômica do distrito. Por exemplo, a pecuária emprega um número menor de trabalhadores do que a agricultura como era praticada antes.

As alterações nas relações de trabalho nesses espaços não podem ser vistas isoladamente da realidade social na sociedade capitalista — desigual — em que vivemos. Assim, os dados estatísticos citados antes permitem ver que as realidades de cada um dos quatro distritos überlandenses se diferem entre si. Ver que, no período 1980–2000, Miraporanga e Tapuirama ganharam população, enquanto Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos continuaram a perder. Montes cogita que o crescimento da população de Tapuirama na década de 90 se vincula à chegada de muitos trabalhadores da Bahia, sobretudo para trabalhar na extração de resina no entorno do distrito. A empresa Jurandir Proença Lopes Resinas se instalou em Tapuirama em 1993. Segundo informações dos moradores, a empresa diminuiu consideravelmente a atuação nessa região. Montes aponta ainda uma possível explicação, também, para o crescimento populacional de Miraporanga:

[...] os grandes latifundiários estão se tornando empresas rurais como a Cargil (produtora de laranjas) e empregam mais pessoas que as antigas fazendas e, também, devido ao assentamento rural conhecido como Maringá,¹⁵⁴ que concorreu para aumentar o número de moradores rurais do distrito.

Deve-se acrescentar aos dados de Montes a inserção, nos últimos anos, da cultura da cana-de-açúcar em Miraporanga, que tem atraído pessoas, sobretudo nordestinos, para

¹⁵⁴ MONTES, 2006, p. 78.

trabalhar. O cultivo da laranja ainda permanece nesse distrito, agora comandado pela empresa Fisher,¹⁵⁵ e não pela Cargil.

De fato, os quatro distritos apresentam cenários diferentes. Mas entendo que as transformações vivenciadas pelos moradores de ambos compõem um mesmo processo de transformação da sociedade e do campo brasileiros, em especial em fins do século XX e no início do XXI. Em conversa com José Luis Biasi, morador de Cruzeiro dos Peixotos, ele comenta um pouco essa transformação do campo em seu distrito:

Renata — *E as fazendas aqui do entorno, José Luís, o quê que o pessoal faz, assim, nas fazendas? Tem plantações... Ou mais é gado...?*

José Luís — É mais, é, hoje é mais é gado, né?! Hoje num tem plantação. De primeiro, era muito lavoura, nossa! Era muito trem de colhê, hoje num colhe nada, hoje é na cidade.

Nem hortaliça, nada disso?

Caiu muito. Vinte ano atrás, era uma febre de, de horta. Hoje num tem isso mais. Hoje a coisa deu muito doença, então todo mundo parou. [...] Mexe é com gado; e mais: o povo tá partino mais é pro gado de corte, e não o gado de leite. Aí que tá, tem muitas doença. Trabalhano no vermelho, então... [Risos]. Então, tá indo mais pro lado de gado de corte.¹⁵⁶

Igualmente, Luiza Barbosa fala dessa transformação do campo em Cruzeiro dos Peixotos:

Renata — [...] o tipo de cultivo... Isso mudou? As pessoas que estão no campo [...], você falou que produziam de tudo, hoje parece que não mais?

Luiza — Mudou, porque, por exemplo, o meu pai, ele plantava pra subsistência, né?! Ele plantava o milho, que dava pro ano inteiro, ele plantava o arroz que dava pro ano inteiro, é... Criava o porco, criava galinha... [...] Então hoje ninguém mais... aqui, por aqui, ninguém planta! Às vezes alguém planta o milho, mas é pra fazê silagem e pronto, né?! Criação de gado.

As propriedades estão vivendo mais é da pecuária?

É, é gado, né?! Cê já compra, põe lá e vive do dinheiro e pronto.

As plantações já desapareceram?

É. Aqui por perto, aqui nos, aqui tem uma fazenda aqui embaixo, que hoje ela é do Martins, do Celso Martins, lá plantava, hoje é só gado. É uma fazenda muito grande!

¹⁵⁵ Multinacional de origem brasileira, o grupo Fischer foi fundado em 1932. Segundo informações disponíveis no website do grupo, as áreas de atuação são: “[...] produção e industrialização de laranja, e exportação de suco de laranja [...] se cercando de cuidados em todas as etapas de seu negócio: cultivo, manejo, produção, processamento, estocagem e distribuição. Cuidados esses que se estendem às suas demais atividades como a produção e processamento de maçãs e suco de maçãs no Estado de Santa Catarina, e ainda na operação logística com embarcações de apoio marítimo às plataformas de petróleo, construção e reforma naval e dragagens portuárias”. Disponível em: <http://www.cborio.com.br/fischer/fischer/sites/fischer/portal_grupo/grupo_fischer/historia_paginada.html> Acessado em: 22 fev. 2012.

¹⁵⁶ BIASI, José Luis. Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG, 30 de agosto de 2012. Arquivo de mp3 (43 minutos). Entrevista concedida a mim, em sua residência no distrito.

Acho que você já me falou que plantava muita coisa...

Luiza: E é uma fazenda enorme! Hoje é gado. Não que o gado não seja importante, é lógico: tá virano carne, tem muito açougue, tem... Mas é só, só gado lá. E mesmo os pequenininho, ninguém mais planta, eles fala que não, por que eu num vou ter como pagá trator [...] eu compro! Aí todo mundo pensa assim, aí ninguém planta, aí...¹⁵⁷

Luiza e José Luis têm trajetórias parecidas: nasceram na fazenda, depois foram para as sedes distritais — viveram quase a vida toda em seus distritos de origem. E ambos apontam alterações nas formas de produzir nesse campo: se antes as famílias produziam os alimentos necessários à subsistência, hoje essa produção não compensa em virtude dos custos dos insumos agrícolas e do maquinário necessário, dentre outros. Para permanecer nesse lugar, os proprietários rurais buscam alternativas como mudar a atividade exercida; isto é, adotar a pecuária como possibilidade de permanência na terra — produtores maiores têm a possibilidade de obter lucros mais elevados, pois a atividade agrícola ficou dispendiosa.

Essas dificuldades ajudam a entender um pouco a queda populacional nesses dois distritos. O relato desses moradores — e de muitos outros — sugere que se mudar para a cidade foi o caminho de muitos dessa região em fins do século XX. Cruzeiro dos Peixotos vivenciou um leve aumento populacional na década de 1990, mas nos anos 2000 perdeu população de novo. Assim, entendo que esse pequeno aumento — vide Tabela 1 — não indica mudança nas maneiras de viver, produzir e trabalhar nesse lugar; do contrário, a população do distrito não voltaria a decrescer na década seguinte.

Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos vivem, então, uma realidade no mercado de trabalho que gira em torno de alguns postos de emprego nas fazendas (como vaqueiro, diarista ou na construção de cercas e similares). Entre os distritos, foi instalada, por volta de 2011, uma sementeira que, segundo informações dos moradores, é ligada à empresa multinacional Bayer e emprega moradores. (Não encontrei mais informações sobre o empreendimento.) Nas proximidades de Cruzeiro dos Peixotos, um frigorífico¹⁵⁸, uma empresa produtora de adubos e algumas pedreiras também empregam moradores do distrito. Muitos trabalham na cidade de

¹⁵⁷ BARBOSA, Luiza (nome fictício). Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG, 14 de setembro de 2012. Arquivo de mp3 (29 minutos). Entrevista concedida a mim, na escola do distrito de Cruzeiro dos Peixotos. Professora e moradora do distrito de Cruzeiro dos Peixotos, ela nasceu numa fazenda do distrito, morou três anos em Uberlândia e, após se casar, voltou a morar em Cruzeiro dos Peixotos.

¹⁵⁸ O Frigorífico Luciana, segundo informações do relatório de licença de operação de 2010 da superintendência de meio ambiente de Minas, atua nas “[...] atividades de abate de animais de médio e grande porte, predominando o abate de bovinos, com média de 150 animais/dia e o abate de suínos, com média de 100 animais/dia, industrialização da carne, inclusive desossa, charqueada e preparação de conservas, com média de 18,5 t/dia e o processamento de subprodutos de origem animal para produção de sebo, óleos e farinha, com capacidade de 12,5 t/dia [...]. MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Superintendência Regional de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. **Parecer SUPRAM** — Protocolo 780729/2010 — Processo de licenciamento ambiental 00283/1995/006/2006. Disponível em: <file:///C:/Users/Renata/Downloads/ITEM_15.1_Frigor%C3%ADfico_Luciana_Ltda_-_PU.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2013.

Uberlândia, e isso gera dificuldades para os proprietários rurais da região segundo o entrevistado Duarte:

Paulo¹⁵⁹ — E o povo que mora no distrito, Duarte? Era o mesmo povo? Era a mesma gente de sempre ou mudou muito? Como é que é?

Duarte — Não. Mudou um pouco, é... além daquelas pessoas mais idosa que já veio a falecer, tem os familiares, um pouco foi pra cidade também pra trabalhar... Hoje tá fácil, porque o ônibus, ele deve fazer aqui, me parece que é umas seis corrida por dia, então a maioria das pessoas do distrito tão trabalhano em Uberlândia! Nas empresa [atacadista] Arcom, [atacadista] União, várias empresa, né?! E então o serviço aqui do, como se diz, do campo ficou mais difícil! Porque falta mão-de-obra. [...] Ficou de quem toca. Cê não acha pessoas pra prestá serviço.

E, fala-se muito ou falava-se muito, sr. Duarte, “povo rico de Martinésia”, que eram os fazendeiros. Esse povo é o mesmo povo? Os fazendeiros daqui, da região... eles produzem a mesma coisa? Como é que... Mudou alguma coisa?

Não, diferenciou muito, porque os grande produtor, que é, que é chamado os rico, já faleceram. Aí o quê que aconteceu, né?! Partiu pras famílias. Aí foi, foi diminuindo porque... alguns venderam, foram pra cidade, já mudou de proprietário, né?!

E aí não são as mesmas pessoas mais, né?!

Não, não são as mesmas! É, por exemplo, lá no... porque, eu moro aqui há 31 anos, mas antes d'eu vim pra cá, eu morava lá no Pontal, Pontal não, Mata dos Dias, que chama lá, né?! Lá, na época, tinha uns, deveria ter uns 20 produtor. Aí, com a morte lá dos mais velho, é, aquilo foi vendido.¹⁶⁰.

A fala do senhor Duarte aponta esse processo de transformação das relações trabalhistas em Martinésia na medida em que salienta a busca de trabalho na cidade por muitos moradores desse distrito; o que supostamente deixa os proprietários rurais sem mão de obra para serviços no campo. Acredito que essa alternativa signifique a busca por certa estabilidade no emprego, haja vista que o trabalho nas fazendas é esporádico, ou seja, não dá a segurança do ganho mensal que oferece o emprego na cidade com carteira de trabalho assinada. Ele aponta ainda o desmonte das propriedades pelo parcelamento delas em razão da morte dos proprietários; isso gera a divisão entre os filhos, dos quais muitos nem sempre dão continuidade ao trabalho no campo e alguns mantêm as propriedades como espaço de lazer. Esse parcelamento e a não continuidade da produção agrícola ou pecuária faz os moradores desses distritos buscarem alternativas de trabalho; e muitos as encontram na cidade, cujo acesso é facilitado pela pavimentação das rodovias e pela integração dos distritos ao sistema de transporte coletivo de Uberlândia.

¹⁵⁹ Paulo Roberto de Almeida, professor da linha de pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais do Programa de Pós-graduação em História da UFU, que me acompanhou em várias entrevistas.

¹⁶⁰ JUSTINO, Duarte Cesar. Martinésia, Uberlândia, MG, maio de 2011. Arquivo de mp3 (31 minutos). Entrevista concedida a mim.

O relato de dois moradores de Tapuirama sobre as condições de trabalho nesse distrito é significativo para refletir sobre a realidade vivida pelos moradores desse lugar. A princípio, cito um trecho da conversa em que falávamos das transformações das festas religiosas de Tapuirama, quando o senhor Honório fez a seguinte afirmação:

Honório — [...] [A gente] num sabe por quê! Agora, num sabe se é porque as época vai mudano, né?! Às vez é as época, né?! Vai mudano... e o povo tamém, antigamente tinha muita gente na roça, e hoje já num tem quase ninguém, né?! Porque os que tá na roça tá quereno tudo vim pro comércio, né?! E a gente num sabe por quê.

Renata — *Ah, isso é uma coisa interessante [...]*

Honório — É.

A zona rural aqui também, ela tá se esvaziando?

Honório — Muito, muito. Igual a Suzicarlos [sic], sabe o que eu acho, que [é] mais ou menos [igual a Suzicarlei].

Suzicarlei — Eu sou um exemplo.

Honório — Isso, é...

Suzicarlei — Eu sou um exemplo... [...]

Honório — Ela, ela veio, pior eu, porque cê vê que eu, igual a gente, que tá com 56 ano, toda a vida da gente foi na roça. Toda a vida da gente foi na roça! Né?! E praticamente em duas fazenda, né?! Os 56 ano... Então, o quê que acontece? É, hoje cabô! Hoje cabô! Hoje, igual, a gente tá fazendo, morano, tinha lá, igual, por exemplo, era nós, era, no caso era duas famia, hoje tá só uma, uma tá numa casa emprestada do vizinho. Então e por aí vai indo. Vai só esvaziano, esvaziano, esvaziano.¹⁶¹

Esse trecho do diálogo reitera na discussão uma questão já trabalhada quanto aos distritos de Cruzeiro dos Peixotos e Martinésia: um campo que se esvazia; e o esvaziamento, mais que um fato na fala do entrevistado, mais que um dado, é um significado atribuído à realidade vivenciada por ele naquele lugar. Essa interpretação carrega um sentimento em relação àquilo que ele narra, pois houve um processo de transformação que modificou o viver ali, e o senhor Honório sente esse esvaziamento, enfatizado na repetição ao fim da fala citada.

Suzicarlei reforça sua condição de exemplo desse esvaziamento; e o senhor Honório fala desse momento de uma forma que parece lhe causar dor. Afinal, “Toda a vida da gente foi na roça! [...] praticamente em duas fazenda [...] os 56 ano... Então, o quê que acontece? É, hoje cabô! Hoje cabô!”. Ele reconstrói com certa tristeza essa trajetória e ao longo da entrevista narra um pouco de como se deu essa saída do campo:

¹⁶¹ FONSECA, Honório I. da. Tapuirama, Uberlândia, MG, 21 abril de 2012. Arquivo de mp3 (139 minutos). Essa entrevista concedida a mim, em sua casa; FAGUNDES, Suzicarlei. Tapuirama, Uberlândia, MG, 21 abril de 2012. Arquivo de mp3 (139 minutos). Entrevista concedida a mim na casa do senhor Honório.

Por que o senhor fez essa opção, pela...?

Honório — Não, lá por quê. Os menino tudo estudaro, né?! Estudaro tal, e ficô um comigo lá; aí, esse que ficô comigo resorveu estudá. Aí, nele resorvê estudá, pra ficá só eu, aí eu num dava conta. Aí eles tinha que arrumá, [...] trê [pessoas]; a gente dois, aí precisava mais trê. Aí, eles passaro pela ideia pra dispensá nós que arrumava uma famia completa, né?! Aí aconteceu desí, aí eles dispensô, porque eles tinha que arrumá uma famia completa, né?!¹⁶²

A saída do senhor Honório do campo é interpretada por ele como consequência da saída dos filhos para estudar. Como se pode depreender, para seus patrões não era mais vantajoso mantê-lo com seus familiares na propriedade, pois precisavam de uma família maior para o trabalho com o gado. No primeiro trecho citado, ele recompõe essa saída como algo que mudou significativamente sua vida, pois afirma que ficou a “vida toda foi na roça”. Nesse caso, a saída desse lugar gerou uma transformação na maneira de viver — e uma experiência compartilhada por outras pessoas, pois “Hoje cabô! [...] Vai só esvaziano, esvaziano, esvaziano”. Como alternativa à saída do campo, ele e a esposa se mudaram para Tapuirama, lugar que — em sua visão — proporciona tranquilidade e a comodidade de ter transporte fácil; lugar de pessoas conhecidas, que proporcionam a ele e sua família um modo de viver parecido com a tranquilidade vivida antes, mas sem as dificuldades da lida na roça.

E a gente veio pra cá. [...] dia 28 agora [abril/2012] faz um ano que nós veio. Mas tá bão! Eu tô sentino bem, acostumei fácil, as coisa mais fácil é mió de acostumá, né?! Porque todo mundo fala: “Mas, eh Honório! Maisi, cê capaz que deu uma saudade da fazenda e tal?!” Eu falo assim: “Não, num penso mais não, eu tenho as coisa pra mim pensá, agora eu num penso em fazenda mais, né?!” “Ah, o senhor tá com saudade da fazenda”. Eu falei: “Não... Já pensô dia que amanhece choveno, 5 hora da manhã, levantá, moiano, esse sol quente, né?! Então, tem dia que eu saio ali de fora e fico pensano, gente do céu! O povo sofre demais, trabaíá nesse sol, né?! Então hoje que a gente pensa o tanto que a gente já sofreu; o tanto que a gente já sofreu. Cinco hora da manhã a gente acorda, tá choveno, eu alembro, falo nossa!...¹⁶³

A narrativa do senhor Honório apresenta esse campo que faz parte da referência de uma vida toda e, sair desse lugar causa certa tristeza, que é amenizada pelo fato de perceber as dificuldades do trabalho que ali se exerce e, nesse sentido, ele busca uma alternativa de vida que ao mesmo tempo lembra o viver mais pacato da roça e possibilita uma vida menos sacrificante. Penso que o senhor Honório não entende essa saída como perda, mas como uma transformação na maneira de viver que, se por um lado, muda o que foi vivido até então, por outro, permite vivenciar outras experiências menos penosas.

¹⁶² FONSECA, 2012.

¹⁶³ FONSECA, 2012.

Em outro momento da conversa houve um diálogo que é significativo, na medida em que os dois entrevistados constroem uma leitura sobre a realidade do trabalho hoje em Tapuirama:

Renata — *E essas mães, elas trabalham...?*

Suzicarlei — A maioria aqui.

Mas elas trabalham na roça? o quê que elas...

De um pouco tudo. Porque tem uma facilidade hoje de ter o coletivo, que sai daqui de manhã pra levá as pessoas pra trabalhá e à noite trás de volta... Aquele que qué trabalhá na cidade, vai pra cidade, aquele que qué trabalhá no campo, vai pro campo, é... Cê já deve tê ouvido falá isso por ser de Martinésia, o que tá Tapuirama é o primo rico! [risos]

Não!

Lá na prefeitura [de Uberlândia], eles fala assim, que Tapuirama é o primo rico, que aqui não, é, falta-se funcionário, tanto é que tem, a população aqui hoje é de 40% a 50% por cento de fora, mais é os baiano, de mão de obra, porque aqui num supre a necessidade de trabalho.

Tem muito trabalho e pouca...

Honório: — Muito, muito.

Suzicarlei — Muita oferta de trabalho e pouco trabalhador.

Ah!

Honório — É, Tapuirama pra ser um comércio pequeno, sempre eu comento, que pra ser comércio do jeito que é, Tapuirama é um dos lugar que mais corre dinheiro. Porque...

Suzicarlei — [...] primo pobre. [risos]

Honório — Porque tem muito trabaio, muito serviço, então só num trabaia quem num qué. Igual à creche lá, as muié coisa lá, porque umas leva pra trabalhá, outras leva pra ficá à tôa, então... isso num é normal, né?! De comércio, isso aí é normal, né?! Maisi, Tapuirama é uma das região que corre mais dinheiro! Corre mais dinheiro! Pode andá aí contá quantos comércio que tem funcionano aí, ninguém tá falano em fechá. É sinal que tá bão, né?! E tem ônibus que vai de manhã... é dois, né?! Suze, parece, né?! De manhã cedo, 6 [da manhã], vai dois tudo cheio de gente, pra trabaíá, e...

Suzicarlei — Tem o das 7h [da manhã] também...

Honório — E isso aí é [...] [Em] Tapuirama, corre dinheiro, Tapuirama é muito bão, nesse ponto.

Renata — *E esses empregos, eles são na resina, na extração...?*

Suzicarlei — Na extração de resina, na, na Caxuana que é... madeira...

Honório — Ih, tem muita coisa, a Monsanto ali, na, na...

Suzicarlei — Na construção...

Honório — Na Syngenta...

Suzicarlei — Na [Dell] também, cê viram aí no caminho aí da...

Honório — Isso. O pessoal que mexe com lavoura, né?! Dá muito!

Suzicarlei — [...] Tem os canaviais também, porque as usinas de açúcar, de álcool de Uberaba tá aqui pertinho aqui.

Honório — Também... Isso. Tem outra firma aqui, Eldorado aqui, que mexe muito com lavoura, então... É, Tapuirama é muito bão! Nesse sentido aí...

Suzicarlei — E aqui dentro tem os lavouristas, que plantam, que são muitos!

Honório — Isso.

Suzicarlei — São migrantes, vieram do sul, vieram do Paraná...

São grandes...?

Honório — São grandes, comporta muita gente...

Suzicarlei — Vieram de São Paulo...

E plantam o quê?

Honório — É, soja, milho... Né?! Então, e comporta muita gente...

E eles contratam essa mão de obra daqui?

Suzicarlei — É, daqui.

Honório — Isso. É.

Suzicarlei — A mão de obra toda é 100% daqui.

E quando não é suficiente, tem os nordestinos?

Suzicarlei — E os paranaense também, uai! Tem o pessoal que vem lá do Paraná que tá aí no campo também.

Honório — É muita gente que, igual o povo do Paraná que vem...

Suzicarlei — Essa época da colheita, o pessoal do Paraná vem colhê...

Renata — Eles vêm ficam aqui e depois voltam...

Suzicarlei — Vem colhê, vem ajudá na colheita aqui, porque lá eles colhem mais cedo, lá no Paraná, eles colhem mais cedo, e eles vêm pra cá.

Honório — E, e as empresas aqui por perto, cê já observa que sempre tá procurando gente em Tapuirama pra trabalhar, né?!

Suzicarlei — A Plantar teve em Tapuirama essa semana, hoje tá fazendo entrevista lá...

O que é Plantar?

Honório — A Plantar é uma empresa que tem aí, porque sempre é no centro da Igreja ali, precisa de gente [...]

Suzi — É... reflorestamento.

Honório — É.

Suzicarlei — É uma empresa de reflorestamento. Contanto aqui, aqui, o serviço pode ser em Tupaciguara, pode ser em Araguari, pode ser em Indianópolis, pode ser em Araxá, em qualquer redondeza, mas a fabricação, a mão de obra é daqui.

Honório — E já tá muito bão...

E tem uma explicação pra eles procurarem aqui?

Suzicarlei — Isso aí eu num sei não, por quê...

Honório — Será que porque o povo é bão de serviço, será?

Suzicarlei — Não sei. Ou será porque a mão de obra é barata! [risos]

Honório — Ou será que é porque a mão de obra aqui é mais barata será...

Suzicarlei — Eu não sei a explicação não.

Honório — É.

É, isso num é [...] deles não, né?!

Suzicarlei — A Monsanto, lá pra novembro, por exemplo, a gente sabe um contrato [...] que eles teria 300 funcionários aqui em Tapuirama.

Honório — Hein!

Suzicarlei — Eu acho que é só pra conseguir uns... [65], e o restante eles foram buscá lá em Araguari. Um contrato de três meses! Porque geralmente é essa quantidade de tempo que, três meses termina a [fábrica] termina o serviço. Mas todo mundo já vai consciente disso, então... Mas que a procura aqui é grande, é.

Honório — Agora, eu acho que pro lado de cá, pro lado de Uberlândia eu acho que a procura é grande cê sabe por quê? Por causa dos coletivos.

Suzicarlei — É, por quê?

Honório — Porque já tem os coletivos pra ir, então a pessoa sente fácil pra ir, né?! E as empresas sente fácil pra procurá. Então isso aí ajuda muito.

Suzicarlei — É.

Honório — É já tá... ajuda muito.

Suzicarlei — Coletivo passa na porta, passa lá dentro.

Honório — É. Ajuda muito, nesse sentido.¹⁶⁴

¹⁶⁴ FAGUNDES, 2012; FONSECA, 2012.

Nesse trecho de diálogo, os interlocutores recompõem uma imagem da realidade do trabalho hoje em Tapuirama. Nas primeiras falas citadas do senhor Honório, ele apresenta um campo que vai se configurando de outras formas pelo esvaziamento de população; e nesse último trecho, ele e Suzicarlei trazem para o diálogo uma Tapuirama transformada pela presença de empresas de grande porte que atraem moradores para o distrito; a exemplo de trabalhadores oriundos de Jacobina, BA, na década de 1990, para trabalhar na extração de resina, conforme o estudo de Juliana Lemes Inácio, que constrói uma reflexão sobre a chegada deles ao distrito.

Em sua dissertação de mestrado, “*A gente tem que ficar onde tem serviço*”: memórias e experiências de trabalhadores no distrito de Tapuirama, Uberlândia-MG,¹⁶⁵ Juliana Lemes aborda as relações de trabalho, a moradia, os costumes e as relações com o meio rural, as instituições e com a cidade de Uberlândia. Finda em 2007, sua pesquisa já apontava diminuição da atividade de extração, diga-se, indicava a busca de alternativas de trabalho na medida em que alguns trabalhadores voltam para a terra natal, enquanto alguns mudam de região e outros permanecem no distrito, onde procuram postos de trabalho. Ela salienta aspectos das condições de trabalho na extração da resina:

Os trabalhadores são transportados de Tapuirama para a floresta em um ônibus da empresa. Eles saem de casa por volta das seis da manhã e aguardam o veículo em pontos determinados dentro do Distrito — sendo que pelo menos dois deles localizam-se próximos às “vilas” onde moram — e começam a trabalhar às sete horas. Pela manhã um fiscal lhes dá a tarefa a ser cumprida e o horário do término da jornada dependerá do desempenho de cada trabalhador. No entanto, se ela for terminada mais cedo o trabalhador deve aguardar o ônibus que deixa a floresta somente às dezenas horas, chegando a Tapuirama às dezenas horas.¹⁶⁶

Esse trecho contém elementos das relações de trabalho nesse espaço; por exemplo, o fiscal que distribui as tarefas. Nesse caso, o pagamento se condiciona à produção do trabalhador: sua remuneração depende de sua capacidade de produzir, o que alguns trabalhadores interpretam como certa liberdade, pois teriam a possibilidade de aumentar seus ganhos. Mas — salienta Juliana Inácio — o ganho por produção significa aprisionamento do trabalhador: “[...] o indivíduo passa, ele próprio, a se disciplinar e a se vigiar, e não o seu patrão. Sozinhos em meio à floresta, eles buscam produzir a tarefa do dia, pois dependem dessa realização para garantirem seus ganhos ao final de cada mês”.¹⁶⁷ A citação permite

¹⁶⁵ INÁCIO, 2008.

¹⁶⁶ INÁCIO, 2008, p. 78.

¹⁶⁷ INÁCIO, 2008, p. 76.

ainda discutir a locomoção e a rotina dos trabalhadores. O meio de transporte é um ônibus com horários predeterminados para transitar — o que obriga o trabalhador a permanecer na floresta mesmo que tenha findado sua tarefa.

Obviamente, o almoço acontece no local de trabalho e

[...] constitui um espaço de convivência dos trabalhadores. Quando tive a oportunidade de visitá-los na Floresta do Lobo, alguns deles, deitados aos pés das árvores, conversavam enquanto descansavam ou escutavam músicas no rádio de pilha que levam para o serviço. O almoço acontece em meio à floresta e não tem um lugar fixo, geralmente os trabalhadores escolhem um lugar limpo. A comida é preparada em casa pela madrugada ou na noite anterior e acomodada em marmitas térmicas. Quando chegam ao trabalho eles reservam um lugar próximo e de fácil localização para deixá-las até o horário do almoço, quando geralmente a comida já não está mais quente.¹⁶⁸

Compartilhado pelos trabalhadores no ambiente possível na floresta, o momento da refeição constitui, segundo a interpretação da autora, um espaço de convivência, pois conversam e trocam experiências, falando da vida e de assuntos variados. Trata-se de um tipo de trabalho feito majoritariamente por homens, pois a execução das etapas de extração requer muita força. Em 2006, os ganhos mensais variavam de R\$ 450 a R\$ 600, segundo diz a autora com base em relatos dos trabalhadores. Noutros termos, dado o salário mínimo à época, R\$ 350, a remuneração mensal desses trabalhadores não chegava a dois salários mínimos.

A pesquisa de Juliana Inácio problematiza outras questões que merecem destaque. Por exemplo, o relacionamento de trabalhadores migrantes com os moradores de Tapuirama.

No espaço social onde se relacionam, os trabalhadores convivem com imagens negativas sobre eles, construídas a partir da idéia de senso comum de que “baianos são preguiçosos” e daquelas elaboradas pela imprensa, a partir de uma visão de classe, que veicula uma não aceitação daqueles que vêm de fora, pois eles retirariam as oportunidades dos “naturais da cidade”. Nesse sentido, as pessoas constroem estratégias de afirmação de seus lugares sociais e de seus valores, buscando desconstruir os modos como são vistos por outros no espaço público no qual se relacionam. [...] Alguns moradores de Tapuirama, em conversas informais, afirmam que depois da chegada dos “baianos”, como denominam aqueles trabalhadores, eles deixaram de freqüentar os bares do Distrito com amigos ou com a família porque estes os transformaram em lugares de confusão e de brigas. Mas relações de confiança também são vividas por eles [...].¹⁶⁹

Esse trecho deixa entrever os meandros das relações que os trabalhadores estabelecem no cotidiano do distrito: ora são vítimas do preconceito — porque são tidos como arruaceiros

¹⁶⁸ INÁCIO, 2008, p. 80.

¹⁶⁹ INÁCIO, 2008, p. 86.

pelos moradores do lugar; ora são percebidos na igualdade de condição: trabalhadores dignos de respeito tanto quanto os nativos de Tapuirama. O distrito é, portanto, um espaço onde os embates são travados e os conflitos são experimentados pelos sujeitos em suas condições de classe trabalhadora que busca condições de vida mais dignas e enfrentam problemas que vão além do ambiente de trabalho propriamente dito.

Essa ideia de alternativas de trabalho dos moradores oriundos de outras regiões e dos nativos permeia a fala de Honório e Suzicarlei, que demarca a chegada do “agronegócio” à região, traduzido por empresas como Monsanto, Syngenta, Caxuana, Plantar e Eldorado.¹⁷⁰ Ambos falam da busca constante de mão de obra para essas empresas em Tapuirama, embora ressaltem o caráter temporário de muitos postos de trabalhos oferecidos por essas companhias. Também indicam a presença de paranaenses: os que vieram para investir no distrito e os que vieram para trabalhar (nos investimentos). Os investidores arrendam terras, compram propriedades e plantam grãos; para colher as lavouras, trazem mão de obra da região Sul. Parte das pessoas que vêm fica alojada nas fazendas onde trabalham, parte divide casas na área urbana. Trata-se, portanto, de dois grupos distintos de migrantes: capitalistas investidores e pessoas que buscam o distrito como alternativa de trabalho.

Quando os provoquei perguntando se sabiam por que essas empresas buscavam mão de obra em Tapuirama, Honório respondeu com uma pergunta, que me pareceu um tanto retórica: “Será que porque o povo é bão de serviço, *será?*” (grifo meu); assim como Suzicarlei: “Não sei. Ou será por que a mão de obra é barata? [risos]”. A entonação de pergunta dada por Honório a sua fala parece ocultar um sentido que a fala Suzicarlei explicita: há uma mão de obra que supre as necessidades das empresas, mas é mal-remunerada. Não se pode tomar o que dizem como pura especulação; afinal, são moradores do lugar que vivenciam a realidade da população; Suzicarlei é presidente da associação de moradores do distrito e, como tal, trava contato com muitos que a procuram para expor necessidades; com

¹⁷⁰ A Monsanto é uma multinacional com sede nos Estados Unidos que atua no Brasil desde a década de 1960. Em Uberlândia, segundo informações do *website* da empresa, atua no processamento de sementes de milho, sorgo e algodão, na pesquisa e no desenvolvimento de sementes e na pesquisa em biotecnologia. **MONSANTO. Histórico.** Disponível em: <<http://www.monsanto.com.br>>. Acesso em: 12 dez. 2012. Resultado da fusão entre as companhias Novartis Agríbusiness e Zéneca Agrícola, Syngenta surgiu em 2000 como multinacional anglo-suíça com sede em Basileia, Suíça. Em Uberlândia, ela mantém um centro de pesquisa. Segundo informações do site da empresa, a “A unidade de Uberlândia reúne diversas técnicas avançadas de pesquisa em sementes, que permitem o desenvolvimento de híbridos de milho e variedades de soja adaptadas às necessidades dos agricultores brasileiros”. **SYNGENTA. Syngenta investe em centro de pesquisa em Uberlândia.** Disponível em: <<http://www.syngenta.com/country/br/pt/imprensa/releases/Pages/228.aspx>>. Acesso em: 12 dez. 2012. Em 2010, investiu R\$ 25 milhões no melhoramento e na ampliação do seu centro de pesquisa em Uberlândia. A Caxuana explora a comercialização de produtos florestais. Sua sede fica no município de Nova Ponte, rodovia Uberlândia–Araxá, a mesma que dá acesso a Tapuirama. Foram encontradas poucas informações sobre as empresas Eldorado e Plantar; sabe-se que a primeira atua no plantio de grãos como soja e milho e a segunda trabalha com reflorestamento.

isso, é provável que conheça mais a fundo a realidade do trabalho e a vida da população trabalhadora.

Outro trecho da fala de Honório — “Porque tem muito trabalho, muito serviço, então só num trabaia quem num qué” — parece indicar o momento atual como de maior oferta de trabalho. Se assim o for, então creio que tal leitura se relacione com sua experiência pregressa de trabalho sacrificado no campo; por exemplo, hoje — diz ele — o ônibus facilita a vida, abre o leque de possibilidades. Contudo, embora haja oferta de trabalho, a remuneração nem sempre é satisfatória, daí que essa ocupação é muitas vezes provisória. Juliana Inácio aponta esse traço de provisoriação que, muitas vezes, marca o trabalho; e o faz com base na fala do morador de Tapuirama Odinei da Silva Fonseca, que tinha 25 anos de idade à época da entrevista (julho de 2006). À pergunta sobre o emprego no distrito ele respondeu assim:

Tapuirama tem bastante serviço, só que nada de carteira assinada, só mais trabalho informal mesmo. Igual quando eu voltei pra cá, tá com oito meses, nove meses, até hoje não consegui arrumar um emprego de carteira assinada, mas eu não fiquei nenhum mês parado, sempre estou trabalhando, mas nada de carteira assinada. Agora eu num sei se é por ser um local pequeno mesmo, a cultura das pessoas não é de assinar a carteira, eu acho que trabalho tem bastante, tem muito trabalho, só que.... os famosos bicos, né? É o trabalho informal, geralmente curtos períodos, mais sempre quando termina um trabalho já tem outro aí pra você fazer.¹⁷¹

A fala de José Luis e de sua filha, Nadia, permite aprofundar essa discussão:

Renata — *E você acha que o Cruzeiro mudou?*

José Luís — Muito.

O que mudou aqui?

Ichi! Mudou... mudou o tipo de viver. Cruzeiro não tem pobreza, pra falá a verdade.

Não tem pobreza? Por que o senhor acha?

Não tem pobreza, todo mundo... Pobreza assim, que eu falo ó...

Miséria?

É, miséria. O cara aqui não passa fome. O cara tem, todos é, têm o seu salarinho, todo mundo se vira, num tem aquele negócio de ficá pedino na porta do outro. Tudo, é tudo...

O que essas pessoas fazem da vida aqui? O que tem de trabalho aqui?

Uai, a maior parte do povo do Cruzeiro hoje é aposentado.

Nádia — Não, mas tem, por exemplo, pessoas que trabalham na pedreira da região, é...

José Luís — Na fazenda, mora aqui vai pra fa...

Nádia — Fazenda, é, como que fala? É, quando é um vaqueiro, algum funcionário de alguma fazenda. Hoje em dia também, como tem o coletivo, então um monte de pessoas, é, trabalha em indústria na cidade, até trabalha de doméstica, as mulheres vão trabalhar lá de doméstica, na escola...

¹⁷¹ INÁCIO, 2008, p. 49.

José Luís — E de primeiro não tinha isso. De primeiro o sujeito tinha que trabaiá por dia e quando achava dia de serviço, né?! Baratinho, né?! Hoje todo mundo ganha bem, e tá vivendo sua vida bem mesmo. [...] Ih! Hoje a vida é muito melhor. É hoje, qualquer pessoa tá bem, né?! Que o salário tá ótimo. Num sei o salário mínimo, mas [...] é 50, 60 conto por dia, livre, né?! Então transforma em um bom salário, né?! Bom, pra pobre, né?! Pra pobre que num tem estudo, né?! Quem tem estudo é outra coisa, né?! [Risos]¹⁷²

As falas de Honório, Odinei, José Luis e Nadia permitem dizer que veem esses distritos como lugares que têm opções de trabalho: desde serviços nas fazendas, passando por empregos nas empresas do entorno, até a busca da cidade como alternativa — como no caso citado por Nadia de mulheres que vão para a cidade trabalhar como diaristas e domésticas.

Entretanto, por mais que apresentem os distritos como prósperos, essas narrativas tocam num ponto-chave: a remuneração. José Luis entende que os moradores de Cruzeiro dos Peixotos não vivem em situação de miséria, mas entende que o salário (entre R\$ 1,5 mil e R\$ 1,8 mil) é bom pra quem não tem estudo; para os que têm, seria insatisfatório. Em conversa com um comerciante desse distrito que não quis gravar entrevista, ele fez uma consideração que, aliada a essa fala de José Luis, leva a pensar em quais são as oportunidades de trabalho na região. Ainda que esses moradores busquem alternativas, nem sempre a remuneração recebida é satisfatória; impede a miséria absoluta — como diz José Luis —, mas não proporciona ganhos relevantes. Segundo o comerciante, “[...] em Cruzeiro, o consumo é de segunda”, como no caso da cerveja; ele diz que vende, sobretudo, as marcas mais baratas, pois as mais caras não têm saída no comércio do local.

Essa dimensão do trabalho — do significado que tem e das expectativas dos sujeitos em relação às oportunidades encontradas — parece se vincular muito com a experiência pregressa das pessoas. Em conversa não gravada com uma moradora de Miraporanga oriunda do Vale do Jequitinhonha, perguntei-lhe por que se mudou para o distrito e ela respondeu que o motivo foram as condições de trabalho na sua terra, que eram menores que aqui na região, conforme conhecidos dela haviam relatado para sua família. Quando eu perguntei a ela se aqui era melhor, a resposta foi que em Miraporanga ela e o marido trabalhavam de carteira assinada e ganhavam mais — na sua região o ganha diário ficava em torno de R\$15, segundo ela —, o que a faz reafirmar que Miraporanga é bem melhor que sua terra natal.

Essa moradora avalia como positiva a experiência de trabalho que ela e seu marido têm em Miraporanga. Além de a renda ser maior, ela e ele tiveram a oportunidade de

¹⁷² BIASI, José Luis. Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG, 30 de agosto de 2012. Arquivo de mp3 (43 minutos). Entrevista concedida a mim em sua residência no distrito; BIASI, Nadia Giaretta. Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG, 30 de agosto de 2012. Arquivo de mp3 (43 minutos). Entrevista concedida a mim.

trabalhar formalmente em uma granja nas proximidades do distrito; e ela valoriza o registro na carteira de trabalho. Talvez porque — como disse na continuidade da conversa — estivesse passando por um período de afastamento profissional por causa de problema na coluna vertebral. Logo, o registro em carteira — o emprego formal — teria lhe permitido se afastar com remuneração; isto é, sem ter de mudar o padrão de vida da família. Apesar desse problema de saúde — provocado talvez pelo trabalho da coleta de ovos na granja (ela não disse) —, ela interpreta a realidade do presente em comparação ao seu passado de sacrifício e, mesmo com a saúde fragilizada possivelmente pelo tipo de trabalho que executa, ela não relativiza essa leitura, ou seja, a condição do presente é avaliada como melhor em relação ao passado.

O campo nesses distritos — e no município todo — é um campo transformado e em transformação, composto de propriedades pequenas, como em Cruzeiro dos Peixotos e Martinésia, cujos habitantes sentem e vivenciam os efeitos da lógica de produção capitalista — a lógica do agronegócio. Mais que isso, dão respostas, reelaborando, adequando-se ao que é possível nesse universo de transformações. Essa lógica capitalista chega não só pela presença de empresas multinacionais como Monsanto e Syngenta a Tapuirama, mas também pela interferência nas propriedades pequenas; dados os custos de produção e a dificuldade de crédito, os proprietários têm de modificar suas atividades produtivas — por exemplo, optando pela pecuária. Nesse sentido, embora os quatro distritos apresentem peculiaridades — que busquei trabalhar até aqui —, entendo que todos vivenciam a lógica do agronegócio: a transformação do campo. Com efeito, vivenciam-na de maneiras diferentes; mas é provável que esse processo aconteça, seja pela presença de multinacionais do agronegócio ou pelas dificuldades de produção introduzidas por essa lógica, que implicam mudanças de vida e de trabalho para manter as propriedades.

As transformações se evidenciam ainda na presença de certas culturas na paisagem dos distritos. Em Tapuirama e Miraporanga, por exemplo, o cultivo da cana-de-açúcar se impôs — e não sem modificar esses espaços. Em conversa com dona Josefa, ela relata um pouco dessa mudança recente de Miraporanga:

Renata — *E ele desenvolve alguma atividade, agrícola, pecuária?*
 Josefa — Não, o meu marido, ele é veterinário. Então, assim, eles têm assim... ele só mexe mais com gado na fazenda também, ainda, né?! Ainda não foram... é... a gente fala assim, picado pela doença da cana, da cana, né?!

Por que aqui, dos grandes proprietários, todos tão entregando as fazendas pra plantação de cana, infelizmente, né?! Alguns venderam, os, os pequenos produtores, que assim, não tinha, né?!... Pouca terra, venderam. E os maiores tão arrendando pro plantio da cana, né?! Infelizmente. Agora nós continuamos lá com gado [risos].¹⁷³

Nesse momento da entrevista, conversávamos sobre a trajetória de sua família. Dona Josefa contou que ao se casar se mudou para uma fazenda no distrito de Miraporanga, de onde saiu para que os filhos pudessem estudar. Seu marido vendeu a propriedade, mas o sogro ainda mantém uma fazenda, cuja atividade é a pecuária. Ela está ciente da realidade que o distrito vivencia: a presença da cana-de-açúcar; cujo cultivo em larga escala ela vê como uma “doença”. Ao longo de nossa conversa, seu relato deixou claro o porquê dessa interpretação: essa cultura modifica a paisagem e extingue propriedades, sobretudo as pequenas, que não sobrevivem ao avanço do cultivo. Nesse sentido, mais que o desgaste ambiental (o esgotamento dos recursos minerais do solo, por exemplo), o cultivo da cana-de-açúcar modifica o espaço e, com isso, as relações de trabalho.

Rossevelt José dos Santos e Karen Cristina de F. G. Albino fazem um estudo da geografia da cana-de-açúcar no Triângulo Mineiro e apresentam números significativos. Segundo eles, em 1975 a região respondia por 7,6% da produção de Minas Gerais; em 1988, esse índice subiu para 37%, maior do estado.¹⁷⁴ Ainda segundo esses autores, o aumento do cultivo da cana está intimamente relacionado ao esgotamento das fontes de energia não-renováveis e a consequente busca por outras fontes energéticas, o que gera a intensificação do plantio nas áreas onde ela já se fazia presente e também a busca por novas áreas.¹⁷⁵ Esse processo, possivelmente, tem relação com a configuração populacional expressa nas tabelas 1 e 2 (vide p. 82 e 83), pois implica a busca de mão de obra para trabalhar com essa cultura, ou seja, implica a chegada de população para ocupar os postos de trabalho, como em Miraporanga.

Dada essa presença da cana-de-açúcar, pareceu coerente entrevistar trabalhadores das usinas. Conheci um casal que trabalha em uma usina de cana nas proximidades de Miraporanga desde sua implantação, por volta de 2010.

¹⁷³ FERREIRA, Josefa (nome fictício). Miraporanga, Uberlândia, MG, 25 de fevereiro de 2012. Arquivo de mp3 (30 minutos). Entrevista concedida a mim na Escola Municipal Domingas Camin.

¹⁷⁴ SANTOS, Rossevelt Jose dos; ALBINO, Karen Cristina de Fatima Guedes. A geografia da cana-de-açúcar em Uberlândia e na região do Triângulo Mineiro. *Horizonte Científico*, v. 5, n. 2, 2011, p. 2.

¹⁷⁵ SANTOS; ALBINO, 2011, p. 3.

Renata — *E na usina tem muita gente trabalhando?*
 Rita — Tem muita. Tem muita gente, muita gente!
E é muita gente de fora, tem gente daqui? Como que é?
 Luis — Tem do Maranhão, tem da Alagoas, tem do Pernambuco, só do Pernambuco chegou trezentos esse mês passado [janeiro de 2012].
Mas aí eles num vêm pra morá, eles vêm...
 Luis — É, da Bahia chegou duzentos e tanto.
 Rita — Vem, só! Morá... Aqui mesmo mora muita gente...
 Luis — E daqui de Uberlândia, de Uberaba e Patos é... Não, lá, pra senhora vê, que lá é que nem formiga caminhano, quando é hora de bater o ponto de tardezinha, é uma fila enorme! Qué vê gente é lá...
Mas eles moram aqui?
 Rita — Mora um pouco aqui na vila, outros moram no Prata, outros mora em Uberaba.¹⁷⁶

Segundo Rossevelt José dos Santos e Karen Cristina de F. G. Albino, as usinas são “[...] a unidade produtora que agrupa as plantações e a maior parte da dinâmica de produção e escoamento desta cultura [...]”.¹⁷⁷ E dona Rita e seu Luis falam um pouco desse espaço de trabalho — a usina —, apresentando-o como lugar de muitos trabalhadores, sobretudo pessoas de regiões como o Nordeste. O senhor Luis relata que há maranhenses, alagoanos, pernambucanos e baianos, que vão para o distrito a fim de trabalhar no plantio da cana-de-açúcar; segundo o casal, o trabalho de corte dessa usina já está mecanizado. Os dois ainda relatam que esses trabalhadores moram não só em Miraporanga, mas também no município de Prata, Uberaba, Veríssimo e Campo Florido. Existem os acampamentos nas usinas para esses trabalhadores. No caso de quem mora em Miraporanga, por exemplo, a usina contrata um ônibus para levar e buscar, pois há trabalhadores terceirizados que fazem o serviço de manutenção da usina após a safra e trabalham por contrato. (Numa das visitas que fiz a Miraporanga, soube de um grupo de trabalhadores de São Paulo que estava nesse distrito para trabalhar em uma construção na usina.) Senhor Luis usou a metáfora da formiga para que eu pudesse compreender um pouco do que relatava sobre seu local de trabalho: um local repleto de pessoas, o que ele visualiza no momento de bater o ponto, quando todos entram na fila.

O casal — senhor Luis e dona Rita — vive em Miraporanga há 11 anos. Ela tinha familiares que vieram para o distrito antes dela para trabalhar na cultura da laranja; ele, já em 1984, deixava a família no Ceará para trabalhar em Miraporanga na colheita de café. Finda a safra, voltava para sua terra. Fez isso durante seis anos, até se mudar de vez com a família.

¹⁷⁶ RIBEIRO, Rita; RIBEIRO, Luis (nomes fictícios). Miraporanga, Uberlândia, MG, 25 de fevereiro de 2012. Arquivo de mp3 (34 minutos). Entrevista concedida a mim.

¹⁷⁷ SANTOS; ALBINO, 2011, p. 12.

Após se instalarem no distrito, trabalharam na cultura da laranja. Na usina,¹⁷⁸ trabalham desde que esta entrou em atividade. Ao longo de toda entrevista, ambos se referiram às qualidades do lugar onde trabalham: a imensidão das lavouras de cana-de-açúcar e os números não só da produção, mas também de empregos gerados. Dona Rita compara o trabalho de antes com o de hoje na usina:

[...] quando eu trabalhava na laranja, subino escada, desceno com sacola de laranja pesada que eu vivia me acabano! Eu vivia bem magrinha! De trabaíá nos, na roça. Depois que eu tô na Usina, [...] engordei um pouquinho, por quê? Porque é mais sossegado, né?! Na sombra! Eu trabaio na sombra, num é no sol! Sossegado! Pra mim, eu, eu adoro trabaíá lá. Gosto, nossa! Adoro as pessoa!¹⁷⁹

Ela começou a trabalhar na plantação, agora trabalha na copa, ou seja, internamente. Não só nesse trecho, mas ainda em outros ela menciona como a usina mudou a vida dela para melhor. Com efeito, sua experiência e a experiência de sua família evidenciam a mudança que esse emprego gerou na vida deles: antes dependente da colheita do café — que é sazonal, ou seja, instável — hoje seu marido tem um emprego que proporciona à família certa segurança e uma vida mais digna em condições financeiras menos instáveis.

Em minhas conversas com moradores de Miraporanga, eles relataram que os postos de trabalho nesse distrito provêm, maciçamente, da cultura da laranja — liderada pela empresa Fischer —, da usina de cana-de-açúcar, das granjas e de trabalhos em fazendas. Na usina, o trabalho não está restrito à lida direta com a plantação, pois muitos trabalhadores são recrutados para as construções feitas na usina e são serviços terceirizados. A presença da usina, nas proximidades do distrito, modifica não só a paisagem, mas também as relações que se estabelecem nesse lugar. Muitas mulheres, por exemplo, trabalham como diaristas nas casas de trabalhadores que têm de fazer algum serviço na usina. Dona Jerônima comenta essas questões:

¹⁷⁸ A usina onde os entrevistados Luis e Rita trabalham é a Vale do Tijucu, localizada no município de Uberaba. É a primeira das três que compõem o complexo da Companhia Mineira de Açúcar e Álcool (CMAA). “Instalada no Triângulo Mineiro em 2006, a CMAA é uma sociedade de participações (*holding*) de capital aberto, com registro na CVM – Comissão de Valores Mobiliários desde 2009, e que por meio de unidades controladas do ramo sucroalcooleiro (usinas), utiliza a cana-de-açúcar como principal matéria prima para a produção de etanol, açúcar e co-geração de energia elétrica. Para isso, a CMAA vem trabalhando para a implantação e aprimoramento de seu complexo industrial, que inicialmente será formado por 3 grandes usinas, localizadas próximo às cidades de Uberaba, Uberlândia, Veríssimo e Prata, e que juntas processarão milhões de toneladas de cana por ano, produzindo etanol, açúcar e energia elétrica com capacidade suficiente para abastecer uma cidade de aproximadamente 720 mil habitantes.” COMPANHIA MINEIRA DE AÇÚCAR E ÁLCOOL/CMAA. **Institucional**. Disponível em: <<http://www.cmaa.ind.br/companhia-mineira-de-acucar-e-alcool/>>. Acesso em: 22 out. 2012.

¹⁷⁹ RIBEIRO, 2012.

Renata — *As mulheres [...], muitas delas trabalham?*

Jerônima — Trabalha. Dia de semana é difícil de cê vê uma mulher em casa. Tá tudo fora, trabalhano.¹⁸⁰

A entrevistada tem essa percepção talvez por que conheça bem Miraporanga, isto é, conheça bem muitos trabalhadores dali, vivencia a realidade de muitos deles, pois lhes fornece marmitas, logo, ouve o que contam. De fato, andar nas ruas do distrito durante a semana é ver poucas pessoas circulando. No fim semana, porém, as pessoas se reúnem em grupos, em especial nos bares. Ante a ausência de opções de lazer, o bar funciona como espaço de diversão, estimulada pelo consumo de bebida e, muitas vezes, embalada pela música. Ficam abertos mesmo durante a semana, quando são frequentados mais pelos moradores; no fim de semana, os frequentadores incluem visitantes da cidade de Uberlândia e de cidades vizinhas.

Os moradores dos distritos reclamam das opções restritas de lazer, dentre as quais estão as festas religiosas como alternativa de diversão. Em Miraporanga, porém, parece que nem elas conseguem reunir grande número de pessoas; é como se não fizessem mais muito sentido para os moradores. Afinal, são realizadas pelos que moram no lugar há mais tempo. Sobrevivem, por exemplo, as festas de Santos Reis. Além disso, a Igreja Católica parece ter perdido espaço em Miraporanga. Como o padre visita esse distrito local uma vez por mês, a população acaba recorrendo às igrejas evangélicas. Daí que as festas de cunho mais religioso direcionadas pela Igreja Católica perderam lugar. Nos outros três distritos, a presença e atuação da Igreja Católica preponderam mais que as de outras denominações religiosas.

Em Miraporanga, os moradores associam a realização das festas religiosas com o passado. Santos e Albino interpretaram o que tem ocorrido no tocante a festas tradicionais em Miraporanga nestes termos:

Quanto aos caracteres herdados daqueles que iniciaram o povoamento da região, têm se tornado cada vez mais escassas as expressões culturais locais no distrito. Festas como a Folia de Reis, a de Nossa Senhora do Rosário e a Congada são realizadas pelas poucas famílias que ainda cultivam o valor pelas práticas antigas, sem haver, todavia, a comunhão destes rituais com toda a população.¹⁸¹

¹⁸⁰ PEREIRA, Jerônima (nome fictício). Miraporanga, Uberlândia, MG, 18 de março de 2012. Arquivo de mp3 (19 minutos). Entrevista concedida a mim em sua casa.

¹⁸¹ SANTOS; ALBINO, 2011, p. 19–20.

A academia constrói interpretações da realidade social sobre a qual pesquisa. No caso desse texto, seus autores veem essas festas como algo a ser mantido pela população para preservar as origens do lugar; nesse caso, estariam as festas deslocadas da realidade social que o distrito vivencia. Se for correto dizer que o distrito se transformou, que as pessoas mudaram e que as relações se modificaram, então cabe dizer que os sentidos atribuídos a essas festas tenham se modificado com o passar do tempo; não permaneceram como antes. (Comentada também por esses autores, a presença das igrejas evangélicas me parece um dado significativo, ou seja, que provoca mudanças nas práticas religiosas dos distritos.)

Santos e Albino até tocam nesse ponto, mas congelam as práticas religiosas no passado, como se devessem chegar ao presente da forma como sempre foram; ou seja, como se devessem ser transpostas de uma realidade para outra. Numa sociedade que se modifica, vejo essa possibilidade como improvável; seria desconsiderar a historicidade dos processos de transformação da sociedade, que modifica não só as relações materiais, mas também o conjunto da vida social.

Em seu estudo sobre o costume na cultura dos trabalhadores ingleses dos séculos XVIII e XIX, Thompson aponta como necessário não desvincular as práticas culturais das relações materiais:

Longe de exibir a permanência sugerida pela palavra “tradição”, o costume era um campo para a mudança e a disputa, uma arena na qual interesses opostos apresentavam reivindicações conflitantes. Essa é uma razão pela qual precisamos ter cuidado quanto a generalizações como “cultura popular”. [...] espero que a cultura plebeia tenha se tornado um conceito mais concreto e utilizável, não mais situado no ambiente dos “significados, atitudes, valores”, mas localizado dentro de um equilíbrio particular de relações sociais, um ambiente de trabalho de exploração, de relações de poder mascaradas pelos ritos do paternalismo e da deferência. Desse modo, assim espero, a “cultura popular” é situada no lugar material que lhe corresponde.¹⁸²

Como entendo que muitos autores incorrem em tal desvinculação quando tentam interpretar as festas religiosas, o caminho que trilhei à luz desse historiador inglês foi analisar as transformações ocorridas nas festas associadamente com as demais transformações da vida social desses lugares. A fala de dona Luiza, moradora do distrito de Cruzeiro dos Peixotos, ajuda a delineá-lo:

¹⁸² THOMPSON, 1998, p. 16.

Renata — *Por que os dias de serem feitas as festas, isso também mudou?*
 Luiza — Mudou. Mudou, porque — [a gente] fala novena — porque são nove dias.

Nove dias!

Então era assim, por exemplo, se o dia de são Sebastião é 20 de janeiro, então contava nove dias pra trás, aí seguia. Independe do dia em que caísse. Então se são Sebastião desse numa segunda, a festa era numa segunda, porque o pessoal [...] falava assim que era o “dia santo”. Então, pra quem é da roça, fala o “dia santo”. [...] Então, como era o “dia santo”, então ninguém trabalhava aquele dia, então podia ser na segunda, na terça, qualquer dia que todo mundo ia. Hoje já não. Se fizé numa segunda, por exemplo, num vai ninguém porque todo mundo tá trabalhando! Então mesmo quem é da fazenda, ele tem que cumprir. Aí, aí hoje faz assim: começa, já faz os cálculos pra fazê só em fim de semana, sábado, domingo, ou pega sexta, sábado, domingo. Aí já conta os nove, que dá pra café nos finais de semana, e já procura jogá também a data pra terminar, a última novena que é a que lota de gente, que já é tradição também, num sábado e aí no domingo é a Festa.¹⁸³

Essa fala deixa entrever indícios de uma transformação nas festas religiosas que ultrapassa as barreiras da religião e da religiosidade. São mudanças nas relações de produção, de trabalho e de vida de quem mora nos distritos überlandenses. Uma expressão dessa alteração está no “dia santo”: muito respeitado pelos mais velhos e que ocorria paralelamente ao calendário civil de datas e feriados comemorativos. Esse dia de comemoração fazia sentido na celebração de algo superior que estaria acima do que seria o dia oficialmente reservado a descanso e à festa (ao lazer). Tinha o sentido de agradecimento e respeito ao santo, expresso na “parada” das atividades laborais para celebrar sua festa com a máxima participação possível. Os pais levavam a prole para missas, rezas e quermesses — que aconteciam na sequência e eram momentos de encontrar amigos, rever conhecidos e conversar. Num ritmo de trabalho determinado por relação mais familiar da produção, a “parada” era possível. Na lógica de produção no campo prevalente nesses lugares, aos poucos as festas foram adequadas ao calendário oficial vigente. Como no presente o tempo de descanso e lazer são os fins de semana, as festas passaram a ser realizadas nesses momentos.

As alterações dividem a opinião dos moradores. Uns percebem como perda o fato de a festa não ocorrer da mesma forma e não se comemorar o santo no dia certo, e sim no fim de semana mais próximo. Outros as percebem como positivas. E o mesmo morador percebe algumas mudanças como positivas e outras como negativas. A fala do senhor Eduardo, morador do distrito de Tapuirama, é significativa nesse sentido:

¹⁸³ BARBOSA, Luiza (nome fictício). Cruzeiros do Peixotos, Uberlândia, MG, dia 14 de setembro de 2012. Arquivo de mp3 (29 minutos). Entrevista concedida a mim.

Renata — *As festas, a Igreja... isso mudou?*

Eduardo — Mudô, mudô muito mesmo! Tudo mudô muito! Tem gente que fala que ficô mais ruim, que o povo num tem jeito. Não! Num ficô mais ruim, ficô melhor! O duro é que naquele tempo era muito, é, a pessoa vinha, ficava debaixo de árvore, acendia lenha, cê sabe, né!? Num tinha dinheiro. Hoje tem, né!? Todo mundo tem dinheiro. E fico muito melhor. [...] bão era antigamente. Tudo que é antigo, quando a gente era menino é bão, as coisa é mais gostoso, porque a gente num tinha costume com gente! Se viesse cem pessoa nós achava dimais, hoje vem mil. Mas a gente tá acostumado com gente todo dia, né!? O que era bão das festa de julho, tinha uma festa de julho que era bão sabe por quê? Era as novidade. Porque naquele tempo num tinha televisão, num tinha... nós num tinha rádio, num tinha! Eu fui ter rádio depois que eu casei, num tinha rádio, não! Agora, aí vinha gente de fora, vinha circo, vinha pessoas de fora vendê trem diferente, né!? É, naquele tempo, música, hoje tem música de, de serve todo dia, naquele tempo era uma vez por ano, via uma música lançada [...] de sertanejo um ano, aquilo marcava, né!? Aí vinha um disco só, aqueles discão, só uma música dum lado, aquilo rodava, é só aquilo naquelas... picapinha antiga, né!? E nós ficava em cima pra ouvi, porque aquilo era, depois daquilo era só o ano que vem, né!? Por isso que era bão! A pessoa tinha novidade, hoje cê tem novidade, hoje cê tem novidade toda hora na televisão, na roupa, na.... Eu acho que assim, por isso que é bão, era bão.¹⁸⁴

Aparentemente, o entrevistado parece se contradizer em sua fala: começa dizendo que “ficô melhor” e termina dizendo que “era bão” no tempo passado. Entretanto, numa leitura atenta de sua fala, sobressai-se a complexidade dos processos sociais que implica não só perdas, mas ainda ganhos. Ele constrói uma impressão das transformações sociais — como nas festas religiosas — em que algumas coisas mudam pra melhor e outras, nem tanto. Também deixa aparente em sua fala a divergência de opiniões sobre tais transformações, pois diz que há quem considere que as coisas pioraram. Se as festas de julho (a Festa de Nossa Senhora da Abadia) tinham a função-chave de trazer novidades para os moradores por intermédio das pessoas de fora, hoje as novidades estão disponíveis a qualquer hora. Mas ele avalia isso um tanto negativamente, pelo ponto de vista da banalização das coisas, que tira o sabor de novo de algo cativante; o novo seria divulgado e tornado comum há qualquer tempo, sobretudo por outros meios que não a voz dos frequentadores das festas de julho, talvez porque as pessoas passaram a ter condições mais dignas de vida — “Todo mundo tem dinheiro” — e a ter acesso a outros meios de se situar nos acontecimentos do mundo.

A fala do senhor Eduardo permite problematizar essa complexidade das relações sociais noutra questão: as gerações. Com 67 anos de idade à época da entrevista, ele viveu outra experiência em relação às festas se comparado a uma pessoa de 20 anos ou 30 anos,

¹⁸⁴ SANTOS, Eduardo Ferreira dos. Tapuirama. Uberlândia, MG, 21 de abril de 2012. Arquivo de mp3 (28 minutos). Entrevista concedida a mim em sua casa.

para algumas das quais a importância da festa reside mais na possibilidade de lazer e diversão, e menos na devoção religiosa. Nesse caso, as alterações são vistas positivamente por elas. (Cabe salientar que as reclamações dos moradores incluem, justamente, a falta de opções de lazer.) Mas mesmo entre os mais vividos não há consenso sobre a interpretação das mudanças na festa como perda. Alguns as avaliam como positivas; por exemplo, o ajuste de calendário — festa no fim de semana — seria uma forma de estimular a participação dos trabalhadores.

As relações sociais, de trabalho e de vida se transformam ao longo do tempo; e muitas vezes a imprensa e a academia constroem visões das festas tradicionais como sobrevivência do passado nos distritos. A imprensa, sempre que fala dos festejos de Santos Reis, por exemplo, busca a ideia de tradição para referendá-los — vide esta passagem: “Em Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos, [...] a Folia de Reis tem forte tradição [...]”.¹⁸⁵ Essa ideia de tradição patente em textos acadêmicos e noticiosos conduz a uma noção de algo estático, algo capaz de atravessar incólume as transformações sociais, algo que sobrevive ao tempo sem mudar. Entendo que muitas dessas festas permanecem ao longo das gerações, mas são transformadas de algum modo, como salienta a entrevistada Luiza. A meu ver, a mudança nos dias de realização indica essas modificações porque evidencia que as festas não são manifestações culturais alheias à dinâmica de vida nos distritos; antes, são parte da vida de quem mora nesses lugares e muda quando eles mudam¹⁸⁶.

Honório e Suzicarlei relatam a transformação da Festa de Nossa Senhora da Abadia, celebrada em Tapuirama. Ela falava da vinda de pessoas de Santa Juliana, Nova Ponte e outras cidades para participar dos festejos quando indaguei:

E ela mudou? A festa? A maneira de...

Suzicarlei — Mudou, mudou. Dizem que pra pior, mas no meu entendimento mudou pra melhor. Porque antes era feita quinze dias de festa, quinze dia de novena. Iniciava-se no dia 1º de julho, e dia quinze de julho, se desse numa segunda, era na segunda, na terça, na quarta, na quinta ou na sexta, no sábado ou no domingo, o dia 15 era o dia da festa. Eu me lembro que tinha muita gente, mas em vista do que tinha hoje, do que tem hoje, hoje tem mais. Porque no ano de [19]99, no ano de 99, ela mudou, é, pra três final de semana, se eu não me engano, no ano de 97, 96, ela mudou pros domingos; talvez um pouco antes, ela mudou pro domingo. Iniciava-se na primeira sexta-feira de julho, encerrava-se na terceira, no terceiro domingo de julho. Mas mesmo assim o movimento continuou grande. Aí, alguns festeiros é, faziam ela só uma, uma semana. Iniciava-se na sexta,

¹⁸⁵ MONTEIRO, Clarice. Comemorações de folias de reis seguem formato do ano anterior. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, MG, 5 de janeiro de 2012, “Entretenimento”. Disponível em: <<http://www.correioduberlandia.com.br/entretenimento/comemoracoes-de-folia-de-reis-seguem-formato-dos-anos-anteriores/>>. Acesso em: 26 out. 2012.

¹⁸⁶ GOLOVATY, 2005 discute como as festas de Santos Reis aparecem no jornal *Correio* como sobrevivências de um passado exótico e ele propõe a discussão dessas festas por meio de quem as produz.

atravessava-se a semana e encerrava no, no domingo. Ficava ali dez dias. Aí, a partir de 99, ela confirmou uma data, que é a data primeira sexta-feira de julho, ela inicia, e terceiro domingo ela encerra. Dê o dia que der. E no ano de... 2000, no ano de 2000 iniciou-se uma romaria, com saída da Paróquia Cristo Rei lá do bairro Alvorada, e vindo até aqui. Essa caminhada varia da quantidade de pessoas: já teve 500 pessoas, já teve 300, já teve 150, volta pra 300. Então, isso aí vai depender da, da época e da, da divulgação. [...] Então isso aí é uma forma da pessoa tá fazendo essa peregrinação em agradecimento, em devoção, gratidão.

E a maneira como essa festa é feita, ela mudou?

Suzicarlei — Mudou.

O espaço é diferente?

Suzicarlei — É diferente.

Honório — Mudou quase tudo.

Suzicarlei — É diferente.

Como era?

Honório — É porque, antigamente, igual a Suzi coisô, antigamente era dois festeiro ou era um; o seu pai [pai de Suzicarlei] já foi uma vez, agora hoje é quatro, né?!

Suzicarlei — Quatro.

Honório — Hoje é quatro. Então, já é uma coisa que começô a mudá. E antigamente, porque o pessoal quase ninguém tinha carro, então vinha, ficava — igual ela tá falando — ficava dez dia, quinze dia, ficava tudo aqui. Agora, hoje, não. Os dia que tem, todo mundo vem de carro e vorta, né?! Três da manhã [3h], já cabô tudo, três, quatro hora [da manhã]; e antigamente, não! Antigamente, emendava, né! Era dia, essas avenida aí era tudo cheia de barraquinha, né?! Então era mais... aí mudô muito, igual essa coisa que ela tá falando, essa Romaria num tinha, é, já passô a tê, né?! O salão comunitário num tinha, passô a tê, né?! Isso e é muitas coisa, né?! Eu acho que mudô praticamente quase cem por cento, o sistema da festa que era. Vamo supô: trinta ano atrás, vamo supô um exemplo, faz uma festa que a gente, ocê ainda era pequena, pra hoje! Quase cem por cento mudou.

Suzicarlei — Hoje tem duas festa, a religiosa e a social.

Mas em torno de nossa senhora da Abadia?

Suzicarlei — Em torno de nossa senhora da Abadia. Mas a gente diz, tem os festeiros, tem os, os participantes da festa, da Igreja, e os participantes da festa do salão.

E antes não era assim?

Suzicarlei — É um público... Antes não!

Honório — Antigamente, as coisa era tão interessante, que a, hoje tem só o salão comunitário de festa, um exemplo, então tá o salão comunitário e a Igreja, e antigamente era vários salão de dança, hoje é só um salão! Porque aí termina leilão, essas coisa aí vai, tem a festa mesmo, né?! E antigamente não, antigamente tinha dança, igual, ocê chegô a lembrá, aí uns quatro lugar, né?! Então era... agora hoje não, hoje passô a ser o movimento só na Igreja, na praça e no salão. Cabô. Agora, antigamente não. Antigamente, ao redor da praça as parte de avenida era tudo festa, era tudo festa. Era aquelas barraquinha, aqueles ambulante, aquelas coisa, agora hoje é só redô da praça. Hoje mudô muito, mudô muito, né?!

Mas continuou tendo leilão...

Honório — Só que... é, continuou, continuou, só que antigamente era no coreto, né?! Da Igreja e hoje passô a ser no salão, porque depois que teve o salão aí cabo, cabô com o movimento lá de fora. Mas é igual nós tava falando, tem o pessoal de festa na Igreja e tem o pessoal de festa no salão, né?! Só que uns às vez irmana pouco, né?! Eu num posso falá do qual que eu

sou! [Risos] Porque eu sou quase dos dois. [Risos] Então tem essas diferença, né?! Mas miorô muito. Miorô muito.

O senhor acha que é melhor hoje?

Honório — Ah, eu vou te falá, eu pra falá a verdade, eu acho que antigamente seria melhor. Eu achava melhor, tinha mais coisa pra vê, tinha mais coisa diferente. Agora hoje cê, é essas dois coisa que eu te falo, ocê tem a missa e da missa cê tem o salão, o leilão e pronto. Antigamente não, antigamente tinha muita barraca, cê ia...

Suzicarlei — Cê passeava...

Honório — Cê passeava, cê tinha dois quarteirão completo, né?! Pegava essa esquina aqui na de lá, então cê tinha coisa pra vê. Hoje, igual a Suzi sabe que, hoje, ocê só tem a missa, a igreja ali e o salão e pronto. É!

Suzicarlei — Saiu da Igreja o salão, saiu do salão a Igreja...

Honório — Saiu do salão entra na Igreja, saiu da Igreja o salão. Então é esse trajetório só. Agora, antigamente não. Antigamente cê tinha coisa diferente, tinha muito parque, muita diversão, vinha circo de tourada e pa pa pa, né?! Vinha cantor. Hoje cabô. Hoje num tem isso. Hoje num tem isso.¹⁸⁷

Suzicarlei pontua uma mudança associável com aquela que Luiza apontou quanto à festa de Cruzeiro dos Peixotos: a alteração nos dias de realização da festa. Antes, o dia da festa era o dia 15: não importava o dia da semana, “[...] se desse numa segunda era na segunda..., se desse numa terça...”. Em 1999, a festa passou a ter um dia da semana predeterminado para começar — a primeira sexta-feira do mês — e findar — o terceiro domingo. O senhor Honório menciona essa mudança como fundamental. Como poucos dos festeiros tinham carro, muitos eram obrigados a permanecer no distrito de “dez dia” a “quinze dia, ficava tudo aqui”. Hoje, como “todo mundo vem de carro”, em dia de festa, por volta de “Três manhã, já cabô tudo”, pois quem vem de fora volta para casa, em vez de continuar a festar como “antigamente [que] emendava [a noite com o dia]”.

Como se pode deduzir da fala desses moradores de Tapuirama, a mudança vai além da festa em si, pois esta continua a ser feita anualmente. A mudança está nos modos e tempos específicos de fazê-la, que mudaram ao longo dos anos. As pessoas não podem mais tirar de 10 dias a 15 para se dedicarem ao seu santo de devoção; nem as relações de trabalho são mais as mesmas de quando se fazia isso comumente. Produzir no campo era em grande medida produzir para a subsistência da família — embora alguns tivessem atividades agrícolas ou pecuárias para comercialização. Hoje, a produção de subsistência quase inexiste nesses distritos, e as de comercialização têm uma relação com o mercado consumidor que impossibilita qualquer pausa. Além disso, muitos moradores desses distritos são, hoje, trabalhadores assalariados; logo, exceto em caso de férias ou licença, não podem faltar ao trabalho tantos dias seguidos a fim de participar da festa de devoção a um santo.

¹⁸⁷ FAGUNDES, 2012; FONSECA, 2012.

As festas religiosas estão intrinsecamente ligadas a todas as instâncias da vida desses moradores, por isso são adaptadas, reorganizadas e reelaboradas pelos modos de viver nesses lugares, transformados e em transformação. Alguns veem a mudança nas datas de realização das festas como perda de “tradição” — sobretudo os mais velhos; outros a percebem como possibilidade de mais pessoas participarem. A participação não se restringe a quem mora no distrito, uma vez que moradores de outras localidades (Uberlândia e outras cidades) participam dessas festas: alguns porque são devotos do santo celebrado, outros porque veem na festa a possibilidade de reencontrar conhecidos, e outros mais porque a festa significa lazer. Portanto, as festas são momentos de interação, troca entre moradores do lugar e os de outras localidades.

O senhor Honório se refere a alterações nos espaços de realização da Festa de Nossa Senhora da Abadia em Tapuirama. Segundo ele, a festa se espalhava distrito afora: havia lugar de dançar e os leilões no coreto; as ruas eram tomadas por vendedores ambulantes, parques de diversão e cantores. Hoje a festa estaria restrita ao espaço da igreja e do salão. Entendo que, nessa leitura dele, a festa não tem mais a influência que tinha sobre esse lugar. Ainda é importante, mas ganhou outras roupagens que a modificaram. Essas transformações são percebidas e sentidas por esses moradores em detalhes, como se lê no relato do senhor Duarte:

Duarte — Antigamente, era os novenários. Por exemplo punha, punha eu...
 Paulo — Quem era os novenários?

Duarte — Os novenários são as pessoas, né?! Por exemplo, punha eu de novenário com a Rosângela, né?! Ou o Acrisio com a minha esposa ou ocê com a esposa do vizinho ali, tal tal... Então, é... a sua obrigação era arrematá a prenda que a pessoa ia dá, doá lá pro Santo.

Duarte — Hoje já bagunçaro. Já começaro pondo os casais, depois parô, passô a pôr por região... Entendeu? A novena hoje é região. Vamo supô assim: dos Martins, região da Mata dos Dias, região do Pontal... Aí são todos.

Renata — Aí as pessoas não se sentem mais...

Duarte — Não sente obrigada a ter aquela coisa de levá prenda e tal.

Mulher — Antes era um compromisso que a gente tinha de levar a prenda, né?!

Duarte — Era, era! É tanto que eu tenho exemplo dumas pessoas, assim, mais antiga, inclusive já, já é falecido, [...] ela, a novena dela, ela fazia direitinho. Depois que fez essas mudança, ela vinha nas novena às veiz, rezava e tudo; mas deixou de dá, de trazê a prenda. Então, aquilo foi... foi afastando.¹⁸⁸

¹⁸⁸ JUSTINO, Duarte Cesar. Martinésia, Uberlândia, MG, maio de 2011. Arquivo de mp3 (31 minutos). Entrevista concedida a mim.



FIGURA 8 – Reprodução do programa da Festa de São João Batista de Martinésia em 2012, que não lista o nome dos novenários, mas sim o de um grupo de pessoas¹⁸⁹

¹⁸⁹ Acervo de morador do distrito de Martinésia

Festa em Martinésia

SÃO JOÃO BATISTA

14 à 24 de Junho de 2012

Os festeiros de São João Batista, Nossa Senhora da Aparecida e São Sebastião do Distrito de Martinésia, tem o prazer de convidar você e seus familiares para participar desta grande festa.

PROGRAMAÇÃO:

Dia 14/06 - quinta-feira - Alvorada às 05:30hs - Café com Sossego - Celebração Eucarística 19:30hs Tema: "João, esperança renovada" Novenários: Moradores da Região da Onça e dos Macacos.	Dia 20/06 - quarta-feira - Celebração Eucarística 19:30hs Tema: "João, testemunho forte!" Novenários: Moradores da Fazenda Velha.	Para carregar os Andores: NOSSA SENHORA DA APARECIDA - Sarita Oliveira Pacheco - Janeides Maria S. D. Gouveia - Letícia Araújo - Jacqueline Ferreira Silva
Dia 15/06 - sexta-feira - Reza do Terço 19:30hs Novenários: Moradores da Região dos Dourados e Lageado.	Dia 21/06 - quinta-feira - Celebração Eucarística 19:30hs Tema: "João, mártir da justiça!" Novenários: Moradores da Fazenda de Sobradinho e Rio das Pedras.	SÃO JOÃO BATISTA - Gustavo Alves - Eduardo Ferreira Silva - Alexandre Ferreira Silva - Daniel José Lisboa
Dia 16/06 - sábado - Curso de Batismo às 17:00hs - Celebração Eucarística 19:30hs Tema: "O batismo praticado por João" Novenários: Moradores da Região do Pontal.	Dia 22/06 - sexta-feira - Celebração Eucarística 19:30hs Tema: "Aurora do tempo de salvação" Novenários: Moradores da Região dos Pereiras e Quilombo.	SÃO SEBASTIÃO - Rubens Vieira Carneiro - Valdivino Ferreira Borges - Osvaldir Januário - Adauto Alves Ferreira
Dia 17/06 - domingo - Curso de Batismo às 17:00hs - Celebração Eucarística 19:30hs Tema: "O encontro de João e Jesus" Novenários: Moradores da Região da Mata dos Dias e Cruzeiro dos Peixotos.	Dia 23/06 - sábado - Celebração Eucarística 19:30hs Tema: "Porta voz de Deus!" Novenários: Moradores próximo ao povoado de Martinésia.	Para Carregar a Cruz: - Eleutério Martins Pacheco
Dia 19/06 - terça-feira - Celebração Eucarística 19:30hs Tema: "João, o precursor!" Novenários: Alunos e professores da Escola Antonino Matheus da Silva e anexo a Escola José Ignácio de Souza.	Dia 24/06 - Domingo - Dia da Festa - Batizado às 17:00hs - Celebração Eucarística 18:30hs - Procissão após a celebração.	Para Carregar o estrandarte do Catecismo de São João Batista - Ludmila L. Almeida Baião
Festeiros: - Rogério Pereira Dias - Aparecida Almeida Baião Dias - Bruna Maria de Souza Oliveira	Padre: Francisco de Assis Felipe Santiago Organização: Comissão da Igreja São João Batista	Para carregar os Andores: NOSSA SENHORA DA APARECIDA - Sarita Oliveira Pacheco - Janeides Maria S. D. Gouveia - Letícia Araújo - Jacqueline Ferreira Silva

Todos os dias haverá Bingo e Cantina Aberta
Dia 23 haverá a Feirinha Tradicional.
(Contamos com a sua colaboração. Deus lhe pague.)



FIGURA 9 – Destaque da reprodução do programa da Festa de São João Batista de Martinésia em 2012¹⁹⁰

Os programas (FIG. 8 e 9) mostram os novenários de cada dia da festa como “Moradores da Região do Onça e dos Macacos”, “Moradores da Região dos Dourados e Lageado”, dentre outras localidades rurais que compõem o distrito e agrupam fazendas do entorno. No passado, conforme afirma Duarte, os nomes eram listados individualmente. Em minhas memórias de infância é bem viva a memória relativa à expectativa dos moradores de Martinésia e à de quem vinha de outros lugares para participar da festa e reforçar as relações estreitas com esse lugar. Em meio a centenas de nomes, procurava-se o da família, pois isso gerava um sentimento de pertença àquela festa, ou seja, suscitava a “obrigação” de colaborar doando prenda ou arrematando-as. Com o tempo, esse costume foi se perdendo. Os programas continuaram a ser impressos, mas sem mencionar nomes individuais; só o dos grupos de pessoas. Daí o sentimento de tristeza na fala de Duarte — e talvez na de muitos outros moradores. As mudanças se vinculam à interferência da igreja na organização dessas festas,

¹⁹⁰ Acervo de morador do distrito de Martinésia

que nem sempre considera elementos que, para os moradores, são fundamentais e cujo sentido de religiosidade muda para as pessoas.

Os programas apresentam outro elemento: a marca de várias empresas, possíveis patrocinadores da festa. São companhias de ramos variados de atuação: algumas ligadas ao campo (cooperativa agropecuária, consultoria ambiental para atividades agropastoris e silvícolas, criação e venda de cavalos etc.), outras sem vinculação aparente com o campo (indústria química, de equipamentos de áudio para automóveis e banco). A marca dessas empresas impressa no programa — parece-me — indica a interação de Martinésia com a sede do município: boa parte delas fica na cidade de Uberlândia. Isso talvez se explique porque os donos das empresas ou gerentes com autoridade para patrocinar eventos têm algum tipo de relação com o distrito e usam do espaço da festa para divulgar marcas e produtos. Os moradores do distrito e das fazendas, moradores antigos e devotos dos santos celebrados, também, colaboram para a realização das festas, com a doação de prendas e de artigos usados na preparação do evento.

Fugiu ao escopo da pesquisa subjacente a esta tese uma discussão mais substancial sobre os rituais das festas. Meu objetivo incide mais na reflexão que tentei materializar até aqui, por isso busco entender as festas como parte do modo de viver dos moradores desses distritos que, com(o) eles, vão se transformando, pois não são manifestações culturais; e sim parte da vida desses sujeitos: sua cultura, que com eles é reelaborada.¹⁹¹ O viver nos distritos se altera, e a maneira como é percebido e vivido por seus moradores também; igualmente, a alteração afeta gerações distintas.

Como foi visto até aqui, pelos relatos citados, os viveres nos distritos se diferenciam ao longo do tempo. Em parte, por causa das experiências individuais: a trajetória de vida de cada um, que se referenda nas expectativas e nas frustrações. Em alguns momentos, a tradução verbal desses viveres faz coro com as falas “oficiais” sobre os modos de vida dos moradores distritais; em outros, apresenta contrapontos às visões hegemônicas. Eis por que não cabe falar em uma única leitura do que significa viver nesses lugares, pois falar do viver nos distritos do município de Uberlândia significa

¹⁹¹ Thompson trabalha com a cultura percebendo-a na amplitude e materialidade das relações sociais, econômicas e políticas; isto é, na materialidade das relações: “[...] não podemos nos esquecer que ‘cultura’ é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração e desenvolvimento do costume *sob formas historicamente específicas das relações sociais e de trabalho*” (grifo meu). THOMPSON, 2002, p. 22.

falar de diferenças nos modos de vida em si e na interpretação que os moradores constroem desses modos de viver.

Com efeito, as conversas com os moradores deixaram entrever esses modos de viver e interpretar sua realidade. Moradora dos arredores de Martinésia desde o nascimento, dona Luzia me disse o que para ela é viver nesse distrito. Nesse momento da entrevista conversávamos sobre uma reportagem do jornal *Correio* onde se lê que muitas famílias em Martinésia constroem, nos fundos de suas casas, residências para filhos quando se casam. Perguntei por que achava que essas pessoas permaneciam no distrito:

Luzia — Bom, eu acredito que seja pela tranquilidade que tem, né?! A calma... e para trabalhá, assim, as lavouras acabaram, é, são poucas que ainda fazem o cultivo de lavoura que dá serviço pras pessoas, mais é... gado leiteiro, né?! Que são poucos os funcionário nas fazenda. Antigamente os fazendeiro tinha de quatro a cinco pessoas morano nas terra deles pra trabalhá, né? Agora num tem. Mas, em compensação tem o trânsito aí agora que é muito bom, né?! O transporte, aliás, que levam eles aí cinco e meia da manhã, retornam sete ou sete e meia da noite. E eles vão trabalhá em Uberlândia e moram aqui, né? Num meio mais tranquilo... os bairros hoje que, que são comprado moradia, casas, né?! São muito distantes do centro da cidade, né?! São Jorge, é Jardim das Palmeiras, né?! Não tanto também, terrenos assim, casas, né?! Pra classe baixa, então... eles fica aqui! É verdade o que cê diz, tem famílias aí que na área que eles têm a casa, tem dois três filhos que moram, fazem uma casinha pra um, uma casinha pra outro e vai abrigano a família ali, né?! E todos trabalha em Uberlândia. [...]

Paulo — E onde que essas pessoas trabalham hoje, dona Luzia?... Qual, assim, na convivência da senhora no local onde que, pra onde que essas pessoas tão indo trabalhar? A senhora falou que assim, por exemplo, os fazendeiros já não têm mais aquela demanda de mão de obra...

Luzia — Não.

Paulo — [...] Todo mundo mexe com leite, com pouca gente, tal... Onde é que esse povo está trabalhando? E os fazendeiros, o que tão fazendo aqui, na verdade, na região?

Luzia — Os fazendeiros, eles mexe é mais, é leite, agora é mesmo o gado leiteiro, né?! Então tem um dois vaqueiro, ou um vaqueiro e um caseiro, né?! Por que também eles moram, os dono mora em Uberlândia, e então é bem pouco a mão de obra, né?! Pra ele, pro povo aqui, por isso eles vão. Trabalham muitos é no grupo [atacadista] Martins; os Martins dão muita preferência pro povo daqui por que eles são gente humilde, gente boa, trabalhadora, honesta, né?! É, [o atacadista] Arcom, tem muitas pessoas aqui que trabalha na Arcom. É, a [têxtil] Daiwa tinha um grande número, até eles buscavam os trabalhadores aqui de Kombi, mas aí aconteceu um desastre, e aí eles deixaram de vir. O [supermercado] Bretas pega bastante pessoas aqui, eles vieram o ano passado, final do ano fazê entrevista aí com o povo pra trabalhá, né? Eles dão preferência às pessoas de zona rural, né?! Tem a necessidade das pessoas, né?! Por que eles são humilde, mais honesto, né?! Trabalhador.¹⁹²

¹⁹² BORGES, Luzia Alves. Martinésia, Uberlândia, MG, 20 de abril de 2011. Arquivo de mp3 (43 minutos). Entrevista concedida a mim, em sua residência no distrito.

Se a entrevistada percebe redução nas opções de trabalho nas fazendas do entorno do distrito, também percebe que quem vive ali busca novas alternativas, facilitadas — como ela disse — pela pavimentação da rodovia e pela integração de Martinésia ao sistema de transporte urbano de Uberlândia, onde muitos moradores trabalham. Trabalho este nem sempre bem-remunerado, mas que dá certa segurança ante a instabilidade e esporadicidade de alguns postos de trabalho. Embora comece sua resposta falando da tranquilidade do distrito, logo as questões do trabalho se impõem a um ponto tal, que denota uma percepção de que os moradores de Martinésia que trabalham em Uberlândia não estariam numa situação pior do que aquela em que se encontram muitos moradores da cidade que residem em bairros distantes e têm de se deslocar vários quilômetros para trabalhar. Dona Luzia mostra ter uma visão ampliada dessa sociedade que ela compõe e comenta. Viver nesse lugar é, na leitura que ela constrói, integrar um universo de dificuldades a ser superadas e que moradores de outras partes do município também enfrentam. No caso da moradia, muitas vezes a alternativa é construir casas no fundo de terrenos com residência, em vez de morar em bairros distantes, o que dificultaria o deslocamento para o trabalho.

Contudo, ela vincula essa opção de vida à possibilidade de viver num ambiente tranquilo. Essa ideia de tranquilidade e sossego permeia não só a fala de moradores como dona Luzia, mas ainda o que diz a imprensa, como se lê nestes trechos de reportagens:

Martinésia é um distrito de Uberlândia, localizado a 30 quilômetros do centro da cidade. O asfalto da estrada foi a maior conquista dos moradores. No arraial — como é chamado por seus habitantes —, o tempo parece ter parado nas décadas de 20 e 30. São casarões antigos e gastos pelo passar lento das horas, nestes mais de 70 anos de história. O silêncio no distrito somente é cortado por uma fala distante de algum morador — raro de se ver nas ruas de terra — ou pelo vento que levanta a poeira, quando passa pela rua central. Tudo parece lento naquele lugar. A vida sossegada ainda é preservada no dia, nas hortas das casas, com criação de galinhas à moda caipira, verduras frescas e hortaliças, além de muita árvore frutífera que cobre de sombra os quintais. [...] No distrito não falta água (de poços artesianos), luz, telefone e televisão. O grande problema para os moradores é a falta de esgoto.¹⁹³

¹⁹³ CRUZEIRO marca o tempo do silêncio em Martinésia. **Correio do Triângulo**, Uberlândia, MG, 20 de junho de 1993, ano 53, n. 16.279, “Cidades”, p. 10.

Tranqüilidade, segurança e contato com a natureza a menos de 20 minutos do Centro da cidade. Não se trata de propaganda de condomínio horizontal, mas de algumas das vantagens que têm levado muitos überlandenses a fixarem residência no Distrito de Cruzeiro dos Peixotos. O lugar vem sendo escolhido, também, por pessoas interessadas numa casa de veraneio, onde possam passar os fins de semana com a família e os amigos. É o sossego de uma pequena comunidade aliado aos recursos de um grande centro urbano.¹⁹⁴

Uma década separa a publicação de um trecho e de outro, mas a imagem parece ser a mesma: os distritos guardam um ambiente de tranquilidade, com a grande vantagem de estar próximos da cidade. Os trechos evidenciam uma noção romantizada desses espaços, em grande medida reproduzida pelos moradores — vide a fala de dona Luzia citada antes em que ela qualifica as pessoas desse lugar como gente “humilde”, “gente boa”, “trabalhadora”, “honesto”, “pessoas de zona rural”. A imprensa se apropria — não entendo que crie essa noção — desse sentimento expresso pelos moradores e o traduz em reportagens para a sociedade com o tom de justificativa, por exemplo, para o uso lucrativo desses lugares como espaços a ser consumidos pela “população urbana”. Além disso, os problemas dos distritos parecem ser insignificantes ante o “sossego do lugar”, o que justificaria a falta de políticas públicas das administrações municipais.

Expresso por dona Luiza, esse sentimento de Martinésia como lugar tranquilo aparece também na fala de um morador de Tapuirama:

Renata — *Como é que você define Tapuirama?*

Elismar — Olha, eu acho assim: eu num vou falá pro cê que é bom demais. Tapuirama é bom porque, assim, eu tenho muitos amigos, todo mundo conhece todo mundo, sabe? Mas, assim, por esse lado de lazer, essas coisas, acho que podia ser melhor ainda, né?! [...] É um lugar organizado, muito organizado! Todo mundo conhece todo mundo, o pessoal é muito amigo, muito amigo! Assim, a gente, por exemplo, a gente tem intimidade com todo mundo. Cê vê que o pessoal é gente boa. Cê sai na rua, o pessoal: “Ou! Ou!”. Cumprimenta um, cumprimenta outro. Assim, é um lugar bão de cê ficá. É perto de Uberlândia, porque tudo que cê precisa, cê pega o carro e vai pra Uberlândia. Cê vai em 20 minuto, 25 minuto. Tem bairro lá em Uberlândia que procê ir numa farmácia cê gasta 30 minutos. Aqui é quase a mesma coisa: cê pega aqui, pega a rodovia, vai rapidinho e volta. Então, é um lugar tranquilo, num é aquela barulheira, aquele agito, sabe? Muita gente igual esse pessoal mais de idade gosta muito daqui justamente por isso: é a tranquilidade. Procê vê: eu morei em Uberlândia, quando, aí eu mudei pra cá, achei aqui muito tranquilo. Aí, agora que eu tô na roça, aí eu vou em Uberlândia, a gente

¹⁹⁴ CRUZEIRO dos Peixotos e do sossego. **Correio**, Uberlândia, MG, 23 de janeiro de 2005, ano 66, n. 20.008, “Cidade”, p. B1.

vai lá toda semana fazê entrega de pimenta. Tem vez que eu chego em casa com dor de cabeça por causa do barulho! E olha que — como se diz — eu sou novo [27 anos de idade à época da entrevista] pra sentir isso. E assim, cê vai lá, é aquela carraiada [...] aí cê fica doido pra chegá em casa. Ai, nossa! Até chegá lá na roça... Aí, já aqui, não! Aqui cê vem pra cá é aquela tranquilidade, cê num... sabe que num é aquela correria, aquele movimento doido. Então, eu acho bão aqui, eu gosto. Eu acho Tapuirama um lugar bão. Sabe? Tá certo, podia melhorá? Podia ter lazer, podia, em alguns pontos, podia ter, mas — como se diz —, por não ter, a gente num vai falá que num é bão. Porque é bão, num é todo lugar que cê chega que cê conhece tanta gente, que cê tem muita amizade, tem tanta gente, que cê sabe que é seu amigo: “Não, é meu amigo” e tal, né?! Num é todo lugar que é assim.¹⁹⁵

Elismar se refere à forma como as pessoas de mais idade buscam Tapuirama para ter a vida tranquila que o distrito proporcionaria. E seu relato evidencia o quanto importante era essa questão para ele aos 27 anos de idade. Já morou em Uberlândia e Caldas Novas, por isso enfatiza como a correria da cidade o angustia. Vai com frequência a Uberlândia para comercializar a produção de pimentas, mas não sem se incomodar com o movimento e o barulho; e Tapuirama seria o refúgio para sair da agitação urbana. Assim como dona Luzia, ele ressalta as dificuldades que enfrentam moradores da cidade residentes em áreas distantes da região central. Logo, morar no distrito não se difere muito de morar onde residem esses moradores; antes, ele entende que o acesso facilita o deslocamento, que se torna menos desgastante que o de moradores das periferias da cidade. Assim, residir em Tapuirama é opção de vida que possibilita ter certa tranquilidade e a comodidade de ir — de carro — à cidade em menos de meia hora. E a imprensa se apropria dessa possibilidade — como evidencia o trecho de notícia do *Correio* citado antes — para justificar a construção de casas de veraneio e a fixação de moradia por uma população que busca sossego.

Para os moradores, esse lugar “tranquilo” é um ambiente que dominam; todos que ali residem são conhecidos uns dos outros, daí relações de convivência mais estreitas. Assim, longe da impressão que o jornal e as administrações procuram difundir e deixar no imaginário, a tranquilidade dos distritos se vincula à experiência cotidiana dessas pessoas. Não é algo a ser “consumido”, pois implica modos de viver nesse lugar em que as relações pessoais ainda mantêm certa proximidade, embora a chegada de pessoas de fora para viver nos distritos altere as relações interpessoais.

¹⁹⁵ MACHADO, Elismar Nunes. Tapuirama, Uberlândia, MG, 21 de outubro de 2012. Arquivo de mp3 (32 minutos). Entrevista concedida a mim na residência do entrevistado Honório I. da Fonseca.

Dito isso, entre os moradores, falar o que significa viver nesses distritos supõe uma multiplicidade de gerações, origens e relações de trabalho e de convivências nesse espaço. Uma multiplicidade que encontra pontos de contato e de divergência; diga-se, interpretações construídas com base em experiências sociais distintas. Para Luis e Rita, Miraporanga lhes permitiu uma vida sem a provisoriação que marca a vinda do Nordeste para a região em tempos de colheita do café. Para Luiza, viver em Cruzeiro dos Peixotos significa manter modos de vida que fazem sentido pela sua trajetória de moradora desde a infância. Para Elismar, Tapuirama permite aliar sossego com a proximidade da cidade. Como se pode deduzir, as experiências e interpretações são múltiplas e diversas.

Contudo, às vezes esses moradores falam da mesma coisa com objetivos e sentidos diferentes. Isso ficou evidente no relato de alguns dos moradores de Miraporanga. Adentrar as casas de muitos moradores antigos desse distrito é notar, em algum lugar, uma foto ou uma pintura da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, construída no século XIX. Um desses moradores cuja casa visitei me mostrou um cartão-postal da igreja. Ele não quis que a entrevista fosse gravada, mas falou da importância de Miraporanga, outrora relevante para a região. Todo orgulhoso, presenteou-me com uma cópia do cartão (FIG. 10) e, ao fazê-lo, falou da importância histórica de Miraporanga.

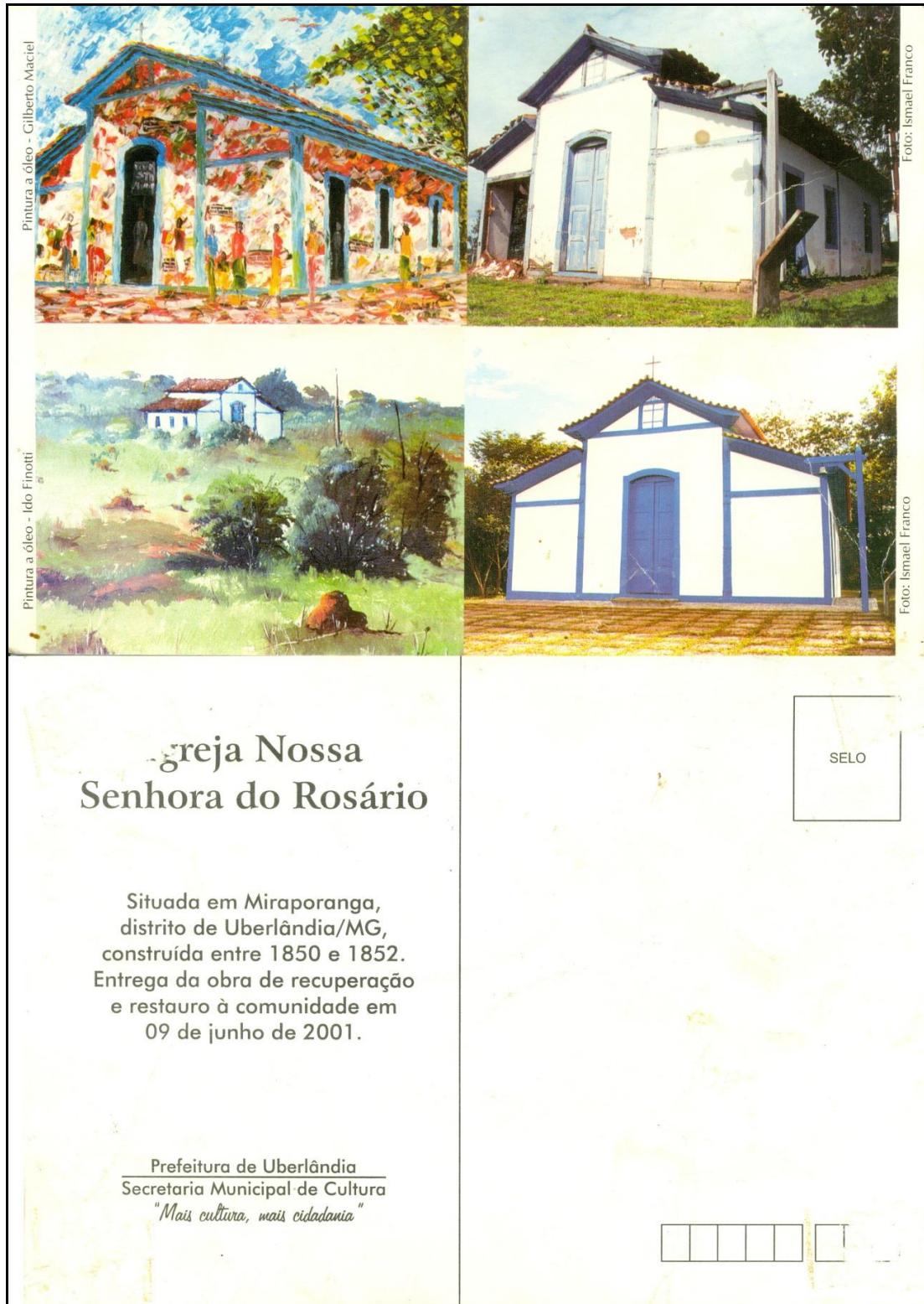


FIGURA 10 – Reprodução de cartão-postal da Igreja Nossa Senhora do Rosário¹⁹⁶

¹⁹⁶ Secretaria Municipal de Cultura. Acervo de morador do distrito de Miraporanga.

Nas conversas com alguns moradores antigos de Miraporanga, essa história grandiosa do lugar se sobressai. Falam da necessidade que sentem de preservar esse lugar de passado importante. Quando falam da importância da preservação dos bens arquitetônicos de Miraporanga, buscam atribuir a essa ação um sentido de conservação do passado grandioso. A moradora recente do distrito dona Jerônima, quando toca nesse assunto, menciona que “[...] Uberlândia era pra ser aqui. Aqui era pra ser Uberlândia, né?”.¹⁹⁷ Mas a trajetória dela em Miraporanga permite cogitar que, em seu ponto de vista, preservar esse patrimônio tem, mais que uma perspectiva de passado, uma visão de futuro. Isso porque ela fornece marmitas e refeições, logo a preservação se vincula à ideia de “progresso”. Embora reconheça a importância do passado, aponta um futuro promissor para os residentes. Trata-se de uma dimensão que entendo não estar presente na fala dos moradores antigos; ou seja, é uma dimensão mais evidente e marcante na fala dos moradores novos; para os quais a preservação teria um sentido de futuro, e não de um passado a ser congelado para visitação.¹⁹⁸ Não se pode dizer que os residentes mais antigos não vejam a preservação como possibilidade de melhorar as condições de vida; mas, quando rememoram esse passado grandioso, eles o fazem com sentimento de nostalgia.

Abordar os viveres nesses lugares é ter contato com uma multiplicidade de interpretações fundada nas trajetórias de cada morador. A fala de Nadia permite refletir sobre essa questão. Moradora de Cruzeiro dos Peixotos, ela ficou longe da família quando foi

¹⁹⁷ PEREIRA, Jerônima (nome fictício). Miraporanga, Uberlândia, MG, 18 de março de 2012. Arquivo de mp3 (19 minutos). Entrevista concedida a mim em sua casa. Aos 51 anos de idade à época da entrevista, era presidente da associação de moradores do distrito.

¹⁹⁸ As considerações da pesquisadora Maria Célia Paoli ajudam a compreender o significado das noções de preservação e patrimônio histórico e o quanto há de distorção na maneira de lidar com elas. Ela propõe uma maneira de olhar para essas questões: “A essas alturas da discussão sobre história, memória, patrimônio, passado, sabemos todos que nenhuma destas palavras tem um sentido único. Antes, formam um espaço de sentido múltiplo, onde diferentes versões se contrariam porque saídas de uma cultura plural e conflitante. A noção de ‘patrimônio histórico’ deveria evocar estas dimensões múltiplas da cultura como imagens de um passado vivo: acontecimentos e coisas que merecem ser preservadas porque são coletivamente significativas em sua diversidade. Não é, no entanto, o que parece acontecer: quando se fala em patrimônio histórico, pensa-se quase sempre em uma imagem congelada do passado. Um passado paralisado em museus cheios de objetos que ali estão para atestar que há uma herança coletiva — cuja função social parece suspeita. [...] A atitude externa que habitualmente se tem com relação a este passado mostra o quanto a sua preservação — como produção simbólica e material — é dissociada de sua significação coletiva, e o quanto está longe de expressar as experiências sociais. [...] Fazer com que nossa produção incida sobre a questão da cidadania implica fazer passar a história e a política de preservação & construção do passado pelo crivo de sua significação coletiva e plural. [...] A construção de um outro horizonte historiográfico se apoia na possibilidade de recriar a memória dos que perderam não só o poder, mas também a visibilidade de suas ações, resistências e projetos. Ela pressupõe que a tarefa principal a ser contemplada em uma política de preservação e produção de patrimônio coletivo que repouse no reconhecimento do direito ao passado enquanto dimensão básica da cidadania, é resgatar estas ações e mesmo suas utopias não realizadas, fazendo-as emergir ao lado da memória do poder e em contestação ao seu triunfalismo.” PAOLI, Maria Célia. In: SÃO PAULO. Departamento do Patrimônio Histórico. **O direito à memória:** patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992, p. 25-8.

estudar e viver em Lavras (MG), onde se doutorou. Quando lhe perguntei como via o distrito, Nadia fez estas considerações:

Eu gosto daqui. Eu acho que aqui é um bom lugar pra vivê. Num sei! É, em todos os aspectos, igual por exemplo, é ambiente. Eu num sei, eu acho que aqui é tão bom porque é sossegado, cê ouve o barulho dos pássaros, cê tem um ar, parece que eu acho que o ar é melhor, não, é, em comparação pra Uberlândia; de Uberlândia tudo bem, mas por exemplo, quando eu vou eu já fui em São Paulo, parece que eu sinto a diferença do ar de lá com o de cá, então parece que aqui é muito mais saudável de vivê, assim, até... Ah! E essa parte de, sei lá, cê vai numa festa cê vê um monte de gente conhecida... cê tá sempre em torno de pessoas que cê conhece, então num é igual cê saí por exemplo e ir passear num shopping, cê anda, anda, anda, cê parece que num vê ninguém lá, num sei, eu num vou, eu num gosto desse tipo de, de passeio, eu gosto de passeá tipo, naquela época tem terço de Nossa Senhora Aparecida, então, cê vai todo fim de semana, cê reza, cê conversa, cê troca uma ideia, é esse tipo de coisa que eu gosto! Então eu acho que aqui eu, eu gosto de morá aqui.¹⁹⁹

A fala de Nadia tem pontos comuns com a de Elismar: aponta o distrito como lugar tranquilo, de pessoas conhecidas entre si, o que possibilita levar a vida com sossego. Como já viveram outros lugares que não os distritos — cidades populosas, movimentadas —, talvez a trajetória individual justifique a maneira de vê-los como lugares pacatos, isto é, como lugares menos tumultuados que a cidade.

Esse modo de viver nos distritos difere entre os mais novos. Em conversas com pais e mães, muitos reclamam que os filhos mais novos querem se mudar para Uberlândia, onde teriam acesso a lazer e opções de estudo, dentre outras possibilidades que os distritos não oferecem. Em minha percepção, os que querem sair, em geral, são os que sempre viveram com os pais; portanto, querem experimentar outras realidades que não a desses lugares, supostamente desprovidos de oportunidades para os mais novos. É nessa lógica que vejo as trajetórias individuais como referência para as leituras e imagens que os moradores constroem em relação aos distritos. Como sugere a fala de Nadia e Elismar — residentes mais novos —, a imagem de lugar tranquilo, sossegado permeia não só a fala de moradores mais antigos, mas também de novos moradores que buscaram os distritos como opção de tranquilidade após se aposentarem e como alternativa de residência mesmo que trabalhem na cidade.

Essa romantização propagada dos distritos e dos sentidos atribuídos à vida nesses lugares parece ignorar que estes não estão isolados da dinâmica capitalista: também aí o capitalismo impõe interesses, estabelece limites e exerce pressão sobre os moradores; ou seja,

¹⁹⁹ BIASI, Nadia Giaretta. Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG, 30 de agosto de 2012. Arquivo de mp3 (43 minutos). Entrevista concedida a mim.

conduz a uma redefinição de sentidos e interfere diretamente nas vivências cotidianas. Esta constatação — cabe dizer — deriva de um tratamento não dicotômico das imagens construídas, divulgadas e, às vezes, trabalhadas incessantemente em relação aos relatos dos moradores, por si só repletos de contradições e assimilações. Creio que um contraste dicotômico, dual não permitiria aprofundar o entendimento dos significados variados que têm os viveres nesses lugares porque estes — como se viu — deixam entrever uma multiplicidade de interpretações; diga-se, são viveres em transformação associável com demandas e reivindicações que abordo no capítulo a seguir.

3

Distritos como espaço de lutas

Trabalho neste capítulo as reivindicações da população dos distritos por moradia, saúde, transporte, lazer, dentre outras, e como elas aparecem no município, não sendo, portanto, questões específicas dos distritos. Nesse sentido, o capítulo foca nos distritos dos anos 2000 e em como as transformações por que foram passando esses lugares — já abordadas nos capítulos anteriores — são vividas e interpretadas pelas pessoas; transformações essas que desencadeiam, refutam ou reforçam demandas dos moradores do município de Uberlândia como um todo.

Das entrevistas que realizei para minha pesquisa de mestrado — já referida —, o relato do senhor João Dias parece ser pertinente retomar:

Renata — *O senhor acha a vida hoje é melhor que antes?*

Senhor João Dias — Bom, nuns pontos é! Nuns ponto, pra vivê, é. Só [que] a vida hoje é mais ruim, eu acho que... no meu tempo, nós mandava na nossa família, agora nós num manda na nossa família mais. Evoluiu demais, uma coisa passada pro meu jeito.

O senhor fala em relação aos filhos?

Com os filho, com tudo que há, a criação. É tudo diferente. Filho hoje num tem aquele modo [com] que a gente foi criado. Eu, até hoje, eu tô lá na cidade, sempre eu fico na casa da minha irmã, no fundo, pra dormi; mais eu levanto, vou pra arrumá meus negócios na rua, [mas] sem entrá lá dentro de casa, sabê da minha mãe, sabê como é que ela passô e tomá bênção, eu não saio! E hoje cê não vê os filho chegá perto dos pai e aquele jeito. O mundo evoluiu demais. Eu acho muito esquisito: [o filho] chega, em veiz de pedir a bênção, [diz] “Oi, oi!”. E eu acho tão interessante o filho chegá perto do pai e pedi a bênção e

ele: “Deus abençoa, meu filho!”. Eu gosto demais do respeito [...] muita gente põe os filho pra estudá, muitos pai, não é todos, põe os filhos pra estudá, acha que os filho tá lá na escola, tá aprendeno, [então] ele não precisa dá educação de berço; mais [a] leitura, se não tivé educação do berço [...], a leitura é perdida. A educação de berço vale mais do que papel.²⁰⁰

Morador da zona rural de Martinésia, o senhor João Dias — contrariando a ideia de isolamento associável com os distritos — vivencia as mudanças por que passa a sociedade e o faz no domínio das relações familiares. Ele sente e interpreta as transformações sociais mediante o que chama de evolução, isto é, de algo negativo para as relações familiares, porque fez desaparecer certa deferência dos filhos com os pais que, não faz muito tempo, era comum. Portanto, a vida social mudou; e João Dias transita pelos espaços afetados pela transformação.

Eis por que não cabe ver os distritos como um mundo à parte da cidade. A experiência dos moradores que compartilham de tais espaços e transformações nas últimas décadas indica a necessidade de ultrapassar análises reducionistas, que muitas vezes atribuem aos distritos o status de lugar onde prevalecem certa pureza e certo bucolismo que supostamente anulam a capacidade de seus moradores de refletir sobre o que é vivido por eles hoje. Ao se referir a sua experiência de vida — “no meu tempo, nós mandava na nossa família, agora nós num manda na nossa família mais. Evoluiu demais, uma coisa passada pro meu jeito” —, o senhor João Dias sugere que também ele perdeu esse “controle”; ou seja, que as relações em sua família se tornaram menos formais. Não se trata, portanto, de algo que ele vê apenas na cidade quando visita a irmã; ele vivencia isso em seu espaço de convivência: o distrito.

Numa das vezes em que fui a Miraporanga, logo que eu chegava — ao lado da pesquisadora Geovanna de Lourdes Alves Ramos²⁰¹ —, avistei um senhor que trabalhava numa construção. Ao ser abordado por nós, Geovanna lhe perguntou se morava ali e se poderia dar uma entrevista sobre Miraporanga — sobre viver no distrito. Ele se recusou veementemente a ser entrevistado e, num gesto de negativa feito com a cabeça, disse: “Isso aqui não tem jeito, não!”. Ao dizê-lo, apontou um buraco imenso na rua por onde tentávamos entrar em Miraporanga, que nos obrigou a dar a volta e tentar outra entrada. Essa fala e a de João Dias, de Martinésia, suscitam uma reflexão sobre o que significa viver nesses distritos: sobre o que levaria esse morador a pensar que Miraporanga é um lugar “que não tem jeito”.

Entrevistar pessoas, visitar outras e andar pelo distrito mostrou que o buraco na rua era *um* problema dos vários problemas que os moradores apontariam. Talvez por que sejam

²⁰⁰ DIAS NETO, João. Martinésia, Uberlândia, MG, 31 de julho de 2005. Fita de áudio (52 minutos). Entrevista concedida a mim em sua residência, numa fazenda na região da Mata dos Dias.

²⁰¹ Geovanna de Lourdes Alves Ramos é graduada e mestre em História e doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Ela me acompanhou em várias entrevistas no distrito de Miraporanga.

lugares em transformação — como disse João Dias — e com muitos problemas — como sugeriu o morador de Miraporanga. Entendo que esses dois pontos devam ser unidos na discussão que faz este capítulo segundo a lógica de que a transformação gera demandas, aprofunda demandas antigas e pode refutar outras. A conversa com o senhor José — que me contou de sua vinda para Miraporanga — é significativa para a discussão. Como se pode deduzir, sua fala sobre o lugar onde ele vive é marcada por um sentimento de apreço, traduzido na reafirmação de que se mudou para Miraporanga para nunca mais sair dali, porque ali é muito bom de viver.

Renata — *O senhor veio pra cá por indicação de alguém?*

José — É... cheguei aqui, fiquei, trabalhei, trabalhei muito na, fiquei pra qui, mas num saí mais daqui, mas trabalhei na região toda, né?! Mas eu num saí de Miraporanga, não! Toda vida gostei de ficá aqui. Toda vida gostei de Miraporanga... É um lugar calmo, não tem... É, num... é um lugar que, num tem, num é muito [...] é bom pra saúde, é um lugar bom mesmo, aqui é bom, eu gosto de Miraporanga. Eu tenho 47 ano que eu moro aqui em Miraporanga. Agora, precisava dá uma arrumadinha mais, certo?! [...]

O que o senhor acha que precisava melhorar aqui?

Aqui tinha como melhorá, só que tinha que fazê umas casa... tinha que fazê umas casa, arrumá, arrumá essa, a escola que tá ali arrumadinha, [...] a escola tinha que arrumá ela... Tem que arrumá... mais... organizá umas coisa aqui dentro. Tem muitas coisa aí que num tão organizado, não! Nós precisa dum Correio, que nós num tá teno, nós num tá teno correspondência nenhuma. E nós, tem, precisa das correspondência e nós procura, num tem. A energia que num vem. Nós procura lá, num acha energia em Uberlândia. Aí, nós procuramo Correio, procura CEMIG [Centrais Elétricas de Minas Gerais], num acha, nem energia, tá quase com dois mês, se me cortá uma energia, eu sinto muita vergonha, porque... eu, nunca me cortou uma energia e num precisa! Num precisa cortá nada meu!

Então não tem uma agência aqui do Correio? Para vocês receberem as coisas? As cartas? ...]

José — Tem não! Aqui num tem, não! Num tem agência do Correio, num tem nada! [...] nós tamo sem, né?! Essas coisa, e correspondência! Nós temo correspondência pra vim... pra carro, nós tem carro, o carro precisa dos documento, [...] precisa pagá imposto, essas coisa. Aí vem de Belo Horizonte umas coisa, num tem jeito de... sabê como é que é... Chega atrasado, muito atrasado.²⁰²

Entendo que esse morador tenha uma visão mais otimista do que aquele para o qual não havia mais o que fazer com Miraporanga. Mas em meio a muitas coisas positivas se destaca a necessidade de “dá uma arrumadinha”, isto é, corrigir problemas, melhorar algumas coisas. Perguntei que coisas seriam, e ele citou melhorias na escola — mesmo não tendo filhos em idade escolar, ele verbaliza seu desejo de ver aquele espaço melhorado; construir

²⁰² SOUZA, José (nome fictício). Miraporanga, Uberlândia, MG, 25 de fevereiro de 2012. Arquivo de mp3 (48 minutos). Entrevista concedida a mim.

casas — os moradores reclamam das poucas casas disponíveis para venda e aluguel e do preço cobrado pelas existentes; e a instalação de uma agência dos Correios — necessidade que ele enfatiza. Também outros moradores com quem conversei reivindicam a agência.

No caso do senhor José, porém, mais que a uma demanda social, a reivindicação desse direito se associa, primeiramente, à ética: pagar os débitos quando suas possibilidades lhe permitem cumprir todas as obrigações — “Num precisa cortá nada meu!”; isto é, não pagar as contas devidas afeta sua moral — “se me cortá uma energia, eu sinto muita vergonha”. Quando se refere à falta que lhe faz a agência de Correios, não tem em vista o descaso do poder público com a população distrital em geral e de Miraporanga em particular. Subjacentes a sua reivindicação estão seus valores pessoais: sua moral. Portanto, contar com uma agência dos Correios supõe mais que a sensação de ser respeitado como cidadão pelo poder público; a garantia desse direito cria condições para que ele faça valer os valores morais.

Minha conversa com o senhor José aconteceu no início de 2012. Em abril de 2013, a imprensa noticiou a assinatura de um acordo entre a prefeitura e a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos para instalar postos de serviço nos distritos de Miraporanga, Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos — Tapuirama já contava com um.²⁰³ Em julho, os postos começaram a funcionar:

O distrito de Miraporanga recebeu, ontem, a primeira agência comunitária dos Correios. A agência é uma parceria entre Prefeitura de Uberlândia, através da Secretaria de Governo, e Correios. O posto funcionará a partir da próxima semana e será responsável pela distribuição diária das correspondências e execução de outros serviços básicos. A prefeitura vai ceder um funcionário para trabalhar na agência comunitária do distrito, que conta com o Código de Endereçamento Postal (CEP) 38418. Na próxima semana, devem entrar em funcionamento ainda as agências comunitárias dos distritos de Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos. O distrito de Tapuirama já conta com o benefício devido à facilidade do acesso pela rodovia. Segundo o prefeito Gilmar Machado, a agência é apenas uma das várias transformações em prol do desenvolvimento de Miraporanga. “No início do ano providenciamos uma linha de transporte coletivo da cidade ao distrito. Em breve, também haverá um posto policial, residências do Programa Minha Casa, Minha Vida e a Usina Sucroalcooleira Vale do Tejucu”, disse o prefeito. As obras do posto policial e de residências para os policiais militares foram iniciadas nesta semana e são uma parceria da prefeitura com a Usina Vale do Tejucu. Dados do censo de 2010 do IBGE constatam que cerca de 400 pessoas vivem na área urbana de Miraporanga e outras 6,5 mil, na área rural.²⁰⁴

²⁰³ CONVÊNIO possibilita instalação de agências dos Correios nos distritos de Uberlândia. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, MG, 8 de março de 2013, “Cidade e região”. Disponível em: <<https://www.correiouberlandia.com.br/cidade-e-regiao/convenio-possibilita-instalacao-de-agencias-dos-correios-nos-distritos-de-uberlandia/>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

²⁰⁴ DISTRITOS de Uberlândia ganham agência comunitária dos Correios. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, MG, 5 de julho de 2013, “Cidade e região”. Disponível em: <<http://www.correiouberlandia.com.br/cidade-e-regiao/distritos-de-uberlandia-ganham-agencia-comunitaria-dos-correios>>. Acesso em: 10 jul 2013.

A notícia sobre o funcionamento do posto dos Correios em Miraporanga inclui outras realizações da prefeitura nos distritos, sobretudo neste. Mas é preciso salientar que esses benefícios resultam da reivindicação de moradores como o senhor José — como mostra sua fala; e embora algumas reivindicações sejam atendidas, não escapam ao jugo do capitalismo, evidente nas relações travadas na sociedade. O caso do posto policial é exemplar, pois sua construção derivou de uma parceria com a Usina Vale do Tijuco, empresa do ramo sucroalcooleiro. Assim, se a população deseja e necessita de segurança, como direito, o suprimento dessa demanda é capitaneado pelo capital, a fim de proteger seus interesses e bens: é importante que a empresa se instale em um local seguro. Mas isso é noticiado como benesse resultante da ação da prefeitura e da companhia.

Em 21 de janeiro de 2013, o *website* da Prefeitura Municipal de Uberlândia publicou uma notícia apresentada por esta manchete: “Superintendência ouve demandas dos moradores dos distritos de Uberlândia”.²⁰⁵ O texto enfoca a nova equipe da Superintendência de Operações dos Distritos, que assumiu essa posição após a posse, em 2013, do prefeito de Uberlândia, Gilmar Machado e que teria percorrido os quatro distritos para identificar problemas e reivindicações. A notícia cita a necessidade de restaurar prédios históricos, fazer reparos nas escolas, gerar renda, ampliar opções de lazer e suprir uma das maiores carências: o atendimento à saúde, além de comentar o fechamento do laticínio de Cruzeiro dos Peixotos, em 1997. Noutros termos, a reportagem noticia demandas similares às que apontou o senhor José — por exemplo, melhorar as escolas — e outras reforçadas por muitos moradores que entrevistei e com quem conversei informalmente; também expõe reivindicações antigas. Essa reportagem é datada da segunda década dos anos 2000 e muito do que nesse momento está colocado são reivindicações antigas dessa população:

O distrito de Martinésia, a 30 quilômetros de distância do centro de Uberlândia, é um pequeno e sossegado lugar [...]. Seus moradores, apesar de gostarem da vida tranquila, enumeram alguns dos principais problemas na área de infra-estrutura, como asfalto, rede de esgoto, saúde e lazer. Para Maria Januária e Valda Martins Januário, no distrito falta quase tudo. Elas afirmaram viver lá há mais de 40 anos sem esgoto, sem policiamento e sem atendimento eficiente na área de saúde. [...] Maria Januária reclamou também da “bebedeira” de final de semana, quando os garotos ficam jogando sinuca e os adultos fazem muita bagunça. Para resolver esta questão, precisa-se de um policiamento mais ostensivo [...] A poeira é o grande problema para os moradores. [...] O transporte para Martinésia é feito pela Transcol. O ônibus sai às oito horas da manhã e retorna às 15:30 horas. Os

²⁰⁵ SUPERINTENDÊNCIA ouve demandas dos moradores dos distritos de Uberlândia. **Prefeitura Municipal de Uberlândia**, Uberlândia, MG, 21 de janeiro de 2013. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=agenciaNoticias&id=3317>>. Acesso em: 5 mar. 2013.

moradores que não possuem carro têm muita dificuldade quando precisam de algo da cidade e recorrem à velha amizade de amigos e vizinhos antigos, que se conhecem desde a infância, para quebrar os “galhos” quando necessário. O pessoal mais jovem reclamou da falta de atividades culturais e de lazer no distrito.²⁰⁶

Nas quase duas décadas que separam a data de publicação dessas duas notícias, o objetivo dos textos parece não mudar, pois ambos oferecem um apanhado do que a população reivindica. Os pontos de contato entre um texto e outro se evidenciam: por exemplo, nas reivindicações por lazer e atendimento médico de qualidade; não por acaso uma reivindicação de moradores de todo o município de Uberlândia,²⁰⁷ em especial dos mais carentes que dependem de saúde pública e têm de entrar em filas para ser atendidos — e nem sempre satisfatoriamente. Além disso, a reivindicação por lazer é comum a toda a população mais empobrecida do município; da qual muitas pessoas não podem pagar pelo lazer, pois seus ganhos se destinam a necessidades como alimentação, moradia, vestuário, medicamentos etc.

Ainda em abril de 1994, o *Correio do Triângulo* publicou — na coluna “Cidade reclama” — um tipo de resposta a essas demandas da população:

Com relação ao atendimento médico, o Assessor da Secretaria Municipal de Saúde, Alexandre Custódio, afirmou que todo posto de saúde é como o de Martinésia, por definição da Organização Mundial de Saúde (OMS), trata de ações básicas de saúde e essas envolvem atendimento ambulatorial, através da especialidade de clínica médica, portanto não existe estrutura para lotação de médicos especialistas nesse distrito. Esse procedimento ocorre em todo País. Ele disse ainda que em Martinésia, a demanda na área de saúde pode ser considerada pequena. Mas a secretaria está aberta a diálogo, no sentido de possibilitar outras melhorias na área de saúde, bem como de ampliação no atendimento, basta que os moradores procurem a secretaria e exponham os seus problemas. Ele fez questão de frisar que, em termos de saúde, o País está trabalhando dentro das possibilidades. [...] Sobre o transporte coletivo no local, o assessor da Secretaria Municipal de Trânsito e Transportes, Divonei Gonçalves adiantou que já se está reavaliando a planilha das vias distritais. [...] A Secretaria Municipal de Obras informou que é necessário

²⁰⁶ FALTA de infra-estrutura tira o sossego de Martinésia. **Correio do Triângulo**, Uberlândia, MG, 19 de março de 1994, ano 55, n. 16.532, “Cidades”, p. 10.

²⁰⁷ Três estudos oferecem subsídios úteis para aprofundar a compreensão das reivindicações da população do município de Uberlândia e as mazelas das camadas mais empobrecidas da cidade: *Pelo direito à cidade: experiência e luta dos ocupantes de terra do bairro Dom Almir — Uberlândia (1990–2000)*, de Rosangela Maria Silva Petuba, que investiga os numerosos embates travados por trabalhadores na luta cotidiana pelo “direito à cidade”; *Entre viver e morar: experiências dos moradores de conjuntos habitacionais (Uberlândia – anos 1980/1990)*, de Maucia Vieira dos Reis, que aborda os modos de viver dos moradores dos conjuntos habitacionais Segismundo Pereira e Santa Luzia nas décadas de 1980 e 1990 e sua busca pelo direito à casa própria, além de enfocar os vários enfrentamentos na luta por direitos como água, esgoto, transporte, saúde, dentre outros; e *Ser trabalhador na cidade: relações de classe em Uberlândia: fins do século XX e início do século XXI*, de Carlos Meneses de Sousa Santos, que analisa o significado da condição de trabalhador em Uberlândia, ou seja, numa sociedade marcada pela desigualdade e pelas disputas de classe no bojo de projetos múltiplos de cidade que se forjam nesses embates e nas lutas diárias pela sobrevivência.

que as pessoas de Martinésia encaminhem um abaixo-assinado requerendo o asfaltamento e indicando as ruas que necessitam dessa estrutura. [...] Quanto a parte de lazer e cultura, a Secretaria Municipal de Cultura adiantou que o distrito não foi esquecido. Faz parte dos planos da secretaria desenvolver, uma vez a cada mês, em todos os distritos, atividades culturais, como música, dança e teatro.²⁰⁸

Nessas passagens, os eventuais destinatários das reivindicações mencionadas na outra reportagem são convidados a dar explicações ou respostas à população de Martinésia. Nesse sentido, a fala do assessor da secretaria de Saúde — parece-me — é a que expressa uma maneira de tratar os distritos pela administração municipal de Paulo Ferolla (1993–6). A justificativa é que a realidade vivida pelo distrito é mais ampla do que não só a do município, mas também a do país. Essa maneira de ver as demandas da população como um todo serve, no fundo, para justificar o não atendimento de reivindicações; parece que o atendimento deficitário é a regra. Logo, os moradores devem se conformar com o que está posto, pois se trata de uma realidade compartilhada por moradores do país inteiro. Daí que são levados a se conformarem com a situação vivida.

Atendimento à saúde é uma questão cara aos moradores dos distritos. Tais quais seus pares de outras partes do município, eles se submetem à lógica do atendimento básico nas unidades de saúde e encaminhamento dos casos mais complexos para o Hospital de Clínicas de Uberlândia. Em maio de 2012, o jornal *Correio* publicou, na coluna “Ponto de vista”, um texto do médico sanitário Nilton Pereira Júnior que aborda os resultados de uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) sobre o que a população identifica como seus maiores problemas. Em Uberlândia, a população apontou a saúde como a grande preocupação.²⁰⁹ Passagens de um diálogo entre Suzicarlei, senhor Honório e eu oferece um panorama da saúde no distrito de Tapuirama:

Suzicarlei — Aí, na reivindicação da saúde, tem médico, hoje tá vindo três vez na semana. Mas antes tava vindo só uma. Aí, tem ambulância, funciona aqui de segunda a segunda, mas só durante o dia.

Renata — [Risos] *Se passar mal à noite?*

Suzicarlei — Das sete da manhã às sete da noite.

[...]

Então, se uma pessoa passa mal à noite é muito mais difícil?

Suzicarlei — Aqui sempre a gente fala: “Ó, pessoal, num adoece à noite, não! Só de dia, tá?”.

²⁰⁸ MARTINÉSIA terá novos benefícios em breve. **Correio do Triângulo**, Uberlândia, MG, 24 de abril de 1994, ano 55, n. 16.536, “Cidades”, p. 10.

²⁰⁹ PEREIRA JÚNIOR, Nilton. Saúde pública. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, MG, 29 de maio de 2012, ano 74, n. 22.693, “Ponto de vista”, p. A2. Cf. ainda SANTOS, Ivan. Saúde pública em Uberlândia. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, MG, 25 de maio de 2012, ano 74, n. 22.689, “Opinião”, p. A2.

Honório — Pois é, então, aí num fica difícil?

[...]

Honório — Agora, o pior é isso aí: das sete da manhã às sete da noite.

Suzicarlei — Das sete da manhã às sete da noite.

Honório — Aí tem que chegá e falá, falá: “Não, num adoece de noite, não! Adoece só de dia, gente! Senão dá zebra.

[...]

Suzicarlei — Agora vê. Aí era uma vez por semana, passô a ter três vezes por semana.

Um clínico geral?

Suzicarlei — Clínico geral.

Pediatra... nada?

Suzicarlei — Ginecologista nem pensá. Essa, esse segundo abaixo-assinado que eu tô ali, tá falano sobre isso. Onde é que tá o clínico geral? Tá ali, fazeno o papel dele. Onde está o ginecologista? Onde tá o pediatra? Ah, mas o clínico-geral atende todo mundo. Eu sei. Mas num podia vim uma vez por semana um ginecologista? Num podia vim uma vez por semana um pediatra?

Honório — É!

Suzicarlei — Ah! Num tem médico? Uai, então contrata esse médico! [...] Então isso aí deixa muito a desejar. Dia de, de terça-feira é o dia de mais movimento lá, que atende mais pessoas, porque o médico fica o dia inteiro. Os outros ou ele fica parte da manhã, ou ele fica a parte da tarde. Mas é melhor do que nada. Aí, fica ali no quarteirão da minha casa ali, o pessoal sobe brigano ali: “Ah, porque num tem remédio!”, ‘Eu precisava do remédio da pressão, num tem’. ‘Eu precisava do remédio pra isso e num tem’. ‘Eu precisava do remédio pra isso, agora eu vou ter de ir lá no Uberlândia pra buscá o remédio’. E a minha menina é — a mais velha — é, é diabética, então ela faz uso de insulina, insulina que eu pego ali. No início da doença dela, que hoje já tá com dez ano que ela tá doente, mas no início da doença, eu passei problema demais, porque ali nunca tinha nada.

Honório — Aqui é custoso, né?!²¹⁰

A fala dos entrevistados apresenta a situação da saúde em Tapuirama como indistinta daquela dos outros três distritos. Nas unidades de saúde aí instaladas, há médicos que fazem atendimentos mais simples — clínicos gerais; quando veem como necessário, encaminham o paciente para exames e tratamentos especializados em Uberlândia. Os entrevistados frisam a presença da ambulância no distrito entre 7h e 19h, o que dificulta as coisas para quem passa mal à noite — referência que usam para mostrar a precariedade do viver nesse lugar e depender do sistema público de saúde, na maioria das vezes insatisfatório e ineficiente.²¹¹

²¹⁰ FAGUNDES, 2012; FONSECA, 2012.

²¹¹ Os autores Gedeon G. F. e Silva e Julio Cesar de L. Ramires caracterizaram o sistema de saúde de Uberlândia e mapearam dados dos distritos sanitários. Chegaram à conclusão de que há um estrangulamento desse sistema, provocando a insatisfação da população que se vê obrigada a se submeter a filas gigantes para garantir consultas e exames; isto é, a população que não pode pagar pela saúde. SILVA, Gedeon Gomes Figueira; RAMires, Julio Cesar de Lima. **O acesso à saúde em Uberlândia:** o exemplo das Unidades de Assistência Integrada. Disponível em:

http://www.geografiaememoria.ig.ufu.br/downloads/Julio_Cesar_De_Lima_Ramires_O_ACESSO_A_SAÚDE_EM_UBERLÂNDIA_O_EXEMPLO_DAS_UNIDADES_DE.pdf. Acessado em: 16 ago. 2013.

Em reportagem de jornal já citada neste capítulo é abordado o transporte em Martinésia, do qual a população estaria reclamando; isto é, dos poucos horários de ônibus disponíveis, que impediam ou dificultavam a ida até Uberlândia. Até 2000, a empresa extinta Transportes Coletivos Uberlândia (TRANSCOL) mantinha uma linha de ônibus que atendia os moradores de Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos em duas viagens diárias, conforme a descrição da reportagem. Na reunião do Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural de Martinésia realizada em junho de 1989, esse assunto foi um ponto discutido. Um ex-presidente do conselho falou da necessidade de fazer:

[...] um pedido ao secretário de Serviços Urbanos de Uberlândia no sentido de reformular a linha da Transcol que serve na ligação: Uberlândia–Cruzeiro dos Peixotos–Martinésia–Pontal, aos domingos, objetivando facilitar a vida das pessoas em seus deslocamentos da zona rural para a cidade e vice-versa.²¹²

Uma moradora do distrito salienta a necessidade de que o “[...] CODERM [Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural de Martinésia] [...] [interceda] junto à Transcol para que os horários de ônibus sejam cumpridos”.²¹³ Essas falas indicam a insatisfação com o serviço de transporte. Na reportagem citada²¹⁴, os moradores reclamam da dificuldade que os horários limitados impõem a quem precisa ir à cidade.

A fala do ex-presidente do CODERM sugere uma questão menos localizada, pois ele reclama da falta de transporte aos domingos; certamente porque a necessidade de ir à cidade supunha mais que resolver questões bancárias, burocráticas e fazer compras; pela fala, pode-se supor que a ida à cidade fosse, também, uma busca por lazer, nos espaços públicos ou como visita a amigos e parentes. Locomover pelo espaço é, portanto, mais que transitar fisicamente, porque se vincula a um sentimento de pertencimento²¹⁵ ao lugar, que o ex-presidente entende como parte de sua vida. Mais que necessidade de locomoção pura e simples, trata-se da possibilidade de buscar alternativas para melhorar ainda mais as

²¹² MARTINÉSIA — distrito de Uberlândia, MG. Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural de Martinésia/CCDR. **Livro de atas 1.** Ata de reunião de 9 de junho de 1989. Manuscrito, p. 37.

²¹³ MARTINÉSIA, 9 jun. 1989, p. 49.

²¹⁴ FALTA de infra-estrutura tira o sossego de Martinésia. **Correio do Triângulo**, Uberlândia, MG, 19 de março de 1994, ano 55, n. 16.532, “Cidades”, p. 10.

²¹⁵ A noção de pertencimento se apoia no trabalho de Antonio Augusto Arantes, para quem “O termo *cidadania* envolve pelo menos dois aspectos que convém destacar logo. Em primeiro lugar, ele se refere ao *sentimento de pertencer*, compartilhar interesses, memórias e experiências com outrem, sentir-se parte de uma ampla coletividade, possuir valores em comum e sentimentos profundos, carregados de conteúdos emocionais e força simbólica. Pertencer a uma classe, grupos, categoria ou nação é possuir uma *localização* no mapa social reconhecida como legítima e situar-se num espaço físico compartilhado”. ARANTES, Antonio A. Desigualdade e diferença — cultura e cidadania em tempos de globalização. In: _____. **Paisagens paulistanas: transformação do espaço público**. Campinas: ed. UNICAMP, 2000, p. 132–3.

condições de vida pelo acesso a direitos num espaço que ele entende como seu. Daí o sentimento de pertença.

Assim como em Martinésia, a questão era discutida nas reuniões da associação de moradores de Tapuirama; na reunião de 8 de outubro de 1997 estavam presentes o então vereador Vilmar Rezende e o assessor especial da Secretaria de Trânsito e Transportes. O vereador abriu a reunião falando da questão dos transportes, depois o assessor explicou “[...] o que está acontecendo com o transporte coletivo que foi prometido para Tapuirama e falou também sobre a vinda de um ponto de táxi para a comunidade de Tapuirama”.²¹⁶ O texto da ata não detalha as falas, mas acredito que a presença de autoridades para dar explicações à população indique insatisfação dos moradores com as possibilidades de se locomoverem através do município.

A pressão exercida pelos moradores levou o poder público a atender essas reivindicações. Em 2000, o sistema de transportes coletivos de Uberlândia, implantado em 1997, integrou Martinésia, Cruzeiro dos Peixotos e Tapuirama como rota. O *Correio* noticiou o fato com esta manchete: “Distritos estão integrados ao SIT”,²¹⁷ à qual se segue um texto que menciona, como grande vantagem da integração, o barateamento dos custos do transporte para a população dos distritos; o texto aponta a isenção do pagamento da passagem para idosos e pessoas que têm necessidade especiais, assim como o desconto para os estudantes. Ainda aborda a não integração do distrito de Miraporanga — equivocadamente mencionado como Martinésia —, justificada pela falta de pavimentação da rodovia que dá acesso ao distrito.

De fato, os pontos apontados na reportagem foram importantes para os moradores, pois antes pagavam tarifas de transporte rodoviário e agora pagam o mesmo que os moradores de Uberlândia; além disso, idosos e estudantes passam a ter acesso à isenção e ao subsídio. A implementação das linhas Terminal Umuarama–Martinésia/Cruzeiro dos Peixotos) e Terminal Umuarama–Tapuirama não resolveu todos os problemas dos moradores relativos ao transporte, mas abriu um novo campo de possibilidades para muitos que puderam continuar a morar nos distritos e trabalhar/estudar no distrito-sede.

A integração do distrito de Miraporanga aconteceu em fevereiro de 2013: treze anos após os demais distritos se integrarem. Em entrevistas com moradores de Miraporanga, o transporte se projeta como problema recorrente na fala deles:

²¹⁶ TAPUIRAMA — distrito de Uberlândia, MG. Associação dos Moradores do Distrito de Tapuirama/AMDT. **Livro de atas 2.** Ata de reunião de 8 de outubro de 1997. Manuscrito, p. 13–4.

²¹⁷ DISTRITOS estão integrados ao SIT. **Correio**, Uberlândia, MG, 11 de novembro de 2000, ano 62, n. 18.568, “Cidades”, p. B2.

Rosana — A estrada também foi feita, que eu fiquei muito contente! Um pedaço aqui, outro acolá. Mas num tem problema! De primeiro, a gente ia, e o carro quebrava no caminho... [risos]. Lá vem a gente ficá debaixo das moita! Daqui que vinhesse um carro, pra pegá a gente! Ave Maria! Já tem sofrido muito! E num dava tempo pra gente resolvê... Só era entrá no banco, só era o ônibus chegá pego. [...] Eu num pago, né?! Esse ônibus daqui nós paga. Eu pago, seu Hélio paga, dona Tereza paga. Mas podia botá ônibus aí que já tá a estrada, bem dizê, pronta. Certo? Mas, como é que a gente vai resolvê isso?

Geovanna — *Como a senhora acha que seria possível? O quê que a senhora acha que poderia fazer?*

Rosana — Era botá ônibus pra cá, né?! Pros pobrezinho dos véio ter um. [Seria] uma paz! Sai de oito hora [da manhã], sai daí de oito e meia, vamo pra cidade. De quatro hora [16h], a gente tá voltano. E teno ônibus pra lá e pra cá, era uma beleza, num era??!

Renata — *Vocês usam o ônibus de Campo Florido? É isso?*

Rosana — Isso!

Renata — *Ele vai oito e meia da manhã?*

Rosana — É!

Renata — E volta às?

Rosana — Quatro hora da tarde. E a gente tem que fazê as coisa tudo rápido, correno! Tem vez que eu nem como! [...] Com fome, dinheiro na bolsa e num posso comê, porque se eu me sentá pra comê, tem outro serviço pra fazê. Ou, ai se botasse ônibus, ai, ai meu Deus! Da prefeitura... [...] Então, é na segunda, na terça num tem ônibus, na quarta tem. Na quinta num tem, só tem na sexta e no sábado. Pronto!

Geovanna — Quarta, sexta e sábado.

Rosana — Sim. Tem vez que a pessoa é doente, qué no ônibus pra pegá lá um médico, né? Num pode.

Nora [de Dona Rosana] — Chega lá que hora? Umas dez e pouca [da manhã], sai pro banco, enfrentá fila, pegá dinheiro, pra fazê compra... Cê acha que dá, que hora que é? Aí já tem que corrê lá, tem que corrê pro ponto pra pegá, [...] Já viu falá num mercado lá, nós vai pra lá. Pega um ônibus do coletivo, pra ir pra lá, esperá o ônibus daqui.

Rosana — Que era Bom Dia antigamente...

Nora — Se perdê, já era. Cê fica na cidade.

Rosana — Agora é Amauri.

Nora — Se perdê a hora do ônibus, já era. Cê fica lá, lá plantado. E tem o dia deles passá, segunda, quarta, sexta e sábado. E sábado é mais cedo que ele sai de lá, a gente quase morre. [...]

Rosana — As minhas compra eu compro tudinho, o que tá faltano... deixo ali na praça e o carro de mão pega... O home vai buscá.

Nora — Agora, segunda-feira memo nós vai lá pra cidade...

Rosana — É duas, três viagem que ele dá.

Geovanna — *O carrinho?*

Rosana — Isso, carrim de mão...

Nora — O carrim de mão... tem que ir buscá.

Rosana — É, minha fia! A vida é cruel [risos]!²¹⁸

²¹⁸ NASCIMENTO, Rosana (nome fictício). Miraporanga, Uberlândia, MG, 25 de fevereiro de 2012. Arquivo de mp3 (27 minutos). Entrevista concedida a mim na residência dela, com participação da nora em alguns momentos.

Nesse trecho do diálogo, elas se referem às dificuldades causadas pela falta de transporte todos os dias da semana. Falam das dificuldades de locomoção até a cidade de Uberlândia; isto é, dos problemas da estrada, em fase de pavimentação à época da entrevista; pavimentação que ela entende como avanço: “eu fiquei muito contente”. Mas reivindica o ônibus, pois a estrada estava sendo melhorada. A linha usada pelos moradores não tinha viagens diárias, o que lhes gerava problemas: “Tem vez que a pessoa [...] qué o ônibus pra pegá lá um médico [...] Num pode”. Além disso, outro entrave mencionado por elas é o pouco tempo que o ônibus permanecia na cidade — “tem que fazê tudo [...] correno!”. O tom da fala e a maneira como expressaram suas percepções deixa entrever certo ressentimento pela falta de atenção com os moradores do lugar onde vivem, sobretudo porque a dificuldade de locomover afeta vários aspectos de suas vidas, inclusive a saúde, em casos de emergência.

Entretanto, para quem não podia contar com o favor de um amigo, conhecido ou vizinho, sair do distrito se tornava quase impossível quando não havia linha de ônibus. Talvez por causa dessas dificuldades, dentre outras, Rosana encerre essa parte da nossa conversa com uma constatação que sintetiza parte do que entendia como sua realidade e realidade de seus pares: “É minha fia, a vida é cruel!”.

No dia 4 de fevereiro de 2013, começou a operar a linha de ônibus terminal Planalto–Miraporanga, que faz duas viagens de ida e duas de volta, todos os dias da semana. No dia 7, o *Correio* noticiou o início da operação da linha, em um texto ilustrado por uma fotografia com esta legenda: “Francelina da Silva disse que ônibus possibilitará que a neta trabalhe na cidade”.²¹⁹ No texto se lê que

A dona de casa Francelina Carlos da Silva e outros nove passageiros embarcaram, na manhã de terça-feira (5), no ônibus coletivo da linha D 481, no distrito de Miraporanga, para uma viagem de aproximadamente uma hora pelos 50 km que separam a localidade do terminal do bairro Planalto, na zona oeste de Uberlândia. Demanda antiga da população, a linha começou a operar na última segunda-feira e circula diariamente, em dois horários de ida e dois de volta, com passagem de R\$ 2,85. Francelina da Silva, que veio para Uberlândia para pagar as contas do início do mês, conta que, até a semana passada, com a inexistência de uma linha vinculada ao Sistema Integrado de Transporte (SIT), os moradores de Miraporanga só conseguiam ônibus para viajar à cidade em três dias da semana, geralmente às segundas-feiras, terças-feiras e aos domingos. E ainda pagavam mais caro, R\$ 8,50 pelo mesmo trecho. “Antes dessa linha (D 481), tínhamos um ônibus de uma viagem rodoviária com horários incertos e a viagem que demorava mais de uma hora. Agora, teremos muita facilidade para ir e voltar de Uberlândia.” Para a vendedora Keren Jolita de Almeida, a nova rota viabilizada pela Secretaria Municipal de Trânsito e Transportes (Settran) vai mudar a rotina

²¹⁹ MIRAPORANGA conta com linha de ônibus. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, MG, 7 de fevereiro de 2013, ano 75, n. 22.947, “Cidade e região”, p. A5.

da família. No início da manhã de anteontem, ela viajou para Uberlândia com o intuito de, em pouco tempo, comprar material escolar para dois de seus três filhos. [...] De acordo com o assessor municipal de transporte da Secretaria Municipal de Trânsito e Transportes (Settran), Divino dos Santos, a nova linha inaugurada nesta semana deve dar a oportunidade para que moradores do distrito trabalhem na cidade. “Graças à reivindicação dos moradores, implantamos essa linha de Miraporanga. Acredito que, nos próximos meses, ocorra a adaptação dos passageiros e a rota de Miraporanga repita a aceitação da linha D 282, que, diariamente, leva dois ônibus de trabalhadores de Tapuirama para Uberlândia”, afirmou Santos.²²⁰

O texto constrói uma ideia de que a linha de ônibus então recém-criada torna o distrito parte da cidade: é como se estivessem separados e o ônibus os ligasse. Mas os moradores de Miraporanga já eram parte desse lugar e se sentiam assim; já lutavam e reivindicavam há tempos seu direito de transitar com mais facilidade. Se é inegável que o ônibus ajuda a resolver muitos problemas de deslocamento — aspecto importante para muitos moradores —, ele não inaugura um pertencimento a esse lugar: as pessoas já o disputavam e já buscavam, nas brechas e alternativas de vida, transitar pela cidade e usufruir daquilo que ela podia lhes oferecer. A fala do assessor da Secretaria Municipal de Trânsito e Transportes que finaliza o texto reforça a possibilidade que a linha de ônibus abre: a de os moradores do distrito trabalharem na cidade. Possibilidade relevante para quem mora em Miraporanga. Nos demais distritos, já era uma realidade, pois muitos procuram na cidade as oportunidades de emprego formal que proporcione estabilidade e benefícios.

Esse aspecto, porém, repercute em outras reivindicações. No caso de Tapuirama, se antes os moradores reivindicavam uma linha de transporte coletivo, hoje pedem mais horários e reclamam da superlotação do ônibus. Em 2009, Ademar Luiz Vieira Neto analisou a linha distrital terminal Umuarama–Tapuirama (linha D 282, conforme a nomenclatura do sistema de transporte) em sua monografia de graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Alguns dados de sua pesquisa contribuem para a discussão desenvolvida nesta parte da tese. O autor aplicou questionários com os moradores de Tapuirama enfocando uma série de aspectos. Trago para esta discussão a finalidade da linha, os horários mais movimentados, a quantidade de horários e os incômodos da viagem. As figuras a seguir reproduzem gráficos que traduzem os dados levantados, tabulados e analisados pelo autor.

²²⁰ MIRAPORANGA conta com linha de ônibus. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, MG, 7 de fevereiro de 2013, ano 75, n. 22.947, “Cidade e região”, p. A5.

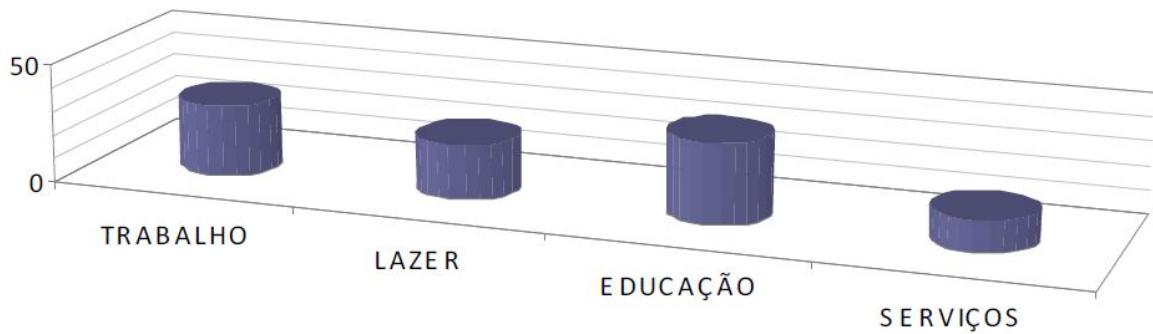


FIGURA 11 – Dados relativos à finalidade do uso de transporte coletivo na linha terminal Umuarama-Tapuirama conforme a opinião de usuários residentes em Tapuirama, distrito de Uberlândia, MG — 2009 (fig. recortada para fins estéticos e de ajuste à diagramação da tese)²²¹

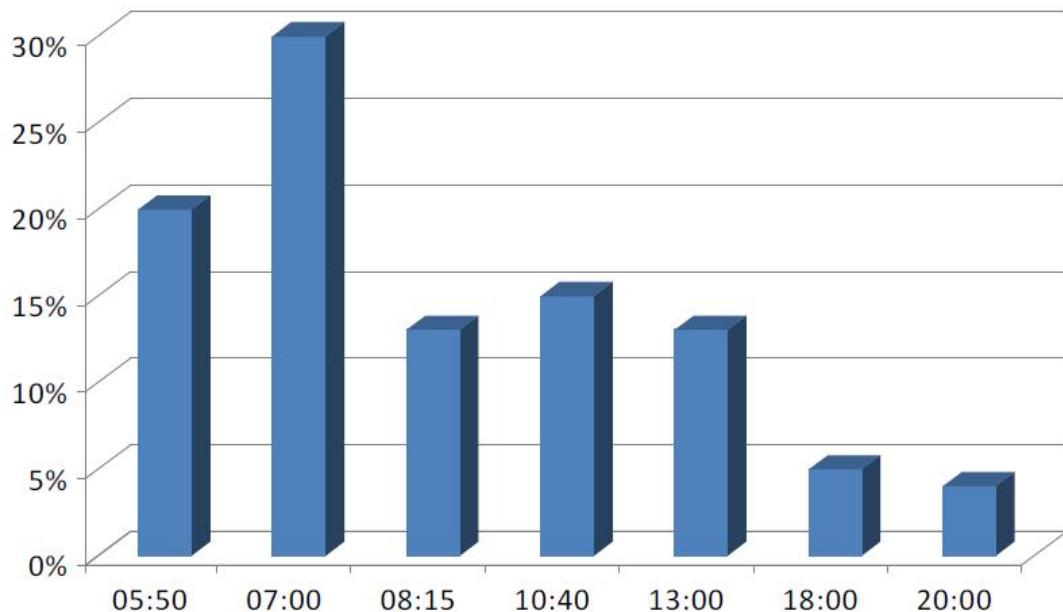


FIGURA 12 – Dados referentes a horários de mais movimento de passageiros na linha de ônibus D282 no sentido Tapuirama–Uberlândia conforme a opinião de usuários residentes em Tapuirama, distrito de Uberlândia, MG — 2009 (fig. recortada para fins estéticos e de ajuste à diagramação da tese)²²²

²²¹ NETO, Ademar Luiz Vieira. **Transporte público de Uberlândia:** análise da linha distrital de Tapuirama. 2009. Monografia (Graduação em Geografia) — Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, p. 17

²²² NETO, 2009, p. 8.

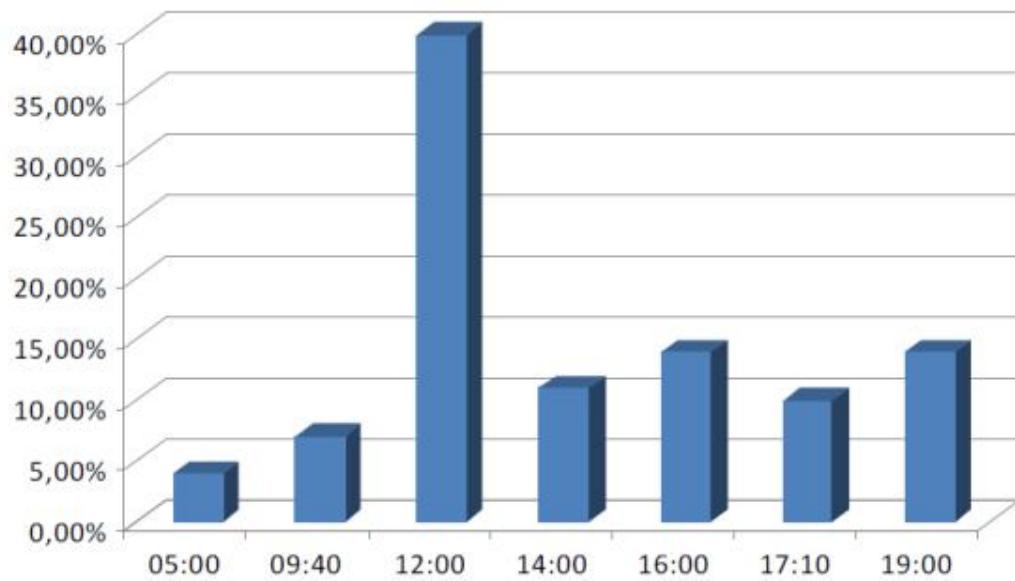


FIGURA 13 – Dados relativos aos horários de mais movimento de passageiros na linha de ônibus D282 no sentido Uberlândia–Tapuirama de acordo com a opinião de usuários que residem em Tapuirama, distrito de Uberlândia, MG — 2009 (fig. recortada para fins estéticos e de ajuste à diagramação da tese)²²³

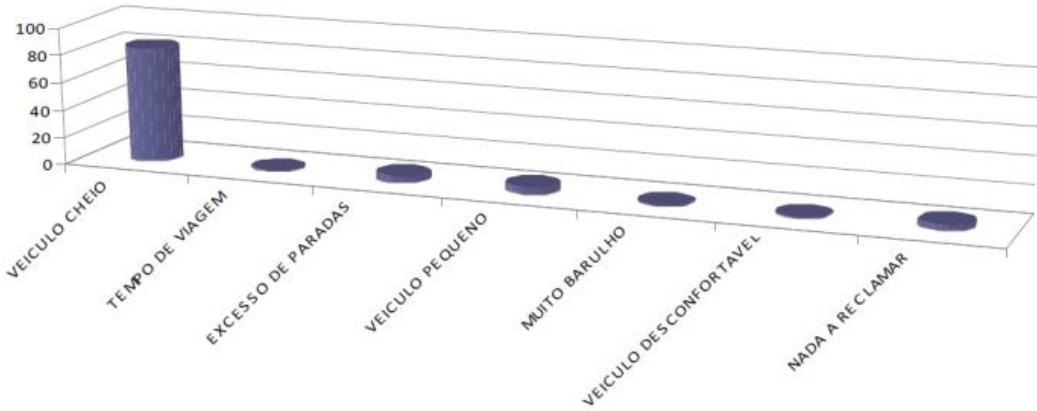


FIGURA 14 – Dados relativos aos incômodos durante a viagem da linha de ônibus terminal Umuarama–Tapuirama segundo a opinião de usuários residentes em Tapuirama, distrito de Uberlândia, MG — 2009 (fig. recortada para fins estéticos e de ajuste à diagramação da tese)²²⁴

Com base no gráfico da Figura 11 — que apresenta dados sobre os usos da linha de ônibus —, grande parte da população de Tapuirama a usa para trabalhar ou estudar em Uberlândia. Os gráficos com dados de horários mais utilizados pela população (FIG. 12 e 13) evidenciam isso ainda mais; notem-se os dois primeiros horários de saída do distrito rumo à Uberlândia e o número significativo de usuários dos últimos horários que vão para o distrito.

²²³ NETO, 2009, p. 26.

²²⁴ NETO, 2009, p. 19.

Noutros termos, as pessoas deixam o distrito em grande medida para trabalhar ou estudar na cidade. Nesse caso, faz sentido a reclamação dos moradores quanto à superlotação. Acrescente-se que divergem as pessoas entrevistadas quanto à disponibilidade de horários: pouco mais da metade acha satisfatório, mas um número significativo discorda.²²⁵ Se pensarmos que essa população se desloca para trabalhar ou estudar, é justificável que reivindique solução para o problema da superlotação, posto que nesses horários de pico se avoluma o número de pessoas que viajam quase uma hora em pé. (No caso de quem vai enfrentar um dia de trabalho ou estudo, o cansaço começa bem cedo.) Como trabalhar na cidade se tornou opção para que muitos moradores busquem suprir suas demandas para melhorar suas condições de vida, o mínimo que desejam é se deslocarem sem tantos desconfortos.

Essa realidade é compartilhada pelos moradores do distrito-sede que se apertam em ônibus lotados para chegar ao local de trabalho. Uma busca rápida na internet sobre a situação do transporte público de Uberlândia mostrará notícias e, sobretudo, reclamações de usuários do transporte coletivo na coluna “Opinião do leitor”, do *Correio de Uberlândia*. As reclamações giram em torno da superlotação dos ônibus e do tempo de espera nos pontos, como se pode ler em dois exemplos que identifiquei em minha busca:

ÔNIBUS LOTADOS

Não escrevo ao CORREIO de Uberlândia para criticar o prefeito, mas andar de ônibus em Uberlândia está muito difícil. Os ônibus estão muito lotados em todas as horas do dia e, no meu entender, a prefeitura precisa exigir que as empresas coloquem mais ônibus nas linhas.

Jair Pessoa Lima

Consultor de Negócios²²⁶

TRANSPORTE PÚBLICO

Após percorrer um trajeto de uma linha de ônibus e a bordo dele com destino a um bairro de Uberlândia (exemplo, o 120, que vai para o bairro Jardim da Palmeiras), em horários de pico, pode-se notar certo desdenho com a classe que utiliza este meio de transporte. O intervalo de tempo entre um ônibus e outro em horário de pico é o mesmo dos horários normais e a consequência é o acúmulo de passageiros nos pontos e a superlotação dentro dos automóveis. Tudo isso gera irritação dos passageiros, dos motoristas e de todos que se envolvem com este trabalho, já que nem sempre conseguem embarcar na hora desejada, devido à superlotação.

Wésiton Borges — Geógrafo, Uberlândia (MG)²²⁷

²²⁵ Cerca de 52% consideram satisfatória a quantidade de horários da linha — NETO, 2009, p. 22.

²²⁶ ÔNIBUS lotado. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, MG, 29 de março de 2014, ano 76, “Opinião”. Disponível em:

<<http://www.correiouberlandia.com.br/opiniao/2014/03/29/anular-os-votos/>>. Acesso em: 14 maio 2014.

²²⁷ TRANSPORTE público. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, MG, 21 de fevereiro de 2011, ano 73, n. 22.230, “Opinião do Leitor”, p.A2.

Em minha busca, encontrei um documento elaborado pelo vereador Adriano Zago (Partido do Movimento Democrático Brasileiro/PMDB), em 2014, sobre a situação do transporte público na cidade de Uberlândia. No fim de 2013, ele usou ônibus para se locomover pela cidade durante dez dias e publicou um relato dessa experiência. O texto aponta problemas que a população elenca em relação ao transporte: falta de abrigos nos pontos, insegurança nas viagens (assaltos), superlotação em horários de pico, tempo de espera e trajeto, dentre outros. Na parte do relatório sobre a visão dos usuários, ele trata da experiência dos moradores dos distritos de Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos:

Nos relatos dos usuários do sistema, destaca-se o que foi narrado pelos moradores dos distritos de Uberlândia. Reclamações que são comuns tanto aos cidadãos de Martinésia, quanto de Cruzeiro dos Peixotos, bem como aos demais usuários do transporte público, porém, naquela fala dos moradores dos referidos distritos, tais denúncias se encontram exponenciadas por suas gravidades e absurdos. Depoimentos indicam a escassez de horários e de carros para que as demandas (profissionais e pessoais) sejam atendidas com a mínima eficiência, por conta da recorrente superlotação nos horários de pico. Além disso, tanto nos finais de semana e feriados ou mesmo após as 19h (é o horário da última corrida), os demais horários são completamente inadequados, sobretudo nos finais de semana. É como se Cruzeiro dos Peixotos e Martinésia desaparecessem do mapa. Não obstante às longas esperas, existe um rodízio de quem viaja sentado, já que os passageiros que escapam de viajar de pé são aqueles que têm a sorte de terem o ônibus, primeiro, em seu ponto, ou seja, quando o carro passa em Martinésia, primeiro, são os moradores de Cruzeiro dos Peixotos que, ao longo de 45 minutos, permanecem em pé (ou sentados nos degraus das escadas); e vice-versa.²²⁸

Como se lê, os problemas listados reiteram os que citei antes — horários e superlotação, por exemplo. Numa palavra, são problemas compartilhados por toda a população überlandense. Como vereador, o que Adriano Zago fez tem cunho político: ele precisa dar respostas à população que o elegeu; mas o resultado de sua iniciativa oferece subsídios para uma reflexão sobre o transporte público überlandense como direito da população que precisa de mais prioridade nas políticas públicas. O transporte é, desse modo, uma questão que permeia momentos diferentes nos distritos. É um direito disputado ao longo do tempo: ora se ganha, ora se perde; ora se alcançam as melhorias. Se o acesso ao transporte coletivo é uma demanda suprida substancialmente em todos os distritos, novas demandas e

²²⁸ ZAGO, Adriano. **10 dias de ônibus em Uberlândia** — problemas e soluções. Relatório final. 2014. Disponível em: <http://www.adrianozago.com.br/wp-content/uploads/2014/04/Relatorio_10-dias-de-onibus.pdf>. Acesso em: 14 maio 2014.

novos problemas se impõem, de tal modo que os moradores reivindicam novos direitos associados com necessidades antigas e supridas só em parte.

Se a integração dos distritos pelo sistema de transporte criou possibilidades de seus moradores trabalharem na cidade, o fechamento do laticínio de Cruzeiro dos Peixotos e da fábrica de doces de Martinésia, em 1997, — noticiado pelo *Correio* — impôs uma situação inversa: a do desemprego.

O descontentamento das mulheres que trabalhavam no laticínio em Cruzeiro dos Peixotos e na fábrica de doces em Martinésia, ambos localizados nos distritos de Uberlândia, e fechados há mais de três meses, está estampado na vida simples dessas pessoas. As famílias que já contavam com um salário mínimo por mês, hoje, sem o trabalho, passam por dificuldades financeiras, já que as cidades não oferecem outros empregos. [...] A dona de casa Marisa de Paula, que também trabalhou no laticínio durante todo tempo de funcionamento, está revoltada com a decisão da prefeitura e não acredita no retorno da fábrica. “Já está há muito tempo parada. Perdi as esperanças.” Ela disse que apesar de o salário ser pouco, R\$ 120,00, ajudava nas despesas. Marisa que é casada e possui dois filhos, não vê perspectivas de emprego. O fechamento das duas fábricas também interferiu no pequeno comércio de Cruzeiro dos Peixotos e Martinésia [...] sem a renda fixa do laticínio as mulheres diminuíram o poder de compra.²²⁹

O foco dessa notícia são as dificuldades de encontrar emprego em Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos, situação que teria se agravado com o fechamento do laticínio e da fábrica. Nesse caso, pensada nessa amplitude, a situação da locomoção dos moradores permite dizer que a reivindicação por transporte coletivo, pela extensão dos horários e pela diminuição da superlotação se alinha à busca de alternativas de trabalho e vida para os moradores — isto é, emprego na cidade. A reivindicação vai além do conforto nas viagens e das opções de horário: significa disputar socialmente a possibilidade de conquistar postos de trabalho em Uberlândia: espaço que eles entendem como também deles, e não como realidade à parte do distrito. Prova disso é que tencionam o poder público para verem atendidas suas reivindicações.

As opções de emprego mais encontradas pelos moradores se concentram em empresas atacadistas e supermercados. Algumas mulheres trabalham como diaristas ou domésticas. À possibilidade do emprego na cidade se alinha uma opção de lazer para eles, em certa medida facilitada pela opção do transporte. Em entrevista de 2005 com o senhor José Geraldo, morador de uma fazenda do distrito de Martinésia, ao ser perguntado sobre a relação com a cidade, ele mencionou as transformações da vida e como a cidade é uma opção até de lazer para quem mora nos distritos:

²²⁹ VIDA difícil nos distritos. **Correio**, Uberlândia, MG, 11 de outubro de 1997, ano 59, n. 17.612, “Cidades”, p. 9.

[...] o mundo vai evoluindo. Hoje, quer dizer, nós temos uma estrada pavimentada, você tem, por exemplo, aqui hoje o Sistema Integrado de Transporte, quer dizer, dentro de Uberlândia, também faz é, esse distrito, quer dizer e daí, nós falamos com a energia, hoje temos aqui a oportunidade de ter a internet aqui. Então você passa a morar na zona rural tendo uma vida muito parecida, você praticamente vivendo, assim, tudo que se tem na cidade. Você participa, você sai daqui, é coisa de meia hora, você tá lá dentro de Uberlândia, em qualquer lugar. Você pode tá num cinema, num teatro, em qualquer local, num shopping, né? Então a relação hoje é, hoje é, acho que é bem diferente; e, assim, eu acho que pra melhor. Você gasta muito mais também [risos]. Mas você vive melhor, numa condição de vida melhor.²³⁰

O entrevistado fala de como a vida mudou e não isola da mudança o distrito onde mora. Sente-se parte do processo de transformação e indica que em sua infância a relação com a cidade se guiava por questões mais práticas: adquirir algum bem que não havia no distrito e resolver questões bancárias, por exemplo. No momento da entrevista, aponta que essas relações foram estreitadas e facilitadas pela pavimentação da rodovia de acesso e pela integração ao sistema de transporte. Na leitura dele, abriu-se a possibilidade de os moradores do distrito chegarem à cidade de uma forma menos penosa e usufruir dela, inclusive de suas opções de lazer. Ele cita como exemplos o cinema, o teatro e os *shopping centers*.

Contudo, tendo em vista que os *shopping centers* passaram a abrigar o cinema, ao menos em Uberlândia, assistir a um filme no cinema supõe gastar um montante que talvez faça desse lazer uma opção acessível a poucos. Não por acaso ele toca nesse ponto, que considero fundamental. Se a vida melhorou, não foi sem custos: hoje se gasta mais. Logo, se as opções de lazer oferecidas pela cidade são para poucos dentre os muitos que moram nela, também o são nos distritos, pois estes espaços não escapam aos efeitos da desigualdade social. Ainda que a estrada pavimentada e o ônibus facilitem o acesso à diversão na cidade, não asseguram para muitas pessoas o acesso a opções de lazer como o cinema.

A fala dos moradores Nadia e José Luis caminha na direção que segue a interpretação de José Geraldo:

Nádia — Acho que o meu pai, qué dizê, que mudô o estilo de vida que as pessoas tá levano hoje. [Por]Que de primeiro era o quê? Só casa, é trabalho e... é, como é que fala? Trabalhava na roça e vinha pra casa. Agora, não! Agora é o quê? A pessoa tem mais, eu acho que tem mais opções de lazer e

²³⁰ PACHECO, José Geraldo. Martinésia, Uberlândia, MG, 19 de junho de 2005. Arquivo de mp3 (31 minutos). Entrevista concedida a mim em sua residência.

de primeiro num tinha... É... Num sei, ela faz mais coisas além de trabalhá e...

Renata — *E antes era um trabalho na roça? Só?*

José Luís — Na roça é tudo muito sacrificado, nossa! Trabalho custoso, né?! Pesado, né?! Cê andava longe pra ir numa roça, e de a pé... Hoje não, hoje cê vai trabaíá, cê vai na sua moto, vai na sua condução, hoje ficô tudo mais fácil.

Você acha que hoje é melhor?

José Luís — Ichi! Muito melhor [risos]. Hoje qualqué pessoa tem o seu carro, de primeira pra gente comprá uma, eu pra mim comprá uma bicicleta, nossa senhora! Que trabalho que deu, uai! Naquela época, então era tudo difícil, era tudo, os carro do povo era tudo véio, quem usava carro novo era só os fazendeiro mesmo que podia, né?! Hoje mudô. Hoje fazendeiro, ele tá igual um pobre mesmo, porque o pobre tá andano em carro novo, e o fazendeiro tá na mesma, né?! [...]

Você falou que aqui hoje tem mais opções de lazer para as pessoas. O que você acha que é essa...

Nádia — Ai, o lazer que eu falo é porque, ah, eles vai pra praça... Tá teno um — como é que fala? — um esporte ali, que é, num sei, é alguma coisa volta, algum projeto da UFU que tá sendo desenvolvido ali. Então tá tendo ginástica...

Eu acho que cheguei a ver um projeto de extensão...

Nádia — É ginástica...

Umas coisas de música, de viola?

Nádia — É, umas coisa assim. Então o povo tá envolvido.

José Luís — É, tem o encontro de viola aqui, todo ano, aí...

Nádia — É, encontro de viola...²³¹

Pai e filha avaliam essa transformação nas maneiras de viver e — assim como o senhor José Geraldo — percebem mudanças nos padrões de consumo, exemplificado pelo senhor José Luís por meio dos carros, hoje mais acessíveis a um maior número de pessoas, segundo ele. Ambos falam em “mais opções de lazer”, mas entendo que, pelo que vinham narrando, essas “opções de lazer” são, na verdade, transformações nos viveres, uma vez que, na sequência, falam de como, no passado, a vida estava mais restrita ao trabalho, que era mais sacrificado do que na atualidade na visão deles. Quando provoco Nádia sobre o que ela chama de mais opções de lazer, ela aponta a praça e as opções proporcionadas por um projeto de extensão da Universidade Federal de Uberlândia (UFU); seu pai amplia a resposta citando o festival de viola (vide p. 71–3).

Nesse momento da entrevista, acredito que apontassem um universo de transformações na realidade em que vivem; transformações no trabalho e nos padrões de consumo — isto é, na vida social — por que tem passado a sociedade nas últimas décadas e às quais os moradores do distrito não escapam, diferentemente do que propagam muitas das imagens sobre eles. Cada fonte com que me deparei — entrevistas, textos de jornal, atas — aponta justamente que a vida nesses lugares se transformou e se transforma. Muitos dos dilemas dos moradores dos distritos,

²³¹ BIASI, 2012; BIASI, 2012.

também são os dos que vivem nas áreas urbanas mais afastadas do centro de Uberlândia, a exemplo do transporte — já discutido. A diferença é que sobre tais lugares não se constroem nem se divulgam imagens romantizadas, como se faz em relação aos distritos.²³²

O projeto de extensão que a UFU desenvolve no distrito de Cruzeiro dos Peixotos e a que se refere Nádia tem como título *Enfrentamento da violência contra a criança e o adolescente: arte e educação promovendo a autodefesa e o empoderamento de crianças e adolescentes do distrito de Cruzeiro dos Peixotos — Uberlândia/MG*”. A justificativa do projeto, presente em seu termo de referência, aponta que

O perfil socioeconômico das crianças e adolescentes enfocados nesse projeto pode ser caracterizado como “*baixo, visto que, a maioria vem de famílias que moram em fazendas onde [pais e filhos] prestam serviços temporários*”. Outros são residentes no próprio distrito, onde a renda familiar é proveniente do frigorífico local ou da própria cidade aonde os pais vão de ônibus trabalharem e só retornam no fim do dia. “*As atividades remuneradas exercidas por estes pais e até mesmo pelos alunos são de: servente de pedreiro, limpeza de quintais, plantio, colheita de hortaliças, construção de cerca, extração de basalto e outros. Há pais que são funcionários públicos, outros comerciantes e motoristas*”. O acesso a atividades culturais, esportivas e ao lazer é extremamente reduzido. Haja vista que, salvo os projetos desenvolvidos em parceria com a Universidade Federal de Uberlândia, é quase inexistente ações voltadas para essas áreas. A comunidade caracteriza-se também por ser predominantemente católica, sendo os festejos religiosos marca característica do calendário local.²³³

Os autores do projeto obviamente precisam convencer a sociedade da necessidade de implantação do seu projeto, no entanto, para além dessa questão, acredito que ele só encontra respaldo no próprio distrito porque ele faz algum sentido para as pessoas que ali vivem e, de

²³² O trabalho de Reis discute o significado do direito ao transporte público para as populações residentes nos conjuntos habitacionais por ela investigados; e sua discussão aponta problemas como preço da passagem, falta de qualidade dos serviços prestados e outras numerosas dificuldades que população empobrecida da cidade enfrenta em sua rotina diária de se locomover pelo espaço urbano. Exemplo disso está na experiência de um morador do conjunto habitacional Segismundo Pereira no início de sua implantação, que abre caminho a uma reflexão sobre as dificuldades de quem precisa de transporte público, tais como demora no trajeto e gastos com transporte. Segundo Reis, “Marco Túlio lembra que “quando morava no bairro Cazéca não dependia de ônibus”. Esse depender trouxe para o seu cotidiano um constrangimento quanto ao uso do transporte coletivo e de outros caminhos a serem percorridos por eles e seus irmãos para chegarem à escola: “... de lá para alcançar é... o centro, Tubal Vilela, a gente andava a pé e de lá retornava e ia pra escola, assim tranquilo. Daí, aqui (no Segismundo) a gente já teve esse constrangimento de ter é... participar do transporte urbano (...). Só que o ônibus dava muita volta (...) era demorado mais tinha (...) passava dentro do Santa Mônica... do Sará, era complicado...”. A obrigatoriedade do uso regular do ônibus trouxe, para a família de Marco Túlio, um refazer do orçamento financeiro, efetivando, nesse rearranjo, as novas despesas, os estudos dos filhos, como valor moral a ser conservado. A despeito das dificuldades expostas, “ninguém largou a escola”. REIS, Maucia Vieira dos. **Entre viver e morar**: experiências dos moradores de conjuntos habitacionais (Uberlândia — anos 1980/1990). 2003. 123f. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, p. 66.

²³³ UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Enfrentamento da violência contra a criança e o adolescente: arte e educação promovendo a autodefesa e o empoderamento de crianças e adolescentes do distrito de Cruzeiro dos Peixotos — Uberlândia/MG**. Registro 10.346, ano-base 2012. Disponível em: <<http://www.siex.proex.ufu.br/catalogo>>. Acesso em: 5 mar. 2013.

fato, os distritos são espaços carentes de opções de lazer que se restringem muito às festas religiosas, às cavalgadas e a algumas partidas de futebol, além dos bares. Enfim, as opções são escassas e o senhor Honório também aponta a mesma situação em Tapuirama:

Honório — [...] Porque, igual ela tá falano lá dos exemplo lá do salão, o comércio, pra isso aí. É bão demais! Imagina se ocês, a associação, não precisasse de dinheiro pra mantê a creche, o quê que ia ter em Tapuirama pro povo?.

Renata — *Então aqui não tem lazer?*

Suzicarlei — Não. [...]

Além desses, esse exemplos...

Honório — É. Vê aonde que eu quero né?! Chegá lá. Sinto, aí o quê que povo ia fazê? Ia ficá nos buteco bebeno pinga. Então, igual eu tô coretano aí, de, de coisá, cortá, não, porque tem que fazê, tem que fazê, final de semana tem que tê coisa pro povo ir, tanto faz novo como vêio, tem que tê coisa pro povo ir, pra miorá o comércio, né?! Tem que tê diversão pro povo! Porque as pessoa trabalha a semana inteira, tá cansado, então final de semana...²³⁴

Senhor Honório indica que os bailes promovidos pela associação de moradores de Tapuirama a fim de arrecadar fundos para a manutenção da creche²³⁵ são uma opção de lazer significativa no distrito; porque, do contrário, as pessoas acabariam nos bares — segundo diz o entrevistado. Com efeito, isso é uma realidade marcante nos distritos pesquisados. Em minhas visitas nos fins de semana, era notório o número de pessoas em bares, consumindo bebida alcoólica. Os moradores reclamam que, muitas vezes, isso acaba em brigas e em barulho excessivo, provocado pelos aparelhos de som nos carros.

A problemática do lazer é evidente não só nesses lugares, mas também no município todo. Embora seja viabilizado pelo ponto de vista da locomoção — facilitada pelo transporte coletivo —, nem sempre o lazer disponível na cidade é acessível do ponto de vista econômico. Em grande medida, a renda familiar impossibilita a busca de tais opções. Curiosamente, os distritos são apresentados pela mídia — como se viu nos capítulos anteriores — na condição de espaços de lazer, de “turismo rural”; lugares onde buscar um ambiente diferente do espaço da cidade. Mas são espaços de lazer para o outro: a quem não vive ali e busca o “exótico”, o que difere da vida na cidade. Embora os distritos sejam “vendidos” como recantos dessa busca, seus moradores não possuem ali espaços de lazer, uma vez que compartilham o viver cotidiano desse lugar. Noutros termos, para eles, os distritos são o lugar onde vivem, travam os confrontos cotidianos e buscam sobreviver ante as contradições capitalistas, que eles sentem na pele. Assim, creio que essa vivência não deixa muito espaço para verem o lugar pelo prisma do bucólico, do idílico, do “exótico”.

²³⁴ FAGUNDES, 2012; FONSECA, 2012.

²³⁵ A creche se vincula à associação de moradores de Tapuirama, que recebe verba da prefeitura de Uberlândia para mantê-la. Ainda assim a associação promove eventos para pagar despesas eventuais que a verba enviada não cobre.

Eis por que muitas vezes as falas oficiais, da mídia e da academia se esvaziam. Suas temáticas e referências não são as que os moradores entendem como importantes em seu cotidiano. Talvez, para um morador desses distritos, faça mais sentido falar em revitalização do campo de futebol do que de uma casa que foi de determinada figura importante ou que foi um estabelecimento importante. Como se trata de lugares carentes de lazer, talvez seja mais importante e significativo melhorar como espaço de lazer o campo de futebol e a quadra poliesportiva.

Dona Luzia, moradora de Martinésia, faz questão de explicitar seu desejo de relembrar, registrar e transmitir a memória dos nomes importantes do distrito, dos prédios considerados históricos. Mas em nossas conversas surgiram questões como o futebol; e nesse momento da entrevista retomei a questão, já referida por ela em momento anterior da conversa.

Renata — *E o futebol, Dona Luzia... A senhora falou que é uma diversão, né?!*

Luzia — É.

Eu me lembro que, quando eu era menina, o futebol aqui em Martinésia era uma diversão de família!

Luzia — De família, era...

A gente vinha, assistia, pro Cruzeiro, pra Tapuirama, pra Olhos d'água...

Luzia — Hum Rum... Campeonato rural de futebol.

É assim até hoje, as pessoas participam... a família?

Luzia — Até hoje. Participa. Cê precisa vê, agora é de manhã, aos domingo de manhã. E a gente sempre vai, né?! E chega lá pra [risos] tá cheio de gente! Por que tem o campo [...] num sei se cê já viu. Foi ampliado... agora tem, tem bar, tem a arquibancada pra assentá lá, num fica lá de pé...

Não tem nada disso mais [risos]?

Luzia: Não!... Tem o vestiário, pra homem e pra mulher... banheiros... É muito bem organizado, inclusive eles vão até dâ uma reformada. Muito bem arborizado, é sombra que é uma beleza. É gramado... o campo. Porque era terra. Cê lembra que era terra vermelha, né?! E a gente gosta. Eu gosto, eu gosto muito! Cê sabe que quando começou o campeonato rural, é, de futebol aí, que a gente gostava muito, num tinha outra coisa assim pra divertir, né?! Era o futebol, mas eu comprei um carro só pra acompanhá, porque tinha dia que a gente tinha carona, tinha dia que a gente ia em cima de caminhão... mas ia, né?! Acompanhava o... [risos]. Eu gosto.

E as pessoas participam então?

Luzia — Participa, faz torcida, é... as família, participa.

E ainda é nos distritos?...

Luzia — É, esse... agora eu num sei se, se vai terminá agora em maio o campeonato, mas é, tem aqui, tem no Cruzeiro, né?! Outro dia tinha aí, eu num fui, não. O ano passado eu fui, lá no Tapuirama. Vê uma [partida de] final [de campeonato] lá, né [risos]?! Aí nós perdemos em Tapuirama, né?! [Risos] Ficamo em segundo lugar. Mas nós já somo tricampeões [risos]!²³⁶

Como se pode deduzir dessa fala da entrevistada, os campeonatos rurais de futebol foram importantes para ela, a ponto de dona Luzia comprar um carro para acompanhar os

²³⁶ BORGES, Luzia Alves. Martinésia, Uberlândia, MG, 20 de abril de 2011. Arquivo de mp3 (42 minutos). Entrevista concedida a mim em sua residência.

jogos nos distritos e nas comunidades rurais onde eram realizadas as partidas. Em conversas com outros moradores do distrito de Martinésia, alguns têm uma percepção diversa: diferentemente da entrevistada, não dão a mesma importância que já deram. Ainda assim, destaco a maneira como enfatiza o espaço do distrito onde ocorrem as partidas de futebol, que — ela relata — foi melhorado; visto que dona Luzia sabe que compartilha dessa memória, convidou-me a rememorar com ela (“cê lembra, que era terra vermelha?”) a transformação que, em minha leitura da fala dela, tem um sentido não só de melhoria das condições físicas do campo, mas também de valorização do lugar e do significado que aquela prática tem para os moradores.

Embora alguns moradores não vejam os campeonatos rurais de futebol da forma como viam no passado — não lhe atribuem a mesma importância —, estes ainda têm um valor significativo para muitos porque se trata de um momento de lazer compartilhado por vários moradores. Em uma visita minha a Tapuirama em 2012 para gravar entrevistas, ao chegar à casa de um morador, alguns amigos dele estavam lá e falavam de seu descontentamento com a partida final do campeonato rural de futebol, que seria disputada num estádio de Uberlândia, e não no distrito. Comentavam com pesar a questão porque, com isso, os torcedores do time não poderiam comparecer em grande número; além disso, percebi certo desconforto quanto a realizar a partida noutro lugar: é como se entendessem isso como um deslocamento de sentido para aquele momento.

Assim como o campo de futebol e as práticas dele decorrentes fazem mais sentido para os moradores que os espaços eleitos como de memória, o cemitério é outro espaço dos distritos que percebo como valorizado pela população. A importância dada é latente em Martinésia e Tapuirama. Em Cruzeiros dos Peixotos não há cemitério (muitos procuram o cemitério de Martinésia; outros, os da cidade de Uberlândia); em Miraporanga, não percebo esse envolvimento da população com esse lugar. Em entrevista com a professora Suzana ela se referiu — no momento em que falávamos sobre os moradores de Miraporanga — a uma população no distrito que não se fixa no lugar (pessoas vindas de outras regiões do país para trabalhar) — e menciona a questão do cemitério:

Renata — *E a população que é daqui mesmo então tem pouca gente?*

Suzana — São pouquíssimas, pouquíssimas... Que são miraporanguenses natos são muito poucos. Eu até, no passado, eu até comentei com a, a Geovanna [vide p. 123], eu fiquei até decepcionada quando eu vi o cemitério [risos]. [Por]Que, quando eu tava buscando respostas pras minhas indagações, eu pensei: “Nossa, a hora que eu entrar lá no cemitério, eu vou ver tanto túmulo antigo, e eu vou poder pesquisar e tudo...”. Quando eu abri as portas tinha — me parece — quatro ou cinco túmulos, e uns até assim

totalmente destruídos, né?! E cê não vê mais nada. Eu fiquei assustada e a gente percebe também que aqui, quando as pessoas falecem, elas não têm o hábito de serem enterradas aqui. São enterradas em outras localidades. Então assim, eu fiquei frustrada porque eu pensei que eu fosse encontrar tanta coisa, pra eu... buscar resposta pras minhas indagações [risos] não que eu queira que as pessoas morrem... não, né?! [risos] Mas, assim, eu pensava que o... os habitantes do, do passado, né?! [Es]Tivessem lá e eu ia achar muita coisa pra mim correr atrás. Mas me frustrei nesse aspecto [risos].²³⁷

A frustração é notória na fala de Suzana. Embora não seja moradora de Miraporanga, ela trabalha lá faz mais de vinte anos e mostra ser apaixonada pelo distrito, a ponto de achar que encontraria, no cemitério, referências a famílias antigas que viveram em Miraporanga as quais lhe permitissem conhecer e entender mais a história do local. Mas ela se enganou. A situação do cemitério é assustadora segundo a imagem que Suzana constrói: os túmulos, além de velhos e mal-conservados, são poucos — como ela disse. Esse fato é sintomático para entender parte da realidade de Miraporanga, que, já há alguns anos, recebe pessoas de outros lugares do país que, quando morrem no distrito, têm seus corpos enterrados noutras localidades que não Miraporanga, onde há poucos moradores nativos. Cabe pensar também que, por se tratar de uma população que vem para o lugar, então parte dela volta para suas cidades de origem, depois retorna, trazendo parentes. Noutros termos, essa população se movimenta, por isso — creio — os óbitos não acontecem em grande número no distrito; logo, o cemitério local não é referência para essas pessoas.

Talvez possa parecer contraditório explorar a noção de pertencimento e o não enraizamento no distrito — como fiz. Mas entendo que a possível contradição se dissipe caso se considere que, enquanto permanecem nesse lugar, as pessoas de fora entendem e disputam esse espaço como seu; procuram vivê-lo nas melhores condições possíveis. A quem permanece no distrito — opta por morar nele —, disputar melhorias e buscar alternativas de vida mais digna significa se perceber como pertencente a esse lugar, isto é, ser parte dele.

Nos distritos de Martinésia e Tapuirama, o cemitério é um espaço de disputa política porque os moradores reivindicam melhorias nesse lugar. Trata-se de um espaço extremamente importante no cotidiano desses lugares.

²³⁷ ALVES, Suzana (nome fictício). Miraporanga, Uberlândia, MG, 16 de fevereiro de 2012. Arquivo de mp3 (46 minutos). Entrevista concedida a mim na Escola Municipal Domingas.

Renata — *O que o povo reivindica aqui? Além dessas coisas... que já são muitas?*

Suzicarlei — Reivindica mais horário de ônibus, mais médico. É os mais procurado. Mais médico, mais medicamento, mais policiamento, isso aí é essencial. [...]

Honório — É, mas ainda tem umas coisa ainda que o povo às vezes esquece. É [...] tava conversando lá, [...] foi no dia do enterro duma pessoa lá, lá no cemitério. Num tem energia. É brincadeira, né?! Num tem uma casa adequada, porque se tiver fazendo um enterro a pessoa precisaria escondê da chuva, igual isto que o coisa morreu, da Fatinha, né?! Coisô lá, pergunta a Selma, óia pro céu, chegô lá, foi preciso coisá lá, jogô o homi de quase jeito lá, pois ele debaixo da taperinha, um trem caído. Então, na hora lá, eu ainda comentei, falei: “Gente, as pessoa preocupa tanto!... Vereador, é política, perepepê, parapapá, né?! Mas esquece dumas coisa tão importante! Que é a energia lá, e faz uma casa lá, um barracão, uma coisa pra... né?!”.

Suzicarlei — Ah, a energia eu num sei se vão levá lá, não!

Honório — Então, às vezes a pessoa preocupa com ô.. Óia aqui: o banco da praça quebrô tal, mas num preocupa com a, esse tipo de coisa, sabe? Então, preocupa com ô, rancô a unha! O fulano tem que me levá lá, tal [...] enrola um papo nele e pronto!

Suzicarlei — Lá do cemitério, o ano passado, alguém me cobrô banheiro lá.

Honório — Aonde? Lá no?

Suzicarlei — Lá no cemitério.

Honório — É, não, mas...

Suzicarlei — Querendo banheiro, porque dia de finado aqui tem um pessoal, os que vem de fora, tem uns que gosta de, porque tem um dia que se encontra, aqui tem dois dia que se encontra muitas pessoas de fora aqui, é dia de finados e dia de eleição.

É igual em Martinésia [risos]? É o dia de ver todo mundo?

Suzicarlei — É os dia de vê todo mundo! Só que tem gente que chega lá no cemitério depois do almoço, e eles ficam lá até quatro, cinco hora da tarde, porque ali vai... [...] Encontra um, encontra outro, e tem uma grande sombra [do lado] lá, então todo mundo senta debaixo daquela sombra lá e vai... pôr a conversa em dia²³⁸.

Perguntei-lhes quais eram as reivindicações principais dos moradores de Tapuirama. Dona Suzicarlei citou o transporte e a saúde; senhor Honório citou algo que, como morador do lugar, ele entende como fundamental: a infraestrutura do cemitério, a iluminação do lugar e um abrigo. Para ele, a falta de luz tira parte da dignidade do enterro porque tem de ser feito às pressas. Essa reivindicação e a do senhor José pelo serviço de correio ultrapassa o discurso dos direitos do cidadão na ótica eleitoreira: é algo que fere valores morais e religiosos; que passa por uma visão de mundo cuja essência são relações pessoais e de sentimentos. Nosso diálogo mostra isso quando dona Suzicarlei se refere à reivindicação de banheiros no cemitério, justificada pelo movimento de visitantes no Dia de Finados, quando o cemitério vira — segundo disseram — ponto de encontro entre antigos e moradores atuais que vão

²³⁸ FAGUNDES, 2012; FONSECA, 2012.

visitar os túmulos de familiares. Nota-se aí o quanto esse espaço é importante e valorizado pelos moradores.

Esta não é, no entanto, uma reivindicação atual. Atas da Câmara Municipal de Uberlândia da década de 70 mostram que a reivindicação por melhorias no cemitério estava na pauta de discussão. A segunda sessão da primeira reunião ordinária de 1970, no dia 3 de março, fez uma indicação “[...] solicitando reparos no cemitério do Distrito de Tapuirama e outra, ainda ao Sr. Prefeito no sentido de serem eliminados os formigueiros da Praça Dr. Vasconcelos Costa na sede do mesmo distrito”.²³⁹ Em março de 71, o tema voltou à discussão:

O Vereador José Abalem Neto usa da tribuna para apresentar duas indicações subscritas pelo vereador Sebastião Rangel. Uma, solicitando da Mesa, envio de ofício aos comandantes das unidades militares [...]. Outra, solicitando do senhor Prefeito inclusão da construção de muros no cemitério de Tapuirama, no seu plano prioritário de obras para o presente exercício.²⁴⁰

Essas demandas não apareceriam na Câmara se não fizessem sentido para os moradores. Podem até ter conotação eleitoreira, mas a fala destes deixa entrever a valorização desse espaço como lugar de sociabilidade — por mais estranho que isso pareça. Com base em suas falas, entendo que as pessoas enxergam o cemitério como lugar onde podem voltar às origens: ao nascimento, ao enraizamento da família. A participação de ritual fúnebre de enterro em Martinésia mostra isso com clareza. O cemitério se localiza na descida da Igreja de São João Batista, no alto de uma colina. Reza o costume que os corpos devem ser velados na igreja por algum tempo; no momento em que o caixão é lacrado, bate-se o sino da igreja e segue o cortejo, a pé, com familiares e amigos se revezando na sustentação do ataúde até o destino final: o cemitério. Esse costume permanece entre moradores atuais e, também, entre os que tiveram uma história naquele lugar. Com estes faz-se o mesmo. Para eles — e seus familiares —, o ritual fúnebre significa — cabe reiterar — uma volta a um lugar que foi significativo em suas vidas. Eis por que entendo a relevância de reivindicar que o cemitério seja um espaço minimamente digno não só para os mortos, mas também para os vivos que vão reverenciar entes queridos.

As reuniões de moradores em Martinésia e Tapuirama revelam a valorização do espaço do cemitério. Uma passagem de ata de reunião do conselho comunitário de Martinésia de 1983, feita na escola municipal do distrito, mostra isso:

²³⁹ UBERLÂNDIA. Câmara Municipal. Ata da segunda sessão da primeira reunião ordinária de 1970. **Livro de atas 76**. Manuscrito. 200p. Arquivo Público de Uberlândia, 3 de março de 1970, p. 124v-5.

²⁴⁰ UBERLÂNDIA. Câmara Municipal. Ata da sexta sessão da segunda reunião ordinária de 1971. **Livro de atas 76**. Manuscrito. 200p. Arquivo Público de Uberlândia, 8 de março de 1971, p. 165v.

A finalidade da reunião foi discutir os problemas da comunidade com o Vice-Prefeito de Uberlândia, Durval Garcia e com o Secretário Municipal de Ação e Saúde, Dr. Flávio Goulart. O Presidente do C. C. D. R. Sr. Elson Alves Rezende reivindicou diversos benefícios para a comunidade, evidenciando a necessidade da instalação de um Posto de Saúde, melhoria do abastecimento de água, construção de uma área de lazer e reforma do cemitério. O Dr. Durval Garcia expôs os planos do governo municipal para Martinésia, confirmando a instalação do Posto de Saúde, o abastecimento de água, iluminação do cemitério, construção de meios-fios, de uma praça em frente a igreja e um pequeno conjunto de casas populares.²⁴¹

A passagem a seguir saiu da ata de reunião da associação de moradores de Tapuirama feita em janeiro de 2009:

[...] foi realizada a reunião na residência da Presidente Odete Gonzaga dos Santos Oliveira, que iniciou-se às 20:30 hs, para tratarmos dos seguintes assuntos: 1º) Temos como prioridade um pedido de médico de 05 dias por semana. 2º) Pedido de ambulância 24 horas. 3º) Serviço de correio, já que o daqui não tem mais. 4º) Iluminação defasada em algumas ruas de Tapuirama tais como: Travessa Nossa Senhora da Abadia, um poste no final da Avenida José P. Abalém, na rua Joaquim Pereira Nascimento. 5º) Foram pedidos mais orelhões para atenderem o Distrito. 6º) Melhorias no cemitério. 7º) Reforma na área externa do colégio Municipal Sebastião Rangel. 8º) Foi solicitado um centro de lazer para a 3^a idade.²⁴²

Nesses dois trechos, a reivindicação por melhorias nos cemitérios aparece em meio a questões básicas como saúde, educação e lazer. Na reunião em Martinésia, o assunto foi abordado ante o então vice-prefeito Durval Garcia, o que dá indícios de que a questão do cemitério era assunto importante para a população, digno de ser tratado naquela reunião e ter resposta dele, isto é, o compromisso de melhorar o local. Na reunião em Tapuirama, já na década passada, os moradores abordam o tema do cemitério. Isso sugere o quanto este é um espaço valorizado pela população, que o inclui em suas reivindicações centrais, por ser não só espaço dos mortos, mas também o lugar da sociabilidade.

Mesmo essas e outras tantas reivindicações dos moradores dos distritos, a fala oficial — expressa no *website* da prefeitura de Uberlândia — sobre os distritos se restringe aos históricos de cada um deles e dados demográficos. As reivindicações e os questionamentos dos moradores do presente trabalhados até aqui ficam de lado; a importância desses lugares se

²⁴¹ MARTINÉSIA — distrito de Uberlândia, MG. Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural de Martinésia/CCDR. **Livro de atas 1.** Ata de reunião de 17 de fevereiro de 1989. Manuscrito, p. 4.

²⁴² TAPUIRAMA — distrito de Uberlândia, MG. Associação dos Moradores do Distrito de Tapuirama/AMDT. **Livro de atas 3.** Ata de reunião de 12 de janeiro de 2009. Manuscrito, p. 5.

destaca no passado. Logo, os históricos divulgados remontam ao passado de fundação dos distritos:

Cruzeiro dos Peixotos teve um início de formação que não diferiu muito dos demais Distritos. Conta-se que em 1905, uma das famílias residentes na localidade cravou um cruzeiro na área hoje onde se situa a Igreja Santo Antônio. Ali, os moradores das redondezas se reuniam para rezar e, eventualmente, promover eventos para a arrecadação de fundos, que mais tarde seriam usados para a construção da igreja. Fato que chama a atenção era o hábito de se sepultar, ao pé do cruzeiro, as crianças nati-mortas, os “anjininhos”. A construção da igreja aconteceu depois que o fazendeiro José Camin, cumprindo uma promessa feita por sua esposa D. Cherubina, levantou a capela no local, consagrada a Santo Antônio e São Sebastião. A imagem de Santo Antônio também foi doada por um morador da região, Sr. José Batista. No ano de 1915, nova doação de terras feita pelo Sr. José Camin à Câmara Municipal deu origem ao prédio destinado à Escola Rural Estadual. O primeiro armazém foi instalado em 1918. Posteriormente, entre 1930 e 1940, foram instalados um açougue, uma beneficiadora de arroz, uma fábrica de doces, manteiga e queijo. A formação efetiva do povoado se deu por volta de 1925, quando um número considerável de famílias começou a se instalar e, em 1928, o povoado ganhou o primeiro telefone. Em 31 de dezembro de 1943, o decreto-lei nº 1058 da Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, criou o Distrito de Cruzeiro dos Peixotos. O acesso ao distrito de Cruzeiro dos Peixotos, localizado a 20 km de Uberlândia, é pela Rodovia Municipal Neuza Resende.²⁴³

No ano de 1807, no arraial do Desemboque, foi formada uma bandeira para explorar a região dos rios Grande e Paranaíba, na captura de índios Caiapós, que supostamente teriam fugido para Goiás e Mato Grosso, escondendo-se na área. Em 27 de outubro de 1809, o marquês de São João das Palmas, Governador da Capitania de Goiás, nomeou o sargento -mor Antônio Eustáquio da Silva e Oliveira, comandante e regente dos Sertões da Farinha Podre. Entre 1850 e 1852 foi construída a primeira capela no local para Nossa Senhora do Carmo e Santa Maria Maior (Nossa Senhora das Neves). Em 09 de agosto de 1864 a Lei nº 1198, criou o Distrito da Paz de Santa Maria, pertencente à freguesia de Monte Alegre, no município de Prata. Pelo decreto-lei nº 1058 de 31 de dezembro de 1943, o Distrito de Santa Maria passou a ser denominado de Distrito de Miraporanga, que no vocabulário tupi significa “gente bonita”. Miraporanga fica a 40 km de Uberlândia. Para chegar ao Distrito, é necessário trafegar pela BR-497, sentido à cidade de Prata.²⁴⁴

Esses históricos, assim como aqueles sobre os outros dois distritos, fazem um relato sucinto de fundação deles. Na fonte central — o *website* da prefeitura —, esses dados compõem o conteúdo da superintendência de administração dos distritos, assim como um texto sobre os objetivos desse órgão e o *link* para uma tabela (ANEXO B) com os dados do Censo 2010 para os distritos (FIG. 15).

²⁴³ UBERLÂNDIA. Prefeitura. **Cruzeiro dos Peixotos**. Breve histórico. Disponível em:

<<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=Conteudo&id=493>>. Acesso em: 9 set. 2009.

²⁴⁴ UBERLÂNDIA. Prefeitura. **Miraporanga**. Breve histórico. Disponível em:

<<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=Conteudo&id=492>>. Acesso em: 9 set. 2009.

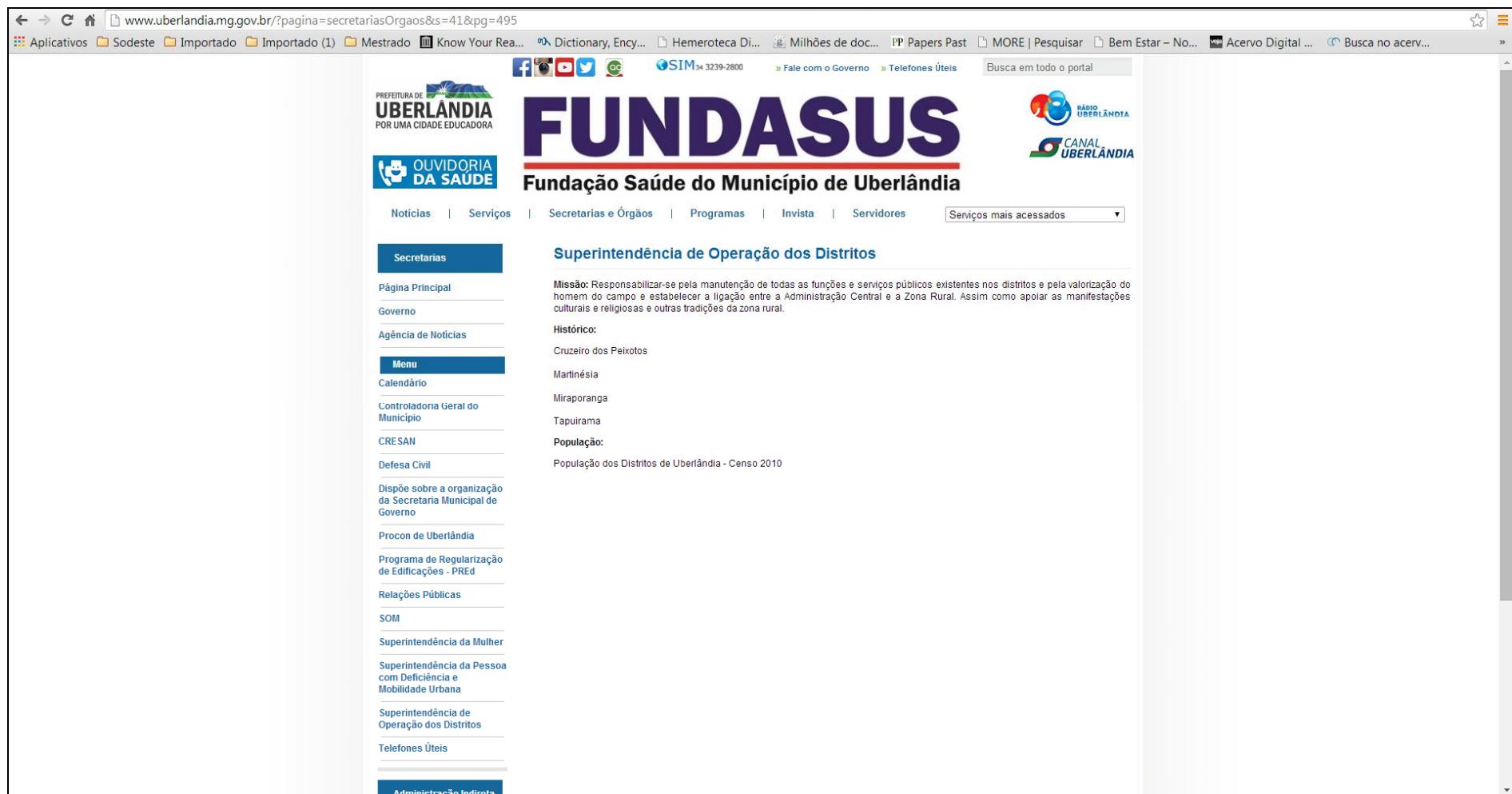


FIGURA 15 – Reprodução da página eletrônica de abertura referente à seção da superintendência de operação dos distritos no *website* da prefeitura de Uberlândia²⁴⁵

²⁴⁵ Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=secretariasOrgaos&s=41&pg=495>> . Acesso em: 22 jun 2014.

A forma como estão dispostas essas informações no website oficial deixam uma lacuna entre os tempos históricos de sua fundação e o da realidade atual, supostamente expressa nos números populacionais. Não há menção aos moradores como sujeitos que vivem (n)esses lugares. A história digna de contar é a do passado; o hoje se resume a números censitários. Eis por que cabe dizer que a visão (a ser) construída é a de uma sociedade cuja importância reside mais no passado. No caso de Miraporanga, essa ênfase no passado é mais evidente, posto que lá está um dos bens tombados como patrimônio histórico no município: a Igreja Nossa Senhora do Rosário (vide p. 118–9). Tombada em 1968, a igreja é lembrada pela imprensa e pelo poder público municipal como lugar que guardaria um pouco da história desse município. Essa visão se explicita nas placas instaladas na entrada da Igreja por ocasião das duas restaurações que sofreu:



FIGURA 16 – Placa localizada na frente da Capela Nossa Senhora do Rosário, em Miraporanga, como marco comemorativo do processo de restauração da igreja²⁴⁶

²⁴⁶ Meu acervo — fotografia tirada em 25/2/2012.



FIGURA 17 – Placa localizada na frente da Capela Nossa Senhora do Rosário, em Miraporanga, como marco comemorativo do processo de restauro por que passou a capela²⁴⁷

A placa datada de 1986 traz inscrito este texto: “Restauração da Capela Nossa Senhora do Rosário ‘Reconstruindo, desvendamos raízes, redescobrimos o belo, o novo... Para que a história não se perca, preservamos esta obra, memória do nosso povo. (S. M. C.)’”. Na de 2001, lê-se:

Restauração da Capela de Nossa Senhora do Rosário do Distrito de Miraporanga “Ao recuperarmos a Capela de Miraporanga não estamos preservando apenas o perfil arquitetônico do templo, mas também todas as vivências, emoções e identidades que se afirmaram no seu entorno. Neste sentido, cabe a cada habitante deste distrito apropriar-se dele como um elemento constituinte de sua memória”. (Lídia Maria Meirelles)”.

Como se lê, os dois processos de restauração — um concluído em 1986, outro em 2001 — desdobraram-se durante os mandatos de Zaire Rezende. As inscrições de ambas as placas se referem ao lugar como parte da “memória do nosso povo”, “elemento constituinte de

²⁴⁷ Meu acervo — fotografia tirada em 25/2/2012.

sua memória". Com isso, parecem querer reforçar a noção de que a capela guarda a história da população que ali vive.

Como apontei no capítulo 2, os moradores antigos até reproduzem essas falas e essa memória do distrito de Miraporanga como origem de Uberlândia, como lugar de passado grandioso. Mas quando se pergunta aos moradores se a igreja é muito frequentada, falam que poucas pessoas vão ali. Segundo a senhora que cuida do lugar, o número de frequentadores das missas realizadas mensalmente na capela é pequeno; as pessoas de lá quase não a visitam, a situação em que ela se encontra dá ao visitante a impressão de abandono, marcante pela poeira e pelo desleixo do lugar. Entendo, desse modo, que a capela é aclamada como portadora desse passado histórico, mas ela não tem muito sentido como espaço de sociabilidade dos moradores.

Da forma como vejo, é perceptível certo descompasso entre as falas oficiais dos administradores públicos/seus representantes e as vivências dos moradores do lugar. Isso se mostra no caso do complexo Domingas Camin,²⁴⁸ tombado como patrimônio histórico municipal em 2000. Mas, recentemente, uma das construções desse complexo teve sua fachada descaracterizada pela inserção de um telhado na lateral da construção onde as pessoas se reúnem para beber. Esse complexo aparece na imprensa como um lugar que guardaria esse passado histórico do lugar, mas talvez isso não faça tanto sentido para muitos dos moradores

²⁴⁸ “O conjunto [Domingas Camin] situa-se em um terreno de aproximadamente 5.700 m², na rua do Comércio, nº. 300, em Miraporanga, distrito do município de Uberlândia. Edificado em fins do século XIX, pelo coronel Ernesto Rodrigues da Cunha, importante figura política e administrativa de Santa Maria. O conjunto é formado por duas residências, uma para morar com sua esposa e filhos e a outra para a empregada da família. É provável que a cocheira seja também desta mesma época. Posteriormente, construiu-se um acréscimo para abrigar a cozinha e banheiro, observado pela diferenciação das telhas: francesas no apêndice e pela estrutura em concreto existente no porão desta parte. Vendido o conjunto ao Sr. Pascoal Bruno, a residência da empregada foi transformada em casa comercial, provavelmente uma mercearia. Substituiu-se as janelas da fachada frontal por portas, remodelando o espaço interno. Os indícios que levam a essa conclusão constituem-se nos cortes observados no requadro de madeira das esquadrias. A edificação da garagem possivelmente deu-se nesse período. Em princípios da década de 1960, Domingas Camin adquiriu o conjunto e passou a utilizar o espaço comercial como fábrica de queijos, realizando outras transformações internas no espaço, como a retirada parcial de barrotes e o assoalho de madeira, e construção de escadas e de uma elevação para passagem do leite, alterando a fachada. Com a desativação da queijaria, na década de 1970, abandonou-se essa parte do conjunto, agravando o processo de deterioração ao longo dos anos. Na parte utilizada como residência, retirou-se o fogão à lenha e construiu-se um armário na segunda sala. As intervenções apontadas na parte destinada a residência de d. Domingas, foram a construção de um armário na segunda sala e a instalação de uma divisória de tambique na cozinha. A construção de uma rampa de acesso deu-se em princípios da década de 1990, quando a moradora passou a necessitar de cadeira de rodas para se locomover. A parte destinada à moradia da família do Coronel manteve o uso com o passar dos anos, apresentando interferências menos descaracterizantes como, troca de pisos e fornos, instalações elétrica e hidráulicas. Após o falecimento de D. Domingas, a casa ficou fechada por um período, sendo, posteriormente, alugada para reuniões de centro espírita do Distrito. Atualmente, apenas a parte do imóvel é utilizada para tais reuniões, sendo a outra alugada juntamente com a cocheira. Em outubro de 2000, o conjunto – duas residências e a cocheira tiveram decretadas seu tombamento através do Decreto Legislativo número 752. Tal fato não acarreta, necessariamente, a preservação do bem, e o estado de conservação do conjunto altera-se entre regular (residência e curral) e péssimo (queijaria).” CORSI, 2006, p. 40–1.

que ali vivem. Além disso, eles têm outras demandas que destoam desse discurso da importância da preservação desses lugares para a população. Cabe reiterar a série de reportagens publicada pelo jornal *Correio* em 2001 (vide cap. 1) sobre prédios antigos e a importância dessas construções para o lugar onde vivem, conforme a fala de alguns moradores. Poucos dias depois dessa série de reportagens, o jornal publicou uma notícia que cita o déficit habitacional nos distritos:

Sem uma definição da área do município dada como garantia em uma pendência na Justiça, casas são erguidas irregularmente no local em Miraporanga. Apesar de já contarem com rede de energia elétrica instalada em padrões da concessionária estadual de energia, as ligações de água nas casas não são realizadas pelo Departamento Municipal de Água e Esgoto (Dmae). [...] Com a expansão da produção sucroalcooleira nas imediações do distrito, a demanda habitacional também aumenta, assim como a quantidade de casas construídas por trabalhadores desta atividade na área de ocupação.²⁴⁹

O então secretário municipal de Habitação, Felipe Attiê, que falou ao repórter,

[...] afirmou que não há nenhuma família de Miraporanga inscrita na lista de espera para casas populares da prefeitura. “É lógico que deva ter déficit habitacional no distrito, mas é complicado fazer essa avaliação, muita gente trabalha em fazenda, fica fora o dia todo, e agora ainda tem o pessoal, da cana-de-açúcar”, afirmou o secretário. Para o secretário de habitação, o fato de o distrito de Tapuirama ter representação na Câmara dos Vereadores, ajuda na hora de haver a execução de projetos habitacionais. “Eles se organizaram e vieram aqui. O Vilmar (Resende, vereador e presidente da Câmara) também ajudou. Ele é legítimo representante do povo”, afirmou.²⁵⁰

No primeiro trecho citado, aparece o problema da falta de opções de moradia, e uma solução que a população achou foi construir numa área que é objeto de disputa judicial. Essa ocupação é abordada pelos moradores com receio, uma vez que os muitos moradores não possuem a documentação dos imóveis onde residem. Quando pergunto sobre o assunto, as respostas são evasivas. Pouco se fala. De certa forma, as reportagens “culpam” os novos moradores que lidam com a cana: seriam eles os responsáveis pelo aumento da demanda de moradias. É como se não tivessem direito a esse lugar. No segundo trecho, a fala do então secretário de Habitação culpa os moradores e a falta de representantes políticos na Câmara pela situação em que se encontram os moradores de Miraporanga.

²⁴⁹ FERNANDES, Arthur. Moradores têm soluções alternativas. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, MG, 17 de abril de 2011, ano 73, n. 22.285, “Cidade e região”, p. A3.

²⁵⁰ FERNANDES, Arthur. Prefeitura não recebeu inscrições. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, MG, 17 de abril de 2011, ano 73, n. 22.285 “Cidade e região”, p. A3.

Nos outros distritos o problema da moradia também é sério. A série de reportagens do *Correio* referida acima aborda a questão:

Durval Cardoso critica também a transformação do distrito em local turístico, visão que acaba direcionando as políticas públicas para uma visão diferente da que pretendem os moradores de Cruzeiro dos Peixotos. “Não somos contra o turismo, mas é preciso que não se tenha apenas uma visão externa, isso leva as pessoas a comprar casas para passar fins de semana, enquanto as pessoas que nasceram aqui não têm onde morar”, disse. No distrito de Martinésia, a situação é a mesma: gente que mora no núcleo urbano de Uberlândia investe na aquisição de terrenos para construir casas para alugar ou está de olho em uma propriedade de veraneio nestas pacatas comunidades a menos de 40 quilômetros do Centro da cidade.²⁵¹

O morador referido nesse trecho era o presidente da associação de moradores de Cruzeiro dos Peixotos. A mesma reportagem relata o encaminhamento de um ofício à administração municipal por meio dessa associação, indicando possíveis vendedores de terras no distrito que permitiriam a prefeitura construir casas para amenizar o problema do déficit habitacional. Os repórteres usam a fala desse morador/presidente para abordar o uso da imagem dos distritos como pacatos pelo turismo e pela especulação imobiliária. É interessante como o jornal traz essa consequência para os moradores: a construção de uma imagem dos distritos como lugares tranquilos e sossegados geraria custos sociais para eles, no sentido de que afeta a própria vivência cotidiana no lugar e o acesso a direitos fundamentais, como o direito a moradia.

Nos distritos é comum famílias dividirem o mesmo terreno: os filhos casam e erguem casas ao lado da casa paterna. Isso reforça a ideia de que os distritos são espaços escolhidos para viver, mas dentro do campo de possibilidades aberto pelas condições materiais e conforme o acesso a direitos como moradia. Em conversas informais, alguns moradores dizem que até teriam como pagar pelos terrenos caso fossem feitos loteamentos,²⁵² mas são pequenas as ofertas de lotes, logo os moradores vão encontrando alternativas para permanecerem nos distritos.

²⁵¹ FERNANDES, Arthur; MENDES, Dolores. Distritos apresentam solução para o déficit. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, MG, 11 de abril 2011, ano 73 n. 22.279, “Cidade e região”, p. A4.

²⁵² Os distritos de Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos estão há mais de dez anos sem moradias populares financiadas pela prefeitura. Tapuirama recebeu algumas unidades em 2011, além das que foram entregues em anos anteriores. A situação de Miraporanga é mais complicada, pois está numa área que envolve disputa judicial, o que faz com que as pessoas construam moradias “irregulares” nessa área. Em todos os distritos, as pessoas que almejam alcançar esse direito, em geral, são filhos, parentes de moradores que pretendem permanecer no lugar; e também novos moradores que se deslocaram para esses distritos a fim de trabalhar e optaram por fixar residência.

A demanda por moradia é comum a todo espaço urbano; mas, a julgar pela maneira como os distritos aparecem na legislação municipal, esse ponto parece ser fundamental. Basta pensar, por exemplo, nas atribuições da superintendência de administração dos distritos. A meu ver, elas indiciam um pouco a política adotada para esses lugares: mais voltada à questão do campo, do patrimônio histórico, do potencial turístico; mas isso não significa suprir as demandas associadas com essas questões, em hipótese alguma. A rigor, o que indicam é a noção do que seja o distrito para as administrações municipais, ainda vistos pelo prisma do campesino, pois estão na área rural do município. Portanto, há uma dicotomização entre urbano e rural evidente nessa legislação, que parece destoar das transformações desses espaços sociais. Ignora-se que, longe da dicotomia campo–cidade, rural–urbano, eles apresentam um espaço de relações sociais não só complexo, mas também que contraria essas noções e esses conceitos cristalizados.

O campo é um espaço fundamental para os moradores dos distritos, porque ainda gera postos de trabalho para a população distrital. Mas é um campo transformado — por exemplo, pela invasão da cana-de-açúcar em Miraporanga. Não só são outras as questões do campo entendido como no passado, mas também estão conectadas a questões antes tidas como típicas da cidade. No texto “Município e distrito: um estudo teórico”, os autores propõem um avanço nesse entendimento dos distritos como espaços transformados pelas modificações do campo nos últimos anos com base em autores que discutem a questão. Eles mostram as dificuldades de definição do que seria o rural e o urbano e as diferentes teorias sobre o assunto e salientam que

[...] a identificação do cotidiano dos moradores é, por sua vez um viés significativamente importante para a percepção de diversos outros pontos, uma vez que a inclusão de uma vertente humana traz consigo um contexto amplo que está ligado a outras áreas do conhecimento [...].²⁵³

No entanto, esse cotidiano não é trabalhado no texto. As questões levantadas ficam no plano teórico — como apresentam o título do artigo e os objetivos do estudo. Geógrafos, os autores enfatizam a escassez de produções que tratem conceitualmente da categoria distrito; por isso propõem seu texto como possibilidade de jogar luz sobre a temática na área da geografia urbana e partem do pressuposto de que a dependência do distrito-sede direciona a relação entre este e os demais distritos. O texto significa, sim, um avanço, pois apresenta a necessidade de que os pesquisadores discutam a questão. Trata-se da proposição de um

²⁵³ PINA; LIMA, 2008, p. 126.

caminho de análise de que compartilho e que busco fazer presente nesta tese. Mas cabe dizer que o que propõem como possibilidade de avanço na discussão — a inserção dos moradores — fica ausente no decorrer do texto.

É nesse sentido que entendo a necessidade de propor questionamentos e análises que ultrapassem o plano teórico. Necessidade que uma moradora distrital indica em sua fala:

Luzia — Eu acho que aqui é zona rural, né? Apesar de ser distrito, com toda a infraestrutura de uma cidade, né?! Porque hoje nós temos uma infraestrutura das grandes cidades, né?! [Risos] Mas o povo em si tem aquela raiz de ruralista, né?!

Renata — A senhora falou de um “jeito”. Que jeito é esse [risos]? Um jeito de ser?

Luzia — É, esse jeito assim, simples, né?! Então, é um povo simples, né? E, mas... eu acredito que, as raízes são mesmo ruralista, por mais que às veiz, estudam... né?! Por que aqui já tem muita gente assim, com curso universitário, né?! Mas é, tem aquele, aquela maneira de ser do rural, né?! Eu num sei se ficô claro assim, definidamente, mas... eu me considero ruralista.

Paulo — Pois é, mas o quê que a senhora vê na cidade que a senhora acha que é diferente daqui?

Luzia — Risos

Paulo — A senhora sabe explicar aqui, explica como é lá. O quê que a senhora vê lá?

Luzia — Lá, eu vejo assim, as pessoa, a vivência das pessoa, a maneira de, a diversão em si... é bem diferente, né?! Falando em diversão, vamo vê, o nosso povo aqui eles gostam é dum forró, né?! Então numa festa assim vai ter forró, né?! Já o povo da cidade, já é outro tipo de música, né?! De ritmo. E... hoje o povo não está assim, na cidade... Antigamente, o jovem... — e eu aproveitei muito essa parte, assim, eu gostava muito de cinema, né?! Gosto até hoje, né?! Mas os cinemas acabaram, né?! A televisão, depois agora a internet, né?! Tomo o espaço do cinema, né?! Cê pode vê que quando eu era jovem tinha quatro bons cinemas no centro de Uberlândia, né?! A gente tinha onde escolhê pra ir, onde tivesse passando um filme do gosto da gente, né?! Agora num tem nenhum no centro mais, né?! É só lá no *shopping*, né?! Eu nem ainda num fui lá pra vê. [Risos]. E, então, eu acho assim, que, mudô muito, nesse sentido assim.

Paulo — Pois é, mas as gerações que estão nascendo aqui hoje, os jovens, vamos colocar assim: essa meninada. A senhora acha que eles conservam esses mesmos hábitos?

Luzia — Ah não, essa turma agora assim dessa, dessa nova era do século vinte e um [risos], acho que eles vão ser bem diferentes... eles já são mais... mais evoluído, né?! Num sei...

Paulo — A senhora não acha que eles vão mudar o lugar, o local aqui também, dona Luzia?

Luzia — Não, eu acredito que mudá assim o local não, mas eles é que vão mudá de... né?! Por que eles vão achar que, a maneira, os gosto, o jeito de vida, né?! É vai ser mais, eles não vão pra, então o caminho certo pra eles é

na cidade, né?! Pelo que a gente vê, ouve, né?! Eles num... não vão querê ser assim...²⁵⁴

A fala de dona Luzia é singular porque ela tenta demarcar diferenças entre o viver no distrito e o viver na cidade, refere-se à forma como até no passado a cidade já era um espaço compartilhado por ela como moradora de Martinésia. E esse compartilhar é expresso por meio dos cinemas que ela frequentou e que perderam parte de sua importância diante de meios de comunicação como a televisão e a internet. Essa moradora percebe as transformações à sua volta e verbaliza algumas, a exemplo da perspectiva geracional, evidente em sua percepção do lugar onde vive. Ela entende que o distrito tem o que chama de raízes ruralistas, embora conte com a infraestrutura da cidade; mas crê que os “jovens do século XXI” vão ser diferentes, ou seja, não terão mais a raiz ruralista, pois seriam mais “evoluídos” — como ela caracteriza; evolução que ela percebe na chegada da televisão e da internet. No entender dela, esses jovens buscarão a cidade como alternativa de vida — “eles é que vão mudá de [Martinésia]”; “o caminho certo pra eles é na cidade”.

Trata-se, portanto, de um espaço de relações complexas e contraditórias, porque vividas numa sociedade capitalista em permanente transformação; na qual os valores mudam, assim como mudam as maneiras de viver, trabalhar e se relacionar. Viver nesses distritos — aponta a fala de dona Luzia — é algo marcado por essa complexidade, a qual recompõe modos de vida transformados que indicam um campo de disputas sociais nesse emaranhado de questões surgidas nas últimas décadas nos espaços aqui analisados. Logo, as definições conceituais fechadas e cristalizadas falham ao tentar abarcar a realidade vivenciada nesses espaços.

Com efeito, as disputas sociais permearam uma reunião da associação de moradores de Tapuirama em 2009 — já referida; nela, aparecem temas que são reivindicações dos moradores. Os dois primeiros se referem à saúde: “1º) Temos como prioridade um pedido de médico de 05 dias por semana; 2º) Pedido de ambulância 24 horas”.²⁵⁵ Atendimento aos problemas de saúde — cabe reiterar — é reivindicação-chave da população de todo o município de Uberlândia;²⁵⁶ nos outros distritos — que compõem esse município —, a

²⁵⁴ BORGES, Luzia Alves. Martinésia, Uberlândia, MG, 20 de abril de 2011. Arquivo de mp3 (42 minutos). Entrevista concedida a mim.

²⁵⁵ TAPIURAMA, 12 de janeiro de 2009, p. 5.

²⁵⁶ ADMINISTRAÇÃO de UAIs é discutida na Câmara Uberlândia, MG. **GI**, Rio do Janeiro, 3 de dezembro de 2012, “Triângulo Mineiro”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2012/12/administracao-de-uaies-e-discutida-na-camara-de-uberlandia-mg.html>>. Acesso em: 20 abr. 2004; POSTO de saúde fecha em Uberlândia sem aviso prévio aos pacientes. **GI**, Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 2014, “Triângulo Mineiro”. Disponível em:

situação não se difere — vide a discussão feita com base na fala de dona Rosana, moradora de Miraporanga (vide p. 133).

Das reivindicações dos moradores de Tapuirama, o pedido da presença de uma ambulância pode parecer banal a quem mora na cidade, onde se consegue chegar ao hospital com certa rapidez. Mas, para quem mora a 20 quilômetros de distância ou mais dessa assistência e não tem meios de locomoção, a presença da ambulância oferece uma segurança mínima de que, se algum morador adoecer, será atendido de imediato graças à agilidade que o veículo proporciona. Curiosamente, a ambulância existente no distrito não tem autorização da central para levar pacientes sem contato prévio:

Suzicarlei — Eles não têm permissão. [...] Lá, agora cê vê, o doente tá aqui. Não, tem que ligá lá na central, aí a central ainda fala assim: “Deixa eu falá com o paciente pra eu vê como é que ele ta. Pra vê se eles vão mandá”. Aí é onde que se você perde muito a paciência, vai no posto policial ali, ou se acha a viatura, e a viatura leva. [...]

Renata — *Essa ambulância, o pessoal que trabalha não tem autorização?*

Suzi — Não tem autorização. Num é porque eles não querem, não! É porque a secretaria de Saúde não autoriza eles saírem daqui. É, mas aqui a gente sempre fala: num pode adoecê de noite, não! Porque eles não liberam, porque aqui cabe o carro, era só ligá e falá: “Ó, motorista fulano tá de serviço hoje? Pega o fulano aí e trás aqui na rua tal aí”. Porque, como conhece todo mundo, bastava falá o nome da pessoa aí que já sabia. [Mas é assim:] “Não, deixa eu falá com o paciente pra vê como é que ele ta”. Eu fiquei sabendo aqui outro dia — eu fiquei horrorizada —, [de] um homem desmaiado infartando...

E eles querendo falar com ele [risos]?

Honório — Coitado

Suzi — Ele falô: “Deixa eu falá com ele e vê como é que ele ta”. Ele falô: “Não, ele tá inconsciente”. Aí ele desligô o telefone, foi ali no posto policial e eles levô ele lá na...

Honório — Nossa Senhora.²⁵⁷

Dona Suzicarlei e senhor Honório falam das dificuldades enfrentadas pelos moradores quando se trata da assistência à sua saúde. Esse diálogo entre nós sugere o quanto viver nos distritos implica falta de acesso a direitos fundamentais. Chega a ser cômica a forma como ela relata o acontecido com uma pessoa que passava mal — supostamente enfartando —, enquanto a central de ambulâncias pedia para falar com o paciente. Os moradores resolveram a questão por conta própria: chamaram a viatura da polícia para socorrer o morador. Assim,

<<http://m.g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2014/01/posto-de-saude-fecha-em-uberlandia-sem-aviso-previo-aos-pacientes.html>>. Acesso em: 20 abr. 2014; CÂMARA realiza audiência pública sobre saúde em Uberlândia. **Uipi**, Uberlândia, MG, 1º de abril de 2014. Disponível em:

<<http://uipi.com.br/destaques/destaque-2/2014/04/01/camara-realiza-audiencia-publica-sobre-saude-em-uberlandia/>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

²⁵⁷ FAGUNDES, 2012; FONSECA, 2012.

embora a presença da ambulância não garanta a resolução de problemas — como esses moradores tentam mostrar em suas falas —, ela continua a ser importante para os moradores porque cria certo ar de segurança, mesmo que a burocracia emperre a liberação da ambulância pela central — como relatou dona Suzicarlei.

No mesmo dia de minha conversa com esse dois moradores, conversei com o senhor Eduardo e lhe perguntei o que achava que precisava melhorar em Tapuirama:

Eu acho que precisa, a, no caso de, de... Aqui, eu acho que precisa melhorá muito no causo de segurança e saúde. Só! Saúde, vamo dizê, tem um posto de saúde aqui — num sei se lá em Uberlândia é assim também —, mas num tem jeito de tratá lá, porque cê vai lá. Outro dia eu encontrei umas moça que é que faz, sai na rua procurano doente [...] [Eu] tô com diabete começano... Ela falô: “Não, vamo marcá uma consulta. Marcô a consulta. Fui. Daí mais ou menos uns cinco dia, fui. Depois pediu um exame, é, tem que marcá na cidade. Marca, fica esperano, remarca. Isso já tem uns...uns quatro mês, num me chamaro. Tem um cumpadre meu aqui, ele fez uns exame, foi aqui no postinho, eles pediu uns exame, ele fez. Até outro dia ele tava falano: tá com um ano e três mês que ele tá esperano vim o resultado do exame. É muito... muito o atendimento ruim.²⁵⁸

O senhor Eduardo mencionou duas coisas como necessárias no distrito onde vive: mais segurança e mais atendimento à saúde. “Só!” Noutros termos, o diálogo sugere que ele percebe Tapuirama como lugar bom de viver, pois teria poucos problemas a resolver. O problema da falta de segurança ele associa ao consumo de drogas e o faz com uma percepção de que isso afeta toda a sociedade: “A segurança até é... e tá meio mundial, né?! Eu num vô falá que aqui tá mais ruim do que os outro. Porque é muita droga [...].”²⁵⁹ A observação do entrevistado mostra o quanto ele não se percebe isoladamente do mundo; antes, sinaliza a existência — no lugar onde vive — de um problema amplo e disseminado na sociedade, não só a brasileira, mas também a de outros países: a violência associada ao consumo de drogas. Essas falas minam as imagens construídas — e aqui discutidas — dos distritos como recantos do passado; os moradores apresentam os lugares onde vivem como um espaço em que vivenciam e compartilham experiências comuns às de outros espaços do município, do país e do mundo.

Quanto ao problema do atendimento à saúde, ele faz um relato que aponta fragilidades do sistema público de saúde. Por exemplo, que esse problema não é específico da unidade de saúde do distrito, pois esta tende a oferecer procedimentos básicos e encaminhar

²⁵⁸ SANTOS, Eduardo Ferreira dos. Tapuirama, Uberlândia, MG, 21 de abril de 2012. Arquivo de mp3 (28 minutos). Entrevista concedida a mim em sua casa.

²⁵⁹ SANTOS, 2012.

especialidades e casos de complexidade média e alta a unidades de atendimento integrado (UAI) ou ao Hospital de Clínicas de Uberlândia. Por consequência, impõem-se as filas de espera para realizar exames, cirurgias e consultas; isto é, impõe-se um sistema público de saúde organizado no município de Uberlândia que aplica nos distritos a mesma lógica de atendimento municipal, por sua vez vinculado a um sistema nacional.

As filas nos distritos talvez sejam um pouco menores do que as da cidade de Uberlândia; mas ainda são filas de espera para combater o que não pode esperar: a doença. O senhor Eduardo relata um fato, ocorrido com ele por volta de 2010, que ilustra essa assertiva. Ele disse que sentiu uma dor forte em um dos olhos, a ponto de fazê-lo gritar no posto de saúde de Tapuirama:

Cheguei gritano, cheguei [...] — que eu sô escandaloso com essas coisa. Cheguei assim, cheguei já gritei e tal, aí, já vem, já vem e tal, e demorô mais uns vinte minuto. Eu falei: “Ó, se ocês num vim, eu tô saíno. [...] passano mal. Aí veio o médico, falô: “Não, eu vou te mandá pra Medicina, vou fazê o pedido”. Fez o pedido, pra mim passá pelo médico, né?! Peguei a ambulância, me levaro. A sorte é que eu cheguei na medicina, eu sabia que meu genro já tava lá. [...] tava lá no pronto-socorro. Aí eu fiquei, ele foi lá, pra, pra fazê [arrumar] pra nós entrá, né?! Aí ele veio, falô: “Sogro, só pode atendê o senhor amanhã às dez hora. *Uai, pois se eu vim correno porque eu tô perdendo as vista e num to agüentando mais, vô deixá pra amanhã dez hora?*”. Aí eu desci pro [hospital] Santa Genoveva. Aí, pagô, eles me atendeu, né?! Agora, cê vê, é... é uma coisa que eu acho que tá muito ruim, muito ruim, um atendimento muito ruim.²⁶⁰

Esse relato deixa entrever a configuração do sistema de saúde pública no município de Uberlândia, no qual o caso do senhor Eduardo foi encaminhado ao que ele chama de “Medicina”, isto é, o Hospital de Clínicas da UFU. No entanto, o atendimento teria sido insatisfatório; isto é, não houve atendimento — seria marcado para o dia seguinte; a solução foi procurar um hospital da rede particular. Solução inviável financeiramente à maioria das pessoas; boa parte da população que depende da saúde pública — senão toda ela — não tem condição de arcar com os custos, por isso se sujeita ao atendimento da rede pública. A experiência do senhor Eduardo o faz chegar à conclusão que fecha esse trecho de nossa conversa: o atendimento de saúde no distrito é ruim; e ele tenta me mostrar o porquê dessa interpretação com base em suas experiências de atendimento, e não pelo que ouviu dizer sobre o assunto. Constrói um argumento fundado em fatos vividos por ele para chegar à conclusão de que o atendimento à saúde é insuficiente para o lugar onde ele vive.

²⁶⁰ SANTOS, 2012.

Usar o advérbio enfático “Só” para problemas complexos como o atendimento à saúde — parece-me — foi a maneira de ele, no nosso diálogo, reforçar o modo como interpreta o viver em Tapuirama. Isso porque a primeira questão que lhe fiz foi se esse distrito havia mudado. Disse ele:

Mudô em tudo assim. O aspecto da vida de, aumento de população, aumentô muita gente deferente, estranha, que num tinha no tempo d'eu menino. Se aparecia uma pessoa estranha aqui por ano, era novidade, aí o povo ficava tudo perto pra vê. [...] Hoje, todo dia a gente vê um deferente. E o tipo de vida também, miorô muito. Tapuirama, em sessenta e dois [1962], não, sessenta e cinco, setenta, por aí, eu acho que tava acabano, tava pobre demais, nossa sinhora! Num tinha nada. Depois, é, apareceu umas coisas mais novas: soja, plantio de eucalipto... Aí mudô o tipo de vida. Tinha gente que era pobrezinho demais, num tinha nem o que comê. E melhorô.

Com essa mudança, o senhor acha que melhorou a vida?

Muito, muito, ichi! Quase cem por cento. E era tudo muito difícil, né!? Tudo era... num tinha ônibus pra Uberlândia, num tinha açougue, num tinha farmácia — farmácia até tinha —, e tudo era [...] era difícil. Num tinha serviço. [...] No tempo que eu mexia com roça, parece que eu era azarado, perdia muito. Hoje num perde lavoura, antigamente se eu plantasse duas roça, uma ou outra morria com o sol. Hoje o povo fala aquelas coisa ih! Que o home cabô com a natureza. Ficô, ichi! Ficô foi muito melhor! Hoje, hoje, hoje fala que é curpa do home que distraçô a natureza. Não, isso é obra de Deus. Porque, se não fosse assim, tinha fome. Qué dizê que hoje eles tão plantano, milho aqui é plantado uma vez só, e dava mal, perdia igual eu tô te falano, chuva quando vinha, chuvia novembro, dezembro, chovia demais! Depois, ficava no janeiro sem chuva, perdia. Ó, hoje, vamo dizê, eu lembro do papai, os menino limpava a terra do feijão, plantava quando colhia o milho. Ai, ia plantano, quando era janeiro, quando era fevereiro, o papai falava: “Pode pará de plantá que num dá”. Ali, a primeira vez queimava, plantava feijão, mas depois daquele dia já dava muito pouco, porque aí já vinha o frio, vinha, o tempo mudava, né!? Agora, com essa mudança de hoje, que eles fala que foi o home que atrapaiô, é, quarqué tempo que planta dá, né!? Se aguá, né!? O home ta zelano, aí nós tamo cheio de safrinha aí ó, tá melhor do que da época; na minha época num dava. Portanto, eu acho que isso num é... obra de Deus pra podê atendê a população, né!? A fome do povo.²⁶¹

Nesse seu relato, o senhor Eduardo interpreta o passado à luz de sua experiência de vida e da situação do presente vivenciado por ele em Tapuirama. Avalia o processo de transformação da sociedade segundo elementos que ele domina, elementos que compõem sua experiência como homem do campo. Sua fala afirma que nas décadas de 60 e 70 Tapuirama vivia uma situação de empobrecimento — expressa até no déficit populacional, como mostra o capítulo 2. Mas ele avalia que a chegada de culturas como soja e eucalipto trouxe a possibilidade de melhorar as condições de vida da população do distrito; e reforça essa

²⁶¹ SANTOS, 2012.

opinião num trecho não citado da nossa conversa onde disse que essas culturas trouxeram oportunidade de trabalho às famílias (pais, mães e filhos), a ponto de mudar seus padrões de consumo. Ele salienta que as pessoas dali começaram a comprar rádio e depois televisão, além de melhorar as construções da casa. Pelas informações que ele expõe em seu relato, sua avaliação apresenta um lugar onde as condições de vida melhoraram nas últimas décadas. A chegada de tecnologias no campo permitiu aos produtores colheitas bem-sucedidas que possibilitaram alimentar a população. Ele não se refere aos custos da tecnologia de irrigação — citada por ele —, inacessível a todos os produtores. Para os pequenos, por exemplo, muitas vezes é impossível investir e manter um equipamento tal.

No entanto, dada a maneira de expor esses elementos em seu relato, penso que ele esteja se referindo ao campo que gera oportunidades de trabalho: as lavouras do agronegócio; isto é, a ação de investidores que gera os empregos, os quais — ele avalia — permitiram melhorar as condições de vida em Tapuirama. Em razão dessa transformação — que teria tornado mais dignas as condições de vida dos residentes desse distrito e de seus arredores —, ele vê poucos problemas, sintetizados no atendimento à saúde e na segurança.

As questões relativas à saúde nos distritos permanecem sem solução; do contrário, não permearia as reivindicações fundamentais dos moradores. Mas mudaram e continuam a mudar com o passar dos anos. Antes se reivindicavam postos de saúde, dos quais foi inaugurado um em Martinésia, no ano de 1983, como se lê neste trecho da notícia que reportou a inauguração:

[...] Durval Garcia, em seu pronunciamento enfocou que “este posto é uma conquista do povo de Martinésia, e por isto, é o povo que está de parabéns, é o povo que se alegra quando inaugura uma obra que é sua, que lhe pertence porque a administração a fez, a construiu, a ergueu e a inaugura com o intuito único e singular de cumprir a proposta estabelecida na campanha eleitoral”. E a alegria da comunidade de Martinésia pela inauguração do posto de saúde se fez sentir pela carta de agradecimento lida na ocasião pela moradora Valquíria Borges Justino, em nome de toda comunidade local. No trecho final a carta dos moradores dizia: “Este posto de saúde é um sonho de muitos anos, que agora se inaugura graças a administração dinâmica de Zaire Rezende. Deus lhe pague. O representante do Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural do Distrito de Martinésia, presente à solenidade de entrega, Waldevino Ferreira Borges, destacou a instalação do posto de saúde como uma conquista valiosa para o distrito e que vem atender uma reivindicação de toda comunidade, onde anteriormente a assistência médica era inexistente.²⁶²

²⁶² DISTRITO de Martinésia ganhou sábado um Posto de Saúde. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, MG, 28 de junho de 1983, ano XLVI, n. 13.663, “Capa”, p. 1.

A reportagem noticia a inauguração como um grande feito da administração municipal de Zaire Rezende para a população do distrito seguindo a lógica da Democracia Participativa (vide cap. 1). À parte a retórica sobre a realização de um governo para a população que o elegeu, seja qual for seu partido, a divulgação incide no significado da obra para os moradores de Martinésia. Prova disso está na carta lida pela moradora e na fala do representante do conselho comunitário, que procuram explicitar o significado do posto de saúde. Como naquele momento a rodovia de acesso ao distrito não era pavimentada, o transporte era precário; logo, a inauguração do posto abrandou a necessidade de a população se deslocar até a cidade para receber atendimento médico. Daí o valor do posto de saúde.

Se os postos amenizaram a necessidade de deslocamento em busca de atendimento médico, não aplacaram a reivindicação pró-saúde dos moradores; e não só dos de Martinésia, mas também entre aqueles de outros distritos, inclusive do distrito-sede. A população reivindica mais médicos, mais horários de atendimento, mais qualidade no atendimento, mais medicamentos etc. Assim, a instalação dos postos de saúde supriu só parte da demanda de quem luta por atendimento de saúde qualificado e eficiente. Isso porque, enquanto alguns problemas desaparecem com tais iniciativas, outros surgem e outros mais se aprofundam.

Embora a saúde e a segurança tenham se projetado entre as demandas da população distrital, a educação permeou a fala de alguns entrevistados; e na reunião da associação de moradores de Tapuirama em janeiro de 2009 esse ponto apareceu.²⁶³ Na reunião, reivindicava-se a reforma da área externa da escola do distrito. Outras fontes da pesquisa subjacente a esta tese — jornais, atas e falas dos moradores — mostram que a reivindicação incluía não só melhorias do espaço físico das escolas distritais, mas também problemas de transporte de alunos que moram no meio rural e vão estudar nas sedes distritais; nesse caso, reclamava-se da qualidade das estradas. Nas entrevistas, a educação se sobressai como

²⁶³ No distrito de Cruzeiro dos Peixotos, a Escola Municipal José Marra da Fonseca oferece educação infantil e ensino fundamental; alunos do ensino médio têm de ir estudar ou em Martinésia — aonde vão mediante transporte da prefeitura e onde funciona um anexo de uma escola de Uberlândia —, ou no distrito-sede. Em Martinésia, a Escola Municipal Antonino Martins da Silva oferece educação infantil e ensino fundamental, com alunos de 4 anos de idade ao 9º ano (como anexo da escola, funciona a creche para crianças de 4 meses a 3 anos); e o ensino médio noturno no anexo da Escola Estadual Prof. José Ignácio de Sousa. A Escola Municipal Sebastião Rangel, em Tapuirama, atende alunos do ensino fundamental do 1º ano ao 9º ano (em Tapuirama há uma creche ligada à associação de moradores). A escola no período noturno, também, funciona no anexo da escola José Ignácio de Sousa. Em Miraporanga, a Escola Municipal Domingas Camin recebe alunos do 1º ano ao 9º ano e não tem ensino médio. Em todos os distritos, a prefeitura disponibiliza transporte para os estudantes e os professores que residem em Uberlândia e se deslocam para lecionar nos distritos.

valor.²⁶⁴ Exemplo disso está na fala do senhor José Luis quando ele afirma que “cinquenta, sessenta” reais por dia sem desconto são “um bom salário [...] Pra pobre que num tem estudo”.²⁶⁵ Essa relação entre salário, ganho e estudo formal permite perceber o valor que a educação tem para esse morador: o estudo é a possibilidade de ascensão social.²⁶⁶ A equação não é tão simples no sistema capitalista, pois os anos de estudo não significam obrigatoriamente a ascensão almejada.

Ainda assim, muitos moradores dos distritos e das cidades veem a educação como única possibilidade de melhorar as condições de vida, em especial para seus filhos. Dona Sandra, moradora de Martinésia, expressa essa noção:

²⁶⁴ Thompson, no texto “Educação e experiência”, faz considerações úteis para entender a relação entre educação e ascensão social: “As necessidades de uma sociedade industrial adiantada, juntamente com as pressões pertinazes do movimento político trabalhista, têm ampliado muito as oportunidades educacionais do povo. [...] a educação passou a ser vista, em grande escala, e por muita gente da própria classe trabalhadora como um instrumento de mobilidade social seletiva. Além do mais, seja qual for o método de seleção, todo o sistema trabalha de modo a confundir certos tipos de capacidade (ou facilidade) intelectual com realização humana. A aprovação social do sucesso educacional é assinalada por uma centena de modos: o sucesso traz recompensa financeira, um estilo de vida profissional, prestígio social. Ela se apóia numa apologia completa da modernização, necessidade tecnológica, igualdade de oportunidades. Não é preciso trabalhar muito tempo dentro de uma universidade para se descobrir que até mesmo os membros mais humanos dos corpos docente e discente acham difícil não equiparar o progresso educacional a uma avaliação do mérito humano. E muitos dos que estão fora das universidades, dos que não conseguem galgar os degraus da oportunidade, têm gravada sobre si mesmos, de maneiras opostas, uma sensação não de diferença, mas de fracasso humano. [...] A cultura lettrada não está isolada em relação à cultura do povo à maneira antiga de diferença de classes, mas, não obstante, está isolada dentro de suas próprias paredes de auto-estima intelectual e de orgulho espiritual”. THOMPSON, E. P. Educação e experiência. In: *Os românticos*. A Inglaterra na era revolucionária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 42; 43–5. Thompson aprofunda sua crítica a esse modo de perceber a educação: “O perigo é [...] as universidades — apresentando-se como um sindicato de todos os ‘peritos’ do conhecimento — expropriem as pessoas de sua identidade intelectual [...]. As conquistas das últimas décadas (pois não duvidamos de que foram conquistas) tenderão apenas a ir em direção a uma cultura igualitária comum se o intercâmbio dialético entre educação e experiência for mantido e ampliado. [...] A democracia acontecerá por si mesma — e se acontecer — em *toda* a nossa sociedade e em *toda* a nossa cultura e, para que isso aconteça, as universidades precisam do contato de diferentes mundos de experiência, no qual idéias são trazidas para a prova da vida” — p. 43–5.

²⁶⁵ BIASI, José Luis. Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG, 30 de agosto de 2012. Arquivo de mp3 (43 minutos). Entrevista concedida a mim.

²⁶⁶ O professor Pablo Gentili, também, faz considerações importantes sobre a educação no sistema capitalista, em especial sobre a perversidade desse sistema ao culpar as pessoas pelo fracasso delas, pois desconsidera a desigualdade de acessos, de oportunidades. Ele apresenta suas ideias básicas sobre essa questão num texto publicado na internet em 2010, onde que “O indivíduo é considerado um proprietário que luta para conquistar/comprar propriedades, mercadorias, sendo a educação uma delas. O modelo de homem neoliberal é o cidadão privatizado, o consumidor. Como o neoliberalismo privatiza tudo, logo, o fracasso e o êxito social também são privatizados. Os pobres são culpados pela pobreza, os desempregados pelo desemprego, se a maioria não triunfou na vida é porque não soube reconhecer as oportunidades e não houve mérito e esforço individual”. GENTILI, Pablo. Neoliberalismo e educação. In: SINDICATO DOS SERVIDORES DO MAGISTÉRIO MUNICIPAL DE CURITIBA. Leia artigo do professor Pablo Gentili sobre Neoliberalismo e Educação, 1º de setembro de 2010, “Notícias”. Disponível em:

<http://www.sismmac.org.br/noticias.asp?id=956&id_cat=1>. Acessado em: 1º maio 2014. As ideias completas do autor sobre o assunto estão no texto: GENTILI, Pablo. Neoliberalismo e educação: manual do usuário. In: GENTILI, Pablo; SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Escola S. A.:** quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo. Brasília: CNTE, 1999, p. 9–49.

[...] a gente tinha uma vida simples. Papai mexia com lavoura, às vezes perdia, às vezes não. É, e... Então, eu lembro assim: que eu ajudava ele; naquela época tinha carpideira, então eu puxava cavalo porque eu era a filha mais velha. Então eu trabalhava, eu fui uma criança que trabalhei, trabalhava e estudava. Mas trabalhava feliz! Num, e num ia [...] até porque precisava! E vendia verdura fresquinha, na época o distrito parece que tinha mais gente, não sei. E, enfim, eu sempre colaborei, porque a vida era exigente e precisava. Mas assim, tenho muitas memórias do papai, papai sempre falava pra estudar muito pra, pra vencê pelo estudo, ele sempre teve vontade de estudar e ele não, não pôde estudar porque, é meu avô achava que não era bom e ele também era filho mais velho e sempre tava ajudano meu avô na fazenda. Enfim, ele também não estudou, e aí eu, eu sempre vim pra escola, com essa lição de que estudá era bom, estudá levava pra frente.²⁶⁷

A entrevistada conta um pouco de sua infância nas relações intrafamiliares, que então se orientavam pelo trabalho de todos; os filhos ajudavam a desdobrar o processo de trabalho na roça. Mas ela constrói sua narrativa de modo a chegar à ideia de que a vida sacrificada na roça pode ser melhor; e o caminho para isso seria estudar: o estudo permitiria uma vida menos sacrificada, mais confortável e mais promissora. Assim, na visão de muitos moradores do distrito, a educação é vista como um passo-chave para mudar as condições de vida e mudar o lugar onde residem.

Dona Luiza e eu conversávamos sobre a presença, em Cruzeiro dos Peixotos, de moradores aposentados que se mudam para o distrito estimulados pela propalada imagem de tranquilidade; então, ela fez esta consideração:

Luiza — A maioria tem, porque a gente fala assim que o jovem, o jovem não fica aqui. É raro cê vê um jovem ficá aqui, ele vai estudá...

Renata — Nem com toda essa facilidade?

Luiza — Mas não fica. Eles, eles mudam. É... parece que, eu num sei, eu acho que o lugar não é pra jovem, é raro cê vê um jovem falá: “Ah, eu vou ficá aqui”. Eles vai estudá, formá, quando ele arrumá um serviço, ele, ele muda. Eu num sei por quê. Eu já foi o contrário, né?! É...²⁶⁸

Dona Luiza é professora no distrito de Cruzeiro dos Peixotos e vivencia uma realidade que, pela maneira como fala, lhe incomoda: a mudança dos jovens que moram no distrito; isso deixa nela a impressão de que “o lugar não é pra jovem”, pois se mudam quando encontram emprego. Eu a questionei (“Nem com toda essa facilidade?”) porque ela se referiu à oportunidade de morar no distrito de Cruzeiro dos Peixotos e estudar ou trabalhar no distrito-sede:

²⁶⁷ OLIVEIRA, Sandra (nome fictício). Martinésia, Uberlândia, MG, 27 de junho de 2012. Arquivo de mp3 (71 minutos). Entrevista concedida a mim na escola do distrito.

²⁶⁸ BARBOSA, Luiza (nome fictício). Cruzeiros dos Peixotos, Uberlândia, MG, 14 de setembro de 2012. Arquivo de mp3 (29 minutos). Entrevista concedida a mim.

Por que aqui, hoje não, hoje tem o transporte que leva pra, pro ensino médio, tem ensino médio em Martinésia, tem o anexo do José Inácio, é, tem os transporte que leva pras faculdades hoje e trás [...], vai e volta, tem a van, que leva. Tem o ônibus que vai de manhã, o ônibus... transporte normal, leva os menino que estuda lá, vai e volta. Então hoje, num mora aqui quem num qué morá, tem um monte de gente que mora aqui e trabalha lá, vai e volta.

A narrativa de dona Luiza expressa certo desconforto com o que observa no espaço onde vive, pois parece não entender os motivos que fazem os jovens não ter o desejo de permanecer no distrito, mesmo com todas as condições que colaborariam para sua permanência. As poucas oportunidades de lazer são um dos elementos que aparecem como motivos da saída dos distritos, sobretudo de jovens. A professora Suzana faz algumas considerações sobre esse lazer restrito nos distritos e o papel que a escola acaba desempenhando nesse espaço:

Renata — *E o que as pessoas fazem aqui no fim de semana como lazer?*

Suzana — Bom, aqui também é uma grande preocupação que eu tenho, porque aqui não existe lazer. Não existe uma praça ou um clube ou um é... uma associação nenhuma que esses, esses adolescentes possam tá frequentando. Então, onde que eles passam? [...] Às vezes se envolvem com bebida alcoólica, drogas, é... sinuca... Sabe? Aqui não tem... Tirando as partidinha de futebol que acontece, lá de vez em quando eles não têm uma fonte específica de lazer aqui dentro da comunidade. Às vezes faz os pagode nas fazendas, né?! Só isso. [...] aqui as coisas são mais difíceis, né?! Então, por exemplo, o quê que acontece? A escola acaba se tornando polo! Os nossos meninos aqui se não for problema de transporte que, às vezes a van quebra, alguma coisa assim, eles não faltam à aula... Porque pra eles é... é prazer, é diversão estar na escola, entendeu?

É o momento que eles!

É. Entendeu? É o lugar que eles têm pra ir, pra se encontrar... É a escola.²⁶⁹

A professora Suzana trabalha em Miraporanga há quase vinte anos. Logo, tem uma vivência singular nesse lugar que a faz perceber os problemas cotidianos dos moradores como a falta de lazer, que os leva ao consumo de bebida alcoólica e ao jogo. Nesse caso, para muitos a escola se torna um momento não só de estudo, mas também de contato, de encontro com os amigos; embora às vezes enfrentem problemas com o transporte, que — diz ela — dificulta a ida para escola.²⁷⁰

²⁶⁹ ALVES, Suzana Miraporanga, Uberlândia, MG, 25 de fevereiro de 2012. Arquivo de mp3 (46 minutos). Entrevista concedida a mim na Escola Municipal Domingas Camin.

²⁷⁰ Entrevistei Suzana em fevereiro de 2012 e em março de 2013 foi veiculada a notícia: ESTRADAS fazem alunos perder aula. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, MG, 24 de março de 2013, ano 74, n. 22.627, “Cidade e região”, p. A7. A reportagem tratava das dificuldades de trafegar pelas estradas que ligam as propriedades rurais ao distrito em dias de chuva.

Como se pode deduzir, mais que a ausência de lazer, as opções de lazer que restam parecem não interessar às novas gerações; a exemplo do futebol, que talvez se vincule a práticas de lazer mais pertinentes a moradores mais antigos, isto é, ajusta-se ao efeito das transformações sociais que afetam a sociedade em geral, inclusive as modalidades de lazer. Portanto, na realidade dos moradores distritais de Uberlândia, o efeito das mudanças é situar os moradores num campo conflituoso, porque viver nesses lugares significa compartilhar experiências de lutas que minam em parte a sustentação da visão romantizada deles como espaços bucólicos, idílicos, tranquilos (pacíficos); como expressão de um passado a ser preservado em sua materialidade monumental. Os problemas ali são problemas do tempo presente, mesmo que alguns tenham raízes em demandas antigas; problemas de um tempo transformado por relações capitalistas; um tempo de classes sociais distintas e grupos sociais diferenciados que disputam socialmente direitos, garantias e modos de viver e trabalhar.

Considerações finais

Nos momentos finais de escrita desta tese, deparei com o livro *Martinésia também tem história*, de Luzia Alves Borges, moradora do distrito de Martinésia que entrevistei durante a pesquisa aqui descrita. Como ela nasceu no distrito e aí sempre viveu, pôde acompanhar as mudanças no lugar, o que lhe deu condições para relatar o que presenciou ou ouviu de seus conterrâneos, como diz ela: “[...] a partir de conversas com pessoas mais vividas [...] foi possível relatar o desenvolvimento histórico, cultural e social de Martinópolis/Martinésia”.²⁷¹ Como obra memorialista, o livro procura registrar, descriptiva e cronologicamente, uma história cujos lugares e personagens, em sua avaliação, construíram a trajetória do distrito. Obras como essa — que procuram registrar uma história de onde vivem seus autores com base no que ouviram contar e no que observaram — vão ser referência ou fontes para estudos (acadêmicos) futuros sobre os lugares que tais livros retratam. São registros documentais derivados da seleção e hierarquização do que seu autor considera importante e precisam ser analisados como tais.

A publicação do livro mobiliza questões fundamentais para esta tese. Mesmo o meu anteprojeto de pesquisa elaborado como requisito à seleção de alunos para o curso de doutorado mostra meu incômodo com a idealização e romantização dos distritos. Do início ao fim do curso de doutorado em História percebo a força dessa construção discursiva e latente

²⁷¹ BORGES, Luzia Alves. **Martinésia também tem história**. Uberlândia: Aline, 2014, p. 9.

nos lugares pesquisados, no viver dos moradores e na maneira como se interpretam e se apresentam aos outros.

A obra de Luzia Alves Borges enfoca a origem do distrito de Martinésia e aspectos como população, economia, hidrografia, transporte, saúde, educação, política e segurança, dentre outros. O item intitulado “Cultura” cobre assuntos como a capela de São João Batista, a festa de São João, o mutirão de fianneiras e lavradores, a medicina caseira, a culinária, a festa e folia de reis, além da festa junina. O item “Diversão” abrange os temas matinê, circo, Judas, campeonato rural de futebol, cavalgada e campeonato de truco. O item “Social” contém as temáticas do casamento civil, do Clube de Mães e das pessoas de destaque no meio social e político do distrito; por fim, ela aborda a década de 80 e 90 e fecha o item com o poema “Inventário de um Judas num Sábado de Aleluia”. O poema tem a feição de um inventário e foi deixado — por alguém que não se identificou — no bolso do Judas que estava na porta da casa de dona Luzia, em 1945. Nesse “inventário”, o autor deixa seus “bens” a pessoas de Martinésia: um comerciante, o dentista, o escrivão, o barbeiro, o filho do fundador do distrito etc.

Os temas abordados pela autora deixam aparente que se trata de uma obra memorialista que pretende registrar a história do lugar reunindo o maior número de aspectos possíveis. Um trecho da parte inicial — onde ela conta a história de fundação do distrito — oferece subsídios para refletir sobre algo que procurei abordar nesta tese: a interpretação que toma os distritos como lugares decadentes:

A sede do distrito contava de seis ruas, três avenidas, cento e cinqüenta casarões, um cemitério, uma capela, uma escola, um cartório de paz sendo o primeiro escrivão o Sr Azarias Mendes dos Santos e o primeiro juiz de paz o Sr Pionono do Nascimento, uma farmácia do Sr. Leopoldo e mais tarde do Sr Aldorando José de Souza. Uma agência de correio de Uberaba, seu agente era Sr Zacarias de Paula Silveira; um laboratório fotográfico do retratista Francisco Mussolin, centro telefônico com a atendente Adelina Teobaldo, consultório dentário do dentista Valico de Freitas, lojas de tecidos e armazéns, várias vendas de secos e molhados, açougue, serraria e a padaria do Seu Manuel que fazia um pãozinho delicioso. Todos os dias de manhã e a tarde os moradores do patrimônio recebiam em suas casas, o pão quentinho do Seu Manuel. Grandes mudanças ocorreram nestes últimos anos, em 1943 Martinópolis mudou o nome para Martinésia. A causa da mudança do nome foi que no estado de São Paulo existe um município com o nome de Martinópolis. Do passado restaram o cemitério, a capela, a escola, o cartório e alguns casarões. Mas de contra partida, hoje temos Unidade de Saúde com atendimento médico e dentário para crianças e adultos, poço artesiano, rede de esgoto com tratamento, Clube de Mães, creche, quadra poliesportiva, ruas e avenidas asfaltadas e subdestacamento da Polícia Militar de Uberlândia.²⁷²

²⁷² BORGES, 2014, p. 22–3.

A autora elenca os elementos que faziam daquele um lugar importante, mas abre um dos parágrafos seguintes dizendo que “Do passado restaram...”. Em minha leitura do livro, ela constrói uma imagem de Martinésia como lugar desenvolvido, mas que muda com o passar do tempo; um lugar que perdeu muitas coisas nesse caminhar do tempo, mas que tem seu valor, sua história: digna de ser lembrada e registrada.

A ideia de certa decadência aparece implícita na maneira como a autora constrói seu texto; mas ela se redime ao elencar coisas que surgiram ao longo do tempo no distrito, de modo a dissipar essa imagem de lugar decadente. Assim, ela elenca melhorias conquistadas e vai, ao longo do livro, tentando reforçar essa imagem de um lugar que tem muito a oferecer, apesar de ter perdido muitas das coisas que ela elencou. Essa valorização do lugar onde vive permite dizer que a autora — moradora do distrito desde que nasceu e onde talvez vá permanecer — expressa em sua obra uma relação de pertencimento e reconhecimento da trajetória de transformação por que passaram sua vida e a vida de todos que ali moraram e moram. Martinésia é o lugar que escolheram para viver; e o reconhecimento e a valorização expressam o sentimento de pertença que implica buscar e conquistar melhorias e direitos constantemente.

A obra de dona Luiza Alves Borges se assemelha à de Neire Jorge Resende, comentada antes: ambas contam a história dos lugares onde vivem segundo suas experiências e a experiência dos outros: o que ouviram dizer; ambas focam nos distritos que são seus objetos de narração. Diferentemente, a obra de Jerônimo Arantes aqui trabalhada, os distritos aparecem em função do município da cidade de Uberlândia, vista pelo memorialista como lugar promissor, enquanto os distritos — embora formassem um todo com o distrito-sede — guardariam um ambiente diferente. Como suas obras são memorialistas, esses autores se desobrigam de escrever com rigor teórico-metodológico, de fazer uma reflexão conceitual e ler bibliografia afim ao assunto, por exemplo. O objetivo de uma obra memorialista é mais o de registrar pela escrita a vida de moradores do lugar; isto é, as “histórias” que seus autores consideram dignas de ser lembradas.

O historiador constrói narrativas com base em vestígios do passado — suas fontes — aos quais atribui sentidos. Mas a seleção e interpretação do que investiga e analisa na construção do conhecimento histórico a que se propõe partem de sua problemática de pesquisa sobre dado tema. São os seus referenciais de análise que lhe permitem cruzar temas, hipóteses e fontes na interpretação do passado a partir do presente. Daí que o trabalho memorialista difere do trabalho historiográfico.

Nesse sentido, procurei trabalhar a noção de que os distritos não são lugares decadentes, e sim espaços transformados e em constante transformação. Se em dados momentos a fala dos moradores distritais deixa entrever associações com o “não desenvolvimento” do lugar onde moram, o desenrolar de nossas conversas revelou elementos que caracterizam a transformação e a mudança: ora ganhando melhorias, ora perdendo conquistas antigas. Isso porque essa transformação ocorre numa sociedade capitalista que — diria David Harvey — modifica a sociedade em geral: “O capital é um processo, e não uma coisa. [...] Suas regras internalizadas de operação são concebidas de maneira a garantir que ele seja um modo dinâmico e revolucionário de organização social que transforma incansável e incessantemente a sociedade em que está inserido”.²⁷³ E nesse processo “incansável e incessante” de transformação social, os distritos do município de Uberlândia se modificaram ao longo dos anos.

Nas décadas de 80 e 90 e no início do século XXI — período que minha pesquisa cobriu —, os moradores distritais vivenciaram uma transformação intensa nos modos de organizar a vida cotidiana, nas relações de trabalho e de convivência, nos aspectos infraestruturais das vilas, nas festas religiosas — numa palavra, em tudo que compõem o viver da população dos distritos. Seus moradores vivenciaram processos de transformação do campo, onde estavam — e estão — muitos dos postos de trabalho. Esse espaço foi modificado e continua a sê-lo cada vez mais pela lógica do agronegócio. Ao mesmo tempo, a população das vilas distritais é contada como urbana, assim como seus domicílios são considerados urbanos; logo, suas demandas refletem a condição de morador urbano que compartilha com o cidadino — a população do distrito-sede — demandas e direitos sociais, antigos e recentes, como também já indicaram outros estudos. Com nuances e aspectos diferentes, os moradores dos quatro distritos überlandenses transitam pelo campo e pela cidade; e isso leva à constatação de que trabalhar reflexivamente com esses moradores implica atentar à complexidade das relações travadas ali; ou seja, implica ir além de conceitos fechados de campo e cidade e de categorizações simplistas desses espaços, insuficientes que são para abranger a enormidade de questões e aspectos da vida desses moradores, que se percebem como parte desse espaço que é o município, disputando e se percebendo como parte da cidade inclusive.

Mesmo ante a complexidade implícita de lidar com os distritos, acredito que abordar essa temática é lidar com memórias e imagens construídas sobre esses lugares que os

²⁷³ HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1994, p. 307.

apresentam como espaço bucólico e, às vezes, isento de conflitos — quando aparecem, muitas vezes são amenizados pela imagem mais forte de sossego e tranquilidade: muito presente no município e no estado de Minas Gerais. Assim, viver as mudanças na organização social e econômica dos distritos para inseri-los nas dinâmicas recentes das relações capitalistas — a ponto de transformá-los em oportunidades de investimentos em atividades até então alheias a seus moradores — reitera o que pensa Harvey: não existe uma reprodução mecânica do sistema; nem mesmo em suas crenças e valores. Assim, o espaço geográfico dos distritos são espaços históricos onde a dinâmica capitalista pode ser analisada.

Os distritos carecem de mais pesquisas historiográficas sobre todos os aspectos que compõem o viver nesses lugares. As investigações desenvolvidas até aqui se concentram mais no campo da geografia. Refletir historicamente sobre os distritos permite discutir a fundo as transformações recentes do campo e da cidade, que por sua vez possibilitam problematizar as contradições do tempo presente: marcado pelos interesses de classes e pelos conflitos sociais e políticos latentes no século XXI. Com a vinda de pessoas de outras regiões para morar nos distritos, com o uso de suas áreas rurais por grandes corporações do agronegócio e com a indústria do turismo rural que tem tentado (re)criar uma imagem dos distritos como espaços consumíveis pelos moradores das cidades, a realidade vivenciada pelas populações distritais cria desafios a pesquisadores interessados nos processos históricos de transformação associáveis com mudanças recentes no panorama do trabalho e do emprego.

Referências e fontes

■ OBRAS E AUTORES CITADOS

ALMEIDA, Paulo Roberto; KOURY, Yara Aun. História Oral e memórias: entrevista com Alessandro Portelli. **História & Perspectivas**. Uberlândia, n. 25/26, jul./dez. 2001–jan./jul. 2002.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. Encantos e desencantos da cidade... In: FENELON, Déa R. et. al. (Org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

ANDRADE, Rodrigo B.; SANTOS, R. J. Levantamento e mapeamento dos recursos naturais e suas potencialidades turísticas nos distritos de Uberlândia–MG. **Horizonte Científico**, Uberlândia, v. 1, n. 3, 2004, p. 7–8. Disponível em: <http://www.propp.ufu.br/revistaelectronica/edicao2004/humanas/levantamento_e_mapeamento.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2006.

ARANTES, Antonio A. Desigualdade e diferença — cultura e cidadania em tempos de globalização. In: _____. **Paisagens paulistanas**: transformação do espaço público. Campinas: ed. UNICAMP, 2000.

BRITO, Jorge Luís Silva; LIMA, Eleusa Fátima de. **Atlas escolar de Uberlândia**. 2. ed. Uberlândia: ed. UFU, 2011.

CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. Trabalhadores e movimentos sociais: debates na produção contemporânea. In: BOSI, Antonio; VARUSSA, Rinaldo (Org.) **Trabalho e trabalhadores na contemporaneidade**: diálogos historiográficos. Cascavel: ed. UNIOESTE, 2011.

FENELON, Déa R.; CRUZ, Heloísa Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Introdução - Muitas memórias, outras histórias. In: FENELON, Déa R. et. al. (Org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

FENELON, Déa Ribeiro. Introdução. In: _____. (Org.). **Cidades**. São Paulo: Olho d'Água, 1999.

FONTANA, Josep. Em busca de novos caminhos. In: _____. **A história dos homens**. São Paulo: Edusc, 2004, p. 471-490.

GENTILI, Pablo. Neoliberalismo e educação. In: SINDICATO DOS SERVIDORES DO MAGISTÉRIO MUNICIPAL DE CURITIBA. Leia artigo do professor Pablo Gentili sobre Neoliberalismo e Educação, 1º de setembro de 2010, “Notícias”. Disponível em: <http://www.sismmac.org.br/noticias.asp?id=956&id_cat=1>. Acessado em: 1º maio 2014.

GENTILI, Pablo. Neoliberalismo e educação: manual do usuário. In: GENTILI, Pablo; SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Escola S. A.**: quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo. Brasília: CNTE, 1999, p. 9–49.

- GIRARDI, Eduardo Paulon. **O rural e o urbano:** é possível uma tipologia? Presidente Prudente, 2008. Disponível em: <http://www.geo.uel.br/didatico/omar/modulo_b/a12.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2014.
- GONÇALVES NETO, Wenceslau. **Estado e agricultura no Brasil:** política agrícola e modernização econômica. 1960-1980. São Paulo: Hucitec, 1997.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1994.
- JACOBI, Pedro R. Movimentos sociais urbanos numa época de transição: limites e potencialidades. In: SADER, Emir (Org.). **Movimentos sociais na transição democrática.** São Paulo: Cortez, 1987.
- KHOURY, Yara Aun. Do mundo do trabalho ao mundo dos trabalhadores: história e historiografia. In: VARUSSA, Rinaldo José (Org.). **Mundos dos trabalhadores, lutas e projetos:** temas e perspectivas de investigação na historiografia contemporânea. Cascavel: ed. UNIOESTE, 2009.
- KHOURY, Yara Aun. O historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de. KHOURY, Yara Aun (Org.). **Outras histórias:** memórias e linguagens. São Paulo: Olhos d'Água, 2006.
- MACARINI, José Pedro. A política econômica do governo Médici: 1970–1973. **Nova Economia**, Belo Horizonte, n. 15, v. 3, p. 53–92, set.–dez. 2005.
- MACHADO, Maria Clara Tomaz; LOPES, Valéria Maria Queiroz Cavalcante. O memorioso e suas representações sobre a cidade. In: ARANTES, Jerônimo. **Cidade dos sonhos meus:** memória histórica de Uberlândia. Uberlândia: ed. UFU, 2003.
- PAOLI, Maria Célia. In: SÃO PAULO. Departamento do Patrimônio Histórico. O direito à **memória:** patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992.
- PINA, José Hermano Almeida; LIMA, Oscar Almeida de Lima; SILVA, Vicente de Paulo da Silva. Município e distrito: um estudo teórico. **Campo-Território:** revista de geografia agrária, v. 3, n. 6, ago. 2008.
- PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral. In: FENELEON, Déa R. et. al. (Org.). **Muitas memórias, outras histórias.** São Paulo: Olho d'Água, 2004.
- SADER, Emir (Org.). **Movimentos sociais na transição democrática.** São Paulo: Cortez, 1987.
- SANTOS, Carlos Meneses de Sousa; CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. Democracia Participativa em Uberlândia — significados das experiências dos moradores do Bairro Nossa Senhora das Graças. **Horizonte Científico**, v.1, p. 1–30, 2007.
- SANTOS, Rossevelt José dos; ALVES, Kelen Borges. Registro do patrimônio cultural e edificado das áreas diretamente afetadas, de entorno e de influência das usinas hidrelétricas de Capim Branco I e II. Uberlândia: Composer, 2005.

SANTOS, Rossevelt Jose dos; ALBINO, Karen Cristina de Fatima Guedes. A geografia da cana-de-açúcar em Uberlândia e na região do Triângulo Mineiro. **Horizonte Científico**, v. 5, n. 2, 2011.

SILVA, José Graziano da; DEL GROSSI, Mauro Eduardo. O novo rural brasileiro. In: IAPAR (Org.). **Ocupações rurais não agrícolas**: anais: oficina de atualização temática. Londrina: IAPAR, 2000, v. I, p. 166. Disponível em: <www.iapar.br/arquivos/File/zip_pdf/novo_rural_br.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2012.

SILVA, Gedeon Gomes Figueira; RAMIRES, Julio Cesar de Lima. O acesso à saúde em Uberlândia: o exemplo das Unidades de Assistência Integrada. Disponível em: <http://www.geografiaememoria.ig.ufu.br/downloads/Julio_Cesar_De_Lima_Ramires_O_AC_ESSO_A_SAUDADE_EM_UBERLANDIA_O_EXEMPLO_DAS_UNIDADES_DE.pdf>. Acessado em: 16 ago. 2013.

STEPAN, Alfred (Org.). **Democratizando o Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

THOMPSON, E. P. Os filósofos e a história; Intervalo: a lógica histórica. In: _____. **A miséria da teoria ou um planetário de erros** — uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 34–62.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre cultura popular. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, E. P. Folclore, antropologia e história social. In: _____. **A peculiaridade dos ingleses e outros artigos**. Campinas: ed. UNICAMP, 2001.

THOMPSON, E. P. Educação e experiência. In: _____. **Os românticos**. A Inglaterra na era revolucionária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

ULHOA, John. Simplicidade (quinta música). In: PATO FU. **Toda cura para todo mal**. São Paulo: SONY/BMG, 2005. 1 CD, digital, estéreo. Acompanha livreto.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. **Revista USP**, São Paulo, n. 65, mar./maio 2005.

ZAGO, Adriano. **10 dias de ônibus em Uberlândia** — problemas e soluções. Relatório final. 2014. Disponível em: <http://www.adrianozago.com.br/wp-content/uploads/2014/04/Relatorio_10-dias-de-onibus.pdf>. Acesso em: 14 maio 2014.

■ OBRAS LIDAS E NÃO CITADAS

- ALMEIDA, Paulo R.; CALVO, Célia R.; CARDOSO, Heloísa P. Trabalho e movimentos sociais: histórias, memórias e produção historiográfica. In: CARDOSO, Heloísa P.; MACHADO, Maria Clara T. (Org.). **História**: narrativas plurais, múltiplas linguagens. Uberlândia: ed. UFU, 2005, p. 11–38.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaio sobre literatura e história da cultura. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 197–221.
- BRITO, Diogo de Souza; WARPERSCHOWSKI, Eduardo Moraes (Org.). **Uberlândia revisitada**: memória, cultura e sociedade. Uberlândia: ed. UFU, 472p.
- CALDEIRA, Tereza P. do R. **Cidade de muros**. Crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: 34/ed. USP, 2000.
- CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. In: REUNIÃO ANUAL DA SOBER, 35., Natal, RN, 1997. **Anais...**, Natal: 1997, p. 1–12.
- DURHAN, Eunice R. **A caminho da cidade**: a vida rural e a migração para São Paulo. São Paulo: Perspectiva, 1978, 250 p.
- EAGLETON, T. **A idéia de cultura**. São Paulo: ed. UNESP, 2005.
- FONTANA, Josep. **História**: análise do passado e projeto social. Bauru: Edusc, 1998.
- FREITAS, Sheille S. de. **Buscando a cidade e construindo viveres**: relações entre campo e cidade nos anos de 1970/80 — Uberlândia/MG. , 2003. 130f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia.
- FREITAS, Sheille S. de. **Por falar em culturas...** Histórias que marcam a cidade. Uberlândia–MG. 2009. 290f. Tese (Doutorado em História). Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia.
- GONÇALVES NETO, Wenceslau. Mudanças no Estado e na política agrícola brasileira. In: SILVA, Luiz Sérgio Duarte da (Org.). **Relação cidade–campo**: fronteiras. Goiânia: ed. UFG, 2000, p. 219–45.
- GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. 4. ed. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, 341p.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte/Brasília: ed. UFMG/UNESCO, 2003.
- KAGEYAMA, Angela et alii. O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais. In: DELGADO, Guilherme Costa; GASQUES, José Garcia; VILLA VERDE, Carlos Monteiro. **Agricultura e políticas públicas**. 2. ed. Brasília: IPEA, 1996, p. 113–223.

LIMA, Sandra Cristina Fagundes de. **Memória de si, história dos outros:** Jerônimo Arantes, educação, história e política em Uberlândia nos anos de 1919 a 1961. 401f. Tese (Doutorado em História) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo.** Travessias Latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

MORAIS, Sérgio Paulo. **Trabalho e cidade.** Trajetórias e vivências de carroceiros na cidade de Uberlândia 1970-2000. 2002. 168 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 41–58, dez. 1993.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 25–39, fev. 1997.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, fev. 1997, p. 7–23.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos — narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, n. 2, dez. 1996, p. 59–72.

SAMUEL, Raphael. História local e história oral. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 19, set. 89/fev. 90, p. 19–243.

SANTOS, Carlos Meneses de Sousa. **Ser trabalhador na cidade:** relações de classe em Uberlândia: fins do século XX e início do século XXI. 2009. 169f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia.

SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias.** Ensaios Latino-americanos. 2. ed. São Paulo: ed USP, 1997.

SOARES, Beatriz Ribeiro et alii. Dinâmica urbana — na bacia do Rio Araguari (MG) — 1970-2000. In: LIMA, Samuel do Carmo; SANTOS, Rossevelt José dos (Org.). **Gestão ambiental da bacia do Rio Araguari** — rumo ao desenvolvimento sustentável. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia/Instituto de Geografia; Brasília: CNPQ, 2004, p. 125–61.

THOMPSON, E. P. **Tradición, revuelta y conciencia de clase:** estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial. Trad. de Eva Rodrigues. Barcelona: Crítica/ Grijalbo, 1979.

THOMPSON, E. P. Padrões e experiências. In: _____. **A formação da classe operária inglesa.** v.2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p.179–224.

THOMSON, Alistair. Recompondo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias. **Projeto História**. São Paulo, n. 15, abr. 1997, p. 51–71.

TIBÚRCIO, Carlos; BAVA, Silvio Caccia. “Quem está na frente é o povo” — entrevista com Milton Santos. Um outro urbano é possível. **Cadernos LeMonde Diplomatique**, edição especial, n. 2, p. 4–7, jan. 2001.

VASCONCELOS, Regina Ilka Vieira. **Narradores do sertão**: história e cultura nas histórias de assombração de sertanejos cearenses. 320f. Tese (Doutorado em História) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**: 1780–1950. 4 ed. Trad. Leônidas H. B. Hegenberg, Octanny S. da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1969.

WILLIAMS, Raymond **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

■ OBRAS DE MEMORIALISTAS

ARANTES, Jerônimo. **Cidade dos sonhos meus**: memória histórica de Uberlândia. Uberlândia: ed. UFU, 2003.

BORGES, Luzia Alves. **Martinésia também tem história**. Uberlândia: Aline, 2014.

RESENDE, Neire Jorge. **Colcha de retalhos**. S. l., s. d. [2005].

■ RELATOS ORAIS/TRANSCRIÇÕES (A IDADE E AS INFORMAÇÕES REMONTAM AO MOMENTO DA ENTREVISTA)

ALVES, Suzana (nome fictício). Miraporanga, Uberlândia, MG, 16 de fevereiro de 2012. Arquivo de mp3 (46 minutos). Entrevista concedida a mim na Escola Municipal Domingas.

50 anos. É professora há mais de vinte anos no distrito de Miraporanga, mas não reside ali.

BARBOSA, Luiza (nome fictício). Cruzeiros do Peixotos, Uberlândia, MG, dia 14 de setembro de 2012. Arquivo de mp3 (29 minutos). Entrevista concedida a mim na escola do distrito.

Professora, 40 anos. Nasceu numa fazenda nos arredores de Cruzeiro dos Peixotos, morou alguns anos na cidade de Uberlândia e voltou para o distrito.

BIASI, José Luis; BIASI Nadia Giareta. Cruzeiro dos Peixotos, Uberlândia, MG, 30 de agosto de 2012. Arquivo de mp3 (43 minutos). Entrevista concedida a mim, em sua residência no distrito.

Aposentado e com 58, nasceu uma fazenda do entorno de Cruzeiro dos Peixotos e desde os 8 anos de idade vive na sede do distrito. Tem uma propriedade rural nos distrito onde cria gado de corte. Nadia, 31, é professora da Universidade Federal de Uberlândia. Viveu alguns anos fora do distrito para concluir seus estudos.

BORGES, Luzia Alves. Martinésia, Uberlândia, MG, 20 de abril de 2011. Arquivo de mp3 (42 minutos). Entrevista concedida a mim em sua residência.

63 anos, professora aposentada, sempre viveu no distrito de Martinésia.

CUNHA, Terezinha Arantes da. Miraporanga, Uberlândia, MG, 18 de março de 2012. Arquivo de mp3 (39 Minutos). Entrevista concedida a mim em sua residência.

80 anos e moradora do distrito de Miraporanga desde que se casou, é aposentada.

FAGUNDES, Suzicarlei. Tapuirama, Uberlândia, MG, 21 abril de 2012. Arquivo de mp3 (139 minutos). Essa entrevista concedida na casa do senhor Honório.

41 anos. Nasceu numa fazenda nos arredores de Tapuirama e já vivia na sede do distrito cerca de três anos. À época da entrevista, era presidente da Associação de Moradores de Tapuirama.

FERREIRA, Josefa (nome fictício). Miraporanga, Uberlândia, MG, 25 de fevereiro de 2012. Arquivo de mp3 (30 minutos). Entrevista concedida a mim na Escola Municipal Domingas Camin.

Com 55 anos de idade, é professora e se mudou para uma fazenda no distrito de Miraporanga quando se casou. De lá saiu para que os filhos pudessem estudar. Seu marido vendeu a propriedade.

FONSECA, Honório I. da. Tapuirama, Uberlândia, MG, 21 abril de 2012. Arquivo de mp3 (139 minutos). Essa entrevista concedida na casa do senhor Honório.

56 anos, vivia numa fazenda em Tapuirama, mas há um ano havia se mudado para a sede distrital.

JUSTINO, Duarte César. Martinésia, Uberlândia, MG, 20 de maio de 2011. Arquivo de mp3 (31 minutos). Entrevista concedida a mim.

58 anos, nasceu e viveu em propriedades do distrito de Martinésia; morava na mesma fazenda fazia 31 anos, onde trabalhava com pecuária leiteira. A propriedade é do sogro.

LOPES, Jussara (nome fictício). Uberlândia, MG, 29 de maio de 2010. Fita de áudio (25 minutos). Entrevista concedida a mim em sua residência no bairro Brasil.

33 anos, professora, foi moradora do distrito de Tapuirama até os 18 anos; no momento da entrevista era moradora do bairro Brasil em Uberlândia.

MACHADO, Elismar Nunes. Tapuirama, Uberlândia, MG, 21 de outubro de 2012. Arquivo de mp3 (32 minutos). Entrevista concedida a mim na residência do entrevistado Honório I. da Fonseca.

27 anos. Ele mora numa fazenda do distrito, onde planta pimentas com sua família. Natural de Abadia dos Dourados (MG), já morou em Uberlândia e Caldas Novas (GP).

NASCIMENTO, Rosana (nome fictício). Miraporanga, Uberlândia, MG, 25 de fevereiro de 2012. Arquivo de mp3 (27 minutos). Entrevista concedida a mim na residência dela, com participação da nora em alguns momentos.

Natural de Pernambuco, 68 anos de idade, pensionista, vive há cerca de 12 anos em Miraporanga; morava em São Paulo.

NETO, João Dias. Martinésia, Uberlândia, MG, 31 de julho de 2005. Fita de áudio (52 Minutos). 28 de outubro de 2005. Fita de áudio (37 minutos). Entrevistas concedidas a mim em sua propriedade rural.

77 anos, proprietário rural no distrito de Martinésia, nasceu e sempre viveu no mesmo lugar.

OLIVEIRA, Sandra (nome fictício). Martinésia, Uberlândia, MG, 27 de junho de 2012. Arquivo de mp3 (71 minutos). Entrevista concedida a mim na escola do distrito.

49 anos, professora, viveu na propriedade rural de seus pais em Martinésia — adquirida quando ela tinha 4 anos de idade; quando tinha por volta dos 15 anos, foi morar na cidade de Uberlândia, onde cursou faculdade e se casou. Há poucos anos voltou a viver com sua família numa chácara em Martinésia.

PACHECO, José Geraldo. Martinésia, Uberlândia, MG, 19 de junho de 2005. Arquivo de mp3 (31 minutos). Entrevista concedida a mim em sua propriedade rural.

50 anos, é proprietário rural no distrito de Martinésia. Nasceu e ainda vive na mesma fazenda (com exceção de um período de três anos em que viveu na cidade de Uberlândia). Trabalhou durante alguns anos na prefeitura de Uberlândia. (Concedeu a mim nova entrevista em 2 de março de 2013).

PEREIRA, Jerônima (nome fictício). Miraporanga, Uberlândia, MG, 18 de março de 2012. Arquivo de mp3 (19 minutos). Entrevista concedida a mim em sua casa.

51 anos e natural de São Gotardo, aos 11 anos de idade veio para Uberlândia; há mais de quatro anos vive em Miraporanga. Era presidente da Associação de Moradores do Distrito de Miraporanga.

PIMENTEL, Maria Juliana de Oliveira. Martinésia, Uberlândia, MG. 1º de outubro de 2006. Fita de áudio (19 minutos). Entrevista concedida a mim na propriedade rural onde mora com os pais.

19 anos, havia morado um ano em Uberlândia, mas tinha voltado a viver na propriedade rural de seus pais, em Martinésia. Levantava às 5h, ia para Uberlândia, estudava Pedagogia, trabalhava das 12h às 18h, depois voltava pra casa.

REZENDE, Elza Borges. Martinésia, Uberlândia, MG, 25 de setembro de 2005. Fita de áudio (49 minutos). Entrevista concedida a mim em sua residência na cidade de Uberlândia.

53 anos, seu esposo comprou, em 1977, uma propriedade no distrito de Martinésia em sociedade com um irmão. Foi presidente do Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural do Distrito no início dos anos 2000.

RIBEIRO, Rita; RIBEIRO, Luis (nomes fictícios). Miraporanga, Uberlândia, MG, 25 de fevereiro de 2012. Arquivo de mp3 (34 minutos). Entrevista concedida a mim na casa deles.

49 anos e 53 anos, respectivamente. São naturais do Ceará e há 11 anos vivem em Miraporanga. Trabalham na usina de cana Vale do Tijuco.

SANTANA, Sônia (nome fictício), Tapuirama, Uberlândia, MG, 26 de outubro de 2012. Arquivo de mp3 (24 minutos). Entrevista concedida a mim em sua residência.

35 anos, artesã e dona de casa, viveu até os 15 anos em Tapuirama, se mudou para Uberlândia e, depois de 13 anos, voltou para o distrito.

SANTIAGO, Francisco de Assis Felipe. Martinésia, Uberlândia, MG, 23 de junho de 2012. Arquivo de mp3 (65 Minutos). Entrevista concedida a mim, na Igreja São João Batista.

52 anos, é natural de Divinópolis e sacerdote há 13 anos. Residia nos fundos da Igreja de Santo Antônio, em Cruzeiro dos Peixotos. Em 2014, a diocese o transferiu para Indianópolis (MG).

SILVA, Ernestina Antônia da Silva. Martinésia, Uberlândia, MG, 14 de junho de 2011. Arquivo de mp3 (24 Minutos). Entrevista concedida a mim em sua residência.

75 anos, nasceu numa fazenda e após se casar se mudou para a sede do distrito de Martinésia; é aposentada e benzedeira.

SOUZA, José (nome fictício). Miraporanga, Uberlândia, MG, 25 de fevereiro de 2012. Arquivo de mp3 (48 minutos). Entrevista concedida a mim em sua residência.

Aposentado, 74 anos, é natural da Paraíba e vive em Miraporanga desde 1964.

■ DOCUMENTOS OFICIAIS DOS DISTRITOS

MARTINÉSIA — distrito de Uberlândia, MG. Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural. Reunião. **Livro de atas 1**. Manuscrito. 25 de maio de 1985.

MARTINÉSIA — distrito de Uberlândia, MG. Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural. Ata da reunião de fundação. **Livro de atas 1**. Manuscrito. 1986.

MARTINÉSIA — distrito de Uberlândia, MG. Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural. Reunião. **Livro de atas 1**. Manuscrito. 25 de junho de 1986.

MARTINÉSIA — distrito de Uberlândia, MG. Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural. Reunião. **Livro de atas 1**. Manuscrito. 15 de outubro de 1986.

MARTINÉSIA — distrito de Uberlândia, MG. Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural de Martinésia/CCDR. **Livro de atas 1**. Ata de reunião de 17 de fevereiro de 1989. Manuscrito.

MARTINÉSIA — distrito de Uberlândia, MG. Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural de Martinésia/CCDR. **Livro de atas 1**. Ata de reunião de 9 de junho de 1989. Manuscrito.

TAPUIRAMA — distrito de Uberlândia, MG. Associação dos Moradores do Distrito de Tapuirama/AMDT. **Livro de atas 2**. Ata de reunião de 8 de outubro de 1997. Manuscrito.

TAPUIRAMA — distrito de Uberlândia, MG. Associação de Moradores do Distrito de Tapuirama. **Livro de atas 2**, Manuscrito. 12 de novembro de 2001.

TAPUIRAMA — distrito de Uberlândia, MG. Associação dos Moradores do Distrito de Tapuirama/AMDT. **Livro de atas 3**. Ata de reunião de 12 de janeiro de 2009. Manuscrito.

UBERLÂNDIA. Câmara Municipal. Ata da segunda sessão da primeira reunião ordinária de 1970. **Livro de atas 76**. Manuscrito. 200p. Arquivo Público de Uberlândia, 3 de março de 1970, p. 124v-5.

UBERLÂNDIA. Câmara Municipal. Ata da sexta sessão da segunda reunião ordinária de 1971. **Livro de atas 76**. Manuscrito. 200p. Arquivo Público de Uberlândia, 8 de março de 1971, p. 165v.

UBERLÂNDIA. Câmara Municipal. Ata da décima quarta sessão da quarta reunião ordinária de 1972. **Livro 80**. Manuscrito. 200p. Arquivo Público de Uberlândia, 14 de junho de 1972.

UBERLÂNDIA. Câmara Municipal. Ata da décima quarta sessão da quarta reunião ordinária de 1973. **Livro 82**. Manuscrito. 200p. Arquivo Público de Uberlândia, 7 de novembro de 1973.

UBERLÂNDIA. Câmara Municipal. Ata da décima sessão da segunda reunião ordinária de 1983. **Livro 119**. Datiloscrito. 5p. Arquivo Público de Uberlândia, 28 de março de 1983.

UBERLÂNDIA. Câmara Municipal. Ata da quarta sessão da sétima reunião ordinária de 1982. **Livro 118**. Datiloscrito. 4p. Arquivo Público de Uberlândia, 20 de setembro de 1982.

UBERLÂNDIA. Câmara municipal. Ata da primeira sessão da sexta reunião ordinária de 1983. **Livro 119**. Datiloscrito. 4p. Arquivo Público de Uberlândia, 16 de agosto de 1983.

UBERLÂNDIA. Câmara Municipal. Ata da quarta sessão da primeira reunião ordinária de 1984. Livro 120. Datiloscrito. 6p. Arquivo Público de Uberlândia, 20 de fevereiro de 1984.

UBERLÂNDIA. Prefeitura. Secretaria de Planejamento Urbano. Banco de Dados Integrados (BDI). Apresentação, caracterização do território, aspectos demográficos, aspectos institucionais e administrativos, sistemas fazendários. 2011. Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/1428.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2012.

UBERLÂNDIA. Prefeitura. **Cruzeiro dos Peixotos**. Breve histórico. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=Conteudo&id=493>>. Acesso em: 9 set. 2009.

UBERLÂNDIA. Câmara Municipal. **Lei delegada 28**, de 3/6/2009, que versa sobre as atribuições da Superintendência de Operações dos Distritos. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=secretariasOrgaos&s=61&pg=13>>. Acesso em: jun. 2009.

UBERLÂNDIA. Câmara Municipal. **Lei Orgânica Uberlândia**. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=secretariasOrgaos&s=61&pg=13>>. Acesso em: jun. 2009.

UBERLÂNDIA. Prefeitura. **Miraporanga**. Breve histórico. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=Conteudo&id=492>>. Acesso em: 9 set. 2009.

UBERLÂNDIA. Prefeitura **Superintendência ouve demandas de moradores dos distritos de Uberlândia**. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=agenciaNoticias&id=3317>>. Acesso em: 5 mar. 2013.

■ ESTUDOS ACADÊMICOS

CORSI, Elaine. **Patrimônio cultural arquitetônico e plano diretor em Uberlândia**: uma proposta de revitalização dos distritos de Miraporanga, Cruzeiro dos Peixotos e Martinésia. 2006. 129 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia.

GOLOVATY, Ricardo Vidal. **Cultura popular**: saberes e práticas de intelectuais, imprensa e devotos de Santos Reis, 1945–2002. 2005. 189 f. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia.

INÁCIO, Juliana Lemes. “**A gente tem que ficar onde tem serviço**”: memórias e experiências de trabalhadores no distrito de Tapuirama, Uberlândia/MG. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia.

JESUS, Wilma Ferreira. **Poder público e movimentos sociais** — aproximações e distanciamentos. Uberlândia — 1982–2000. 2002. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia.

MONTES, Silma Rabelo. **Entre o campo e a cidade**: as territorialidades do distrito de Tapuirama (Uberlândia–MG) — 1975 a 2005. 183 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia.

MORAIS, Sergio Paulo. **Empobrecimento e “inclusão social”**: vida urbana e pobreza na cidade de Uberlândia/MG (1980/2004). 2007. 230 f. Tese (Doutorado em História Social) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PAULA, Andréa Cristina de Paula. **A religiosidade na voz de Pena Branca e Xavantinho**. 2012. 158f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia.

PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. **Características da modernização da agricultura e do desenvolvimento rural em Uberlândia**. 1982. 164f. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquista”, Rio Claro.

PETUBA, Rosângela Maria Silva. **Pelo direito à cidade: experiência e luta dos ocupantes de terra do bairro Dom Almir — Uberlândia (1990–2000)**. 2001. 116f. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia.

PINTO, George José. **Do sonho à realidade**: Córrego Fundo–MG — Fragmentação territorial e criação de municípios de pequeno porte. 2003. 248 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia.

RASTRELO E SILVA, Renata. **Proprietários rurais do distrito de Martinésia (Uberlândia–MG)**: viver e permanecer no campo — 1964–2005. 2007. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia.

REIS, Maucia Vieira dos. **Entre viver e morar**: experiências dos moradores de conjuntos habitacionais (Uberlândia — anos 1980/1990). 2003. 123f. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia.

SILVA JÚNIOR, Renato Jales. **Direito à memória**: modos de viver e morar em Uberlândia entre as décadas de 1960 e 1980. 2013. 504 f. Tese (Doutorado em História) — Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia.

VIEIRA NETO, Ademar Luiz. **Transporte público de Uberlândia**: análise da linha distrital de Tapuirama. 2009. Monografia (Graduação em Geografia) — Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia.

■ FONTES JORNALÍSTICAS

— Período consultado

Correio de Uberlândia, 1970–2013

Participação, 1984–7

Primeira Hora, 1983–8

— Edições citadas e outros

CORREIO DE UBERLÂNDIA. Uberlândia, MG, 24 de abril de 1970, ano XXXIV, n. 11.041.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. Uberlândia, MG, 28 de junho de 1983, ano XLVI, n. 13.663.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. Uberlândia, MG, 27 de agosto de 1970, ano XXXIV, n. 11.908.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. Uberlândia, MG, 4 de novembro de 1970, ano XXXIV, n. 11.146

CORREIO DE UBERLÂNDIA. Uberlândia, MG, 15 de dezembro de 1970, ano XXXIV, n. 11.170.

CORREIO. Uberlândia, MG, 8 de julho de 1989, ano 50, n. 15.162.

CORREIO DO TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 19 de março de 1994, ano 55, n. 16.532.

CORREIO DO TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 24 de abril de 1994, ano 55, n. 16.536.

CORREIO DO TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 20 de junho de 1993, ano 53, n. 16.279.

CORREIO DO TRIÂNGULO. Uberlândia, MG, 6 de novembro de 1994, ano 56, n. 16.703.

CORREIO. Uberlândia, MG, 11 de outubro de 1997, ano 59, n. 17.612.

CORREIO. Uberlândia, MG, 11 de novembro de 2000, ano 62, n. 18.568.

CORREIO. Uberlândia, MG, 23 de janeiro de 2005, ano 66, n. 20.008.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. Uberlândia, MG, 26 de novembro de 2006, ano 68, n. 20.680.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. Uberlândia, MG, 13 de março de 2011, ano 73, n. 22.250.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. Uberlândia, MG, 21 de fevereiro de 2011, ano 73, n. 22.230.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. Uberlândia, MG, 7 de fevereiro de 2013, ano 75, n. 22.947.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. Uberlândia, MG, 8 de março de 2013.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. Uberlândia, MG, 24 de março de 2013, ano 74, n. 22.627.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. Uberlândia, MG, 5 de julho de 2013.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. Uberlândia, MG, 29 de março de 2014, ano 76.

COURY, J. B. Durval Garcia marca uma nova fase na vida dos distritos. **Primeira Hora**, Uberlândia, MG, 3 de maio de 1985, ano IV, n. 995.

FERNANDES, Arthur. Moradores têm soluções alternativas. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, MG, 17 de abril de 2011, ano 73, n. 22.285.

FERNANDES, Arthur. Prefeitura não recebeu inscrições. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, MG, 17 de abril de 2011, ano 73, n. 22.285.

FERNANDES, Arthur; MENDES, Dolores. Distritos apresentam solução para o déficit. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, MG, 11 de abril 2011, ano 73, n. 22.279.

MONTEIRO, Clarice. Comemorações de folias de reis seguem formato do ano anterior. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, MG, 5 de janeiro de 2012, “Entretenimento”. Disponível em: <<http://www.correioduberlandia.com.br/entretenimento/comemoracoes-de-folia-de-reis-seguem-formato-dos-anos-anteriores/>>. Acesso em: 26 out. 2012.

PEREIRA JÚNIOR, Nilton. Saúde pública. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, MG, 29 de maio de 2012, ano 74, n. 22.693.

PRIMEIRA HORA. Uberlândia, MG, 1º de março de 1983, ano II, n. 419.

PRIMEIRA HORA. Uberlândia, MG, 29 de março de 1983, ano II, n. 442.

PRIMEIRA HORA. Uberlândia, MG, 30 de março de 1983, ano II, n. 443.

PRIMEIRA HORA. Uberlândia, MG, 22 de abril de 1983, ano II, n. 461.

PRIMEIRA HORA. Uberlândia, MG, 13 de abril de 1984, ano III, n. 730.

PRIMEIRA HORA. Uberlândia, MG, 29 de setembro de 1987, ano VII, n. 1.581.

PRIMEIRA HORA. Uberlândia, MG, 30 de março de 1983, ano II, n. 443.

SANTOS, Ivan. Saúde pública em Uberlândia. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, MG, 25 de maio de 2012, ano 74, n. 22.689.

VIANNA, Plínio Velloso. Rodovia da gratidão. **Primeira Hora**, Uberlândia, MG, 20 de janeiro de 1987, ano VI, n. 1.417.

— Jornais de tevê, revistas e websites de notícias

CORREA, Arcênio. Distritos de Uberlândia — Miraporanga (primeira reportagem da série). Jornal da Vitoriosa, Rede Vitoriosa, Uberlândia, MG, 24 de agosto de 2010. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=uZxazPCKMA4>>. Acesso em: 3 jan. 2011.

CORREA, Arcênio. Distritos de Uberlândia — Martinésia (segunda reportagem da série). Jornal da Vitoriosa, Rede Vitoriosa, Uberlândia, MG, 27 de agosto de 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=nwfr62M2Ytw>>. Acesso em: 3 jan. 2011.

G1. Rio do Janeiro, 3 de dezembro de 2012, “Triângulo Mineiro”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2012/12/administracao-de-uais-e-discutida-na-camara-de-uberlandia-mg.html>>. Acesso em: 20 abr. 2004.

G1. Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 2014, “Triângulo Mineiro”. Disponível em: <<http://m.g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2014/01/posto-de-saude-fecha-em-uberlandia-sem-aviso-previo-aos-pacientes.html>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

NEGÓCIOS. Uberlândia, MG [on-line]. Disponível em: <<http://www.revistanegocios.com.br/imprime.asp?tp=0&nt=458&cat=15>>. Acessado em: 20 maio 2010.

TV PARANAÍBA. Uberlândia, MG, 1988. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=gyMZlSiHjE>> e <<http://www.youtube.com/watch?v=QTrJe5A1T4>>. Acesso em: 3 jan. 2011.

UIPI. Uberlândia, MG, 1º de abril de 2014. Disponível em: <<http://uipi.com.br/destaques/destaque-2/2014/04/01/camara-realiza-audiencia-publica-sobre-saude-em-uberlandia/>>. Acesso em: 20 de abril de 2014.

■ DOCUMENTOS E TEXTOS OFICIAIS *ON-LINE*

COMPANHIA MINEIRA DE AÇÚCAR E ÁLCOOL/CMAA. **Institucional**. Disponível em: <<http://www.cmaa.ind.br/companhia-mineira-de-acucar-e-alcool/>>. Acesso em: 22 out. 2012.

CONSÓRCIO CAPIM BRANCO ENERGIA/CCBE. Dez anos de CCBE em nossa região. **Informativo Capim Branco**. Uberlândia, MG, ano IX, n. 9, set./dez. 2003, p. 2. Disponível em: <<http://www.ccbe.com.br/wp-content/uploads/2014/03/inf3pdf.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

CONSÓRCIO CAPIM BRANCO ENERGIA/CCBE. **Institucional**. Disponível em: <<http://www.ccbe.com.br/institucional/>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

I FESTIVAL Nacional de Viola de Cruzeiro dos Peixotos. **Viola de Nós Produções**. Disponível em: <<http://www.violaviva.org/festival.htm>>. Acesso em: 31 jan. 2011.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Superintendência Regional de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. **Parecer SUPRAM** — Protocolo 780729/2010 — Processo de licenciamento ambiental 00283/1995/006/2006. Disponível em: <file:///C:/Users/Renata/Downloads/ITEM_15.1_Frigor%C3%ADfico_Luciana_Ltda_-PU.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2013.

MONSANTO. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.monsanto.com.br>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

SYNGENTA. **Syngenta investe em centro de pesquisa em Uberlândia**. Disponível em: <<http://www.syngenta.com/country/br/pt/imprensa/releases/Pages/228.aspx>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Enfrentamento da violência contra a criança e o adolescente**: arte e educação promovendo a autodefesa e o empoderamento de crianças e adolescentes do distrito de Cruzeiro dos Peixotos — Uberlândia/MG. Registro 10.346, ano-base 2012. Disponível em: <<http://www.siex.proex.ufu.br/catalogo>>. Acesso em: 5 mar. 2013.

■ ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

PASTA 9. Coleção Jerônimo Arantes: documentos de instalação dos distritos e recortes de jornais.

PASTA 12. Distritos: dados estatísticos dos distritos na década de 1980, históricos dos distritos, leis, escrituras, recortes de jornais.

ANEXO A
Prefeitos eleitos em Uberlândia, MG — 2014²⁷⁴

PODER EXECUTIVO MUNICIPAL — PREFEITO ELEITO

Prefeito	Gestão
José Fonseca da Silva	1948/1950
Tubal Vilela da Silva	1951/1954
Afrânio R. da Cunha	1955/1958
Geraldo Mota Batista	1959/1962
Raul P. de Rezende	1963/1966
Renato de Freitas	1967/1970
Virgílio Galassi	1971/1972
Renato de Freitas	1973/1976
Virgílio Galassi	1977/1982
Zaire Rezende	1983/1988
Virgílio Galassi	1989/1992
Paulo Ferolla da Silva	1992/1996
Virgílio Galassi	1997/2000
Zaire Rezende	2001/2004
Odelmo Leão Carneiro Sobrinho	2005/2008
Odelmo Leão Carneiro Sobrinho	2009/2012
Gilmar Machado	2013/2016

²⁷⁴ Fonte: BDI 2011 – Aspectos Institucional e Administrativo. Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/10531.pdf>.

ANEXO B
Dados do Censo 2010 para os distritos de Uberlândia, MG



PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA
 SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO URBANO
 DIRETORIA DE PESQUISA INTEGRADA - NÚCLEO DE PESQUISA, ESTATÍSTICA E BANCO DE DADOS

População dos Distritos de Uberlândia - Censo 2010

População Rural

Distritos	População Total	Nº De Domicil.	POPULAÇÃO																				
			SEXO		FAIXA ETÁRIA																		
			Masc.	Fem.	Menos de 1 Ano	01 a 04 Anos	05 a 09 Anos	10 a 14 Anos	15 a 19 Anos	20 a 24 Anos	25 a 29 Anos	30 a 34 Anos	35 a 39 Anos	40 a 44 Anos	45 a 49 Anos	50 a 54 Anos	55 a 59 Anos	60 a 64 Anos	65 a 69 Anos	70 a 79 Anos	80 a 89 Anos	90 a 99 Anos	100 Anos ou mais
Cruzeiro dos Peixotos	494	353	269	225	6	23	34	40	45	36	34	34	30	45	39	33	33	23	21	12	6	0	0
Martinésia	375	197	208	167	6	20	21	27	23	23	25	40	31	25	29	30	24	15	13	15	8	0	0
Miraporanga*	6708	3212	3633	3075	95	408	582	641	590	461	499	468	501	435	487	411	334	256	212	243	78	6	1
Tapuirama	1.911	802	1101	810	36	200	374	114	56	142	251	214	125	79	51	70	53	63	27	18	28	10	0
Distrito de Uberlândia**	7.259	3512	4.092	3167	93	414	591	584	553	593	669	690	552	515	477	397	353	272	196	226	75	8	1
Total	16.747	8.076	9.303	7.444	236	1.065	1.602	1.406	1.267	1.255	1.478	1.446	1.239	1.099	1.083	941	797	629	469	514	195	24	2

Fonte: IBGE, 2010 / Adaptado pela DPI / NPBED - 2011

* Contém a população dos loteamentos "Morada Nova" (excetuando o loteamento "Morada Nova 8") mais o loteamento "Uirapuru", com uma população de 2.459 moradores e 936 domicílios.

** Contém a população do loteamento "Morada Nova 8", com 438 moradores em 145 domicílios.

População Urbana

Distritos	População Total	Nº De Domicil.	POPULAÇÃO																				
			SEXO		FAIXA ETÁRIA																		
			Masc.	Fem.	Menos de 1 Ano	01 a 04 Anos	05 a 09 Anos	10 a 14 Anos	15 a 19 Anos	20 a 24 Anos	25 a 29 Anos	30 a 34 Anos	35 a 39 Anos	40 a 44 Anos	45 a 49 Anos	50 a 54 Anos	55 a 59 Anos	60 a 64 Anos	65 a 69 Anos	70 a 79 Anos	80 a 89 Anos	90 a 99 Anos	100 Anos ou mais
Cruzeiro dos Peixotos	482	203	245	237	1	23	38	40	35	27	28	44	38	28	34	32	30	18	30	28	8	0	0
Martinésia	461	170	240	221	4	27	27	42	35	35	33	32	40	34	33	38	16	19	14	24	8	0	0
Miraporanga	240	110	122	118	3	15	24	18	26	18	23	20	22	13	14	14	12	4	6	4	3	1	0
Tapuirama	1.981	703	1.056	925	20	130	144	186	184	164	178	174	167	102	105	108	114	88	49	48	16	3	1
Total	3.164	1.186	1.663	1.501	28	195	233	286	280	244	262	270	267	177	186	192	172	129	99	104	35	4	1

Fonte: IBGE, 2010 / Adaptado pela DPI / NPBED - 2011

ANEXO C

Históricos oficiais dos distritos de Uberlândia, MG

22/6/2014

Tapuirama - PMU

PREFEITURA DE UBERLÂNDIA POR UMA CIDADE EDUCADORA

OUVIDORIA DA SAÚDE

ATUALIZE SEU CADASTRO HABITACIONAL

Notícias Serviços Secretarias e Órgãos Programas Invista Servidores Serviços mais acessados

Tapuirama

Breve histórico

O Distrito de Tapuirama começou a ser formado por volta de 1819 às margens do Ribeirão Rocinha, na propriedade de mesmo nome. Esse nome, "Rocinha", veio de uma pequena plantação, cultivada pelo senhor Ricarte de Oliveira Santos naquele local.

Tradicionalmente, os moradores do local levantaram um cruzeiro onde, no primeiro domingo de cada mês, era rezado um terço. Leilões e rifas ajudaram na arrecadação de fundos para a construção da capela de Nossa Senhora da Abadia, padroeira da Rocinha. Isso, em 1933. Mais tarde, o terreno da capela foi doado à diocese de Uberlândia e recebeu a denominação de Patrimônio da Rocinha.

As famílias que queriam residir próximas à capela começaram a levantar ranchos para, depois, construir sua casas

<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=Conteudo&id=43> José Godoy, atual Fazenda Registro.

Utilidade Pública

Como o número de famílias aumentou, o Sr. José Abalem abriu a primeira casa comercial, uma loja de tecidos e, no dia 03 de outubro de 1894, o comerciante também fundou a primeira escola da localidade.

Rocinha passou a ser conhecida como Tapuirama (Terra dos índios Tapuios), e foi elevada à condição de distrito em 31 de dezembro de 1943 pelo Decreto-Lei nº 1058. Oficialmente, o distrito foi instalado em 16 de janeiro de 1944. A energia elétrica chegou ao distrito no ano de 1950 e, a rede telefônica, em 1952.

Atualmente, sua população total é de 3892 pessoas, conforme dados da Secretaria Municipal de Planejamento Urbano da Prefeitura Municipal de Uberlândia; sendo que, desse total, 2157 são do sexo masculino e 1735 do sexo feminino. Mencionando, também, que a população rural soma 1911 pessoas e a urbana soma 1981 pessoas residentes no distrito.

Para chegar a Tapuirama, é necessário pegar a rodovia de acesso a Araxá, BR-452. O Distrito está localizado a 40 km de Uberlândia.

CIDADE DIGITAL

NOTÍCIAS

Assine nosso RSS e receba notícias grátis.

Assine nossa newsletter e receba notícias no seu email.

Av. Anselmo Alves dos Santos, 600 - Santa Mônica
CEP: 38408-150 Fone: (34) 3239-2444

22/6/2014

Cruzeiro dos Peixotos - PMU



SIM 34 3239-2800

» Fale com o Governo » Telefones Úteis

Busca em todo o portal



Notícias

Serviços

Secretarias e Órgãos

Programas

Institui

Servidores

Serviços mais acessados ▾



19 de julho

4h no Parque do Sabiá

Inscrições:

De 10 a 23 de junho

no portal da Prefeitura

www.uberlândia.mg.gov.br

FUTEL

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA



Cruzeiro dos Peixotos

» Prefeito

» Vice - Prefeito

» Contas Públicas

» Legislação

» Licitações

» Diário Oficial

» Orçamento Municipal

» Calendário

Utilidade Pública

» Telefones Úteis

» Unidades de Saúde

» Escala Médica

» Unidades Escolares

» Linhas de ônibus

» Água e Esgoto - DMAE

» Procon

» Feiras Livres

» Seção de Luto

» Links Úteis

Breve histórico

Cruzeiro dos Peixotos teve um início de formação que não diferiu muito dos demais Distritos. Conta-se que em 1905, uma das famílias residentes na localidade cravou um cruzeiro na área hoje onde se situa a Igreja Santo Antônio.

Aí, os moradores das redondezas se reuniam para rezar e, eventualmente, promover eventos para a arrecadação de fundos, que mais tarde seriam usados para a construção da igreja. Fato que chama a atenção era o hábito de se sepultar, ao pé do cruzeiro, as crianças nati-mortas, os "anjinhos".

A construção da igreja aconteceu depois que o fazendeiro José Camin, cumprindo uma promessa feita por sua esposa D. Cherubina, levantou a capela no local, consagrada a Santo Antônio e São Sebastião. A imagem de Santo Antônio também foi doada por um morador da região, Sr. José Batista.

No ano de 1915, nova doação de terras feita pelo Sr. José Camin à Câmara Municipal deu origem ao prédio destinado à Escola Rural Estadual. O primeiro armazém foi instalado em 1918. Posteriormente, entre 1930 e 1940, foram instalados um açougue, uma beneficiadora de arroz, uma fábrica de doces, manteiga e queijo.

A formação efetiva do povoado se deu por volta de 1925, quando um número considerável de famílias começou a se instalar e, em 1928, o povoado ganhou o primeiro telefone. Em 31 de dezembro de 1943, o decreto-lei nº 1058 da Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, criou o Distrito de Cruzeiro dos Peixotos.

Atualmente, sua população total é de 976 pessoas, conforme dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Planejamento Urbano da Prefeitura Municipal de Uberlândia, sendo que, desse total, 514 são do sexo masculino e 462 do sexo feminino. Ressaltando, também, que a população rural soma 494 pessoas e a urbana soma 482 pessoas residentes no distrito.

Em 2013, a Secretaria Municipal de Governo, através da Superintendência de Operação dos Distritos, está em fase de implantação de uma Agência de Correios em Cruzeiro dos Peixotos por meio de convênio.

O acesso ao distrito de Cruzeiro dos Peixotos, localizado a 20 km de Uberlândia, é pela Rodovia Municipal Neuza Resende.



NOTÍCIAS



Assine nosso RSS e receba notícias grátis.



Assine nossa newsletter e receba notícias no seu email.

Av. Anselmo Alves dos Santos, 600 - Santa Mônica
CEP: 38408-150 Fone: (34) 3239-2444

22/6/2014

Martinésia - PMU



SIM 34 3239-2800

» Fale com o Governo » Telefones Úteis

Busca em todo o portal



FUNDASUS

Fundação Saúde do Município de Uberlândia

Notícias

Serviços

Secretarias e Órgãos

Programas

Invista

Servidores

Serviços mais acessados ▾

CANAL
UBERLÂNDIA

Martinésia

» Prefeito

» Vice - Prefeito

» Contas Públicas

» Legislação

» Licitações

» Diário Oficial

» Orçamento Municipal

» Calendário

Utilidade Pública

» Telefones Úteis

» Unidades de Saúde

» Escala Médica

» Unidades Escolares

» Linhas de Ônibus

» Água e Esgoto - DMAE

» Procon

» Feiras Livres

» Seção de Luto

» Links Úteis

Breve histórico

O fundador de Martinópolis, atual Martinésia, foi Joaquim Mariano da Silva, que, cumprindo uma promessa que sua mãe fizera a São João Batista, fez um cruzeiro e colocou-o no alto da colina onde hoje está a Capela São João Batista de Martinópolis. Durante muitos anos, ao pé do cruzeiro, devotos de São João reuniam-se ali no dia 24 de junho para rezar o terço.

E foi assim que os moradores da antiga fazenda dos Martins (origem de Martinópolis), passaram a escolher um festeiro, que era responsável pela coleta das "esmolas" para a construção da capela. Foi assim que, no alto da colina em terras do Sr. Hipólito Martins, ergueu-se a capelinha, e mais tarde, onde formou-se o arraial.

Tratou-se então de adquirir o patrimônio de São João da Boa Vista de Martinópolis. Em 1917, Emerenciano Cândido da Silva (Capitãozinho), Germano Ribeiro da Silva, João Paniagua Nunes, Elio Lélio Batista Pacheco, Anérico Severino do Nascimento, Onicelto Antônio da Silva, João Antônio de Faria, Marcelino Antônio de Faria e Francisco Antônio Fernandes constituiram uma sociedade, que deveria trabalhar pelo desenvolvimento da região. Adquiriu-se o terreno, que mais tarde foi doado ao Município.

Em 27 de setembro de 1926 foi criado o Distrito de Martinópolis, do Município de Uberlândia, e instalado em 17 de maio de 1927 (Lei 935, de 27 de setembro de 1926).

Pelo Decreto-lei nº 1.058, de 31 de dezembro de 1943, Martinópolis passou a ser denominada Distrito de Martinésia.

O distrito de Martinésia fica a 22 km de Uberlândia. O acesso se dá pela Rodovia Municipal Neuza Resende

Hoje, sua população total é de 836 pessoas, conforme dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Planejamento Urbano da Prefeitura Municipal de Uberlândia, sendo que, desse total, 448 são do sexo masculino e 388 do sexo feminino. Enfatizando, ainda, que a população rural soma 375 pessoas e a urbana soma 461 pessoas residentes no distrito.

Em 2013, a Secretaria Municipal de Governo, através da Superintendência de Operação dos Distritos, está em fase de implantação de uma Agência de Correios em Martinésia por meio de convênio.



NOTÍCIAS



Assine nosso RSS e receba notícias gratis.



Assine nossa newsletter e receba notícias no seu email.

Av. Anselmo Alves dos Santos, 600 - Santa Mônica
CEP: 38408-150 Fone: (34) 3239-2444

22/6/2014

Miraporanga - PMU

OSIM³⁴ 3239-2800

» Fale com o Governo » Telefones Úteis

Busca em todo o portal



Notícias

Serviços

Secretarias e Órgãos

Programas

Invista

Servidores

Serviços mais acessados ▾

Miraporanga

» Prefeito

» Vice - Prefeito

» Contas Públicas

» Legislação

» Licitações

» Diário Oficial

» Orçamento Municipal

» Calendário

Utilidade Pública

» Telefones Úteis

» Unidades de Saúde

» Escala Médica

» Unidades Escolares

» Linhas de ônibus

» Água e Esgoto - DMAE

» Procon

» Feiras Livres

» Seção de Luto

» Links Úteis

Breve histórico

No ano de 1807, no arraial do Desemboque, foi formada uma bandeira para explorar a região dos rios Grande e Paranaíba, na captura de índios Caiapós, que supostamente teriam fugido para Goiás e Mato Grosso, escondendo-se na área.

Em 27 de outubro de 1809, o marquês de São João das Palmas, Governador da Capitania de Goiás, nomeou o sargento -mor Antônio Eustáquio da Silva e Oliveira, comandante e regente dos Sertões da Farinha Podre.

Entre 1850 e 1852 foi construída a primeira capela no local para Nossa Senhora do Carmo e Santa Maria Maior (Nossa Senhora das Neves). Em 09 de agosto de 1864 a Lei nº 1198, criou o Distrito da Paz de Santa Maria, pertencente à freguesia de Monte Alegre, no município de Prata.

Pelo decreto-lei nº 1058 de 31 de dezembro de 1943, o Distrito de Santa Maria passou a ser denominado de Distrito de Miraporanga, que no vocabulário tupi significa "gente bonita".

O Distrito de Miraporanga situa-se às margens da rodovia MGC-455, que liga Uberlândia a Campo Florido, distanciando-se aproximadamente 40 Km de Uberlândia. Para chegar ao referido distrito, é necessário trafegar pela BR-497, sentido à cidade de Prata ou pela MGC-455, em direção à Campo Florido.

Atualmente, sua população total é de 6948 pessoas, conforme dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Planejamento Urbano da Prefeitura Municipal de Uberlândia; sendo que, desse total, 3755 são do sexo masculino e 3193 do sexo feminino. Destacando, ainda, que a população rural soma 6708 pessoas e a urbana soma 240 pessoas residentes no distrito.

Em 2013, o distrito de Miraporanga passou a contar com linha de transporte coletivo urbano, após solicitação da Secretaria Municipal de Governo, por meio da Superintendência de Operação dos Distritos à Secretaria Municipal de Trânsito e Transportes. Além disso, está em fase de implantação de uma Agência de Correios por meio de convênio.



NOTÍCIAS



Assine nosso RSS e receba notícias grátis.



Assine nossa newsletter e receba notícias no seu email.

Av. Anselmo Alves dos Santos, 600 - Santa Mônica
CEP: 38408-150 Fone: (34) 3239-2444